Daniel Abreu de Queiroz

/capítulos

2014 ® Daniel Abreu de Queiroz

Escrito originalmente em Leiden, entre 11/2005 e 12/2006, como episódios diários (esporádicos) para o site (infelizmente extinto pelo provedor) www.fotolog.net/capitulos

Revisado e formatado para publicação em 2014, Belo Horizonte
Versão 1.01

Capa**:** Produção gráfica do autor.
O desenho no topo vem do 13º volume dos mangas de Hokusai.
O pato mais abaixo é de Noda Tomin (1792), copiado de uma cópia do trabalho original (que será ignorado), pintada por um dos discípulos de Kano Toshun, Ogiwara Tokitsu.

A162c
capítulos / Daniel Abreu de Queiroz. – Belo Horizonte: Edição do autor, 2014
ISBN: 9781521491591
1. Ficção – Romance. I. Abreu de Queiroz, Daniel. II. Título

CDD: B869.3 CDU: 811.134.3

/capítulos

Daniel Abreu de Queiroz

Belo Horizonte
Edição do autor
2014

pra você, fofinha

I Alice

Alice tinha cabelos vermelhos, lisos e curtos. Não curtos demais, ou de menos. Cortados no tamanho dos de qualquer moleque. Cabelos bem colados na cabeça, num penteado que ela parecia manter fixo através da pura força de vontade. O arranjo permanecia sempre sólido, com exceção da franja, que tinha a mania de se partir ao meio de tempos em tempos – coisa que ela resolvia graciosamente, quando necessário, passando os dedos em gestos hábeis pela testa.

Ela tinha quinze anos. Eu tinha vinte e três.

Os olhos, que normalmente só paravam de passear curiosos para te desafiar diretamente, inquisitivos, agora estavam um pouco fechados e voltados para baixo. Todo seu rosto se contraía de leve, salpicado por pequenas sardas cativantes, duas ou três espinhas e um rubor indisfarçável. A boca sorria sem mostrar os dentes. Alice estava envergonhada.

Envergonhada, ou sem jeito. Acanhada. Qualquer palavra que preceda o beijo. Estávamos sozinhos no meu quarto e, considerando a expectativa que o flerte despertara nela, aquilo já era esperado. Mas tão singelo, tão comovente, que minha boca – interrompendo um embrião de ósculo – perguntou por conta própria:

– Você está com vergonha?

Ela apenas fez que sim com a cabeça, transformando o sorriso num risinho contido.

II O plano

Eu fui me aproximando de leve. Bem devagar, mas com intensidade. Numa mistura de afobação e corpo-mole, tentando saborear o tempo enquanto o sangue queimava. Engolindo segundos como se fossem doces. Alice continuava olhando para baixo, então mirei um beijo no nariz. Sem pressa. Compondo mentalmente a trajetória da corte.

O abre alas no nariz já estava decidido. Depois, beijar a testa algumas vezes. Os olhos fechados. Bochechas. Enquanto a boca brincava de suave acupuntura, uma mão passaria dos cabelos à orelha. Um dedo por baixo do queixo convidaria Alice, em silêncio, a levantar o rosto.

Há um prazer todo especial em preparar planos. E a fortuna ensina que a melhor política é saborear cada momento como se fosse eterno – enquanto resta o que fazer de planos, ou antes que a surpresa venha acabar com eles.

III Os fatos

Ainda com o olhar pregado no chão e um sorriso congelado no rosto, Alice permanecia imóvel. Eu sabia que uma torrente incontrolável de pensamentos e sentimentos caóticos se desenrolava por trás de seus olhos, mas ela estava paralisada. Avancei com a pretensão idiota de dever cumprido. Sentindo que tudo já havia se passado como eu imaginara, no plano do capítulo passado, e que agora faltavam apenas as formalidades do espaço e do tempo.

Ah, como é tolo aquele que acredita na falsa coerência do mundo... Aquele que imagina que as coisas acontecem como esperamos que elas aconteçam, ou mesmo como seria sensato que acontecessem... O universo é um lugar estranho. Imprevisível. Podemos notar o inesperado nas pequenas coisas. Nada nunca se repetiu no mundo e, apesar do que sabemos, sempre resta muito que aprender. Para se chegar à verdade, é necessário que abandonemos todos os preconceitos decorrentes de nossa cultura. É muito inocente, por exemplo, quem imagina e ainda afirma que enxergamos apenas com os olhos.

Quantas coisas você já viu de olhos fechados? E não foi só você. Acho que foi mesmo o nariz de Alice, com suas minúsculas sardas vigilantes, o primeiro a perceber que eu já estava muito perto e que meus lábios se ovalavam.

E cada consciência é uma ilha isolada. Estamos sempre construindo pontes, mas o abismo continua lá. Pra ir direto ao ponto: enquanto eu fazia planos – beijos no rosto e convites silenciosos com um dedo sob o queixo – Alice também tinha lá suas próprias ideias... Alheia ao meu projeto imaginado, ela apenas

sentiu que eu me aproximava. E talvez acreditasse que eu vinha desajeitado, mirando o lugar errado. Talvez imaginasse que eu chegava com medo – à espera de um milagre, ou de qualquer iniciativa da parte dela. Quem sabe ela simplesmente desejava uma abordagem mais direta, enquanto, com os olhos pregados no chão, lutava com as incertezas de sua adolescência? É possível ainda que ela quisesse dançar a rumba numa fantasia de ovelha – eu sinceramente não sei! Especular longamente sobre os íntimos e não-revelados pensamentos de Alice seria um exercício inútil, que só poderia nos levar ao nada (ou, antes, ao infinito).

Passemos aos fatos: Assim que percebeu, com o nariz, a eminência do beijo, Alice levantou o rosto inesperadamente e quase nos beijamos na boca.

Então esse era o plano dela – que teria funcionado, se eu não recuasse um pouco e dissesse: "Calma!", em tom de brincadeira. Agora, cada um tinha frustrado os planos do outro e, simultaneamente, rimos.

Enquanto ríamos, nossos olhos se encontraram brilhando. Passou o momento e Alice voltou a fitar o chão. Dessa vez, saciado de espera, eu fui ao ataque mais rápido e acertei o tão planejado beijo no nariz. Alice tremeu de leve e fechou os olhos com força. A contração durou apenas um instante e ela relaxou. Bem quietinha. Dei sequência ao meu plano sem pressa – testa, bochechas, olhos fechados... Carinho na têmpora. Carinho na nuca. Voltei ao nariz. Incluí o queixo. Beijei os cantos de sua boca. Seus lábios se descolaram com um estalinho tão baixo que eu ouvi com o corpo inteiro. Então passamos para o plano dela.

Nossos braços, exploradores, descobriam trilhas pelo corpo do outro enquanto nos deitávamos vagarosamente sobre a cama.

IV Caminho-de-rato

Quando criança, uma das brincadeiras favoritas entre meus vizinhos era fazer caminhos-de-rato. Nós comprávamos bombinhas, rojões, ou qualquer coisa que tivesse pólvora. Passávamos muito tempo desfazendo os pequenos explosivos. Juntando pacientemente a pólvora num copo, ou num potinho qualquer. Depois, despejávamos o pó mágico na calçada, aos poucos, traçando uma linha que poderia dar voltas, se subdividir, criar galhos... O resultado final variava; poderia ser o desenho intencional (e geralmente mal sucedido) de qualquer objeto, ou formas que se pareciam com o leito de um rio, com uma árvore sem folhas, com uma longa estrada reta, ou com qualquer coisa que pudesse criar nossa eufórica imaginação de criança fazendo merda que não devia.

O formato preferido era o que chamávamos de "emboleira", que consistia numa linha de pólvora seguindo sem rumo pelo chão, fazendo curvas e passando por cima de si mesma, como os traços de uma caneta rabiscando aleatoriamente o papel. De forma que na hora de acender o caminho-de-rato, não tínhamos como prever a trajetória da faísca, nem saber qual parte da figura queimaria primeiro.

Ali, deitado na cama com Alice, era isso que eu sentia. A sensação que me davam meus dedos andando sobre ela, e os dedos dela percorrendo meu corpo – ávidos, afobados, em chamas – era como um caminho-de-rato ligado por duas bocas. Queimando rápido, brilhante e em todas as direções.

V Os botões

Os botões são como a palha (ou como os juramentos de Shakespeare), que não resiste ao fogo no sangue.

Em pouco tempo, de fato, todos os botões haviam cedido – deixando os corpos cobertos apenas pela última camada de pudor, confeccionada em elástico e algodão.

Alice exibia uma pequena e cativante mancha úmida, arredondada e convidativa, na calcinha cor-de-rosa. Eu, um volume indecoroso sob o pano escuro da cueca. Colocamo-nos a conferir manualmente as novidades um do outro.

Desde o primeiro beijo na boca, até aquele momento, Alice tinha se comportado com a naturalidade de uma atriz de cinema. Mas ao primeiro toque íntimo, encolheu as mãos e se contraiu toda, num susto leve. Depois, alcançou meu pau com força e projetou o próprio colo pra frente – de encontro à minha mão – apenas para se contrair novamente dentro de alguns instantes. E ficou assim, num misto intercalado de desejo e proteção, oferecendo a bala que logo guardaria no bolso.

Minha mão, não sem grande esforço da vontade, foi visitar outros horizontes. Alice relaxou um pouco e as bocas também passearam.

VI Seios de Caju

Alice tinha seios de caju – expressão que será explicada em outra parte do livro. Seios de falsa-magra*, que não se destacavam por dentro da roupa. Como eles surgiram assim, na primeira ficada, num romance moderno, sem nenhuma resistência, não tive como apreciá-los devidamente naquele primeiro dia afobado.

Bem mais tarde, Alice ficou emburrada quando eu disse que uma mulher precisa se valorizar. Ela achou que era machismo. Homens comem todas e mulheres têm que se guardar. Já estávamos numa fase em que eu evitava discussões. Deixei pra lá. Mas se ela tivesse me deixado reparar em seus peitos, e ter sonhado com eles antes de tê-los tido dentro da boca, ela não faz ideia do poder que eles teriam sobre mim.

Mas não foi assim, e o centro das atenções, naquela noite, foram suas costas. Eu tenho ereções frequentes ao lembrar da primeira vez que vi aquelas costas nuas. Ombros retos, compactos e bem delineados. Uma cintura fina que se abria numa anca de sereia.

Comecei pelas extremidades, beijando a nuca e afagando o vão da calcinha. Ela se arqueou, projetando os dois pontos tocados pra cima, e minha cabeça deslizou pelas costas dela como num tobogã, beijando cada uma de suas pintinhas.

O leitor, sempre apressado, pode estar pensando agora que esta cena ainda exigirá mais quarenta capítulos pra chegar ao "quente" do relato, tamanha é a ousadia da minha demora. Mas ele está enganado.

Minha demora é muito mais extensa do que isso, devendo ser contada em dias e semanas, não em míseros capítulos! Daquele primeiro dia com Alice, eu já contei tudo de "quente" que tinha pra contar. Não aconteceu mais nada. E o próximo capítulo é justamente pra explicar que eu sou um frouxo.

---

*Falsa-magra: Meses depois, quando chamei Alice de falsa-magra, ela ficou irritadíssima. Disse que era um insulto. Que falsas-magras são gordinhas que se vestem camuflando as banhas. É preciso deixar claro que esse não é, absolutamente, o sentido que eu dou para a expressão. Falsa-magra, pra mim, é uma mulher muito gostosa que, vestida, parece ser uma mina magrinha comum. Elas mantêm esta ilusão até colocarem um biquíni (ou tirarem tudo), revelando o caráter falsário e enganador de sua magreza aparente.

VII Eu sou um frouxo

Nós tínhamos muito tempo e eu poderia tentar mais coisas, mas eu sou frouxo. Agora eu pensei em dizer que não me dão prazer as flores arrancadas e pássaros aprisionados – ou, pelo menos, que não me dão tanto prazer quando um pássaro que pousa de boa vontade sobre a mão. Pensei em dar início a uma série interminável de argumentos que você já ouviu antes em lugares variados. Mas a verdade é que, não importa o que eu diga, você vai me julgar um frouxo. Então adotemos de uma vez essa fórmula: eu sou um frouxo.

E cada vez que eu me exaltava, sentia que estava incomodando alguém. Sentia que, forçando um pouco, eu poderia ter, mas também senti que ainda não estava na hora. Que seria uma brutalidade pra ela. Não uma brutalidade de fato, mas achei que ela voltaria pra casa sem saber o que aconteceu. Ao contrário do que Alice disse mais tarde, eu não sou machista. Acho que os homens também têm que se valorizar. E eu, que também tenho meu orgulho, não queria que ela simplesmente aceitasse aquilo. Eu queria que ela desejasse aquilo. Coisa de frouxo.

Frouxos não têm pressa. Frouxos são aqueles que param no caminho pra admirar as árvores, plantinhas e insetos nos quais apenas eles encontram prazer. Talvez por medo de tentar chegar, a leitora poderá pensar, mas talvez também pra apreciar a estrada. Eu possuo um tipo de paciência que irrita as outras pessoas, tão obcecadas com a ideia de chegar ao final das coisas. Como se chegar ao fim de alguma coisa, por si só, fosse uma conquista.

O final de tudo é a morte – única conquista em

comum de toda raça humana. Se você não aprecia o caminho, dê um tiro na cabeça. Sair só pra chegar em algum lugar é perda de tempo. Se você precisa andar pra viver, então é melhor desenvolver logo um gosto pela caminhada, ao invés de ambição por destinos importantes. Nada é importante. Tudo é vão e tudo passa num instante.

De qualquer forma, é melhor voltar para Alice, antes que o leitor diga que, além de frouxo, eu sou chato.

Enquanto nos despedíamos, apesar da rebelião insatisfeita dentro da calça, eu me sentia em paz. Não experimentei arrependimento, ou sentimento de perda. Eu sabia que aquele era apenas o primeiro encontro, que nada tinha de última vez.

VIII Era uma vez um pato...

Mensagem recebida: "*A única mulher que você amou na vida foi uma puta chamada Linda. Engula sua vidinha hipócrita e egoísta.*"

Ah, mais de um ano e meio de conto de fadas passou entre aquele primeiro dia no meu quarto e essa última mensagem que recebi de Alice, ainda outro dia, cortando nossas relações e motivando, em mim, o início deste livro. São tantas coisas pra escrever que seria fácil preencher mil páginas. São tantas coisas disputando espaço simultaneamente nesta página que é difícil escrever a próxima linha.

Quer dizer, escrever um livro é uma tarefa complicada. Mas começá-lo é muito simples. Só começá-lo. Fechando em poucas exigências, se você não consegue pensar em mais nada, pode-se usar logo um "Era uma vez...".

Era uma vez o quê? Ora, qualquer coisa! Era uma vez um pato, uma porta, um sapo, uma tampinha, um disco, um vão, metrô, tiziu, cigarro, dia que estava muito quente, telefone, advogado, carro, ou mesmo uma mulher que você amou tanto e que hoje te manda mensagens agressivas pelo telefone... Vamos nos deter um pouco no pato, primeiro a aparecer, para avançar com o experimento. Era uma vez um pato. Pronto. E daí?

Suponhamos que você queira contar a morte do pato. Pronto. A morte de um personagem já é razão suficiente pra contar uma história. Agora, vamos estabelecer os problemas dessa empreitada, retrospectivamente: a) Como o pato morreu? b) Quem assassinou o pato? c) Por que a raposa matou o pato? d) Qual era a dessa raposa? e) Falando em traumas

de infância, como eram os pais da raposa? f) Como a raposa conheceu o pato? g) Que amigos? h) E o pato fazia faculdade de quê? (...) xyb14) E o que é que tudo isso tem de interessante?

Ajuda muito se você pensa nessas coisas antes de pegar na pena, ou na caneta, ou no teclado, como os outros autores sempre fazem. É o tipo de atitude que auxilia no deslizamento da obra pro papel, através da barreira dos primeiros capítulos, até o aclamado final – que, segundo Gogol, consagra a obra. Tudo sólido e arranjado pra uma história bem contada.

Mas, cá entre nós, você não está saturado de histórias bem contadas?

Não tenha pressa pra responder. Vamos relaxar as costas e pensar um pouco. Se perguntarmos às pessoas nas ruas se elas precisam de bombas injetoras mais eficientes, é provável que elas digam: "Não, o mundo vai muito bem sem elas, obrigado." Mas o mecânico responde diferente.

Talvez você nunca tenha se ocupado com a questão das histórias bem contadas. Talvez a trilha das suas atividades e comportamentos nunca tenha lhe atirado o problema na cara. E pode ser que parte da sua inquietação e sentimento de vazio – que todos sentimos nesse mundo moderno-técnico-publicitário-industrial-consumista-burocrático-elitista-satânico-devorador-de-criancinhas – venha dessa overdose de histórias bem contadas, sem que você sequer desconfie disso (assim como o desempenho de qualquer carro pode estar sendo prejudicado pela deficiência de uma bomba injetora, sem que o proprietário se dê por isso, ou seja capaz de acertar no diagnóstico).

IX Dizendo adeus ao pato

Pois bem, falemos das histórias bem contadas. Começaremos por descartar o "Era uma vez um pato...", que repetir fórmulas tão despropositada e descaradamente não fica bem nesse terreno. Aqui, nós começamos pela busca de um sentido. Algo que seja maior do que o simples ato de escrever por escrever. Antes de pegar na pena, ou na caneta, ou no teclado, é importante descobrir um ponto que se queira evidenciar, ou uma estrutura a ser construída.

O sentido de uma história pode ser moral, político, religioso, filosófico, científico, etc. Uma lista de formações ideológicas que agruparemos sob o mesmo nome de Propósito Ilustrativo. Uma história é bem contada se, atendendo a uma série de fatores técnicos e emocionais, nos leva a conclusões e conhecimentos sobre o mundo, como: "O Homem é mortal", "O Homem é mau", "O poder corrompe", "Deus é bom", "Deus não existe", "É bom que Deus não exista" et cetera...

Se não há ilustrações ideológicas, uma história ainda pode ser bem contada se suas peças – ou personagens e acontecimentos – se entrelaçam de formas mirabolantes. Como o ginasta que não ensina nada, nem faz pensar, mas que se contorce em piruetas para cair de pé sob os aplausos da plateia contagiada. Chamemos isso de Propósito Estrutural.

Uma história bem contada certamente que não é como a minha, que se perde em devaneios metaliterários e ameaça o leitor com um canhão de tédio. Mas lembre-se que estou nessa embolada justamente pra explicar minha aversão à ideia de tentar uma

história bem contada.

Este livro não vai seguir a apostila não-escrita dos livros bem escritos – o mundo já está cheio deles. Quero uma coisa nova. E se meu plano deixa poucas chances de ser admirado, espero ao menos ser perdoado. Nada impede que a leitora abandone o livro antes de terminar esta frase. Mas se você continua – e se a sua insistência cria um constrangimento no autor, que agora precisa deixar claro quais são os atrativos da obra – tudo bem. É muito simples.

Você não vai encontrar uma história bem contada por aqui, no formato das histórias bem contadas que conhecemos. Mas posso afirmar que, aconteça o que acontecer, e seja você quem for, se insistir na penosa tarefa de ler as coisas que eu escrevo, chegará à última página uma pessoa mais paciente.

X Cheiro de queimado

Eu tento me manter na linha e ser objetivo, mas ai, que a cabeça até me dói! Um amigo entrou há pouco no quarto, onde me fechei com papel e caneta, e afirmou sentir cheiro de queimado. Paciência... Pra mim, pra você e para o meu amigo – que foi fumar sozinho, depois que eu recusei o convite.

Agora, arrependido, só consigo pensar em fumaça. Acho que vou alcançar meu amigo lá fora e fumar aquele cigarrinho. Há um mês que estamos hospedados na casa de amigos e não podemos fumar aqui dentro. Depois eu volto, renovado, e nós vamos terminar, juntos, essa treta de histórias bem contadas. Só falta mais um capítulo.

Episódio XI – O Retorno do Pato

Numa história bem contada, o pato só tem razão de ser se ele representa algum Propósito Ilustrativo, ou se ele é protagonista de decisões e eventos espetaculares que satisfaçam um Propósito Estrutural.

O problema com as histórias bem contadas é que elas têm regras demais e, por isso mesmo, há um número muito reduzido delas. Com esse tanto de obrigações e metas e destinos pré-estabelecidos, não é possível contar muitas histórias bem contadas realmente diferentes.

Pra economizar nas explicações, que já estão fazendo minha cabeça doer de novo, vamos aos exemplos: Propósito Estrutural. Assassinato na mansão do pato. Suspense, Ódio. Sangue. Sensualidade. Mistério. Qual é a melhor fórmula pra contar essa fábula noir? Podemos optar pela escola inglesa, mais focada na investigação e no intelecto do detetive, ou podemos seguir pela corrente americana de romance noir, que dá maior destaque à morbidez do próprio crime...

Apesar do Propósito Estrutural ser a linha guia desse conto de assassinato, cujo prato principal é um enredo surpreendente, é bom lembrar que essa história também é uma fábula e que, como toda fábula, tem lá sua lição de moral... E seja qual for o rumo que nosso escritor imaginário decida tomar, desde que ele se dedique a contar essa história da melhor forma possível, a lição será sempre a mesma, em letras grossas, na última página: "Você já ouviu essa história antes!"

Quem é o melhor assassino? O mordomo, é claro! Sempre o mordomo... Nós temos ouvido as mesmas

histórias. Repetidas, reprisadas e reformadas. Tudo que eles fazem é trocar o tapete da sala. Pintar a casa. Transformar lebres em coelhos e cozinheiras em alfaiates. Põe-se um bigode, faz-se uma neve, e lá vem a mesma história de novo, com pretensões de novidade.

Quando a coisa cansa ao extremo, troca-se uma peça – mas uma só!, que é pra não se afastar muito daquela regra das histórias bem contadas. Então vem mais do mesmo outra vez, e você assiste sabendo que é tudo igual. Mas, no fim, que surpresa! O assassino NÃO é o mordomo – mas o Sr. Mostarda! E todo mundo fica satisfeito. "Muito original, esse escritor. Originalíssimo!"

XII Todo mundo não!

"Todo mundo não!", pode protestar algum inconformado. E eu junto o meu protesto ao seu. Que pra criar surpresa não é preciso escrever um livro inteiro. Surpresa cria-se com uma única frase. Por exemplo: Tem uma aranha no seu cabelo! Taí uma coisa que você certamente não sabia e que será verdade para uma porcentagem confiável de leitores.

Alguns autores, geralmente os bem sucedidos, oscilam entre a vontade de inovar e o medo de desagradar. Forças antagônicas, uma vez que inovar demais é o mesmo que desagradar.

O público já está tão habituado a ouvir as mesmas histórias que incomoda quando alguém se afasta demais da linha. Pensar é cansativo, como fazer exercícios. As multidões ávidas e preguiçosas querem algo que satisfaça sem pedir esforço. Querem se sentir mais magros sem fazer regime. E nesse chove-não-molha pingam os best sellers nas livrarias.

Mas eu, além de frouxo, também sou fracassado. E se mais atrás afirmei que essa lenga-lenga sobre as histórias bem contadas só ocuparia mais um capítulo, não foi mentira ou má intenção. É apenas uma prova da minha incapacidade e da minha falta de controle. Da minha infantilidade. Falhas inevitáveis da minha história mal contada, carente da tirania de um plano fixo.

Se duzentos bons escritores esgotam uma mesma intenção, é provável que escrevam duzentas obras bastante similares. Mas se duas crianças contam a mesma história... Bem, crianças ignoram os planos e ilustram o ponto melhor do que eu.

XII Piada de criança

Lara e Sâmia varrem os brinquedos com mãos e olhos, procurando por alguma diversão escondida. Sâmia escolhe uma boneca e, investida da autoridade de seus cinco anos, explica para Lara, que tem apenas três:

– Eu sou a mamãe, você é a filhinha, e a Clara das Neves das Flores (a boneca) é sua irmãzinha.

Lara concorda, muito séria.

Quando eu entro no quarto, mamãe Sâmia ensina para as filhas Lara e Clara (ambas muito quietas) a forma correta de dobrar as roupas antes de guardá-las na gaveta.

Eventualmente, elas percebem que estou ali. Gritam "O TIO JÁ ACORDOU! O TIO JÁ ACORDOU!..." e vêm correndo abraçar minhas pernas. Pedem que eu participe da brincadeira. Eu aceito, e sou papai por algum tempo.

Mas minutos são eras, para crianças inquietas, e resolvemos brincar de outra coisa. As brincadeiras usuais já foram esgotadas nas últimas semanas – desde que elas vieram morar conosco em Valadares – de forma que tentamos pensar em algo novo. Sâmia, sempre cheia de iniciativa, faz uma proposta:

– O tio fica com uma mão aberta. Eu vou bater na mão dele, e ele tenta segurar minha mão quando bater. A Lara... Hum... A Lara fica com a mão na testa do tio.

A pequerrucha dá uma de suas risadas mais gostosas, indicando que aprovou a brincadeira. Eu me sento e ela coloca a mão na minha testa, ainda rindo bastante. Sâmia dá tapas rápidos na minha

mão, enquanto eu tento segurar a dela.

Depois de alguns tapas, ela diz:

– Agora é sua vez, Lara.

Então as coisas se invertem e Sâmia coloca a mão na minha testa. Eu ofereço a mão para Lara, que parece já ter lá outras coisas mais importantes na cabeça, porque não faz nada.

Eu levanto o braço dela e ofereço a mão novamente. Nada. Sâmia explica mais uma vez:

– Você tem que bater na mão do tio!

Lara olha pra minha mão, depois olha pro chão. Ainda com o braço levantado. Olha pra mão outra vez. Incerta. Mira meus olhos por algum tempo, com uma cara muito adulta pra sua idade. Coloca as mãozinhas no meu rosto e diz:

– Eu não vou bater em você não, tá, tio?

Ela é sempre assim. Um pedacinho de amor que virou gente. Sâmia, com a maior paciência do mundo, tenta explicar que são tapas de brincadeirinha, mas Lara está irredutível. Insiste que não vai bater no tio. A mais velha, sempre criativa, sugere outro passatempo: contar piadas.

Ela começa:

– Numa loja de frutas, um moço tinha um papagaio. Aí, toda vez que alguém entrava na loja pra comprar tomates, o papagaio gritava: "TOMATE ESTRAGADO! TOMATE ESTRAGADO!" e o cliente ia embora. Aí o dono da loja ficou com muita raiva e falou assim pro papagaio: "Se você espantar mais UM CLIENTE, vai passar um dia inteiro pendurado na parede!" Aí entrou uma mulher na loja e o papagaio gritou: "TOMATE ESTRAGADO! TOMATE ESTRAGADO!" e a mulher foi embora. Aí o dono foi lá e pregou o papagaio com as asas abertas na pa-

rede, bem do lado de uma cruz... Aí o papagaio olhou pro lado e viu Jesus ali do lado... E Jesus estava com os braços abertos pendurado na parede também! Aí o papagaio perguntou pra ele: "Você está aqui faz muito tempo?" Aí Jesus falou: "Já faz mais de duzentos anos..." Aí o papagaio falou: "Nossa! Quantos clientes você espantou?"

Depois que rimos bastante, Lara levantou o dedo e falou:

– Agora é minha vez, né, tio?

Eu concordei. Ela refletiu, com o cenho franzido, e, quando sentiu-se preparada, bateu com as mãozinhas em cima dos próprio joelhos, que estavam dobrados. Falou:

– Era uma vez um tomate... Ele... Ele entrou na loja pra comprar papagaio. É... Aí Jesus falou: "Duzentos anos!"

Depois disso, explodiu em outra de suas risadas mais gostosas, acompanhada agora por todos nós – incluindo Clara das Neves das Flores, que Sâmia fez rir também, no seu colo.

XIV Mensagens

O ônibus deveria passar de quinze em quinze minutos, mas nem tudo é como devia ser e cheguei ao restaurante com vinte minutos de atraso.

Reconheci Alice, sentada de costas pra mim, pelo cabelo vermelho e também pelo uniforme de colégio. Segurava o celular com as duas mãos e apertava os botões numa velocidade incrível. Ela estava sempre enviando e recebendo mensagens pelo telefone.

Tive tempo de reparar o quanto ela não combinava com todo aquele ambiente de restaurante. Alice com seu All Star surrado. Suas pulseirinhas coloridas. Não sei de onde ela tirou aquela ideia. Marcar "um almoço" parecia coisa de novela.

XV Queimação

Pedi desculpas pelo atraso e ela me deu um beijo no rosto. Disse que estava tudo bem, mas que me esperar tinha apressado a fome.

O restaurante, apesar de não apresentar nada em português, oferecia à la carte e self-service. Escolhemos o segundo por ser mais rápido e mais barato.

Alice não serviu nem um pedaço de carne. Disse que há alguns dias estava sofrendo de queimação no estômago. Também não queria refrigerante. Deixamos os pratos na mesa e voltamos até o balcão, para pedir um suco.

A mulher atrás do caixa talvez pensasse num filho distante, ou num amor perdido. O que quer que fosse, não deu muita atenção para Alice, que se aproximava. Parou com o cotovelo no balcão, esperando que a outra desse por ela. Depois disparou, sem cumprimentos, com certa agressividade de baixinha invocada contrariada:

– Tem suco de quê?

Entre as duas, antipatia instantânea. A mulher desafiou:

– Você quer suco de quê?

– Tem suco de quê? – Alice repetiu com impaciência.

– Tem suco de caju? – eu perguntei, interrompendo a rixa.

Sempre tem suco de caju. Expliquei para Alice que era bom pro estômago. Ela aceitou a sugestão.

Cá entre nós, eu não tenho nenhum conhecimento sobre as qualidades terapêuticas do caju; apenas imaginei que o fim daquela irritação já traria qualquer benefício.

XVI Comendo em silêncio

De volta à mesa, demos início à mastigação. Pensei em dizer alguma coisa – qualquer coisa – mas, como é natural quando se precisa de um assunto, o assunto não vinha. Então eu disse:

– Nós daríamos um livro curto.

– Por quê?

– Poucos diálogos.

Ela concordou com a cabeça e fez "Hum..." com a boca cheia de comida. Eu tentei transformar aquilo numa conversa:

– Sabia que antigamente os escritores recebiam por página escrita, e não por livro?

– Sabia não.

– Pois é. Eu li outro dia que muitos escritores criavam diálogos enormes e desnecessários, só pra aumentar o número de páginas e ganhar uns trocados a mais.

– Como assim?

– Diálogos ocupam muito espaço, uai. Porque toda hora desce uma linha.

– Mas como é que eles faziam o diálogo ficar tão grande?

– Sei lá. Ficavam repetindo coisas.

– Repetindo coisas?

– É. Repetindo coisas.

– Caramba!

– Ou então colocavam exclamações sem propósito a respeito de qualquer coisa na boca dos personagens.

– Nossa!

– Não é incrível?

– Impressionante!

– Pois é. Eles eram marotos!

– Com certeza!

– Personagens que não entendem as falas também ocupam um bom espaço.

– Como assim?

– Quando alguém fala e outro personagem não entende, aí o primeiro tem que explicar tudo mais uma vez.

– Ah... E o que mais?

– O que mais o quê?

– O que mais eles usavam nesses diálogos? Talvez ajude na nossa falta de assunto.

– Sei lá. Acho que ficavam escrevendo qualquer tipo de debate inútil.

– Mas nenhum debate é inútil – ela disse, ficando séria.

– É claro que é.

– Eu não acho.

– Pois eu digo que sim.

– E eu afirmo que não!

– Você está enganada.

– Eu não.

– Por que não?

– Porque todo debate é útil.

– Ou não...

– Mas é claro que é!

– O quê?

– O debate!

– Quê que tem?

– Eu estava dizendo que todo debate é útil, e você disse que não.

– Desculpe, eu me distraí.

– Tudo bem. Mas e então?

– Então o quê?

– Sua opinião.
– Sobre os debates?
– Sim.
– Me desculpe, mas...
– Mas o quê?
– Esta conversa que estamos tendo, por exemplo...
– O que é que tem?
– Qual a utilidade disso?
– Pois eu estou achando uma conversa muito útil.
– Útil?
– Sim.
– Como assim?
– Útil, ué. Útil e pronto.
– Mas qual é o benefício dessa conversa toda?
Aqui ela hesitou um pouco. Tomou um gole do suco antes de responder.
– Essa conversa enriqueceu minha experiência de vida.
– Mas enriqueceu sua experiência de vida como?
– Enriqueceu minha vida de maneira subjetiva.
– ...
– Todo debate é útil.
– Talvez. Mas você não preferiria estar conversando sobre a humanidade, política, arte, filosofia?
– Sim.
– E então?
– Eu também preferiria estar comendo lagosta, mas nem por isso este arroz é inútil – ela disse enquanto levantava o garfo.
Depois continuou:
– De qualquer forma, como é que os escritores faziam essa trapicolagem nos diálogos e ninguém

reclamava?

– Sei lá. Acho que as pessoas não reparam nessas coisas.

Continuamos comendo em silêncio por alguns minutos.

XVII Adesivos de bichinhos

– Quantos anos você tem?

– Vinte e três – eu respondi.

– E você não trabalha?

– Não.

– Não faz faculdade?

– Eu formei há um ano e pouco.

– Então por que você não trabalha?

– Eu passei um ano tentando ir pra Europa.

– Pra caçar o que lá?

– Conhecer. Queria morar lá um tempo, enquanto não tenho emprego fixo, filhos, impostos, doenças generalizadas e essas outras coisas que a gente ganha com o tempo.

– E por que você não foi?

– É complicado e chato pra explicar. Eu ia morar com um amigo meu na Espanha, mas ele resolveu voltar. Depois uma amiga me chamou pra morar com ela na Inglaterra, mas, enquanto eu me preparava e desvendava a papelada, ela conheceu um cara por lá e eles vão se casar. Eu não procurei nem aceitei empregos porque estava sempre pensando que ia mudar dentro de uns dois meses.

– E agora?

– Agora eu desisti. Estou estudando pra um concurso.

– E o que é que é isso?

– É uma prova. Os primeiros colocados ganham empregos.

– Legal. (Gole do suco). Emprego onde?

– Vou tentar um concurso pra trabalhar no Ministério Público da União.

– Parece importante. Você vai fazer o quê lá?

– Ainda não sei direito. O nome do cargo é Técnico em Comunicação. Pela descrição da apostila, provavelmente é assessoria de imprensa. Ou comunicação interna.

– Do Ministério Público da União?

Concordei com a cabeça enquanto engolia outra garfada.

– Isso parece chato.

– Mas o salário é bom.

– Você está falando igual velho. Aliás, igual velho burro. Os velhinhos bem-vividos estão sempre dizendo que o mais importante é perseguir os nossos sonhos. Você só tem vinte e três anos e já está aí, planejando se trancar numa vida chata só por causa do salário.

– Pra você é fácil falar. Você só tem quinze anos.

– Quando eu for trabalhar – ela continuou, ignorando o que eu tinha dito – tem que ser num lugar alegre. Tipo um escritório de revista feminina. Com coisas coloridas e adesivos de bichinhos colados no computador.

XVIII Eu acho que você devia ir

– O que é que você realmente gostaria de fazer? – ela continuou.

– Ir pra Europa.

– Então eu acho que você devia ir.

– Eu tentei, mas já perdi um ano...

– Fracassados estão sempre falando sobre as coisas que eles tentaram e coisas que eles perderam. Os velhos ranzinzas também. Vamos pagar a conta, vovô?

Alice tinha essa vibração contagiante que não dá pra explicar. Era uma aura. Ela fazia com que eu me sentisse jovem de novo. Eu, que me sentia justamente um velho ranzinza e fracassado, que o mundo já tinha quebrado antes dos vinte e três.

Pagamos e saímos, caminhando em direção à casa dela. Ao nos aproximarmos de um meio-fio muito alto, passei as mãos pelos seus braços e segurei os cotovelos com firmeza, para que ela pulasse. Ela aderiu imediatamente à brincadeira, jogando os joelhos pra cima e deixando que eu a levasse até a calçada.

Na frente da casa, nos despedimos com um beijo de língua. Longo. Com gosto de arroz, feijão tropeiro, caju e quero-mais.

XIX Uma flor

Quando cheguei em casa, do outro lado da cidade, notei um vulto no jardim. Era Sâmia, que rodopiava e dava pulinhos engraçados em cima da grama. Sempre conversando com as plantas.

Então ela me viu também e veio correndo, gritando coisas de alegria. Percebi que ela tinha várias flores emaranhadas no cabelo.

– Por que você tem mato na cabeça, Sâmia?

Eu perguntei de troça, mas ela respondeu muito séria:

– São pro beija-flor, tio. Eu percebi que ele gosta mais dessas aqui. Aí coloquei no cabelo porque se ele chegar perto de mim, ele vai ficar feliz.

Enquanto eu ria, ela tirou uma das flores da cabeça, com muito cuidado, e estendeu a mão pra mim:

– Esta aqui é pra você, tio.

XX Dinheiro!

Dentro de casa, minha mãe cozinhava. Na sala, meu pai assistia ao Canal do Boi. No meu quarto, encontrei Rodrigo – meu irmão mais velho – andando de um lado para o outro. Disse que precisava usar meu computador. Alguns cálculos. Planilhas. O computador dele estava estragado, mas a Máquina não podia parar.

– Dinheiro! – ele disse do nada. Meu negócio de lingerie precisa crescer! Você podia sair e abrir algumas sacoleiras pra mim... Elas são a base do negócio. O alicerce! Trinta por cento mais bônus. Vários bônus! Taí, por que você também não vende lingerie pra mim? É claro que eu te daria uma porcentagem maior, por você ser meu irmão. Trinta e três por cento. Que tal?

– Já viu a Sâmia procurando beija-flor lá fora?

Ele olhou pela janela e sorriu com cara de idiota. As filhas eram a única coisa capaz de amolecer aquela alma capitalista. Mas durou pouco. Ele piscou os olhos com força, como se acordasse de um sonho.

– E então? Posso buscar um kit pra você vender?

– Rodrigo, eu não quero vender calcinhas.

– Você não quer é trabalhar, vagabundo! Por isso que vive como um parasita. Com mais de vinte anos, debaixo do teto dos pais!

– Nós moramos na mesma casa, Rodrigo. E você é cinco anos mais velho do que eu.

– Mas eu produzo, rapaz! Eu produzo! Eu construo em nome da pátria! Gero empregos!

– Você compra calcinhas e revende mais caro. Quer dizer, nem vender você vende. As sacoleiras

vendem pra você. Isso não é produzir nada. Isso é explorar a mão-de-obra alheia.

– Explorar?! Você sabe quantas mulheres criam a família com o emprego que eu dei pra elas?

– Mas são elas que fazem o trabalho. Você só leva as sacolas e busca o dinheiro. Elas ganham pouco e você ganha muito. Se você não entende que isso é explorar, então não manja nada de economia. Vá estudar História, pelo menos...

– Isso dá dinheiro?

– Muito pouco, eu acho.

– Então estude você! – ele disse apressado, saindo do quarto com todas as folhas que eu tinha na impressora, repletas de números, tabelas e fichas.

XXI Baby...

Mensagem recebida: "*Gostei do almoço, baby. Quero te ver de novo. Bjos. Alice*".

XXII Exótico

Eu acordei triste. E agora não sei mais se estou falando sobre hoje, enquanto escrevo, ou sobre aquele tempo.

Eu já escrevi muito sobre a tristeza daquele tempo. Quando o único conforto, nos piores dias de lembrança, era tomar banho com o maço de cigarros do lado e uma garrafa de vodka ao alcance da mão. Lembrando de lindos dias. Um outro amor. Aquele que Alice afirmou (injustamente) em sua última mensagem ter sido o único. Agora chega. O tempo continuou passando e depois desses lindos dias com Linda, vieram os dias mágicos no país das maravilhas. Então isso passou também e eu estou aqui.

Faz frio.

Foi tão gostoso lembrar da mensagem de Alice me chamando de baby, que eu me senti outra vez como se começasse um romance. Mas qual nada, que o flerte vai perdendo a graça... Hoje mesmo eu me pus a olhar uma garota no bar. Ela era loira, como a maioria por aqui. Ela esperava para pagar a conta do outro lado do balcão, de frente pra mim.

E ela era tão linda... (ao que um conhecido pode replicar: "Você diz isso de todas!") Mas é verdade! Toda mulher bonita é tão linda... E ela tinha qualquer tipo de beleza especial, só dela... (e o conhecido interrompe outra vez: "Mas você também diz isso de todas!") E não acho que estou mentindo!

Qualquer um tem uma beleza pura e comovente que é só dele. Basta observar dentro dos coletivos. É mais fácil nas pessoas distraídas. Todos são lindos, quando não estão pensando: "Eu sou o Jorge", "Eu sou Maria", "Tenho três filhos", "Tenho bronquite",

"Faço tricô", ou coisas mesquinhas do mesmo tipo.

O que disfarça essa beleza fácil são as máscaras que usamos por medo. Ou para assustar uns aos outros. É a vulgaridade.

Mas as mulheres bonitas, como aquela do outro lado do balcão, são chaves através das quais meus olhos abrem as portas desse mundo secreto. Tão escondido e sempre à vista de todos.

Eu senti isso e esperava que ela olhasse pra mim também. Às vezes elas olham de volta. Mas alguns segundos se passaram e ela continuava alheia à minha admiração. Alguns segundos que me deram tempo pra pensar. Tempo pra sentir que eu estava fazendo aquilo mais por reflexo do que por intenção.

No último fim de semana, numa espécie de boate, uma mina não só olhou pra mim, mas se aproximou e tentou conversar comigo. A primeira coisa que ela disse foi: "Hei!", sorrindo. Depois que eu apertei sua mão (três beijinhos é esquisito na Holanda), ela falou: "Smüglöerwrdglunter dwartindünzende tot je me zijn?", ou algo que apenas soou como isso. Na sequência, ela insistiu em inglês e conversamos um pouco. Eu, igual zumbi. Reativo. Lerdo. Respondendo com hum-hum's. Meus amigos, como vespas. Me cutucavam quando ela saía. Eles me empurravam como se tivéssemos quinze anos. E ela voltava sempre, caindo em cima de mim.

É que aqui eu sou exótico. Um dos meus amigos ficava repetindo, no seu português atrofiado: "Você não vai comer? Ela quer comer com você! Você não vai comer com ela? Aqui quem não come com uma mulher assim é considerado inimigo do governamento!"

De fato, por toda parte eu fui subversivo. Não

vou comer (com) uma garota qualquer só porque a achei bonita, ou porque todos a acharam bonita. Ficar com alguém, pra mim, ainda é uma ação que significa alguma coisa. Meus pais acham que "ficar" é uma invenção altamente leviana. Eles são muito antiquados. Eu não sou tanto, mas sou o suficiente pra sentir que uma mulher não é um hambúrguer.

Talvez quando a gente está com fome. Mas por enquanto eu não quero ninguém. É impossível transmitir com palavras a experiência imediata de um coração partido. Um coração ressuscitado e crucificado pela segunda vez. Seria inútil começar... É chato. Já tive que me explicar para duas pessoas, que não estavam na boate, os espantosos motivos pelos quais eu não comi (com) a loira do Troia. E em nenhuma das vezes eu me expliquei. Só estou falando abertamente sobre isso aqui; onde a distância das letrinhas impressas faz parecer nobre como eu sinto que são todas essas coisas pelas quais vocês me ridicularizariam se eu fosse um vizinho, ou um irmão.

Que seja. Eu já fui longe demais na minha curiosidade pra ser fortemente influenciado pelo que as pessoas sentem. Um coração que ressuscita aprende a calma. Sabe-se que há um tempo pra tudo. Não há considerações gerais a fazer – tá tudo aí... Esperar com calma que meu afeto volte. Eu não quero ninguém agora, e pronto. Eu sou frouxo. Já discutimos isso aí pra trás. Me sinto bem assim. E não é qualquer loira que vai mudar isso com seus sgünglarwrdropoes.

Além do mais, esse vento vai roendo a gente. Outro dia conversei com um amigo pela Internet. Ele perguntou: "Como está por aí?" Eu respondi com

os dedos, sem pensar: “Frio.” E com essa palavra percebi que tinha resumido exatamente a minha impressão sobre a viagem. Aqui está frio.

Sentar com o caderno e remoer lembranças de outra vida aquece a gente um pouco. Além do mais, é sempre algo que se pode dizer com pompa nos encontros sociais: “Quando eu estava na Europa, escrevendo um livro...”

XXIII Oops...

Percebi agora que com o último capítulo, e com o que eu já tinha escrito no capítulo VIII, eu terminei contando o final inteiro do livro, logo no começo. Alice cortou nossas relações de forma pouco delicada, algum tempo depois que eu vim morar na Holanda. Talvez seja melhor assim. Não ficar criando suspense.

Todo suspense é falso, considerando que nós já sabemos o resultado final de qualquer coisa que fizermos.

Pra que ler um livro, se você já sabe o final? Bem, pra que continuar vivendo, se você sabe que vai morrer? A dinâmica do frouxo se aplica a inúmeros aspectos da minha vida. Andar sem pressa e sem obsessão tirânica de chegar ao fim. Chegaremos a algum lugar, é claro. Mas andando apenas pra percorrer o caminho. Parando pra observar paisagens. Pra cutucar pensamentos mais de perto. Revirar lixo pelos cantos da estrada.

Eu não sou uma pessoa produtiva. Sou míope e psicopata. Eu não quero ninguém agora, nem Alice. Eu só quero fazer exatamente isso que estou fazendo. Se você também não é obsidiado pelo fantasma da produtividade, creio que poderemos andar juntos, satisfeitos, pela estrada de linhas sem esperar dela grandes surpresas.

Já falei também sobre meu desgosto por gente que copia todo um livro, como tantos outros que já foram escritos, pra criar surpresa apenas na última frase. Pois eu, procurando um desafio maior, pretendo justamente o contrário: escrever um livro inteiramente novo, sem surpresa em parte alguma.

XXIV Mães serão mães

– Meu filho, pela última vez! São três ovos, duzentos gramas de iogurte natural, duas colheres de margarina, uma colher rasa de sal, meio quilo de polvilho doce e meio quilo de queijo minas!

O tempo provaria que, apesar da afirmação desejosa da minha mãe, aquela não seria a última vez. Minha memória não funciona bem pra guardar certas coisas; como nomes, números, datas, pessoas, fatos, vozes, lugares e receitas culinárias...

Juntei os ingredientes na pia e comecei pelo queijo. Desembrulhei o pano dentro do qual ele estava envelhecendo na geladeira e, com uma faca, parti o todo ao meio pra facilitar o trabalho. Já estava bem duro. Amarelado nas bordas. No ponto. O queijo curado dá um pouco mais de trabalho pra ralar, mas vale a pena.

Minha mãe, que não para quieta um segundo, já estava quebrando os ovos. Ela tem essa mania de abrir cada um separadamente dentro de um pires, antes de colocar na vasilha própria pra fazer a massa. Mania que eu só aprendi a imitar depois de perder uma torta que estava no liquidificador por causa de um ovo podre que despejei lá dentro.

Com uma mão ela ia virando o sal, de leve, medindo com o olho, e com a outra mão ela já pegava as duas colheres de manteiga numa colherada só.

Eu agradeci e adicionei o iogurte. Misturei a primeira etapa, com as mãos, tentando desfazer os carocinhos de margarina. Minha mãe, que nesse meio tempo já tinha percorrido a casa inteira – realizando pequenas tarefas – começou a despejar o polvilho, aos poucos.

É quase mágica a transformação da massa. A forma como ela é apenas uma meleca, que vai ficando mais densa e pegajosa – cada vez mais densa e pegajosa – até que chega o ponto certo e ela solta da sua mão. Virou algo completamente diferente – sólido e independente. Então você mistura o queijo e espreme tudo por mais alguns minutos, pra finalizar a alquimia. (Se você não vê qualquer relação entre fazer pães-de-queijo e transformar chumbo em ouro, sua vida é carente de magia – e sua mesa destituída de encantos).

Minha mãe me ajudou ainda a enrolar bolinhas da massa e guardar tudo no freezer. Então veio o problema.

XXV Como os seios de uma adolescente

– Agora que os pães-de-queijo estão prontos, filho, ajuda a sua mãe a colher umas frutas, ajuda?

Pavlovianamente – tão rápido e fisiologicamente inevitável quanto o reflexo do tendão patelar – dominou-me uma indisposição nervosa de cachorro da moléstia e cabra da peste ao mesmo tempo.

Não era a primeira vez que isso acontecia, quando minha mãe pedia alguma coisa – de forma que eu já ruminara sobre o fenômeno. Cheguei à conclusão lógica de que aquela vontade de recusa era completamente injusta. Era uma conclusão certeira, mas velhos hábitos são difíceis de morrer.

Se qualquer um dos meus amigos, logo depois de me prestar um favor, me pede outro tão fácil como pegar frutas, eu ficaria muito feliz em ajudar. A intimidade é mãe de muitos maus-hábitos. E gafanhotos arruínam qualquer jardim.

Não havia motivos razoáveis para me indispor. Colher frutas, na verdade, poderia ser muito divertido. A desvontade que me atingiu era só uma rotina cretina que eu tinha desenvolvido dentro da relação com a minha mãe. Uma coisa infantil – e do lado ruim da infância. Porque em seguida, durante a atividade, eu provei também o lado bom da infância; comendo as frutas no pé. Infância que eu nunca tive.

Eu tive foi muita vergonha, sendo filho de dois mineiros amantes do mato, por esperar até idade tão avançada pra apreciar aquilo.

Acho que os melhores, no pé, eram os cajus. Você

entra no cajueiro e é como o pássaro numa grande moita. Os galhos são grossos e você pode caminhar e subir por eles. Pescando com os olhos, você avista O Caju. Aquela coisa linda. Cores do melhor gosto.

E você encosta os dedos nele, e ele já cai na sua mão – indicando a perfeita madureza do bicho. Ele está firme e macio, como o peito de uma adolescente. Com o polegar e o indicador, você segura o doce pela castanha. Coloca a fruta inteira dentro da boca e puxa a castanha para trás. Morde. Tenta controlar aquela sensação de que está sendo afogado no caldo perfumado de uma onda de prazer. Mastiga. Engole. Pesca com os olhos. Coloca cajus na cesta. Pesca com os olhos. Encontra outro O Caju. Volte um parágrafo. Repita o processo até que acabe a colheita.

E apenas em nome da brevidade excluo outras frutas do meu relato – como mangas, jabuticabas, acerolas, goiabas... Hum, as goiabas...!

Mas já estou saindo demais do assunto. Eu quero falar é da sabedoria da véia.

XXVI Antes

Antes de dizer o que eu quero, acho que preciso explicar certa particularidade da minha mãe. Ela é conhecida, por todos que a conhecem, como uma pessoa loquaz. É claro que eles não usam uma palavra assim tão rebuscada... Costumam dizer que ela "gosta de falar um pouquinho", que "faz cumprimentos matinais a animais equinos", essas coisas... Mas eu sou filho, e sou o filho escritor – então tenho que escrever com umas belezuras e ajustes tapiristas...

Ela chega a falar sobre três assuntos por minuto, e fala o tempo todo que estiver com você. E fala sem nenhum compromisso com a lógica, com o bom-senso e com a pertinência. Há uma má vontade generalizada em relação às pessoas que falam muito. Eu também acho que isso é injusto. Acho que é inveja. Todo mundo gostaria de ser eloquente. Poucos se esforçam por isso. Os que o fazem tratam a própria fala da mesma forma que os bonitos tratam seus rostos e cabelos. Com uma vaidade e uma preocupação egocêntrica narcisista que me irrita. Sempre tem alguma coisa fedendo lá dentro.

Minha mãe fala pelo menos dois absurdos por dia. Mas é importante lembrar que ela não ruminou esses absurdos longamente antes de conversar com você – como é o caso dos pseudointelectuais. Ela não está tentando te convencer de nada. Não quer te impressionar, ou se autopromover. Vai falando o que dá na veneta. Parece que ela fala só pra exercer essa alegria que é estar ao lado de alguém – um ser que não é você, mas que é como você e te entende. Minha mãe é muito mais livre do que eu, que admiro isso nela.

XXVII Canindropos Lúdicus

Minha mãe ama plantas. Ama também outros rebentos da natureza – como os bichos. Ela conversa com eles. Tem uma relação toda especial com eles.

Outro dia, num exemplo rápido, ela estava colhendo mangas com uma vara. Sem querer, derrubou uma cobra que estava lá no alto. Era uma cobra preta, comum por aqui, e tida por todos como agressiva e venenosa. Infelizmente, eu não entendo nada de cobras, de forma que não posso dar uma informação precisa. Mas era uma cobra. Ela caiu em cima dos ombros da minha mãe e foi deslizando tranquilamente até o chão. Depois, foi embora. E não foi apressada não. Saiu de boa. Toda se rebolando relaxadamente. Minha mãe, como se tivesse passado apenas um passarinho, nem comentou o fato comigo, que estava por perto. Continuou com as mangas. Com a mesma cara concentrada.

Aquelas cobrinhas verdes, então! – aquelas sem vergonha – essas já nem se movem mais. Minha mãe mexe nas plantas onde elas descansam e nada.

Sabe no Discovery Channel, quando você vê um bicho selvagem? Pousa um passarinho por perto e ele nem tchuns. Aparece uma pessoa e ele fica imediatamente alterado. Minha mãe, no meio do mato, é como os passarinhos. Os bichos nem dão por ela.

E eu falei tanto aqui de passarinho que percebi um erro. Quando disse que minha mãe tratou a cobra caindo do céu como se fosse um passarinho – sem qualquer comentário – foi um equívoco da minha parte. Se fosse um passarinho, ela provavelmente comentaria alguma coisa.

Eu já ouvi o nome de todas as dezenas de pás-

saros que apareceram na chácara onde a gente mora e num sítio que meu pai teve. Já fui alertado para o canto de cada um. Meu pai e minha mãe, sempre que avistam um pássaro interessante, ou que ouvem o canto dele, começam a me explicar pela milésima vez qual é aquele pássaro e porque ele é interessante.

Até hoje, eu só conheço pardal e bem-te-vi. Mas só sei identificar o canto do bem-te-vi. Porque pardal tem demais e canta todo o tempo, de forma que o piado dele se mistura com o de mais dois ou três pássaros análogos, fazendo um barulho indistinto que eu ouço o dia inteiro.

Como expliquei no último capítulo, qualquer coisa é motivo para uma boa conversa – no espírito da minha mãe. No meio das plantas, é natural que ela fale sobre elas.

– Ali, filho: um Calendropos Lúdicus! Os frutos dele nhônhônhônhônhô... então as folhas zenunheuinzenunheuin... de forma que o caule ziriguidumziriguidum... – e isso por horas e horas e horas e horas da minha vida.

Se eu não tivesse esse outro mau-hábito terrível de não ouvir nada que meus pais me falam, eu poderia preencher os espaços vazios e nem teria que inventar o nome da planta que intitula este capítulo. Eu teria evitado a maior parte das presepadas que tive na vida.

É justo, apesar de tudo, dizer que eu também teria deixado de desfrutar grande parte dos prazeres que experimentei, se eu seguisse tudo o que eles dizem. Pais existem para serem desobedecidos. Mas ouvidos e, só depois, desobedecidos.

XXVIII Namoro no shopping

– Dinheiro? – perguntou Rodrigo.

– Uns trocados pra passaginha de ônibus. A mãe disse que só tem uma nota de cem.

Ele pegou o dinheiro pra mim, mas só entregou depois do sermão:

– Você não tem vergonha não? Todo barbado, dependendo do dinheiro dos outros até pra passaginha! É nisso que dá, ser parasita! Não produz! Se você quisesse vender lingerie pra mim, seria diferente...

Meia hora daquilo. Um preço pequeno pra encontrar Alice no shopping. Ela surgiu tão linda e sorriu e me beijou e andamos de braços dados ao redor da praça de alimentação. Eu ouviria doze horas do meu irmão nos seus piores dias pra ter aquele domingo de volta. Eu seria feliz e me deixaria levar pela ilusão saudável de um momento sagrado, como se fosse pra sempre. Ou de um momento pra sempre, como se fosse sagrado. Eu faria de novo exatamente tudo aquilo que fiz quando tive a chance.

XXIX Você é gay?

Enquanto percorríamos aleatoriamente os corredores do shopping, Alice encontrou uns amigos que eu não conhecia. Como eles se cumprimentaram de longe, ela caminhou até perto deles enquanto eu mantive uma distância educada, encostado numa pilastra.

Depois de uma breve troca do que obviamente eram saudações, passaram a olhar pra mim enquanto conversavam. Eram dois moleques e uma guria; deviam ter entre quinze e dezessete anos. Todos tinham pelo menos um piercing à mostra. Pulseiras, cordões e correntes penduradas em suas calças largas. Penteados geométricos modernóides em cabelos completa ou parcialmente pintados.

Vieram os três seguindo Alice até perto de mim. A guria era gordinha, mas bonita. O que a gente chama hoje de "gordelícia". Ambos os moleques eram muito magros. Não houve apresentações. Alice falou alguma coisa comigo. Um dos moleques falou alguma coisa com ela. Estávamos juntos, mas ainda verbalmente separados. A linha imaginária que nos dividia dentro do mesmo grupo durou até que a gordinha falou com Alice, enquanto olhava pra mim:

– Você não vai me apresentar seu amigo?

Nesse ponto, rolou um silêncio hesitante que a gordinha não deixou chegar a conclusão nenhuma. Ela continuou, sempre olhando pra mim:

– É que eu estou precisando conhecer pessoas. De preferência homens que não sejam gays e que estejam disponíveis. Você é gay?

Alice abriu a boca pra responder, mas eu falei primeiro:

– Não, eu não sou gay não.

– E você tem namorada?

– Não, mas eu também não estou disponível. Desculpe.

– Como assim? Você não gostou de mim? – ela falou desafiadoramente.

– Você parece um doce, de verdade. Super te pegaria. Mas eu já estou interessado em alguém.

Alice sorriu encabulada, como uma criança. Seus amigos se despediram depois de algumas frases inúteis. Foram pra algum lugar qualquer, fazer essas coisas enigmáticas que justificam os pais quando dizem que eles não fazem nada.

XXX Saudade dói, dói...

Na primeira oportunidade eu perguntei:

– Aquela gordinha não tem desconfiômetro não?

– Ela não tinha como saber que eu estava ficando com você, por causa da situação, você sabe. Mas reparou naqueles meus dois amigos?

– Quê que tem eles?

– Assim que eu cheguei perto, eles ficaram eriçados, perguntando se você jogava basquete.

– Se eu jogo basquete!?!?!

– É. Se você é gay. É que eles são. Queriam que eu esquematizasse você pra eles, mas eu falei que você era espada.

– Então quer dizer que a gordinha já sabia que eu não era gay quando me perguntou isso?

– É mesmo...

– Ela deve achar que é bonito perguntar essas coisas pras pessoas. Tipo uma demonstração de ousadia e desembaraço...

– Ou então ela ficou na dúvida, depois que viu você de perto – Alice disse rindo, fazendo hora com a minha cara.

Depois de rir também eu respondi com um beijo tão vivo que, se eu largar a caneta agora e fechar os olhos, acho que posso senti-lo de novo.

XXXI Eu não sou bruxo

E nós fomos embora e até outro dia. Mas aquelas coisas do shopping ficaram martelando na minha cabeça. Talvez seja pertinente dedicar um capítulo para falar sobre isso. Talvez um, ou alguns capítulos. Eu não sei. Veremos.

Eu quero falar sobre isso agora, mas daqui a duas linhas pode ser que eu não queira mais. Meu plano pra este livro não tem nada a ver com essas coisas que estou contando. Meu plano é um método, e tanto faz o conteúdo. Falo de Alice porque é o que existe de mais marcante atualmente em minha experiência imediata. Porque foi minha relação com Alice que despertou essa vontade de escrever. Eu bem poderia estar falando sobre minha viagem, sobre a Europa e os canais iluminados, mas a verdade é que eu atravesso isso tudo pensando em Alice. Meu plano é ser sincero. Sincero mesmo se resolver contar uma mentira; uma ficção qualquer. Não importa. Ser sincero, e é suficiente.

Não se prepare pra fazer cobranças. Há mais capítulos do que seria necessário – lá pra trás – avisando que esta não é uma história bem contada. Oportunamente, eu pretendo aproveitar uma pausa pra explicar porque escolhi esse tipo específico de sinceridade. Quando der vontade e não tiver mais nada sobre o que eu prefira falar.

Tenho confiança (ou esperança abusada) de que o livro não vai acabar antes que eu sinta essa pausa pra me explicar. Acho pouco provável que eu vá de empolgação a empolgação, atravessando capítulos, daqui até o final. Eu já me conheço. Sou cheio de pausas que preciso preencher. Eu não tenho todo

esse ritmo...

Tem gente que escreve enquanto pensa que é meio bruxo. Pois é... Eu, enquanto escrevo, acho que sou meio broxa.

XXXII Coisas do shopping martelando na minha cabeça

Pois bem. O mais significativo sobre o incidente com a amiga gordinha de Alice, no shopping, foi que, além de frouxo, fracassado e meio broxa, eu também sou feio.

Fosse eu um gatão sarado modernoide sedutor e tudo estaria muito certinho. Mas eu não sou nada disso. E o fato de que três amigos de Alice – dois "homens" e uma mulher – demonstrassem intenção de me comer, assim que olharam pra minha cara, é algo que sugere um pouco sobre o tipo de vida que eles levavam.

Como eram os primeiros amigos de Alice que eu conhecia, aquilo me fez pensar sobre ela também. É como diz o ditado: "Diga-me com quem tu andas, porque por aí já tá todo mundo dizendo, mulher!"

XXXIII Cinco punhetas

Então comecei a me sentir um idiota por ter me segurado tanto naquele primeiro dia – aquele com o qual comecei o livro. Eu, todo cheio de frescuras, imaginando que Alice era uma garota indefesa e sexualmente insegura. Confusa. Enquanto, na verdade, ela andava com um bando de libertinos.

Não que isso fizesse dela uma pessoa menos confusa, insegura e frágil. Mas não importa. Eu tinha feito tudo errado. Querendo ensinar ao padre a missa. Tentando proteger Alice de algo que ela mesma já tinha deixado de se proteger há tempo.

Apenas impressões, é claro. Coisas que eu precisaria confirmar na oportunidade certa. Impressões falsas – ilusões – como eu ainda descobriria mais tarde. Mas, naquela noite, o sono demorou a chegar. Fiquei imaginando Alice dando pra todo mundo que ela conhecia e me descobri com ciúmes.

Pra piorar minha bagunça mental e emocional, essas imagens passaram a se misturar com as lembranças daquele primeiro dia. Todas as coisas que eu poderia ter feito. Todas as coisas que talvez ela esperasse de mim. E de repente eu tinha me transformado num problema. Um ciumento excitado tentando dormir.

Só consegui pregar os olhos depois de cinco punhetas.

XXXIV Sejamos claros (com parêntesis)

Eu tenho um pênis. Uma pica. Um Pau. Pica-pau. Cacete. Duro. Pingolim. Careca. Vara. Verga. Pinto. Piroca. Benga. Narigudo. Maravilha-de-um-olho-só. Essas coisas... ("Essas coisas...", mas eu só tenho um.)

Acho tão natural e saudável falar sobre isso quanto falar sobre o meu braço, meus sonhos, minha cabeça, minha saudade, ou minha barriga.

Além disso, a função do meu pau é de extrema importância na minha vida. Como qualquer um que foi criado num mundo moderno-técnico-publicitário-industrial-consumista-burocrático-elitista-satânico-devorador-de-criancinhas, é frequente em mim um desejo vigoroso de fazer sexo. Meter. Transar. Afogar o ganso. Foder. Trepar. Dar uma tchaca-tchaca. Bimba. Nhoc-nhoc. Fuc-fuc. Essas coisas... (Eu não gosto de listas intermináveis, só de uma sugestão delas.)

Então peço desculpas se estou ofendendo alguém. Eu não me importo de ofender as pessoas, mas não gosto de fazer isso indiscriminadamente. Sei como é forte o tabu. Mas entenda que eu não vejo nada de mais nessas coisas. Penso nelas como em quaisquer outras vicissitudes da vida. Se você está lendo isto, pelo menos duas pessoas muito próximas de você também têm genitália e já deram um tapa na pataca. (Ou então você é Jesus redivivo, ou um desses milagres da tecnologia moderna, o que não te impede de ser solidário com o resto da humanidade).

Metelança é uma coisa natural e saudável, como facas são instrumentos muito úteis. Todos têm facas na cozinha. Cirurgiões e psicopatas. Eu e você também. De forma que só encontrei razões preconceituosas pra deixar de falar que bati cinco punhetas naquela noite.

É claro que eu poderia ter feito como outros mais puritanos, com palavras e expressões obscuras. "Hábito solitário..." Ou poderia dizer que tinha tocado umas bronhas. Soltado pipa. Feito covardia. Cinco cinco-contra-um. Debulhado o milho. Espancado o macaco. Eu poderia ter dito essas coisas...

Eu poderia escolher palavras, e acho que essa é a área da linguagem com maior número de sinônimos. Mas eu não quero criar uma estética da putaria. Eu não quero falar sobre isso como se fosse algo altamente significativo. Eu penso justamente o contrário. Acho que é algo como qualquer outra coisa. Se eu usei a palavra punheta – tão vulgar e direta – não foi à toa. Gosto de ir direto ao ponto: cu, boceta, pau, fodelança... Nada de floreios anatensores ou afetações vernaculares exibicionistas.

Quero mostrar de uma vez por todas que isto aqui é uma putaria séria! Uma putaria educada e respeitosa. Engajada em movimentos sociais e preocupada com o desenvolvimento da cultura! Uma putaria arte – uma putaria moleque – que não tem nada a ver com essas putarias perdidas de hoje em dia... Todas cheias de ATREVIMENTOS e influenciadas pelo comunismo! Essas putarias desandadas que não respeitam ninguém... Aqui não vai ter porra nenhuma dessas coisas, que eu sou um cabra sério.

XXXV Punheteiro

Levando em conta as explicações do último capítulo, espero que possamos continuar no assunto sem maiores problemas. Considerando o que eu já engoli de anúncios com mulheres gostosas, insinuando que uma bunda faria minha vida melhor, o estranho é que eu esteja escrevendo agora, ao invés de ir pro banheiro me masturbar.

Uma vez que posso falar tranquilamente sobre punhetas, aproveito pra dizer que penso nelas como um recurso indispensável à manutenção do bom-senso. Quase todo mundo que eu conheço tem uma história vergonhosa de putaria pra contar. De como fez aquilo sem pensar em nada – e apesar dos malefícios – apenas porque PRECISAVA e PODIA fazer. Eu não. Nunca comi ninguém que eu gostaria de mandar embora depois do orgasmo.

Eu não comi muita gente, é verdade. O que esperar de um frouxo, fracassado, meio broxa, feio e punheteiro? Sei que são características pouco populares entre a maioria das pessoas. Mas prefiro ser punheteiro a me parecer com esses macacos saindo das lojas de roupas masculinas. Assim como as mulheres que têm preferido o lesbianismo a se relacionar com eles.

Eu não quero me parecer com os australopitecos desmoralizados. É bastante óbvio que eles também não têm interesse de se parecer comigo – que como tão pouca gente.

Cada um na sua. Os macacos nos seus galhos. Eles fazem mil abdominais e eu não preciso ficar com uma mina só porque recebi uma cantada lisonjeira. Se você quer comer todo mundo, a habilidade

deles é melhor. Se você sou eu, a minha habilidade é a melhor. Vou dar um exemplo.

Digamos que você é do tipo idiota que está sempre esperando o amor. E então você consegue. Mas o impossível é amar o tempo todo. E você tem um namoro de sonho, mas o dia é grande e suporta contradições. De repente, você se vê com oportunidade de transar com outra mulher – alguém por quem você espera há anos. Não é fácil. Não é nada fácil. Mil abdominais são dureza, mas passar uma situação dessas sem fazer cagada também não é glacê.

Porque se você fica e conta pra namorada, fode com o seu namoro. E se você fica e não fala nada, além de se colocar numa situação em que não pode aproveitar satisfatoriamente a oportunidade tão esperada, ainda fode é com a sua própria sensibilidade.

Ao terminar o último parágrafo, tive uma impressão estranha de entrar no terreno em que o ouvinte concorda e olha pros lados. Distraído. Esperando a hora em que você termina de dizer todas aquelas coisas que ele ouve todos os dias sobre paz, amor e esperança. Aquelas coisas que todo mundo fala e que não servem pra nada. Não é o caso.

E eu já passei tempo demais ouvindo as pessoas me explicarem o método delas. Até hoje, alguns amigos ainda têm coragem de me dar lições camufladas sobre como eu devo me aproximar de uma mulher. Pensam em me dar uma dica. Chamam a minha atenção. "Aquela ali está olhando pra você..." Eles acham que eu ainda não entendi. Eu entendo, eu acho. Eu só não concordo.

É claro que eu sei como começar uma conversa com uma mulher, desde que eu queira conversar

com ela. Mas eu não quero comer mulheres como se fossem moedinhas do Mario Bros. Eu sou punheteiro e penso na atividade como algo gratuito, seguro, anticoncepcional, prazeroso e (resumindo) eficiente. Então não sinto que preciso COLHER todas as bocetas disponíveis e nem penso em toda conversa como numa artimanha pra comer alguém.

Mesmo sem concordar com o método deles – o método padrão e geral – eu tento prestar atenção. Afinal, a intenção é boa: ensinar. E às vezes eu aprendo alguma coisa, mesmo que seja apenas por curiosidade. Mesmo que sirva apenas de mau exemplo. Eu sempre ouço. Chega. Agora EU vou explicar. O livro é meu e agora é MINHA VEZ de ensinar! Tentarei apresentar o espírito do meu caminho no próximo capítulo.

XXXVI Uma introdução confusa ao meu caminho

(Descobri, ao tentar abordar a coisa de forma linguística, que sou burro demais pra descrever o espírito do meu caminho numa sentada de um único capítulo. De forma que farei apenas uma introdução confusa. Um en passant*, como diriam os esnobes. Se um dia eu for mais esperto, talvez possa resumir o que penso em poucos parágrafos, ou num haicai. Até lá, teremos que nos contentar com isto aqui mesmo.)*

Eu sou gordo. No começo, era porque eu simplesmente não me importava com isso. Eu mudei de uma vida em cima da bicicleta, no bairro – todo dia nadando no clube – para um apartamento no centro. Não dava pra sair tanto, com tantas liberdades. Ficar em casa é chato. Eu comia. Quando dei por mim, já estava longe demais para retornar com facilidade. Mas isso é outra história. Quero falar daquela frase que qualquer um, acostumado às dietas, já deve ter ouvido: "Você é o que você come." É exatamente isso. Seu corpo é formado pelo que você come. Há uma relação intrínseca e necessária entre as coisas que você ingere e aquilo que você é fisicamente.

Mas dizer que você é aquilo que come, e apenas o que come, é um pouco exagerado. Nós não somos apenas o nosso corpo físico. Também há um corpo intelectual. Linguístico. Espiritual. Você escolhe o nome... Há esse outro corpo (que chamo de outro corpo apenas pela facilidade descritiva – ainda que rigorosamente não se possa falar em dois corpos separados, ou encontrar um corpo dentro do outro),

e esse “outro corpo” também é formado pelo que vai ingerindo. Frases. Imagens. Sons. Ideias. Sensações. Situações. Etc...

Essa concepção de que tudo nos transforma – e não apenas os alimentos – é uma das bases do meu caminho.

As pessoas evitam o mal por motivos idiotas. Pequenos. Infantis. Há confusão. Quando estou num relacionamento, sou fiel. Isso é uma regra como qualquer outra do tipo “Não pulo de um carro em movimento”, “Não enfio a mão dentro da privada” e “Não bato a cabeça na parede”. Eu sou fiel. Não é por medo de que me traiam também. Não é porque eu sou “bonzinho”. É porque não quero me prejudicar. Evito criar maus hábitos além dos inúmeros que já tenho. Não quero me estragar ainda mais. Traição, pra mim, é como uma pizza de quarenta quilos. É tentador, mas também é prejudicial e indigesto.

Mas isso é conversa genérica, que inclusive vários repetem sem praticar. Quero explicar de forma prática. O primeiro passo é considerar que, se você namora, você ama. Porque se você namora sem amar, não passa de um retardado replicando comportamentos sociais sem saber o que está fazendo. Se você não ama, claro que ainda pode ficar e foder e ir ao cinema e é certo que também isso pode ser limpo e bonito. Mas se você não ama, não há motivo pra um compromisso. Se a outra pessoa te ama, pior ainda. Você está empacando quem tem condições de amar e que merecia ser amado de volta. Esse é o primeiro ponto prático fundamental.

Se você trai alguém que você ama, é natural que se sinta culpado. Então seja razoável. Pense. Vale a pena se relacionar intimamente com alguém – uma

coisa que poderia te dar uma alegria tão linda – e misturar isso com remorso? O que Eles vão dizer é que isso passa. É verdade. Isso passa, mas nos transforma. As coisas que nos acontecem têm uma relação bastante necessária com aquilo que a gente é. Por exemplo, o que acontece a um homem com dois metros de altura não é o mesmo que acontece a um anão. E, numa festa, o que acontece ao gordinho feio e pobre não é o mesmo que acontece à patricinha bonita.

Eles dizem que, para se dar bem, você precisa parar de se importar com essas coisas. Traição é pros espertões. Coma as duas. Cale a boca. Eu entendo o ganho dEles com isso. Mas acho que quando você trabalha metodicamente pra se transformar num alguém assim, que não sente remorsos ao trair uma pessoa amada, você está se transformando num monstro mais grotesco que qualquer obeso. Gordura espanta mulheres. Insensibilidade inviabiliza o tipo de relacionamento no qual pretendo mergulhar.

Se você é um bosta, qualquer relacionamento que seja 50% você já está, no mínimo, pela metade no meio da merda. Se você trai e se sente culpado, você é muito fraco. Se você nem se sente culpado, você precisa aprender a sentir isso. De uma forma ou de outra, se você precisa trair, você não é digno de ser amado por ninguém. Eu já fui traído; dói pra caralho. Você confia em alguém e essa pessoa te machuca. Dói até hoje. Se eu tivesse inimigos, desejaria isso pra eles. Para a pessoa que eu amo, eu definitivamente não desejo isso – muito menos promoveria uma coisa dessas. Quero que essa pessoa possa confiar em mim.

Eu já fiz dieta das cores, da Lua, dos dias da

semana, dos números, das letras, do zodíaco e das notas musicais. Não adianta. É só relaxar que começo a engordar de novo. Já criei um mau hábito. Eu também fumo. Eu poderia fazer uma lista. Não importa o que as propagandas e livros e carecas de terno empolgados com microfones e o mundo inteiro diga. Há poucos anos, fumar era chique. Não quero dar chance pra acordar outro diabo. Já tenho defeitos demais. Quero me manter confiável. Pelo menos isso.

E não me importa ser um corno frouxo, meio-broxa fracassado, gordo, feio e punheteiro. Tirando o gordo, o feio e o meio-broxa – falhas que transcendem minha vontade atual; obras irreparáveis do acaso, ou do passado – era exatamente isso que eu queria ser.

Reconheço que ser traído também acaba com relacionamentos, porque nenhuma mulher consegue respeitar um corno. Mas os relacionamentos acabam e você continua. Você pode começar novos relacionamentos. Se a traição é inexorável, prefiro ser o corno. Pode rir de mim. Eu não sou especial. Se eu penso dessa forma, certamente há uma porcentagem confiável de pessoas que também pensa. Quando nos encontrarmos, não haverá mais chifres. E então vou rir do mundo o dobro do que ele pode rir de mim. Porque vou rir sem escárnio. Sem maldade. Com amor.

XXXVII O capítulo da água

Ela veio de muito tempo atrás. De corridas e brincadeiras de criança. Causos de terror em quartos escuros. Pique-esconde. Ela chegou à tarde, sem nenhum aviso. Depois de anos desaparecida. Já quase que totalmente esquecida.

"Meu filho, adivinha quem veio nos visitar!" Atravessei a porta da cozinha sem grandes expectativas. Na varanda, ela sorriu pra mim. E nenhum natal de criança trouxera tamanha surpresa.

Ela era mais nova do que eu. Talvez uns dois anos. Muita diferença, antigamente. Agora (ou naqueles tempos) éramos, ambos, adolescentes. E ela era linda. Tão linda que até hoje eu não soube ainda dizer o quanto. As palavras recuam humilhadas, toda vez que ela vem. Meus óculos embaçavam. Conversou comigo como se fôssemos os mesmos a correr nos becos. Rir de pulos na piscina. Eu mal podia manter a coerência nas respostas. Fascinado por cada pequeno gesto que ela fazia.

A mulher mais bonita que eu já vi foi a primeira coisa que eu realmente enxerguei através da lama. Meu primeiro lampejo de realidade. Das coisas como elas realmente são: "congeladas em silêncio e de beleza inefável."

Você olha pra dentro do abismo, eles dizem, e o abismo olha pra dentro de você. Foi assim. "Quem é você?", o momento me disse. Palavras queimadas no fundo da cabeça. Como um malabares incendiário que girava sem parar. Como bolas de fogo me batendo na cara. "Quem é você?" Um bosta.

Eu era um bosta. Em alguns anos, ela tinha se transformado naquilo. Eu tinha comido muito, fu-

mado muito e cheirado muito lança-perfume. Eu tinha falado quilômetros de merda e me divertido inconsequentemente com meus amigos. E pra ser absolutamente sincero, eu adorava. Mas o resto do tempo, trancado com livros dentro do quarto. Ouvindo discos que ninguém mais gosta. E só isso. Nada mais. Comendo. Fumando. Comendo. Fumando... Deteriorando meu corpo sem ao menos desenvolver habilidades com o sacrifício. Apenas ociosidade. Incapaz até de projetar no mundo prático as estruturas que aprendia na arte. Letárgico. Moroso. Desperdiçado. Construindo uma fantasia que não tinha relação com o aqui-agora. Descansando despreocupado sobre a areia movediça.

"Quem é você?" Palavras queimadas como a imagem dela pela casa, depois que ela foi embora. Entrei no quarto vazio onde, há poucas horas, ela dormira. Fantasmas de beleza atravessavam a casa; prontos, ao comando de qualquer associação fortuita, a saltar de sua tocaia para me perseguir como uma consciência criminosa. "Ela é linda." "Eu queria causar nela um pouco da impressão que ela causa em mim, mas eu sou um bosta." O quarto sem ela, tão triste.

"E quem é você, seu bosta?"

Foi a primeira vez na vida que eu pensei em ser alguém.

Só pra ela, e pra mais ninguém.

Mas eu era um bosta.

XXXVIII O capítulo do fogo

Ela veio navegando em ondas magnéticas. Telefone. Pontos iluminados. Internet. Ela veio de uma longa espera.

Eu disse: "Oi, de onde tc?", porque era moda naquele tempo.

Fiz músicas pra ela. Escrevi poesias para ela.

Eu ainda era um bosta, mas ao menos agora eu estava tentando.

"Eu te vejo como um amigo", ela disse. Frase que define tudo – e não apenas pela evidência do meu fracasso, mas pela manifestação dessa confiança egoísta e iludida, aparentemente inata entre as mulheres, de que é possível manter amizade com alguém que as deseja enquanto elas mesmas não desejam desse alguém qualquer coisa além de adoração. Essa vocação feminina pra se tornar um deus coquete, cruel e autoritário. Essa reincidência de rejeitar o amor oferecido pra buscar um que seja apenas imaginado, de preferência trancado num armário protegido por um tigre no fundo de uma caverna ao final de um campo minado entulhado com sinais de Alerta! e placas de Não entre!. Porque o amor pra maioria das mulheres não é realmente atraente. O que as excita de verdade é um desafio – um desafio que elas acreditam sem qualquer sombra de dúvida serem capazes de dominar, como todo mundo acredita que seria capaz de administrar uma lanchonete, ou uma banca de revistas. Uma vontade irresistível de transformar aquele filho da puta sem coração e corrigir seus hábitos de cafajeste irreparável que a conquistaram em primeiro lugar. Mas estou mudando de assunto...

Tanta coisa estranha aconteceu que eu não tenho saco pra contar tudo de novo. Seria útil, mas eu não vou.

Um amor platônico, um melhor amigo. Ele podia ter feito tudo certo. Eu ofereci a chance. Eu disse que sairia da frente e me virei de costas. Ele poderia ter feito o mesmo, mas preferiu me perseguir com mentiras. Me envolver. Me esfaquear.

Hoje, tudo isso parece uma infantilidade. Eu não sinto mais nada sobre isso. Ela é minha amiga, hoje. Agora que eu também não a desejo – agora que eu sei o que quero e sei como e onde o construir – ficou muito fácil. Ele também é meu amigo, hoje. Mas eu sei, e acho que só eu percebi, todas as coisas que eu não sinto mais.

Eu não consigo mais sentir pelas pessoas o que sentia por minhas amizades de criança. Ele foi o último cara por quem eu me senti assim, até descobrir que amigos são apenas outras pessoas. Aquela ligação que eu imaginava só existia em mim. É uma verdade dura. Ignorância é êxtase, eles dizem.

Dizem também que os astronautas não voltam os mesmos. Que depois de constatar, com os próprios olhos, que todo o mundo que eles conhecem não passa de uma bolinha azul no meio do Todo, nunca mais conseguem ser e se sentir como antes.

É uma experiência traumatizante. Torça para que nenhuma situação extraordinária te mostre seus melhores amigos como seus inimigos. Eu já tive a pele virgem, mas hoje sou todo queimado e endurecido. Durmo contraindo os músculos – numa espécie de bruxismo lombar – e minhas costas doem.

Mas fora isso (consequência acidental), foi tudo uma infantilidade. O que não mata, fortalece.

Além do mais, ela era realmente linda e confusa e adorável. Eu me sinto justificado. Derramaria meu sangue por ela. Depois de limpar meus olhos e finalmente ver as coisas do mundo, essa foi minha primeira lição sobre elas:

Eu era um bosta. Devia esperar o quê? Que ela gostasse de mim?

XXXIX O capítulo da terra

Ela veio do nada. Depois de um longo dia de trabalho. Depois de longos anos tentando ser melhor. Um fracasso depois do outro. No bar. Eu nunca soube exatamente quando ela chegou. De repente, estava ali. Sentada, com a irmã, na mesa ao lado.

Eu era um bosta, mas chegou um cara mais bosta do que eu. Aproximou-se dela com a naturalidade com que formigas surgem onde há doces. O bar estava lotado. Pra se aproximar dela, ele sentou justamente no braço da minha cadeira; quase no meu colo. Como ele era primo de um amigo, sentado de frente pra mim, eu não podia simplesmente destratá-lo. Pensei em alternativas. Decidi conversar diretamente com ela:

– Olha, esse cara está sentado no meu colo, só pra conversar com você. Por que você não o convida pra sua mesa?

– Essa menina é a norinha que minha mãe pediu a Deus! – Interrompeu o tcholinha. É o caldo que falta na minha sopa!

– Entendeu agora? – disse a irmã dela. É por isso que a gente não convida essa peça pra nossa mesa. Desculpe se ele está no seu colo, mas o cara parece uma enciclopédia de frases imbecis... E uma enciclopédia pocket, ainda por cima. Já disse as mesmas coisas mil vezes... Minha irmã não é assim não. Minha irmã sabe até falar alemão!

– Você sabe alemão? – Eu perguntei pra ela, que continuava sorrindo em silêncio. No rosto, uma expressão de sarcasmo tão gostosa que me conquistou. Ela disse:

– Eu sei só um pouco.

– Então fala pra mim.
– Ah, eu não penso em nada pra dizer.
– Qualquer coisa.
– Qualquer coisa!
– Em alemão, pô.
– Ah...

Eu insisti. Por curiosidade. Queria ver uma garota bonita dizendo coisas em alemão. Estava bêbado. Insisti até que ela cedeu. Disse que não me compreendia. Achei aquilo incrível. Bela coincidência. Eu também não me compreendo, ainda que compreenda um pouquinho de alemão; suficiente pro que ela disse.

– Eu também não me compreendo – respondi em português.

Um soluço de surpresa. Ela quase engasgou com a cerveja. Não esperava que eu pudesse entender suas frases do norte. E eu mesmo achei que não entenderia porra nenhuma. Mas a vida é estranha. A gente se surpreende.

Em poucos minutos, o tcholinha já estava sobrando. Ainda sentado no braço da minha cadeira. Cuspindo esporádicas frases imbecis. As irmãs cochicharam qualquer coisa, uma para a outra. Depois, no meu ouvido:

– Queremos convidar VOCÊ pra sentar com a gente.

Ofereci meu assento para o tcholinha e me instalei na mesa ao lado. Eu era um bosta. Mas ela me olhou com tanto carinho, e nos divertimos com tanto prazer, que saí dali com a impressão de que uma princesa pode amar um sapo. E com um beijo que se repetiria em outras oportunidades, mas que eu ainda não sabia como transformar numa Estrela da

Manhã, ela plantou a primeira muda de amor em mim. De um amor real, além das fantasias trancado no quarto. Ela afastou as montanhas e ergueu as árvores. Eu imaginei um caminho.

XL O capítulo do céu

Ela era um anjo. Eu era um bosta avoado. Cheio de planos. Mas tão idiota que nem vi a coisa me acertar. Projetei tantas trajetórias e a vida me empurrou de um barranco. Eles dizem que quem olha pra Lua costuma tropeçar em gravetos. Eu tropecei no amor.

De repente, eu tinha tudo o que sempre quis e não sabia o que fazer com isso.

Ela era Linda. Aceitou todas as minhas falhas e incapacidades. Num abraço longo disse que gostava de mim. Insistiu que minha barriga horrível era macia. Aconchegante. Falou que meu pinto mediano era gigantesco. Nasceu entre nós uma Estrela da Manhã. Alimentando-se exclusivamente de boa-vontade.

Saímos da casa de uma amiga, pra conversar na calçada. Era preciso. Eu disse:

– Andei pensando muito. Cheguei a certas conclusões. Talvez fosse mais bonito te dizer isso em outra situação, mas eu queria que fosse agora. Sem sentimentalismo. Sem empolgação. Pra você saber que estou convicto disso, e não apenas soltando palavras ao sabor do vento. É isso. Eu amo você.

– Eu queria poder dizer o mesmo, mas eu não sei...

– E eu não quero que você diga o mesmo. Eu te amo de verdade. Não é uma chantagem. Eu só queria que você soubesse.

Foi melhor assim. Ela só disse quando teve certeza. Eu tinha certeza também. Qualquer anjo, no firmamento, poderia testemunhar por nós. A gente se amava e não me arrependo de nada.

Mas ela precisava escolher. Nós descobrimos o amor enquanto o namorado dela passava meses no exterior. Então ele voltou e ela precisava escolher. Ela poderia escolher qualquer homem que desejasse. Ela tinha o homem que todas as mulheres queriam e ainda assim ela escolheu por mim. Telefonou chorando. "Eu quero ficar com você... É você que eu quero pra mim..." E o dia brilhava. Borboletas de ouro saindo das coisas. Aquele punhal sangrando nosso relacionamento – as ligações do namorado no domingo, quando ela não tinha coragem de terminar com ele; ela dizendo que não poderia mais me ver e eu argumentando até que ela parasse de chorar. Acabado! Finalmente! Foi bom pra caralho ouvi-la dizer que me queria e que tinha terminado com o namorado. Agora, ela era MINHA namorada. Só nós dois e o amor como um filho no colo. Foi excelente, mas durou pouco.

Ela escolheu por mim, mas o outro não aceitou tão facilmente. Puxou tudo que pôde segurar de volta. Houve tensão. Algo precisa quebrar. Ele tinha perdido, mas era orgulhoso demais. Acho que ele nunca perdeu nada em sua vida de mimos. Ele puxou com força, e ela estava tão fraca... Ela era tão linda. Eu poderia puxar de volta. Ele iria perder, eu já sabia, mas a derrota não o impediria de continuar puxando. E tudo caindo em cima dela, que era um sonho pra mim. Eu não aguento ver um anjo chorando por muito tempo. Não por minha causa. Não se eu puder evitar.

Naquela história antiga, a mãe verdadeira desiste da criança. Não quer ter o filho partido ao meio.

Eu fui embora. Vomitando pedaços de coração pelo nariz. Chorando. Meses me alimentando de

álcool. Janelas fechadas. Duzentos cigarros. Noites grávidas de morte.

Hoje eu não sinto medo de nada. Nada pode doer como aquilo. E aquilo passou. Ainda dói, mas é diferente. Passou.

Espero que hoje ela já esteja bem, e que não fique triste quando lembrar de mim.

XLI O capítulo do vazio

Agora eu estou sozinho. Ainda sou um bosta. Passei por tudo isso, e aprendi tão pouco. Eu aceito. Eu confio nos que foram melhores do que eu. É difícil, mas é como deve ser. Eu aceito. Assim transita a glória do mundo.

Eu não sei o que pensar, ou o que escrever. Essa parte era sobre cinco mulheres que mudaram minha vida. De maneiras diferentes, eu amei cada uma delas. Às vezes, de formas desajeitadas. Covardes, ou impotentes. Duas, por exemplo, eu nunca beijei. E uma delas, a última, está sendo representada por um capítulo do vazio.

Porque não há terra, fogo, água, ou céu que expliquem seus olhos vivos, Alice. Um capítulo não basta para o balé dos seus humores debutantes. Este livro inteiro é sobre você. Sobre as coisas que senti enquanto estávamos juntos e o mundo inteiro parecia um vento estranho sob nossos pés.

XLII Um pedaço de giz

– Uai, Rodrigo... Claro que eu posso buscar a Sâmia e a Lara do colégio nos próximos dias. A mãe avisou mesmo que você ia viajar. Vai arrumar o quê?

– Dinheiro! – Ele disse, tentando parecer animado. Um dos maiores prazeres da vida dele, além do deleite capitalista, era buscar as filhas depois das aulas. Nem por dinheiro ele gostava de perder essa oportunidade, mesmo sabendo que fazia aquilo para, entre outras coisas, poder pagar pela escola delas.

Eu não tinha que caminhar muito. Saía pelos fundos da chácara, numa rua sem saída que terminava em nosso portão. Bastava andar uns poucos quarteirões. Casas novas. Muitas crianças. A escola ficava na última esquina, antes de um campo de futebol.

Elas sempre chegavam correndo e pulando. Segurando a sua mão. Cheias de coisas pra contar. Dançando. Catavam pedrinhas no caminho. Flores. Pequenos cacos de azulejo. Tudo que achassem bonito e que a gente deixasse pegar.

A mais velha apareceu primeiro. Ela sempre me entregava a merendeira pra carregar. Depois segurava minha mão e falava como tinha sido o dia de aula. Foi bem assim mesmo. Poucos minutos mais tarde veio a Lara, ainda mais alegre que o habitual. Estava com o rosto pintado de coelhinha. Esse tipo de coisa era bem comum na escola delas. O provável é que no próximo dia fosse Sâmia que estivesse pintada. Além da pintura de coelhinha, a pequena também trazia uma joia na mão: um pedaço de giz.

– Eu tava brincando com ele, e a tia me deu! – Ela explicou.

As duas dividiram o brinquedo por algumas rabiscadas, mas era um pedaço muito pequeno, que desmanchou-se rápido no áspero concreto das calçadas. Chegando em casa, Sâmia sugeriu:

– Tio, aproveita que a Lara tá com a cara pintada e não fala pra vovó que ela é a Lara não... Fala que ela é outra menina!

XLIII A outra menina

Respondendo à sugestão de se fazer passar por outra menina, para enganar a avó, Lara colocou as mãozinhas na barriga e se abaixou duas vezes, de tanto rir. Entramos em casa e fui logo avisando pra minha mãe:

– Olha, mãe... Eu me confundi, lá no colégio. Esqueci a Lara e trouxe essa outra menina.

– Uai, você ficou maluco? Tem que voltar lá! A gente gosta muito da Lara.

– Ah, mãe... Tô pensando em ficar com essa aqui mesmo...

Então minha mãe se ajoelhou, pra ficar cara a cara com a pequena.

– E quem é você?

– Eu sou a outra menina!

– E qual o seu nome, menina?

Lara respondeu imediatamente, sem qualquer hesitação:

– Meu nome é Coelhinho Natasha Dos Anjos Das Neves Belo Horizonte. Eu sou outra menina!

Minha mãe tentava controlar o riso.

– Mas meu filho, essa outra menina é muito linda! Vamos ficar com ela sim. Só que você precisa voltar pra buscar a Lara também, senão todo mundo vai sentir muita falta dela.

– EU SOU A LARA! – a coelhinha gritou, revelando o "segredo".

Rimos bastante, e depois fomos brincar na grama. Sâmia corria de um lado para o outro, cantando um improviso que era mais ou menos assim:

"Se essa rua, se essa rua fosse minha

eu ia tratar os bichinhos muito bem
porque eu gosto dos passarinhos
e sou amiga das plantinhas bonitas...”

Lara puxou minha mão e perguntou, do nada:

– Você está feliz, tio?

– Estou feliz sim, fofinha.

Satisfeita, ela abraçou minhas pernas. Ficou olhando pra cima com um sorriso gigante.

– Eu amo você, tio.

XLIV Amor incondicional

Então ela olhou pra casa, correu até a porta da cozinha e gritou:

– Vovó, eu amo você!

Voltou e puxou minha mão mais uma vez.

– Me leva no vovô, tio?

Subimos as escadas e bati de leve na porta do quarto dos meus pais, que estava fechada.

– Pode entrar...

Ele estava lendo, deitado na cama. Lara pulou no colchão. Depois, em cima da barriga dele. Abraçou o pescoço.

– Eu amo você, vovô.

– Ama naaaaada...

– Amo sim!

– Ama naaaaada...

Ela se ajoelhou na cama e pôs as mãos na cintura.

– Eu amo sim, porque você é meu vovô, e é o papai do meu papai, e é muito legal, e brinca comigo, e é inteligente, e bonito, e legal, e traz balinha gostosa pra gente quando vai na rua, e é meu amiguinho.

Mais abraços e beijos.

– Tio, o papai viajou?

– Viajou sim, pacotinho.

– Eu amo o papai também! E a mamãe, e o Papai do Céu, e as borboletas, e os anjinhos, e o Hauster (cachorro), e a Clara (boneca), e todos os bichinhos da natureza, e o Senhor Sol, e a Dona Lua, e a Sâmia, que é minha irmãzinha que eu amo muito, e eu também amo a água da torneira e a que cai do céu quando está chovendo.

XLV Algumas considerações que prejudicam o ritmo do livro

Sei que os últimos capítulos foram um nojo para uma porcentagem confiável de leitores. E não apenas os últimos, mas outras partes por todo o livro. Crianças e coisinhas fofinhas. Palavras como "pequerrucha". Afetações. Repetições. Clichês. Eu também pensaria isso, há pouco tempo atrás. Dentro dos meus critérios de criação, estou fazendo arte de vanguarda – eu sempre quis fazer arte de vanguarda e um "eu" mais jovem recuaria ante muito do que tenho escrito e ainda pretendo escrever neste livro.

Mas eu não consigo mais levar as coisas tão a sério. Eu aprendo sobre a história da vanguarda na pintura com a sensação de estar tomando uma bebida maravilhosa; ao mesmo tempo, acho muito afetado que as pessoas empinem narizes pra falar bem ou mal de uma obra unicamente pelas relações estéticas. Arte de estúdio, sem experiência de vida e sem propostas de transformação ou novas interpretações. É superficial. Algo pra pendurar na parede: decoração. É uma fantasia que gente esnobe, ou ociosa, ou que vive acima de seus irmãos cria, como quebra-cabeças estéticos, para jogar confete em cima de si mesma. Dizem que é Arte.

Um francês ranzinza e comovente percebeu isso, já há muito tempo. Ele me ensinou. Apontou o dedo exatamente em cima da ferida: "...tanta arte, séculos das chamadas obras-primas pra nada! Roubalheira! Crimes!"

Se eu tentar escrever com uma fórmula estética avançada, fico obcecado. A literatura é uma deusa

cadela, como alguém já disse por aí. É preciso tomar cuidado. Se você chega perto demais do abismo, e não se segura em nada, ele suga você pra dentro. E então é vaidade, carência, roubalheira, crimes... Cair nessa "Arte" que é instrumento da tirânica ideologia dominante e que, como ela, eu sinto vontade de atacar.

Não acho que a Arte – ou pelo menos a arte que eu pretendo fazer – precise de mais sofisticação estética do que a que usamos diariamente. Todos comerciais e panfletos e roupas e carros e embalagens e penteados estão cheios de designs e formas sofisticadas. Você chuta uma árvore na rua e lá de cima caem pelo menos dois blogueiros que passaram a última tarde fazendo um pano de fundo atrativo pros seus textos capengas e invariavelmente aborrecidos. Estou empanzinado de estéticas pretensiosas e complexos discursos vazios. Eu quero ser sincero, porque disso eu sinto falta. Quero escrever como se estivesse falando, porque estou saturado de gente falando como se estivesse construindo catedrais em cada frase. A literatura é de fato minha catedral, mas eu quero ser padre – não arquiteto.

Além disso, eu percebo que quando estou me sentindo sugado, e as palavras ganham importância demais, preciso dar uma facada na página. Você pode não saber como é, mas eu não quero consumir minha essência numa fogueira de letrinhas. Pra quem não é alcoólatra, beber é muito divertido. Normalmente, inofensivo. Certas coisas a gente só descobre quando chega perto do buraco. Afasta de mim esse cálice... Parece que às vezes eu preciso queimar, com frases desgastadas, ou de mau gosto, estas mal traçadas linhas. Estas pálidas linhas.

C'est la vie... No silêncio sepulcral. Eclético. Frio e calculista. Correndo atrás do prejuízo. O que será, será. Último dia do resto de nossas vidas. Supimpa. Fazendo a alegria da garotada. Por aí vai...

É preciso colocar, de tantos em tantos metros, uma placa de lugar-comum, de mau gostou, ou de desleixo, que pra mim funcionam como um tapa na cara. "Acorde!" Talvez eu aprenda a me virar sem isso – a não me perder sem isso – mas, por enquanto, eu preciso fixar lembretes. Pontos de apoio. A superficialidade da forma deve surgir por si só, e não deve ser tirânica. Estou preocupado com estruturas mais profundas.

Quanto à questão das coisinhas bonitas, como justificar? Elas existem, porra. Elas são boas. Se as suas possíveis ressalvas têm bases "revolucionárias", conversaremos sobre isso no próximo capítulo.

XLVI As coisas mudaram

Paralela à galera esnobe, ociosa e antisséptica que limita Arte ao bonde das últimas modinhas estéticas, há essa galera "revolucionária" acreditando que a Arte deve, necessariamente, incomodar. Que ser artista é saber chocar. Apresentar sangue, incestos, aleijões, veneno, traição, loucura, humilhação, lobotomia etc... Uma cambada de moleques que, no discurso, querem "acordar as massas".

É o seguinte, guri – pau no seu cu. Você também está dormindo e vai sendo carregado pela mesma vaidade fantasiosa dos que tenta acordar. Pra mim, você está mais preocupado em chamar atenção. Em ser CHAMADO de artista.

Eu quero SER artista e pouco me interessa o que você pensa. Vou falar numa frase o que será longamente repetido em seguida: eu quero acordar – e se a descrição do meu despertar ajudar alguém, ótimo. Se não ajudar ninguém, foda-se. Se eu for sincero e honesto e humilde, o mundo já ficou melhor. Não vou desperdiçar minha vida fingindo que quero proporcionar aos outros uma iluminação que eu mesmo ainda não tenho, porque não é fazendo nada pelos outros que a gente melhora o mundo – a não ser indiretamente, quando fazer algo pelos outros é uma escada para melhorarmos a nós mesmos.

Em primeiro lugar, Arte não é um índice. Arte não é algo que você possa identificar por rótulos e tópicos – "Não há sofisticação estética, então não é Arte...", "Carece de angústia e inquietação, então não é Arte..." Nada disso.

Arte é azul. Você o vê no céu, numa camisa, ou em uma luzinha do seu videogame e sabe que é azul.

Arte significativa é feita para a apreciação de outros artistas – que a reconhecem e apreciam independente do discurso acadêmico. Pode-se criar obras de arte envolvendo conceitos acadêmicos e científicos, ou mesmo dependente deles – mas isso não é a Arte em si. É apenas a matéria-prima que o artista manipulou. Um acadêmico estudando piadas não é necessariamente uma pessoa com um bom senso de humor. Entender Arte é como entender uma piada. Você pode explicar, mas a explicação é muito diferente do riso. Um estudante de arte é tão artista quando um arqueólogo é dinossauro. Há artistas que estudam arte, mas as duas atividades são completamente diferentes. Se você tenta sujeitar a Arte às ferramentas de um pesquisador – e com elas isolar o que é significativo em uma obra de arte – você está na posição do cego discutindo a cor do leite.

Arte é azul; não é uma equação.

Além disso, há séculos grandes Homens vêm profetizando a queda na barbárie. A morte do espírito. O fim dos tempos. A falta de uma bomba definitiva, de quatro cavaleiros ou de uma chuva de meteoros não muda a situação. A questão é o método. É o caminho que estamos seguindo. Rios poluídos. Ar grávido de câncer. Guerras. Pobreza. Fome. Corrida industrial. Colapso social. Crise individual. E como alimento para os corpos subjetivos: besteirada, besteirada, besteirada... Vaidade, comércio e açúcar. Estamos indo de jato para o inferno. E há muita gente sugerindo que já estamos lá. Um grande cara escreveu outro dia, num livro sobre o futuro, que a profecia já se cumpriu e que "justamente por vivermos na barbárie não tememos o perigo dela como esses observadores avançados que a pressen-

tiam. O espírito morto não se levanta da tumba para empalidecer de novo ante o anúncio do seu sepultamento".

Entendo que a primeira reação, ao perceber o estado real das coisas sociais, seja a rebeldia. E rebeldia, pra mim, é essa vontade de convocar o mundo inteiro a uma guerra contra o que está errado. Esse impulso de gritar um grito que desperte todos pra luta. Eu também me sinto rebelde, mas sou pessimista.

Basta olhar pros lados. O tempo da gritaria já passou e nós perdemos. A Máquina evoluiu. Antes, ela era de ferro e se deformava com os ataques. Agora, ela é líquida – como o androide vilão no Exterminador do Futuro 2. Ela se transforma e se redefine em disfarces enganosos e improváveis. A Máquina, agora, engloba e se apropria de qualquer coisa atirada contra ela. Basta ligar sua televisão. Os programas mais caretas e conservadores, os mais dedicados à formação de donas de casa sossegadas e trabalhadores obedientes, estão cheios de "bandas radicais, que levam um som sinistro e enlouquecem a garotada", ou algo do tipo; qualquer coisa que os apresentadores digam. Um monte de gerente de McDonnald's usando roupa preta e cabelo comprido.

Não importa o que essas bandas estão gritando. Vivemos no império da hipocrisia. Onde uma puta velha vem te falar sobre os bons costumes. Onde o ladrão faz discursos sobre honestidade. Não faz diferença. As palavras de rebeldia e inovação que a televisão espalha não têm força transformadora. Porque, apesar de aparentarem renovação, apesar de falarem sobre isso – e de chegarem a cada dia numa nova embalagem – essas palavras diferentes

trazem, em si, idêntico produto: a mesma passividade e fórmulas repetidas. As histórias bem contadas e há muito assimiladas. O circo do "Pão e circo".

Qualquer playboy mimado tem uma camisa revolucionária. Os caras morreram lutando contra um mundo criado por gente como vocês e vocês usam camisas com o rosto deles! Filhos da puta. Juntam umas tantas cabeças pra segurar cartaz numa pracinha e dizem que O POVO ACORDOU!

É como ver uma criança abestalhada e geralmente apática se interessando por alguma coisa. E você acha bonitinho observar enquanto ela se empolga com filmes de karatê, ou brinca com um teclado. Mas você sabe que ela nunca será faixa preta, ou pianista. É uma criança abestalhada que temos, enquanto precisaríamos de um prodígio.

Alguém grita "Abaixo à vaidade capitalista!" e logo começam a vender camisas coloridas com a estampa: "Abaixo à vaidade capitalista!" A Máquina evoluiu. Não há mais choque. Nenhuma palavra pode deixar seus vizinhos de cabelo em pé ao ponto da transformação necessária. Nenhum gesto. É como jogar pedras na água. Algumas ondinhas e rapidamente tudo volta ao "normal". À ordem estabelecida.

Perspectiva histórica de duas semanas. Todo ano é o inverno mais frio, ou o verão mais quente... Cada puta ou veadinho famoso por dois meses é o "MAIOR DA HUMANIDADE!". Circo, hoje, é vaga-lume. Um brilho passageiro que chama atenção e desaparece. Vaga-lumes hipnóticos que roubam toda a atenção e que são prontamente esquecidos assim que outro vaga-lume aparece.

Não adianta mais lutar contra a Máquina. Não atirando coisas contra ela, pelo menos. Então deixo

essas preocupações específicas de lado. Tento cantar a vida, quando posso. Enquanto posso. Dando a volta no monstro. Paciência... Que ficar aqui falando mal de tudo não vai mudar é nada. Pelo menos é assim que eu penso. Eu sou pessimista. Socialmente, estamos no fim dos tempos. Ladeira abaixo. Aproveite enquanto pode. Porque o mundo dos homens é uma máquina colorida de triturar e as pessoas gostam disso. Eu não gosto. Vou morar no ar e, daqui, observo também coisas bonitas.

Estamos indo de jato para o inferno e todos estão sorrindo. Escondidos, é claro, nós choramos. Nós nos entediamos e bebemos desesperadamente. Fumamos desesperadamente. Fodemos desesperadamente. Fazemos regime desesperadamente. Tomamos qualquer comprimido que prometa melhorias e passamos o dia puxando ferros numa sala, enquanto temos preguiça de ir ao supermercado, ou de carregar uma caixa para nossas mães. Tudo com um enorme sorriso no rosto.

E o que é que você pode fazer? Atacar as pessoas?

XLVII Mudemos nós também

Ainda não desisti, é claro. Sempre existe algo pelo que lutar, nem que seja pelo direito de cantar o brilho do mundo sem ser criticado por almofadinhas de pele lisa metidos a revolucionários. Acredito na beleza individual do ser humano e na maravilha onipresente do universo. No inesperado. Todo dia, com alguma atenção, podemos ver flores nascendo no lixo, ou em volta dele. Algo bonito, justo, imprevisível, profundo, infinito, ou sincero. Algo que simplesmente não devia estar ali, de acordo com a ideologia dominante. Gosto de passar meu tempo colhendo flores, enquanto não encontro um caminho. Gosto de escrever sobre colher flores enquanto se busca um caminho. Eu poderia me rebelar contra um sistema, mas não contra as pessoas.

Lá pelos anos 60, quando parecia aos hippies que a injustiça vinha de um pequeno grupo depravado, eu lutaria também. Mas por que o pequeno grupo depravado continua se renovando? Por que, depois de aprender sobre outros tempos e outros lugares, descobrimos que um pequeno grupo depravado esteve quase que invariavelmente no comando das coisas sociais? Não é um sistema. Não é uma máquina. Somos nós.

Um cara que eu admiro muito, e que mudou a minha vida, escreveu um dia que todos queremos a paz e a liberdade, mas que são poucos aqueles que se contagiam com as ideias e comportamentos que promovem a paz e a liberdade. É exatamente isso. Pra ilustrar com um fenômeno análogo, eu queria ser bonito, mas não consigo me contagiar com as ideias e comportamentos que promoveriam em mim

um upgrade estético.

Esta parte do livro deve estar sendo um saco para uma porcentagem confiável e considerável de leitores. Ninguém tem paciência pra essas coisas. Queremos princesas, dragões, magos, caralhos, cus, facadas e mordomos em reviravoltas de palhaço espalhadas pelos quatro cantos das páginas, e chega! Um pouquinho de sorvete e montanha russa pra contrabalancear o chefe, os engarrafamentos e o pesadelo da casa própria. Vivemos numa sociedade falha. Predeterminados à governança depravada pelo próprio caráter do poder. O asno toca lira. Os bois dançam. Sempre. Dizemos que hoje as coisas estão piores porque no hoje conhecemos cada um à nossa volta. Dos antigos conhecemos algumas vozes em destaque, que nos levam a pensar que a voz de antigamente era diferente. Mas, no aqui-agora, as falhas sempre foram elevadas à altura das virtudes.

Sócrates foi morto, não há mais o que dizer. A ganância sempre foi coragem. A maldade sempre foi estranhamente bela. A vaidade continua nobre.

Lutar pelo todo não adianta mais. Não é que antes tivéssemos uma chance, mas é que depois de tantas derrotas há que se reconhecer o problema. Correr pra Lua e tropeçar em gravetos... Quem procura por gigantes entra em tretas com moinhos. Os revolucionários que compram armas (além das camisetas) passam correndo num rastro de sangue e, dez dias depois, continua tudo igual; mais cruzes nos cemitérios.

Os fins não justificam os meios. Vários caras já corrigiram isso. São os meios que determinam os fins. E, neste caso, o meio para mudar o todo – a caminho de um fim justo, sustentável e mais feliz

– é mudar, primeiro, as partes do todo. Eu não acredito que uma sociedade perfeita (ou mesmo razoável) vá surgir entre nós. Mas acredito no indivíduo. Numa revolução individual. Em se educar para uma vida mais bonita, onde não precisamos, todos, tentar subir e pisar sobre as cabeças dos outros. Perceber que a vida não é apenas essa imagem fútil e assassina desenhada pela máquina para nos explorar.

Eu sou pessimista. Acredito que atirar diretamente contra a Máquina não adianta mais. Essa máquina é feita de aço, fios, concreto, dados, munição, televisão e nossos braços e olhos e sonhos. Nossa carne. Nossa rotina. Nossos desejos. Ela só vai perecer ao nos exterminar. Atacar a Máquina é um exercício de futilidade, eficiente apenas para vender camisetas e discos ruins.

Mas até eu já estou achando essa conversa um saco. Vou ampliar a aplicação das minhas ideias e parar de atacar o tema diretamente. No próximo capítulo, apresentarei uma sugestão de rebeldia que me parece claramente explicável através da polêmica e conhecidíssima "Teoria do Bolo de Passas" – obra magistral do renomado poeta, filósofo e cozinheiro, Viktor Valoff.

XLVIII A polêmica e conhecidíssima "Teoria do Bolo de Passas" – obra magistral do renomado poeta, filósofo e cozinheiro, Viktor Valoff

Valoff foi um dos precursores da inusitada arte de escrever receitas culinárias filosóficas em forma de verso. Os estudiosos de sua vasta e enigmática obra discordam, com certa frequência, nas interpretações de alguns trechos. Mas a Teoria do Bolo de Passas é bastante clara (apesar da discussão acalorada de alguns acadêmicos acerca da quantidade de farinha sugerida pelo mestre – um exagero atribuído, por alguns, a uma referência velada à relatividade presente na Crítica da Razão Pura, de Kant, e explicada, por outros, como apenas mais um dos tantos deslizes provocados pela bebida, vício incontrolável no grande gênio).

"A farinha é o mundo!
A farinha... A farinha...
Despeje tudo para fazer a massa
Que a massa é o mundo
Massa-Mundo-Massa-Mundo..."

Ignorando a qualidade discutível dos versos, nos deparamos com a evidente relação que Valoff faz entre o bolo de passas e a humanidade. A massa é o meio, enquanto as passas somos nós: os Homens. Mas à frente, encontramos a parte de maior interesse para o nosso livro:

"Se o bolo é de pobre ou de rico?

Eu não sei!
Perspectivas...
Oh! Minha infindável ternura!
Há passas, é só o que se sabe
E muita-massa-muita-passa-massa-passa
MASSA!
Passas sem sal
Si si
Saci!
Passas mal distribuídas
Ai, as passas estragadas...
Tantas passas estragadas...

E o bolo foi servido a todos
que ODIARAM!
AAAAAAAHHHHHHH!!!!!!!

apenas uma criança
nos devaneios de seus anseios tolos
floração efervescente de anjo pequenino...
como um raio de sol
ou arco-íris
pegou um pedaço
humilde
com uma única
passa
e
na massa
essa única passa
não
estava
estragada...

a festa acabou
e nunca

se
poderá
dizer
que
o
bolo
estava
de
todo
ruim...”

Logo após rompermos a barreira cega do preconceito, relermos o poema algumas vezes e unirmos nossa voz à unanimidade dos críticos – na afirmação de que o mestre deveria ter optado pela humildade da prosa discursiva – estaremos em condições de compreender a beleza sublime desse poema.

XLIX A beleza do poema no capítulo anterior

O bolo estava uma merda. Cheio de passas estragadas. Mas a farinha era boa e o pedaço com uma única passa sadia estava uma delícia! Ah! Como eu acho idiota cada uma dessas exclamações! Reticências... Mas creio já ter me explicado lá pra trás. Bola pra frente.

Voltando ao poema, o mundo é um bolo de passas estragadas; não adianta mudar a receita. Colocar os ovos ou o leite antes ou depois não vai fazer diferença. Você pode tentar mudar as pessoas, na medida da sua competência e das suas oportunidades, mas o primeiro passo fundamental na construção de um mundo melhor é tentar deixar de ser – você mesmo – uma passa estragada.

Pessoas usam drogas para ver o que acontece. Tente não mentir, para ver o que te acontece. Não precisa ser uma revelação do tipo epifania... Apenas tente, porra. Por curiosidade. Por rebeldia. Tente não explorar. Não abusar da confiança ou da boa-vontade alheia. Ao invés de atirar bombas, exercite seu bom-humor no meio da crise. No lugar de armas, ou roupas, compre alguns livros. Que sua ganância seja a modéstia. Experimente a vaidade de ser mais prestativo, ou carinhoso. E esqueça a fome na Etiópia; trate seus pais com mais justiça.

Se você ainda não está sendo impiedosamente mastigado pelos dentes da Máquina, é provável que grande parte das suas tristezas tenha soluções simples. Difíceis, mas simples. Siga os conselhos dos mestres. Qualquer um que diz um inesperado ver-

dadeiro é mestre. Aceite o que eles oferecem e mostram. Use como se fosse seu. Aprenda a pensar difícil, pois nem o mistério nem a evidência são fáceis. Não se renda à chantagem da estupidez alheia. Faça o que for certo. Não faça o que não deveria ser feito. Tudo na medida da sua competência e das suas oportunidades. Até onde permitirem as suas falhas. Ninguém tem a obrigação de conseguir, eu acho. Mas todos deveriam tentar.

Dizem que uma imagem fala mais do que mil palavras, então vou logo escrever mais um capítulo.

L O outro dia

Minha mãe também adora buscar as meninas depois das aulas, mas ela está sempre muito ocupada. De forma que, no dia seguinte, lá fui eu de novo.

Na porta da escolinha, alguém esperava o filho com a porta do carro aberta; o som ligado no talo. Lara chegou primeiro, dançando. Rebolando, balançando a cabeça e mexendo os braços com seu swing admirável – mistura de coisas que ela observa por aí e outros passos que ela mesma inventa. Já Sâmia veio muito estranha. Os braços retos, cabeça pra baixo.

Ao contrário do que eu imaginara, ela não estava com a cara pintada de coelhinha – como a da irmã, na véspera. Comecei a rastrear o problema a partir desse ponto. Depois de alguns passos, ela falou, hesitante, tentando uma alegria que não estava lá:

– Hoje a tia me deu isso...

E abriu uma das mãos, revelando um pedaço de giz. Mas aquilo não parecia proporcionar a satisfação que ela esperava. Alguma coisa estava errada. Eu tive um mau pressentimento.

– Sâmia, fala a verdade pro tio, tá? Você pediu à tia pra pegar esse giz?

Quase chorando, ela assumiu que tinha apanhado o giz sem pedir. Então me perguntou se tinha que devolver. Ela sabia que aquilo estava errado. Certamente que ela já tivera oportunidade de observar inúmeros casos e histórias de afanamentos trapicolas. Mas agora, que tinha realizado um, não se sentia bem. Ela sabia que não estava certo. Crianças não têm ainda essa certeza burra de esta-

rem sempre certas. Se você se mostrar respeitável, elas te respeitam. Você nem tem que convencer ninguém de nada. Eu, pelo menos, quando sinto que estou envolvido num ponto crucial da educação de alguma criança, tento pensar com absoluta sinceridade (sem moralismo) na melhor atitude e depois tento explicar isso pra elas.

– Eu vou te esperar aqui, Sâmia. Você precisa voltar lá e falar com a tia que pegou o giz. A primeira coisa que você tem que fazer é explicar pra tia, porque ela é sua professora e pode te ensinar a ser uma menina melhor. Depois peça desculpas, e diga que você gosta muito de brincar com isso. Então pergunte se pode ficar com ele. Se a tia deixar, você pode voltar com o giz. Mas não pode pegar sem pedir. Você sabe, não sabe?

Ela concordou e foi andando de volta pra dentro do colégio. Acabrunhada, ainda que decidida. Saiu poucos minutos depois, correndo. Um sorriso enorme, que só ela sabe ter. Os braços abertos pra mim.

– A TIA ME DEU O GIZ! A TIA ME DEU O GIZ!

Lara começou a pular junto com ela. E foram as duas na minha frente. Correndo. Cantando. Parando ocasionalmente pra desenhar flores e borboletas na calçada.

LI Em terra de banguela...

Não dá pra mudar o mundo inteiro, e isso também é um clichê. Mas, às vezes, é fácil fazer uma pequena parte melhor. Com voz de retardado: "Nossa pequena contribuição na construção de um mundo melhor..." Um mundo com menos dor.

Pode me chamar de idiota, eu não ligo. Dizer que eu sou daqueles caras que pensam coisas bonitas, sem levar em conta a REALIDADE.

Essa REALIDADE à qual vocês se referem é só uma construção social baseada numa necessidade de sobrevivência que hoje em dia – pra minoria que pode se ocupar com livros, Internet e obras de arte – não faz sentido. Você não precisa dominar e subjugar pra sobreviver. Você é apenas um obcecado carente que chama sua própria ideologia controladora de REALIDADE. Uma desculpa pra ser mesquinho e corrupto e medroso.

Todo mundo sabe o nome das noivas de jogadores de futebol, mas ainda não aprenderam que ser um bosta só parece vantagem porque encontramos mais porcos do que gente limpa. Isso não passa na televisão. Uns gregos debulharam esses pensamentos há milhares de anos e continuam imprimindo os caras até hoje, mas as pessoas preferem telenovelas. E continuam fedendo. Orgulhosas disso. Até encontrarem uma pessoa asseada. Então uns poucos sentem vergonha. A maioria sente raiva. Desprezo. Afinal de contas, cada um de nós é um glorioso deus, que deve ser servido, respeitado e satisfeito em cada mínimo detalhe. Cada um pensa diferente, e todos estão certos. Cada um fede da sua própria merda e estão todos sujos à sua maneira particular. E que

não destaquem diferenças além dessa!

Ler os gregos pra quê? Pra descobrir de um velho bicha que sua vida está errada? Pra compreender que comprar mais roupas e passar mais tempo na academia não são segredos para uma vida perfeita? Porra, muito trabalho... Muita decepção.

Em terra de banguela, quem tem dente é ridículo.

Eu sou um idiota tranquilo. Não tenho medo de cara feia. Estou acostumado com o espelho e venho justamente tentado explicar, nos últimos capítulos, essa coisa que eu sinto de que é melhor não depender ou esperar tanto do que as outras pessoas recompensam ou acreditam meritório.

Porque à minha volta há um tanto de gente que se acha ou gênio, ou lindo, ou magnata, sem que isso pareça suficiente. Eu não sou bonito, ganho uma miséria e quando sento pra escrever um livro, sai isto... Ainda assim, tudo me parece bonito. Até essa dor que sinto agora – que me faz pensar nessas coisas, escrever essas coisas – eu acho que essa dor é um privilégio. Essa dor que venho sentindo desde a primeira vez que sentei para lembrar de Alice. É uma dor limpa.

O mundo vai de jato para o inferno e eu também vou, mas vou sorrindo. Não vou partir com o coração vazio. Ele vai cheio de cortes e farpas e pontas de facas mal resolvidas. Mas ele vai assim porque eu aceitei amar alguém. E não existe mais nada que eu escolheria ter feito. Essa dor é uma honra. É preciso ser digno dela.

Eu queria dizer mais coisas sobre isso. Eu poderia escrever um livro inteiro sobre isso, mas seria um livro muito chato. Chega. Este é um texto de

lamento, mas não estarei me lamentando por muito tempo.

LII Quer namorar comigo?

– Alice, eu sei que isso é meio precipitado, mas eu pensei muito nesses últimos dias. Então decidi... Bem... Eu decidi tomar uma decisão, huaeuhae. Eu queria namorar com você. Não apenas ficar, como temos feito. Estou pedindo sua unha em namoro. Talvez depois o dedo em noivado, e a mão em casamento. Mas isso é só pra completar uma piada infame. Não sou tão precipitado assim. Estou pedindo só a unha.

Numa reação interessantíssima de expressões – entre o riso e a tragédia – ela abriu a boca pra falar, mas fechou-a de novo em pensamentos. Fez um novo esforço e começou a me responder, com palavras hesitantes:

– Eu não sei... Eu não sei mesmo se quero me comprometer agora. Você sabe... Todo aquele rolo com minha ex-namorada... Eu não sei se quero me comprometer de novo com alguém, por um tempo... Eu gosto de você, de verdade. Eu queria dizer que sim, mas eu não sei... Acho que é mesmo muito precipitado.

– Tudo bem, fofinha. Eu não faço questão de um namoro. Acho que entendo um pouco como você se sente. Se eu tivesse parado pra pensar na sua resposta, antes de perguntar, é provável que eu imaginasse algo bem próximo do que você disse. Mas foi bom ter te falado isso, de qualquer jeito, pra você também entender o que eu sinto. Por você. Eu também gosto de você e, se você me der a chance, se ainda tiver vontade, um dia, eu gostaria de me dedicar a você.

– Agora eu vou ler aquele negócio!

Ela saiu do meu abraço e pulou em cima da cama. Tirou a mochila das costas e começou a revirar lá dentro. Desde que colocara os pés na minha casa, alguns minutos atrás, estava repetindo que queria ler alguma coisa pra mim. Eu sorri. O que mais eu poderia fazer, olhando aquela ventania de beleza, aquele sopro de vida, com o uniforme do colégio, sentada em cima da minha cama?

LIII A leitura

Não demorou muito para que Alice encontrasse o que procurava dentro da mochila. Cruzou as pernas e colocou o livro sobre elas. Eu pedi que ela chegasse um pouco pra frente. Disse que só ouviria se ela me deixasse abraçar suas costas. Ela riu.

– Não sei o que é isso que você viu nas minhas costas...

– Alice é um país de maravilhas, eu respondi, me aproximando da cama.

Ela tinha ombros finos e angulares de mulher decidida. Cintura de sereia. Ancas de violão. Costas de amazona numa menina-mulher. Abri as pernas e me encaixei, sentado, atrás dela – que começou a ler.

Eu já nem me lembro sobre o que era o texto. Desculpem. Não vou inventar. Desculpe, Alice. Eu não lembro. Fiquei olhando praquele pescoço, tão tentador quanto qualquer vício pode ser. Olhei demoradamente. Técnicas de frouxo. Olhei demoradamente, tentando descobrir se pra mim era só um vício. Não era apenas mais um pescoço. Mais um cigarro. Mais um copo. Mais um... Mais um... Sendo um gordo feio, punheteiro fracassado, frouxo e outras coisitas mais, a vida tinha me protegido de acumular vícios no amor. E nessa parte, agora que eu tinha oportunidade, queria fazer tudo direito.

Aquele era o pescoço que eu queria beijar, então eu beijei. A leitura ficou desnivelada, a partir desse ponto. Minhas mãos passearam e minha língua provou, com cuidado, tímidos anjos adormecidos disfarçados de pintas.

LIV Desculpa...

Um suspiro interrompeu a linha no meio e ela deixou a cabeça cair de lado. Aumentei a intensidade dos beijos, sem pensar mais no que estava fazendo. Ela jogou os braços por trás da cabeça e enfiou os dedos nos meus cabelos. Cafuné. Uma das minhas mãos arrastou-se sozinha até o seu ombro, e a outra segurou sua cintura, puxando o corpo de Alice pra mim.

Quando tirei o livro do meio de suas pernas e puxei o pano da saia, encontrei uma nova mancha úmida – resultado dos meus carinhos – agora numa calcinha cor-de-rosa.

– Eu preciso sair, ela falou, se levantando.

– Mas como assim? Você acabou de chegar!

– É que minha ex mora aqui, no mesmo bairro que você. Combinei de resolver os últimos acertos com ela.

– ...

– É rapidinho. Só tempo de trocar umas palavras, pegar minhas coisas e estou aqui outra vez.

Mas parece que garotas com a calcinha molhada, que não querem compromisso e saem para encontrar ex-namoradas não voltam rapidinho. Alice, pelo menos, demorou.

E eu, grande novidade, me sentindo um idiota. Eu queria namorar com ela. Alice já era importante pra mim e eu não significava nada pra ela. Veio à minha casa só pra camuflar – na relação com sua mãe – uma visita à ex namorada.

Voltou com cara de assustada. Falando muito. Talvez imaginando que eu cobraria ou sondaria qualquer coisa. Mas eu já não queria mais nada. Eu não

queria mais namorar com ela. Poucas horas esperando foram o suficiente. Eu não queria mais sofrer daquele jeito. Eu já sofri bastante. Você acha que chegou no fundo do poço e alguém vem pra te mostrar que o poço, aparentemente, não tem fundo. Eu só queria que ela ficasse o tempo necessário pra sentir que tinha dado tudo certo e que em seguida fosse embora de novo.

Depois, queria encontrar outra garota – uma que gostasse de mim – para que pudesse voltar ao plano de mergulhar no amor indiferente à decadência humana.

– Minha mãe não pode nem sonhar que eu encontrei a Juliana! Se ela perguntar, fala que eu passei a tarde toda aqui, tá?

– Claro, Alice...

Eu não gosto de mentir – muito menos pelos outros. Não costumo aceitar esse tipo de acordo. Mas eu nem pretendia conversar mais nada com a mãe de Alice, então foda-se.

– Ei, por que você está triste?

– É só impressão sua.

– Eu esperava que você fosse falar as coisas abertamente comigo...

– Eu achei que você vinha por mim, Alice. Eu queria namorar você. Eu fui idiota. Deixa pra lá...

Houve silêncio. Ela abaixou a cabeça. Estávamos, ambos, sentados na janela do meu quarto. Era uma janela grande, com uma bela vista. Isso era bom, quando você não tinha coragem, como ela, ou vontade, como eu, de olhar diretamente para quem estava do seu lado. Eu esperava que ela se levantasse, mesmo que sem jeito, e se desculpasse friamente até a porta da rua. Mas ela continuou sentada. Ainda

com a cabeça baixa. Eu olhava as árvores. Demorou um bom tempo até que ela falasse outra vez, e só então eu percebi que ela estava chorando:

– Eu gosto de você... Desculpa... Eu gosto de você... Eu...

Então ela me abraçou com força e repetiu, soluçando:

– Desculpa... Por favor...

Aquilo foi como água quente num dia frio. Foi como veludo. Eu a abracei de volta e ficamos assim enquanto o Sol se punha.

LV Morte

Ontem quase não dormi. Fiquei de olhos abertos no escuro, ouvindo raros passos ou vozes distantes vindos lá de fora; pensando, basicamente, na segunda vez em que eu e Alice terminamos o namoro. Sei que uma história bem contada não passaria da primeira proposta para o segundo rompimento – mas é assim que minha memória funciona, misturando o agora com tudo que já passou.

Pretendo escrever sobre a primeira vez que terminamos o namoro. Quando chegarmos ao final do livro, espero ter surfado com a leitora ao longo de toda a onda. Mas linearidade não me interessa e o primeiro fim é algo que posso deixar pra depois. Não é o que me ocupa agora e, ao invés de copiar a fórmula de um livro bem contado, estou tentando um registro honesto e poético (com todas as licenças cabíveis) de um fluxo que tem me atravessado. O que nos levou a terminar o namoro pela primeira vez foi algo bem diferente dos términos seguintes. São as consequências e condições da segunda vez que têm atravessado minha insônia recente.

Às vezes duas pessoas que se amam têm temperamentos tão incompatíveis que o amor não vale a pena. Antes de Linda eu tinha dúvidas sobre a existência do amor – daquele amor que inspira bons poetas e que eu só podia imaginar, uma vez que nunca o experimentara e sequer podia encontrá-lo exposto à minha volta. Quando conheci Linda, estava convencido de que ela era a pessoa certa (a única pessoa certa) para que eu vivesse esse amor. Mais tarde, ao perdê-la, ficava atormentado com a possibilidade de nunca amar novamente.

Anos depois, quando decidi terminar com Alice pela segunda vez, eu já sabia que: a) o amor não é um poder encantado que conserta todo o resto da vida ao chegar; e b) que eu poderia construir esse amor com um número promissor de mulheres. Amor não é encaixe único num vasto e complicado quebra-cabeça; é como uma vela acesa que acende outra vela. Fire walks with me.

"O fogo anda comigo", em inglês, é citação indisfarçável de uma unidade cultural alheia. Uma clássica série de tv. Prevejo o fim desse tipo de recurso literário. As unidades culturais, atualmente, são substituídas muito rapidamente.

Que tipo de veadinho, por exemplo, citaria Virgílio? Outro dia, estava conversando com uma menina e ela não sabia quem era o James Bond, ou o Conan. Então, dias depois, estou conversando com outra guria, um pouco mais velha, e digo: "...blá, blá, blá, ela não sabia quem era o James Bond, nem o Conan... Bond... James Bond... Conan... CO-NAN..." Tive que ficar repetindo e mesmo assim não houve sucesso. Eu é que sou esquisito, porque conheço essas coisas.

Se é verdade que o sample começou na poesia, parece que samplear pra material literário – na era da informação digital – se transformou numa marcha modista e incrivelmente transitória de unidades culturais que, perdidas com tanta facilidade na linha do tempo, não podem resultar em mais que perda de tempo. Oportunidade pra algum editor nerd sem-vida enlamear seu livro com uma torrente pela-saco de notapés. Você, pra quem escrevo isto (e mesmo ENQUANTO ESCREVO ISTO) provavelmente não sabe quem é James Bond, Conan, ou mesmo quem

sou eu.

De qualquer forma, o amor... Tudo que eu preciso são de alguns pré-requisitos. Eu tenho isqueiros, lança-chamas, brasas, fósforos e lupas. Tiro faísca de pedra e faço fumaça com gravetos. Ali estava Alice e a gente se amava, mas o resto do mundo continuava ondulando tudojuntoaomesmotempoagora. As pedras continuam caindo e objetos ainda colidem. Alice é energética e agitada; ansiosa e explosiva. Eu sou moroso e contemplativo; paciente e meditativo. Ela estava sempre querendo correr na frente, ou brigar. Alice parece buscar um daqueles romances com tapas na cara e sexo de reconciliação. Eu floresço em abraços e me incomodam os conflitos.

Além disso, tinha o lado sexual. A gente se amava, mas foi ficando claro que o homossexualismo de Alice não era apenas modinha; um sinal dos tempos. A tensão sexual e a volúpia de ninfeta que ela sentia não eram compatíveis com a satisfação que ela alcançava. Ela queria me dar, mas o resultado não era o esperado e às vezes, passada a empolgação da novidade que o sexo representava pra ela, Alice nem queria me dar. Percebo hoje que eu também era inexperiente demais para resolver o problema de forma técnica. Ela era deliciosa e atraente, eu me satisfazia plenamente no sentido físico e estético. Faltou atenção e quando a coisa deteriorou eu já estava cansado demais e desesperançado demais com nosso namoro pra tentar alguma coisa. Na época em que terminamos pela segunda vez, eram poucas as vezes em que ela se entregava e realmente DAVA pra mim. Às vezes eu me sentia fodendo um corpo que não me DAVA, mas apenas me PERMITIA. Então ficou insatisfatório pra mim também.

Nosso amor foi lindo e útil mas, devido à nossa incompatibilidade de temperamentos e incapacidade de resolver conflitos, não valia a pena mantê-lo por mais tempo.

Então terminamos. Foi de mútuo acordo e cada um foi para o seu lado – tristes, mas decididos.

Aqueles dias foram esclarecedores para mim. Você acha que está sob controle – que pode prever o rumo razoável dos fatos – e contempla o futuro (ou qualquer quadro irreal que você imagina ser o futuro) com confiança. Acredita se conhecer. De repente, você nem mesmo se reconhece. Descobre que o "eu" estrelando o filme da sua imaginação – aquele com quem você se identificava e que aprendeu a descrever e considerar como a si mesmo – já está morto.

Você morreu. É uma descoberta incrível. Chocante. Desconcertante. Ainda assim, acredito que seja uma descoberta inevitável se você viver o suficiente e estiver atento. Posso enumerar, com segurança, pelo menos cinco mortes durante a minha vida.

A primeira morte foi a de uma vida que só conheço de histórias e fotografias. Um bebê que sentia e fazia coisas que não alcanço na memória consciente. Eu fui aquilo e sequer me lembro. Percebo, pensando retrospectivamente, que só descobri essa morte ao tomar consciência das outras – mas, naturalmente, ela foi a primeira.

O primeiro eu que deixou lembranças se afogou na enchente lá atrás, no capítulo da água. Foi levado com a chuva. Aquele porra-louca inconsequente e desatento para quem o mundo era apenas a alternância entre brincadeiras, obrigações e a restante

sucessão irritante de fatos ou objetos sem importância. A minha primeira musa brilhou tão forte que lavou o barro dos meus olhos. Raspou a tinta com que me pintaram os sentidos (porra, eu também sou músico; gosto demais de samplear e acho que não dá pra parar agora). Obrigado a repensar o mundo, eu nunca mais fui o mesmo.

Então eu pude, finalmente, me interessar pelas pessoas e pelo mundo. Logo da primeira vez que conheci uma atração real, que ia além de uma beleza qualquer somada à minha imaginação distante, tive que ser queimado para compreender que eu poderia gostar de alguém, mas que essa pessoa não teria motivos pra gostar de mim, considerando a parca herança que o porra-louca tinha deixado. Eu não tinha nada que pudesse me salvar do incêndio – nada que merecia ser conservado – então adotei o plano da Fênix e deixei que tudo se queimasse numa nova morte.

Minhas cinzas fecundaram o solo onde outra ela plantou semente. Ela me cultivou. Teve atenções comigo. Tentou me estimular, como se eu não fosse apenas um monte de merda. Alguma coisa quebrou; uma casca. Da rachadura nasceu um broto. Eu era uma nova vida.

E esse novo eu pulou do berço utopizando projetos faraônicos. Mil planos e pequenos arquitetos dentro da cabeça, tentando construir uma pirâmide de amor aparentemente impossível; tudo em vão. A pirâmide caiu do céu, em cima da minha cabeça. Se eu quase não tive méritos, o resultado foi o mesmo. Eu voava com os anjos. O amor existe e eu estive lá. Então o amor se foi. Do meu sonho alado acordei com os pés no chão, só que de cabeça pra baixo.

Soterrado. Ombros doloridos e ainda saudosos das asas arrancadas. Nada pode doer como aquilo. Aquilo passou e acabou-se o medo. Os zen budistas têm razão quando falam de uma lâmina que mata numa espada que dá a vida. Observando o céu, além das folhas de um coqueiro, experimentei uma grande morte.

Mas a nova vida não veio imediatamente. Naquela época, a vontade também acabou. Eu estava sempre sozinho, mesmo com todo mundo. Era confortável estar enterrado e dentro da terra eu de fato me sentia morto. Eu não era um zumbi, estava simplesmente morto para o mundo. Então a terra foi lentamente me cuspindo pra fora e, quando o processo chegava ao fim, conheci Alice. Depois do nosso segundo rompimento, me descobri zumbi.

LVI Um zumbi

As pessoas morrem. Eu mesmo estou morrendo; agora. Sei que estou morrendo. Este fluxo que tem me atravessado vai passar completamente e, como a cachoeira que mantém sua forma externa enquanto é sempre uma nova cachoeira, em alguns meses ou anos eu serei uma cachoeira completamente diferente. Sei ainda que não posso prever o novo eu que virá – ou se vou me deitar hoje à noite pra nunca mais acordar – por isso comecei a escrever este livro. Eu tive uma vida linda com Alice; estou morrendo e sinto quase que uma obrigação de cantar o que vivi.

Assim como trocamos todas as células do nosso corpo, de tempos em tempos, tudo mais que faz parte de nós também morre e se renova. Ainda que possamos nos reconhecer pelas ruas e nas fotografias – como podemos reconhecer qualquer cachoeira – tudo é novo e nasce do nada a cada instante. Eu busco formas na memória e descubro que aquilo que eu fui um dia não existe mais. Não entendo as pessoas com esse medo da morte. Muito mais espantoso do que ir dormir e nunca mais acordar, pra mim, é acordar outra pessoa e continuar vivendo.

Então eu e Alice. Cada um pro seu lado. Tristes, mas decididos. Eu de olho num futuro imaginário que parecia ser o meu caminho. Tudo estava certo e decidido, até que resolvi percorrer aquele caminho... Mas o que aconteceu com minhas pernas? Quem é esse que caminha?

Com dois dias, não adiantava negar. Aquele "eu" que eu procurava no espelho não existia mais. O que senti foi evidência concreta. Eu tinha morrido e não

sabia. Nem percebi.

Aquele eu confiante e determinado, onde estava? Aquele que já planejava novos amores e que racionalmente decidia cada passo – ele não existia mais. A fachada permanecia bem cuidada, mas o interior tinha apodrecido. Eu me transformara num bundão. Um bostinha carente e sentimental. Eu chorei. Daqueles choros patéticos com baba nos cantos da boca, meleca escorrendo do nariz e tudo mais.

Tentava argumentar internamente. Eu repetia mil vezes todo o raciocínio que nos levara a terminar. Não havia rachaduras. Acabou e é melhor que tenha acabado. Vá caminhar, ou ler um livro. O peito infla, orgulhoso. DECIDIDO! E, no instante seguinte, quer telefonar chorando pra dizer: "Volta pra mim..."

As palavras escorriam como o óleo que brilha colorido nas estradas sobre a primeira camada de chuva, em seguida desaparecendo ao longo das canaletas.

Ainda tentei lutar, durante algum tempo – como se ainda fosse guerreiro. Escrevi algo para Alice. Eu não podia ligar pra ela. Ainda não. Então postei no meu fotolog. Eu sabia que ela passaria por lá. Sem contato direto, mas com a certeza do delivery. Porra, acho que escrevi aquilo PRA MIM. Não foi para Alice. Eu tentava pintar o zumbi que tinha me tornado com as cores de um antigo eu, como os caras que preparam defuntos pros velórios. Acho que o sentimento me ocupava de fato, enquanto escrevia, mas a fachada não ficou de pé por muito tempo.

Se procurar por aqui, talvez ainda encontre esse post. Basta procurar um pouquinho...

LVII Um post (inútil) pra terminar um namoro (ou para mantê-lo terminado) (ou para me convencer de que devia terminar)

sempre me senti um cara durão
mas
pra que ficar me exibindo?

gasto meu tempo aprendendo a ser doce
que é muito mais difícil

mas aprender é uma coisa
ficar preso
é outra

não sei como aconteceu
procurando doces
de repente
viramos
pamonhas

cada coisa
uma hora
proponho
sejamos
ambos
durões

sei que vai ser difícil
eu sei
admirar você me deixa
de pau duro

e de coração mole
seria mais fácil
se você fosse homem
(nunca senti vontade de beijar o Aldous Huxley)

infelizmente
descobrimos
que |macho| e |fêmea| não é a única compatibilidade
relevante

decidi parar de pensar em você
definitivamente
num certo sentido
apesar do pau duro
apesar dos ouvidos sempre atentos
que pretendo manter
enquanto você fala

deveriam haver mais órgãos significativos
talvez seja algo com meu apêndice
talvez ele seja liso
e o seu
estriado
é esquisito
mas inegável
você tem razão
parece que não é o caso
de esperar alguma coisa mudar

alguma coisa precisa quebrar
agora
mas
é difícil

eu sei
com meu pau duro
meu coração
mole
eu?
eu costumava me sentir
durão
estou me sentindo
roubado
não era pra eu virar
pamonha

vou tomar um gole do cipó cravo que você me deu
e roubar minha dureza de volta
vou buscar
bem lá
no fundo
na boca
do estômago
pulsando quente
nos meus
colhões

você

eu poderia dançar com você
agora
gosto de te imaginar chegando
durona
e
ainda assim
suave
com braços de cristal

e seu vestido se movendo
como um assassino

também qualquer detalhe
vermelho sangue
talvez um brinco
as unhas
ou
quem sabe
um batom

seus olhos de borboleta
querendo voar
e ainda assim
durona

você passa potente
e confiante
as outras mulheres
murcham
esvaziadas
pela sua força
suas pernas de riacho
peitos de pedra
e um bucetão de aço

eu dançaria contigo, baby
hoje e qualquer dia
em que eu possa
ser
durão

não sei se é possível
isso tudo

que eu imagino
não costumo ver as pessoas fazendo
mas elas
também
não costumam fazer nada
além de nascer
e morrer

mas se você fizer comigo
então posso acreditar
não seriam apenas palavras
repetidas inutilmente
talvez
realmente
endurecer
sem perder
a ternura

que tal dançar esta noite comigo, baby
beibe,
beibe...
sem paranoias
sem medos
sem restrições
apenas dois corpos que se gostam
mas não se podem
como amigos
como diamantes
como tiranossauros rex
te amo
te amo
mas não te posso
como uma montanha
e vinte litros de cachaça

como suicídio

basta você vir sorrindo
durona
e me dar as mãos
então
não temerei mal algum
porque tu estás comigo
e coisa e tal
e tal
e tal...

LVIII Então...

Aquilo foi o último esforço do que me restava de bom-senso. Quer dizer, só me restava bom-senso; inútil, sem carne e sangue para lutar por ele. A coisa estava absolutamente clara – eu e Alice nunca seríamos um casal emocionalmente equilibrado e sustentável. Era hora de partir. Quebrar. Mas eu não tinha forças. Ela também não tinha mas, porra, ela mal fizera dezesseis. Eu era o responsável – ou assim me parecia.

Ironicamente, Alice despertava meu modo guerreiro e me enchia de disposição. Meu contato direto com a vida e a habilidade de agir na hora, sem pensar. "Saia da merda desse quarto e desses livros e discos e filmes e da sua vidinha reclusa e vamos dançar pelados na chuva, seu cuzão." A sua própria influência me ajudava no ímpeto necessário para terminar o namoro. A falta dela me levava à fraqueza de voltar. Fizemos o ciclo várias vezes. Então eu disse: "Um dia eu vou embora, Alice. Eu amo você, mas não dá certo. Um dia eu vou embora. Mas, até lá, eu quero você do meu lado. Eu quero você, e não existe mais nada que eu queira tanto."

Considerando experiências passadas, imaginei que ela fosse pisar na minha cabeça baixa. Sabe? Ela sentia essa necessidade incontrolável de competir comigo e quando se achava por cima costumava me pisar de lá. Qualquer vontade minha que dependesse dela geralmente se transformava numa negociação ou em uma cenoura pendurada numa corda atrás da qual ela tentava me fazer pular. Esse era um dos motivos que me levavam a terminar, mas enquanto dizia aquilo eu estava tão consciente

do nosso amor que nem me incomodaria. Estava pronto pra (cumprida a missão de dizer o que precisava ser dito) virar pro outro lado e dormir. Eu estava pronto praquilo. Mas não foi o que aconteceu. Ela se curvou comigo e disse que me queria também. Que não dava certo, mas que ela me queria também. E nos deitamos, abraçados, e fomos felizes por um dia inteiro.

Mas eu não posso continuar daqui. Pulei muita coisa e já disse tudo que me queimava os dedos por enquanto. Melhor voltar um pouco. Não sei muito bem para qual parte exatamente. Acho que entramos numa pausa. Melhor aproveitá-la para cumprir alguns compromissos. Coisas que preciso explicar. Vou tentar juntar tudo em uma coisa só: algumas palavras sobre sinceridade. Sobre pular da frente pra trás e de trás pra frente. Tudo faz parte do mesmo método. Não tenho muita confiança na minha competência para explicar coisas tão complicadas – que a gente conhece mais como conhece o calor do fogo do que como conhece nomes de capitais, mas vou tentar. É, ao mesmo tempo, o mínimo e o máximo que eu posso fazer.

Acho que um bom começo é falar de pintura.

LIX Um pouco sobre a arte da pintura

Como sumarizar, em uma ou duas laudas, a história da sinceridade na arte ocidental? Começando pelos egípcios, naturalmente.

E os egípcios não estavam interessados em pinturas realistas. A eles bastava representar os objetos a partir do seu ponto de vista privilegiado – de forma que fosse mais fácil reconhecer os objetos representados. Então um corpo humano, por exemplo, tinhas os pés e o rosto de perfil, enquanto o peito era pintado de frente. Tente você, ficar com os pés e olhos voltados pra frente, enquanto seu peito está completamente virado para o lado... Ninguém fica realmente numa posição daquelas, mas tanto faz. Ali estavam os pés, o peito e a cabeça; tudo fácil de reconhecer e formando um signo visual muito claro e evidente de um humanoide. E não fazia diferença se um boi fosse pintado do mesmo tamanho que um passarinho. Ali estavam um boi e um passarinho. As pessoas eram pintadas umas maiores do que as outras, não de acordo com o seu tamanho real, mas seguindo sua ordem de importância simbólica.

Então os caras resolveram ser mais realistas. Não os egípcios. Os outros caras. Enfiaram o dedo nas dimensões, sombras, perspectiva, essas coisas... Era uma tentativa (limitada, como ficaria evidente em seguida) de pintar as coisas como elas realmente eram.

Será importante, mais tarde, que eu tenha falado agora sobre ilusões de ótica. É algo que a gente não sente mais, observando quadros, porque somos da geração 3D. Para um observador das antigas, que só conhecia figuras planas, a perspectiva criava

uma sensação de ilusão de ótica. O cara olhava para um quarto que fora pintado obedecendo ao método da perspectiva e tinha a ilusão de ver um buraco na parede.

Mas mesmo com uma perspectiva perfeita, faltava alguma coisa para que as figuras se tornassem naturais. Como nas atuais animações feitas por computador, a matemática era perfeita, mas o resultado era meio artificial. Mesmo as obras dos grandes mestres não conseguiam retratar o homem e as coisas como algo além de estátuas congeladas numa tela. Da Vinci, com seu "sfumato", deu o primeiro passo na história da confusão do meu livro. Ele percebeu que não havia razão para pintar com traços duros, porque contornos duros não existem na natureza. Não é como as coisas são, ou como nossos olhos realmente as enxergam. Então ele enfumaçou os contornos, dando vida à areia colorida que formava o rosto da Mona Lisa e transformando os caminhos e possibilidades da arte em todo o mundo.

Com a eliminação dos contornos definidos, nossa percepção completa as figuras de forma ligeiramente diferente a cada observação – daí o fascínio pelo sorriso da Mona Lisa (um blogueiro teria usado aqui "Gioconda", achando-se um melhor escritor – mas eu não sou blogueiro). A cada observação encontramos contornos ligeiramente diferentes naquele sorriso, de forma que ele toma expressões sutilmente alteradas e parece às vezes de sarcasmo, às vezes de satisfação... Como nas ilusões óticas criadas pela perspectiva, citadas mais acima, o público também experimentava uma ilusão de ótica: a de que a figura estava realmente viva.

Eu aprendi muito sobre escrever, quando passei

a conhecer a relação que acabei de explicar acima. Mas o que eu aprendi, exatamente, é um segredo.

Claro que nem todos eram Da Vinci. Poucos tinham conhecimentos profundos sobre anatomia. Havia uma certa tabuada... Fórmulas amplamente repetidas para pintar um homem de pé, um homem sentado, um homem de costas... Então Michelangelo, um grande escultor que não consegue o trabalho esperado, é obrigado a pintar uma capela e inventa os bonecos mais incrivelmente articulados – só pra mostrar como é que se faz. Chegou quebrando tudo. Eu imagino ele deitado de costas, pintando aquela capela. Um turbilhão de corpos nas posições mais escabrosas. Pensando depois de terminar cada um deles: "Vai cortar a verba pra eu esculpir e me mandar pintar capelinha? Então toma, filho da puta!"

Eu divago. Artistas são andarilhos incansáveis. Sempre tentando enfiar o dedo um pouquinho mais fundo no cu do mundo. Veio a fotografia e vieram os cavalos correndo.

O cavalo é um animal lindo, que por longo tempo e em vários lugares esteve presente na vida do homem. Há muitas pinturas de cavalos. O problema é que, antes da fotografia, ninguém sabia exatamente como pintá-los enquanto corriam – porque nossos olhos não conseguem acompanhar detalhadamente suas pernas em movimento. Tudo era feito na base do achômetro. A discussão sobre o assunto, inclusive, ocasionou a descoberta do cinema, quando dois magnatas – ao fazer uma aposta sobre a quantidade de patas que o cavalo mantinha no ar enquanto corria – contrataram um fotógrafo para realizar o tira-teima.

O fotógrafo enfileirou doze câmeras com dispa-

radores automáticos e, ao analisar o resultado, descobriu-se que fotografias sucessivas poderiam criar a ilusão de movimento.

Mas, voltando à história da sinceridade na pintura, um espertinho teve a ideia de fotografar um cavalo correndo, para que através do modelo fotografado pudesse pintá-lo com as pernas na posição correta, que não conhecíamos a olho nu.

E qual a reação do público?

A pintura ficou constrangedoramente artificial. O quadro – pintado através de uma fotografia – foi considerado irreal. É embaraçoso. Cavalos correm daquela forma, mas assim não nos parecia. E surge o problema de que o mundo não é como nós o vemos. Ou melhor, de que nós não temos como ver o mundo da forma que ele realmente é.

LX Um problema de sinceridade

Qual é o caminho mais sincero? Esforçar-se para retratar o mundo como ele deve ser, objetivamente, ou dedicar-se à representação da percepção que o homem tem desse mundo (supostamente) objetivo? É possível exaurir qualquer um desses caminhos?

Ainda falando de pintura, uns outros caras tiveram uma noia sobre a percepção visual. Conversaram sobre isso e pintaram alguns quadros. Fizeram uma exposição e convidaram o povo pra ver. Os críticos saíram putos da vida, ou rindo. Odiando ou ridicularizando aquilo que eles diziam ser apenas rascunhos – alguns até geniosos – mas todos espantados que alguém tivesse a ousadia e a pretensão de expor aquilo.

Mas é que os caras pintaram com a noia de que nós não enxergamos aquilo que pensamos ver. Nós não vemos o mundo como um quadro estático, com tudo nítido e delineado em todas as partes. Se você passa os olhos por uma cena qualquer, distraidamente, o que você tem é só uma impressão dessa cena. E algum tempo foi necessário, algumas explicações, para que se entendesse que eles estavam tentando representar justamente isso quando deram início ao impressionismo.

Já disseram que cada um considera claras as ideias que estão no mesmo grau de confusão que as suas. E parece que cada um também só considera sinceras as demonstrações de sinceridade que ele possa conceber.

Eu sempre quis escrever coisas sinceras*. Então passei muito tempo pensando sobre isso. A nossa inocência faz muita coisa falsa parecer sincera. Que

o digam os "artistas" gritando na Mtv. É difícil se manter sincero. Difícil até encontrar os caminhos para ser sinceramente sincero.

Há o hábito das ordens cronológicas, por exemplo. Ele funciona bem. Faz sentido. Mas pra mim, isso é como um traço duro. Rígido. Algo que talvez não exista no mundo. (Também não estou afirmando que o tempo não exista, apenas tenho informações suficientes para colocá-lo em dúvida.) De uma forma ou de outra, isso não me interessa. Adotei uma postura impressionista. A existência objetiva do tempo é discussão para os filósofos e matemáticos. Eu tenho minhas ideias malucas sobre a verdadeira forma em que o tempo se apresenta pra mim. Eu não vivo numa realidade cronológica, apenas. Acredito que há muito mais sinceridade e realidade no ritmo da lembrança. Então me desculpe se, às vezes, você ficar perdido. Você não está ficando doido, sou eu que estou. Apenas continue, relaxado, que qualquer hora a gente se entende outra vez.

---

* – Nota do Autor: Oi, eu sou o autor. Esse aí em cima, não! Ele é só um personagem. E é ele que está falando essas coisas todas. Que isso fique bem claro! Nem que seja por uma questão de propriedade intelectual. Essas ideias aí em cima são dele, e não minhas. Ele não sou eu, e vice-versa. Então, sem Síndrome de Zuckerman, por favor. Eu não sou ele e ele não sou eu. Faço questão de esclarecer isso, porque eu quero ser sincero.

LXI

Ontem eu estava tão bêbado que – deitado de olhos abertos, para evitar que o mundo inteiro girasse – fiquei olhando para um abajur, tentando compreender como ele poderia carregar, dentro de si, o infinito.

Eles dizem que o universo inteiro é um processo único. Indivisível. Ao mesmo tempo, existe esse mundo relativo que a gente percebe, onde vemos esse processo único como partes separadas. Esse mundo relativo que a nossa percepção falha cria, e dentro do qual nós vivemos.

Dizem ainda que cada uma dessas partes relativas – como um grão de areia, ou um abajur – traz em si a informação completa do universo e é capaz de influenciar o funcionamento de todo o processo.

Eu sei que o abajur é infinito. Eu sei isso, como uma formulação semântica. Ele é feito de átomos e é dizer bastante. Eu sei que ele é feito de energia. Mas eu sei isso apenas através de palavras. Não consigo sentir isso.

As palavras são umas putinhas muito úteis, mas não fazem de tudo. Elas são parte do mundo relativo e são úteis apenas para representar suas partes. Palavras não podem substituir adequadamente o Absoluto. O pensamento linguístico não pode apreendê-lo. Pode oferecer apenas um vislumbre. Apontar um caminho. É como eu li por aí outro dia: "O Deus que pode ser compreendido não é Deus."

Eu estava pensando em todas essas coisas e tentando alcançar, com o sentimento, o infinito no abajur. Então me bateu que eu também era feito de átomos e que seria mais fácil encontrar o infinito

dentro de mim, como os expressionistas abstratos.

Minha vontade era, decididamente, contra a tentativa. Eu estava rodando e respirando com dificuldade. Não queria mais complicações, através da investigação naquele inferno. Mas eu também estava bêbado demais para controlar os fatos – a ideia se desenvolveu sozinha dentro de mim. A busca do infinito.

Foi desconfortável. Quase vomitei. Ali, onde eu imaginei que estaria o vazio, só havia confusão. E mergulhar naquilo me deu um mal-estar tremendo. Mas, como eu disse, minha mente estava funcionando por conta própria e não havia nada que eu pudesse fazer.

Quando achei que não poderia aguentar mais, eu fui chutado pra longe. Um lugar que eu não conhecia. Você pode revisar o que eu falei aí em cima sobre as palavras. Eu não pretendo descrever isso. Encontrei algo que não tinha forma. Depois de uma janela de euforia, exausto, dormi.

LXII Seu Minguinhos

Seu Minguinhos está quase cochilando, sentado atrás do balcão. O bar está vazio e Seu Minguinhos está velho. Essas cismas têm se tornado frequentes nos últimos anos. Às vezes ele fica quase uma hora inteira assim, olhando pra parede, com o queixo apoiado nas mãos. Panguando. Aquela barriga enorme de quem precisa mijar pelo método Braille.

Um freguês solitário e amigável, com disposição para sentar-se no balcão durante esses momentos, poderá estar certo de ouvir coisas sobre o passado. As músicas. As mulheres. As cervejas... Um freguês curioso e delicado poderá ouvir também uma coisa ou outra sobre a vida particular de Seu Minguinhos. Mas não muito, que ele tornou-se homem esquivo e reservado.

Para saber mais – para ouvir qualquer coisa realmente esclarecedora – é preciso esperar pelos fins de noite. Rodar as mesas dos frequentadores mais antigos. Pedir licença e comprar cerveja. É preciso esperar que Seu Minguinhos vá se recolher, quase dormindo, atrás do balcão de mármore. É preciso beber bastante antes de perguntar. Bêbados e confidências... "A verdadis jaz no mé", como dizia (ou diria) o grande Mussum.

Então, entre uma cerveja e outra – que você vai buscar no balcão porque já é muito tarde, a garçonete foi embora e você acha sacanagem que um senhor idoso fique de pé a noite inteira para atender dois vagabundos – a história vai se formando. Talvez não de uma só vez. Talvez você precise de duas ou três noites. Talvez de dois ou três bêbados diferentes.

Mas é claro que se você não mora em Governador

Valadares, e nem conhece o bar, você não precisa de nada disso. Você tem a mim. Eu posso contar tudo.

LXIII Domingão

Seu Minguinhos nem sempre foi chamado assim. No começo, quando ele ainda era um moleque, tinha o apelido de "Gilete", porque ganhara do pai essa imensa novidade, naquele tempo, e gosta de exibi-la para os curiosos. Depois, virou simplesmente Adalberto. No banco, Adalberto Rodrigues. No auge, Adalberto Rodrigues Domingos. Na decadência, Domingos – quando os mais íntimos se referiam a ele como "o pobre coitado".

Na farra, ele virou Domingão. Dominguinhos, depois do episódio com a puta*. E, finalmente, com a lapidação da idade e da profissão, seu nome se cristalizou como Seu Minguinhos.

Filho de homem ilustre, pilar político da cidade, Seu Minguinhos teve um começo fácil. Boa escola. Boas roupas. Boa comida. Bons modos. Enfim, um boa-vida. Arrumou uma boa colocação no banco, onde se afirmou com sua competência. Foi juntando dinheiro. Mesmo quando excluíram seu pai do antigo círculo político, levando-o a gastar toda a fortuna, inutilmente, na tentativa de reingressar no jogo do Poder, Seu Minguinhos não foi afetado. Tudo ia às mil maravilhas – ao passo largo, como ele dizia então – até que Seu Minguinhos conheceu Diana.

---

* O Episódio com a puta: Apesar do que pode parecer aos maliciosos, esse episódio não tem nada a ver com a proporção do instrumento sexual de Seu Minguinhos, denunciado por alguma puta x-9, transformando o aumentativo do seu apelido em diminutivo. Apelidos, às vezes, surgem por motivos mais banais. Tudo que a puta fez foi chamar Domingão de Dominguinhos na frente dos amigos – um gesto inesperado, mas carinhoso. O problema é que essa palavra, na hora errada e no lugar errado,

despertou gargalhadas. E é só. Estou muito contente por não ter qualquer tipo de informação sobre a potencialmente asquerosa genitália desse respeitável senhor.

LXIV Amor verdadeiro

Aquilo foi amor profundo. Sincero. Coisa de cinema. Mas unilateral.

Com casamento marcado e com uma confiança cega na esposa, Seu Minguinhos foi encontrar Diana dando não para um, mas para dois vizinhos ao mesmo tempo. No começo, quis matar a sogra por ter lhe dado as chaves de casa, sugerindo que fizesse uma visita surpresa à noiva. A velha certamente sabia o que fazia e Seu Minguinhos a odiou por isso. Mais tarde, aprendeu a sentir-se grato. Apenas para odiá-la novamente quando a saudade do amor batia e, na sequência, derramar-se solitário em gratidão mais uma vez quando a frieza voltava. Um ciclo emocional estranho, que talvez dure até hoje. Sabe-se que, vez por outra, ele ainda visita o túmulo da antiga sogra, levando flores. E mais de um freguês regular já o ouviu dizer barbaridades sobre a velha.

De qualquer forma, ele perdeu o emprego no banco. Perdeu o interesse por tudo que não fosse líquido e não queimasse a garganta enquanto desce. Ele morreu, eu acho. E de suas cinzas nasceu um boêmio.

Eu sinto que estou perdendo o ritmo, com toda essa história. Aí eu tenho que me lembrar o que exatamente estou fazendo aqui. Fiquei até feliz agora, percebendo que estou perdido. Era exatamente isso que eu queria. Pegar um caminho diferente. Uma sinceridade e um realismo que eu ainda vou penar muito pra explicar, ou apenas para entender. “As pessoas acham que eu estou maluco, mas eu sei o que estou fazendo”, eu ouvi um cara dizer outro dia, na televisão. Porra. É isso aí. Se todo mundo

está entendendo, não deve estar muito bom. Pelo menos não no que eu, e esse cara da televisão, obviamente, procuramos. Isso me parece estranhamente errado, tudo isso aqui. Mas apenas porque eu tenho uma ideia estúpida do que devia ser certo. Seu Minguinhos é um cara significativo o bastante para estar marcado na minha memória. Na minha vida. É claro que ele é pertinente pro livro. E se o ritmo, ou qualquer outra coisa, tem que sofrer com isso, foda-se.

As coisas não são o que nós pensamos delas. Parte da culpa é das histórias bem contadas. Os caras encontraram uma fórmula popular e foram imitando, sem pensar se era certo ou não. Isso aconteceu tanto que agora já parece certo. Inegável. Mas é mentira. Esse sentido meticuloso, cronológico, onde tudo significa e representa alguma coisa, onde um vaso de flores no canto da sala só aparece em destaque se tiver um papel importante no final da história, essas coisas... Ridículo. Ninguém vive assim. Eu brinquei por anos com um alienígena de pelúcia, na minha infância, que não teve nenhum papel importante na minha vida. Eu passo horas no bar, rodeado de gente, pensando em coisas do passado. Habitando as coisas do passado. Expectativas futuras. Vastas emoções e pensamentos imperfeitos que não participam do tempo.

Não. A única educação é a do exemplo. Roqueiros baratos podem gritar atrocidades, mas só ensinam conformismo. O que é dito não importa tanto quanto o contexto do discurso. O que você realmente está fazendo e comunicando. Além das palavras. Dizer "Cala a boca, sua puta!" numa brincadeira não tem nada de mais. Pedir o ketchup num restaurante fino

é um gesto altamente subversivo. Fingir pela arte, nunca. Contar mentiras sim, porra. Tanto faz o que eu estiver falando. Não sou biógrafo nem indiscreto. A vida particular das pessoas não interessa. Nem a minha, nem a de Seu Minguinhos, nem a sua. No final das contas, dá tudo no mesmo. Isso é só a cor da casca do ovo. Mas o pássaro precisa ser real. E Seu Minguinhos é importante. Não apenas para mim. Os feitos e a prosa de Domingão ainda são lendários na cidade – considerando que apenas os velhos sabem as lendas, e que os jovens só conhecem programas de televisão.

É normal que os bêbados por profissão falem constantemente sobre abrir o próprio bar, onde tudo será exatamente do jeito deles. Seu Minguinhos não era diferente. Ou talvez fosse, no sentido de que ele era o único do grupo que ainda tinha dinheiro para isso. Competência também – os melhores tira-gostos de Valadares.

Já falei o suficiente. O tempo passa e Seu Minguinhos está ali, com o queixo entre as mãos. Olhando pra parede. Pensando no passado.

Deixemos Seu Minguinhos quieto, por enquanto. Ele está velho e já sofreu demais. Eu gosto do bar e um dia levarei Alice até lá. Ela vai gostar também; seremos clientes assíduos. Mas, por enquanto, ainda é cedo. Deixemos o velho descansar, que ele merece.

LXV Novelas...

Uma das complicações de escrever novelas em tempo real (e sem planejamento prévio) é ter que lidar com as conclusões tardias. Eu escrevi tanto sobre o segundo rompimento com Alice, por exemplo, e só agora descobri porque andei pensando naquilo. Escrevi vários capítulos sem saber exatamente o que estava fazendo, e isso é bom. Num livro fechado no quarto, eu juntaria tudo numa passagem só. Como as coisas que a gente pensa e faz obscurecem as coisas que a gente fez e pensou, eu poderia acreditar, mais tarde, que meu progresso real estava deveras representado naquela única sentada coerente. Talvez o livro fique ruim. Tudo bem. É secundário. Eu não estou, aqui, correndo atrás de leitores satisfeitos. Todo mundo à minha volta parece priorizar a satisfação alheia – acho mesmo que é o valor mais respeitado em nosso tempo. Mas eu sou subversivo. Da minha própria forma limitada e aleijada, estou procurando a realidade.

Se alguém dissesse que a Terra era redonda, há pouco tempo atrás, estaria sendo ridículo. Não agradaria ninguém, pelo menos, além dos expectadores da fogueira. Eu não quero tanto. Nem estou dizendo que a coisa é redonda, quadrada, curva, ou helicoidal. Estou apenas tentando retratar a passagem dos astros dentro da minha cabeça.

É difícil registrar as coisas sem uma certa falsidade fundamental. Uma falsidade que é fruto da ignorância da época em que a gente vive. Um fantasma do tempo. Se todo mundo chama o Sol de deus, é complicado pensar fora disso. É como tentar correr das suas próprias pernas. Se eu pensar no que estou

fazendo, não conseguirei fazê-lo. Se eu tiver tempo pra me organizar.

Agora, por exemplo, eu estou a milhares de quilômetros de casa, escrevendo com pressa. A qualquer momento, eu vou ouvir passos na escada e ter que abandonar o computador. Quero acabar o capítulo e não tenho tempo pra pensar nas frases. Ótimo. Quando tudo acabar, eu volto prestando atenção. Vendo o que meus dedos cagaram. Sem oportunidade pra construir castelinhos com a merda.

Eu sou meio songo-mongo. Preciso admitir, pelo bem da verdade; pra não ter que inventar uma justificativa fantasiosa pra tudo isso. Os caras de terno têm várias frases sobre o sono. "Ria e todos vão rir com você. Durma e roncará sozinho." Tipo, dormir é perda de tempo. Ridículo (no meu modo songo-mongo de pensar). Eu sou daqueles caras que acordam e ficam horas olhando pro teto, pensando num sonho. Tentando tirar significados profundos daquilo.

Hoje, depois do segundo sonho significativo com Alice, descobri o que está acontecendo.

LXVI Mais complicações

Uma das complicações com a nossa consciência é a inesgotável riqueza da vida. Essa nossa parte que pensa e decide não corresponde ao Todo. É simplesmente como o prefeito de uma cidade. Você lê jornais e conhece os bairros, mas você não sabe o que o Zé está pensando, dentro de seu barraco. Você toma uma decisão com a câmara e parece a coisa certa. A população aprova em passeata. Mas alguém, talvez o Zé, não concorda. E o Zé não vem falar com você. Ele continua sua vidinha reclusa. Qualquer dia, ele explode um prédio.

Sonhei dois dias consecutivos com Alice. Não posso dizer que foram pesadelos. Não havia nada de realmente mau. O problema eram os pensamentos olhando pro teto, depois de acordar. Sonhos estranhos.

Eu sonhei que era você quem tinha viajado, Alice. Isso despertou sentimentos adormecidos dentro de mim. Linda viajou, você vê? Ela me ligou pela manhã, dizendo que queria ficar comigo. Nós dois choramos. Eram os dias decisivos. Estávamos esgotados e eu só tinha conseguido pregar os olhos por duas horas quando ela ligou.

Talvez você fique irritada, por eu misturar você com alguém de quem você tinha tantos ciúmes. Paciência. É a verdade. Meu sonho misturou vocês. E preciso explicar o que isso significa pra mim, antes de continuar. Eu amava você. Nunca traí você e repeti mais vezes do que o necessário que seus ciúmes não faziam sentido. Pelo menos não mais sentido do que tantos rancores que precisei abandonar para continuar amando você. Eu também amei Linda

um dia, e sua viagem onírica tem relação com isso.

Ela me acordou com um telefonema alegre. "Quero ficar com você. É você que eu quero..." Combinamos um encontro pra mais tarde. Porra, eu tinha tanta esperança... Um sentimento tão grande de liberdade... Dormi como uma criança.

Quando acordei, o celular dela só caía na caixa postal. Em casa, a mãe dela, sem jeito, me disse que Linda tinha viajado. A mãe dela gostava muito de mim, e foi um telefonema longo. Triste pra nós dois.

O problema foi o outro. A quatrocentos quilômetros de distância, ao ficar sabendo da decisão de Linda – que ligou para ele logo depois de falar comigo – ele fez uma coisa surpreendente. Trágica, para o meu pequeno e frágil mundinho que acabara de subir mil metros.

LXVII A queda

Eu, flutuando nas nuvens, sonhando, estava levando uma rasteira que me deixaria quebrado – completamente inútil – por meses.

A quatrocentos quilômetros de distância, o outro desligou na cara de Linda, depois de tentar inutilmente os seus argumentos. Puxou o telefone da mesa, arrancando o fio da tomada, e o atirou contra a parede. Pegou a chave do carro e abandonou os inúmeros clientes de seu próspero negócio. Correu como um louco, como um bêbado, e em três horas e pouco fez uma viagem que geralmente levaria seis horas. Enquanto eu ainda dormia, ele já estava em Governador Valadares.

Segundo a mãe de Linda, que me contou tudo isso, ele começou nervoso. Depois chantagista. Tentou de tudo. Ao perceber que ela estava mesmo decidida, desesperado, ele sentou no chão e, na frente das duas, chorou. Falando com a boca muito aberta. Como uma criança mimada. Ele, o playboy-invejado-sarado-bombado-malado-tarado-filho-do-dono-da-cidade, que nunca tinha perdido nada na vida (nem a pose, nem a compostura), abriu a boca cheia de lágrimas, implorando uma segunda chance. Uma viagem.

– Minha família inteira tá esperando você... Todos os convidados da festa de ano novo... Eu falei que você ia... Como é que eu vou explicar isso sem me humilhar? Por favor...

Ela foi sem prometer nada além de não conversar comigo durante o tempo da viagem. Ela estava fraca. Eu não vou narrar todo o desgaste que ela sofria há meses. Isso foi com ela. Eu apenas observei.

Nem pude ficar com raiva.

Nunca sofri tanto como naquela espera. No quarto dia, recebi uma mensagem no meu celular: "Muita pressa. Mamoles. Polininha. Eu amo você..." No sétimo dia, outra: "Queria que você estivesse aqui..." Ah, porra... Ela já estava gostando.

Acho que quando você é o centro das atenções, e muito rico, não deve ser difícil reconquistar uma mulher. Ainda mais uma mulher esgotada. Conforto é uma coisa boa. Não dá pra culpar ninguém. A viagem deveria durar duas semanas, mas demorou um mês. Depois daquela segunda mensagem, não recebi mais nada.

LXVIII Quando ela voltou

Nunca sofri como naqueles dias. Talvez porque de lá pra cá eu tenha aprendido coisas. Talvez por ter perdido algo, naqueles dias. Um mês. Da maior felicidade para a tristeza onipresente. E saudade. Dúvidas. Esperança e desilusão embrulhados no mesmo pacote. Do amor perfeito ao medo paranoico em dois telefonemas. Nunca sofri como naqueles dias, e talvez nunca tenha me repetido tanto como nestas páginas. Ainda mais do que acho necessário me repetir. Repetir.

Eu saía de casa muito pouco. Às vezes, seguia com minha mãe para o supermercado. Na seção de bebidas, despreocupadamente, eu colocava uma quantidade insana de garrafas dentro do carrinho. Minha mãe, que não era cega e devia ter percebido minhas transformações durante os últimos meses, mostrou-se indulgente. Ela tem lá suas técnicas. E tem lá também sua percepção das coisas. Se ela tivesse reclamado, eu provavelmente teria saído sozinho, com meu dinheiro economizado, e bebido com ainda mais sede. Sem escrúpulos. Sem receio de ser incômodo.

Ela entrava no meu quarto, geralmente pela manhã, quando eu ainda não tinha dormido e estava bêbado demais pra simplesmente sair andando. Sentava na beirada da cama, onde eu estava deitado (onde Linda estivera deitada). Nunca comentou nada sobre as garrafas se acumulando no chão. Passava a mão na minha cabeça e falava coisas sobre a vida, Deus, amor, paz, reencarnação... Mães podem ser realmente irritantes. Mas ela não era. E me comovia todo aquele carinho, enquanto eu podia

observar tantas reprovações contidas. Tanta coisa que ela estava guardando pra falar num momento menos frágil. Tantas coisas pra controlar e proibir. Uma vontade gigante de me educar, mas uma capacidade muito maior para me amar. Para tentar compreender.

Pena que eu quase não ouvia o que ela falava. Já expliquei isso, lá pra trás. Minha mãe tentava, mas não adiantava nada. Ela era apenas um fantasma. Lá longe. Num mundo distante do que eu realmente habitava. E Linda, Linda, Linda, Linda...

De tempos em tempos, eu telefonava. "Ela disse que vem na quinta", a mãe de Linda me contava. Mas ela não vinha. "Ela disse que não deu. Vem no sábado..." "Segunda..." "Sexta-feira..." Em dois desses dias, eu fiquei esperando na rodoviária, por horas. Inútil. Ela não veio de busão – ele não deixaria. Saiu de suas obrigações e viajou apenas para deixá-la em casa.

Mas eu não tinha como saber disso. Eu sentia que ela chegaria naquele dia, de alguma forma. Mas cansei de olhar os ônibus na rodoviária e nada. Ela já tinha chegado. Eu sabia. Fui direto pra casa dela e estacionei por perto. Telefonei, direto para o celular. Desta vez, ela atendeu.

– Cheguei há meia hora, daqui a pouco ia mesmo te ligar.

– Eu estou aqui na frente. Você pode sair pra conversar?

LXIX (dentro do carro)

Ela surgiu bronzeada de praia. Óculos escuros. Entrou no carro e trocamos palavras amenas. Dirigi pra longe, procurando um lugar isolado. Eu não sei se falamos sobre saudade. Qualquer coisa sem importância. Palavras que não diziam realmente nada e apenas escondiam a tensão. Como brilhos bem comportados de relâmpagos atrás das nuvens escuras. Eu já sabia o que tinha acontecido. Estava bastante claro. Mas a esperança é uma das putas mais rodadas e estava justamente fodendo com a minha cabeça.

Nós paramos. Começamos a conversa inevitável, intocada até ali. Ela falava com o espírito distante. Como alguém que assume um papel. Acho que ela construiu uma barreira pra se proteger de mim. E foi jogando coisas por trás do muro, sem olhar onde elas caíam.

Enquanto ela falava, eu peguei seus óculos escuros, sobre o porta-luvas. Encostei a cabeça no vidro da janela e fiquei ouvindo calado.

Linda não conseguiu terminar todo o discurso que tinha preparado. "Você vai encontrar alguém...", "Você foi perfeito pra mim...", "Me desculpe...", essas coisas... Elas estão sempre me pedindo desculpas. A barreira foi cedendo. As frases perdendo o ritmo. O sentido. Ela olhava pra baixo e brincava nervosamente com as mãos. Longos silêncios em que eu imaginava, indefeso, os hotéis maravilhosos e praias paradisíacas que ela tinha visitado nos últimos dias. Todos os lugares onde eu nunca poderia levá-la. Todos os momentos em que eu não poderia mais ficar com ela. Foi quando Linda deixou as mãos de

lado e olhou pra mim.

Só então percebeu que eu estava usando seus óculos. Levantou a mão para tirá-los do meu rosto, num pressentimento. Tentei recuar, mas já estava com a cabeça encostada no vidro. Foi rápido, e triste. Ela viu que eu estava chorando e começou a chorar também. Falando coisas desesperadas. Pra mim, no começo. Depois, para si mesma, com o rosto entre as mãos:

– Meu Deus, o que é que eu faço? Por favor, Deus, me ajude que eu não consigo mais pensar, Deus. Eu estrago tudo, Deus, por favor...”

Eu não acredito em Deus, então abracei Linda com todo o carinho que ainda podia tirar de mim. Eu disse:

– Está tudo bem, Linda. Eu amo você. Não é culpa sua. Eu entendo. Tudo bem.

– Mas você está chorando, e é culpa minha... Eu não queria que... Triste... Você me fez tão feliz... Eu... Desculpa... Meu Deus...

Ela estava chorando muito e só conseguia palavras confusas que tentei resumir. Eu abracei com mais força e ela me abraçou também, ficando um pouco mais calma enquanto eu continuava falando.

– Eu posso chorar também, Linda. Está tudo bem... Descanse um pouco, anjo. Descanse um pouco. Eu amo você...

LXX O último sonho

Sabe, Alice, eu contei isso tudo pra você entender o que seu sonho representou pra mim. Pelo menos eu achava que era isso. Agora eu nem sei mais, e já está escrito. Eu sonhei que você tinha ido embora com seu namorado punk.

E você voltou e procurou por mim. Eu já estava seco. "Não quero saber de você", eu disse. Falei sem pensar. Então cheguei em casa e, na estranheza dos sonhos, minha mãe avisou sobre uma certa quantidade de correspondência antiga que eu nunca tinha visto. Ali, entre coisas esquecidas, algumas cartas que você tinha escrito pra mim. Coisas bonitas. A última era a mais significativa. Começava com a transcrição de um texto em inglês. Alguma coisa sobre concentração e formas de se preparar energeticamente. Era um texto complicado e eu não estava entendendo muito. Mas como você não sabe muito de inglês, continuei lendo – imaginando que a parte pertinente ainda estava por vir.

E ela chegou:

"Na posição correta, depois que tiver feito os exercícios preliminares e estiver concentrado, pegue a ponta do balão vazio com os polegares e indicadores das duas mãos. Sopre com força, enchendo o balão o máximo que conseguir. É importante manter os olhos abertos, nesta etapa."

"Então feche os olhos e puxe o ar pela boca, vagarosamente. Quando estiver com o peito cheio de ar, abra os olhos e repita o processo. Faça isso quarenta vezes e, com os olhos fechados, não puxe mais ar – deixando o pulmão vazio. Espere alguns segundos e algo irá brilhar dentro da sua cabeça. O que é

mais importante na sua vida será revelado para você."

Logo abaixo, na carta, vinha um comentário seu:

"Eu fiz isso. Eu fiz tudo isso e o que brilhou foi você."

Eu acordei abalado, tentando decodificar impressões obscuras. Sentei pra escrever estas coisas.

LXXI Escolhas

Você também se lembra da segunda vez que nós terminamos, Alice? Nós combinamos que não daria certo. Nós estávamos certos. Tinha alguma coisa fora de sintonia. Nós continuamos e deu tudo errado. Ainda assim, que erro mais doce.

Eu amei você e você me amou também. Não importam as versões que você cria entre seus humores saltitantes. A gente não combinava bem, mas se amou. Não daria certo, mas teríamos continuado. Estávamos virando dois pamonhas. Eu precisava vir, você não entende? Eu precisava disso.

Você merece alguém que não te deixe extremamente irritada a cada vinte minutos. Eu nunca soube porque, mas era assim. Você imaginava maldade, malícia, ou burrice em tudo que eu fazia. Você não me tratou bem. Eu não servia pra você. Depois de uma conclusão dessas, o caminho aparece. Evidente. Eu precisava partir e foi isso que eu fiz.

Eu. O prefeito acha que está tudo muito bem. Olha da janela com satisfação. Mas, lá fora, o Zé está explodindo coisas. Nos esgotos subconscientes. A cidade não sabe, mas está sofrendo as consequências. Sonhos. Eu acho que fiz a coisa certa, mas esse "eu" é apenas parte de mim. Existe uma parte que não concorda. Uma parte que acha que eu abandonei Alice, como ela gosta de dizer.

Você brilha dentro de mim, Alice. De verdade. Você disse que queria casar comigo e ninguém, nunca, me quis assim. Mas não é o bastante. Não posso carregar o relacionamento nas costas, sozinho, só porque gosto de você. Sou apenas metade.

Você diz que eu dramatizo as coisas. Que me

martirizo. Tudo bem. Essa é a minha versão dos fatos. Não tenho a ilusão de ser imparcial. Mas pelo menos eu considero isso. Você me escreveu dizendo: "Volta. Quero casar com você." Eu disse não e, uma semana depois, você tinha outro namorado. Diz que abandonei você. Como se não tivéssemos combinado isso, desde aquela segunda vez.

Eu disse não porque isso já aconteceu antes. Teve a primeira, a segunda, a terceira... Nem me lembro mais. Você já telefonou pra casa de um amigo meu, dizendo que queria terminar. Pelo telefone. E que nem queria discutir isso. Que eu aceitasse e pronto. Depois voltou atrás. E nos amamos de novo. E você me pisou de novo. E terminamos de novo. Eu não queria ficar preso nisso e não vejo vantagens pra você. Se você me achava tão importante, devia ter se comportado de forma diferente.

Eu preciso ser duro, para proteger minha ternura. Estou contando as coisas mais tristes da minha vida em umas poucas páginas e posso passar a impressão errada. Chorar não é normal pra mim. E poucos dias antes da minha partida, você me humilhou e me fez chorar. E antes disso você me traiu. Você me pisou. Você reclamou e desdenhou das coisas que eu fiz tentando te agradar. É claro que não foi só isso que você fez – mas você fez. Se você tinha seus motivos, também estabeleceu os meus. E voltar atrás com pensamento inquisitório – procurando o primeiro culpado, como quem busca Deus ou a origem do universo – seria perda de tempo. Eu não servia pra você. E pronto. Se não era isso que você pensava, foi assim que você agiu. Eu não quero amar por medo, ou por capricho.

Você disse: "Você nunca vai encontrar alguém

como eu...” É verdade. E se eu também nunca encontrar alguém que me respeite, prefiro morrer procurando.

Eu precisava partir e agora preciso ser forte. Não adianta mais perguntar ao travesseiro se fiz a coisa certa. Eu já estou aqui e agora preciso fazer com que esta seja a coisa certa. O Zé está atrapalhando o progresso geral na nação. Mas ele está aqui. Ele é parte da pátria e também merece carinho. Eu queria que você soubesse. Às vezes parece que você só entende um lado de cada vez. É tudo verdade, Alice. Eu amei você. Eu precisava vir.

Você é tão incrível que, mesmo depois de tudo que fez – me tratando como uma putinha sonsa – e mesmo depois de todas as decisões que eu tomei e de todas as coisas que fiz e tempo que perdi e raiva que senti e lágrimas que chorei, o Zé ainda está aqui. E ele ainda ama você. E ele vai pra cadeia, mas continuará gritando enquanto for parte de mim. E saiba que também não foi fácil partir.

Eu queria que você entendesse. Não é algo fundamental de você. Apenas as escolhas que você fez. Escolheu me tratar mal quando não precisava. E escolheu continuar assim, mesmo depois que eu disse que ia embora e sugeri que tivéssemos o melhor dos namoros até lá. Eu não quero mais me justificar. A gente faz as coisas, e pronto.

Aqui, neste livro, nosso namoro ainda está no começo. Vou parar pra voltar atrás. Vou falar de quando éramos um.

No agora de nossas vidas particulares, no entanto, eu não sou mais responsável. Quando éramos um, eu aceitava os tapas pra provar o doce. Eu tinha esperanças e aceitava os tapas pensando que pode-

ria educá-los. Agora chega.

Estou aqui, escrevendo sobre o quanto amei você. Se quiser uma conversa amigável, vai me fazer feliz. Se quiser saber o que eu penso, agora você já sabe. Se quiser reclamar ociosamente, exigir explicações que nunca te satisfazem e estumar o Zé com sacos de pólvora, vá pra puta que te pariu. Eu já tinha te explicado tudo; você não quis ouvir quando teve oportunidade. Não prestou atenção. Não te devo explicação de mais nada. Vá pedir justificativas pro seu namorado.

LXXII Ginástica

Jan é meu companheiro de viagem aqui na Zooropa. Talvez eu explique isso mais tarde, ou não. Peço que, por enquanto, você simplesmente aceite esse fato. Somos muito amigos, há anos, e viemos juntos.

Ele é o tipo de cara que passa horas e horas de frente pra televisão. Eu acho deprimente. Só assisto a downloads. Achei uma televisão na rua e levei pra casa – mas eu nem pensaria em ligá-la. Levei-a para Jan, que gostava de assistir-lhe em seu quarto. ("Assistir-lhe em seu quarto" tem uma fonética horrível, que me incomoda – mas representou uma solução gramatical tão acrobática, um uso tão inusitado, para mim, do pronome "lhe", que vou mantê-la.)

Alugamos um "apartamento" (um sótão) vazio e chegamos lá dentro carregando, além de nossas malas, apenas dois colchonetes emprestados. Jan descobriu um lugar interessantíssimo que recolhia móveis e eletrodomésticos estragados, para consertá-los durante as atividades práticas de aulas profissionalizantes. Em seguida, eles vendiam o material reformado por preços simbólicos.

Cavando suas remanescentes reservas monetárias, naquele momento, Jan trouxe a primeira "mobília" da casa – um revolucionário rádio-relógio que lhe custou 1 Euro! E a gente passou a se reunir, à noite, pra fumar em volta do nosso único gadget. Nos divertíamos muito. Não sei se já disse isso em algum lugar, mas acho essa proibição de começar orações com pronomes átonos perfeitamente patética. Me irrita. Eu luto como drunken master, mas a isso estou atento. Acho uma obrigação artificial e

desnecessária, considerando como a gente fala no Brasil. Não é que eu a desconheça... A desprezo. Uso do jeito que me dá vontade. Do jeito que me vem à cabeça. Isso também vale para limitações em relação às vírgulas e várias outras besteiras, como "chegar em casa" e mesmo um acento em "véia" – que julguei necessário apesar do novo acordo ortográfico (que, de toda forma, foi mesmo assinado por um presidente analfabeto que se gaba de não ler livros e não merece respeito). Escrevo um livro para ser lido – não pra ser revisado por professoras com prisão de ventre. Eu não estou falando sobre coisas escabrosas e chocantes, mas sou um artista subversivo. Eu não sinto qualquer obrigação de ser ostensiva e invariavelmente subversivo, mas também não alimento nenhum respeito pela Ordem. Foda-se a Ordem.

Então chegou a televisão e Jan gostava de sentar-se com ela. Eu não. Principalmente telejornal! Quarenta mil notícias só na parte da manhã? Puta que pariu! Eu acho televisão um saco. Jan não aceita meus argumentos.

– Você passa o mesmo tempo na frente do computador!

É claro! Mas como comparar um computador com uma televisão? Só porque os dois têm telas luminosas? O tipo de confusão que só pode mesmo ocorrer a quem passa várias horas por dia na frente da tv! Alguém que passa, todo dia, várias horas sem pensar em nada.

Nesse ponto ele também discorda:

– É claro que eu penso vendo tv. Penso sobre o programa.

Não nego que alguns raros programas podem fazer pensar. E que duas ou três notícias por ano

são realmente importantes para todos. Mas, normalmente, não há pensar algum. Não há nada de realmente significativo e nutritivo no cardápio televisivo.

Fora algumas exceções, o único proveito da televisão é o relaxamento. Você é carregado. "Pensa" o que atravessa a tela. Pensar é uma palavra muito forte para o que realmente acontece. Até os programas educativos costumam se apoiar num ensino passivo. Você senta ali e é carregado de um lado para o outro. Podendo, no máximo, com o controle remoto, mudar a frota de carregadores. Isso seria gostoso, de vez em quando – se algum comercial ou comentarista não me dessem a impressão de que me mijam na cara a cada trinta segundos – mas afirmar que você está ativamente empenhado na frente da tv é uma ousadia tremenda!

Quem está deitado na cama na verdade se move – porque a Terra está girando. Mas isso não serve de ginástica.

Televisão é cama. Computadores são ginástica.

LXXIII Eu sou nerd

Exatamente. Eu também sou nerd. É bem previsível... Afinal, o que esperar de um gordo feio e corno; frouxo, fracassado e punheteiro; que ainda por cima é songo-mongo e meio-broxa?

Sou um nerd místico e sinto viver em três mundos diferentes, que se entrelaçam e se completam: o mundo dos sonhos, o mundo "real" e o mundo virtual. Tenho maior controle sobre o último e menor sobre o primeiro.

Num sonho a gente se descobre – do nada! – dentro de um barco. De repente, chega o Drácula. Dentro de casa, estamos tão tranquilos quando nossa sogra toca a campainha... Num chat online, eu posso bloquear pessoas. Adicionar apenas quem me der na telha. Colocar minha melhor foto. Posso aparecer como se estivesse offline. Colocar foto de outras pessoas, ou foto nenhuma.

Pode-se ter um controle incrível, na Internet. Um controle tão grande que fica fácil até ser aquilo que na verdade a gente não é. Eu, pelo menos, estou cansado de ver, nas lan houses, molequitos pálidos com óculos que pesam mais do que os braços, atendendo por apelidos como "The Killer", "Lord Crusher", "Dark Slayer", ou "Snake Ninja Dead Zombie Black Empaler"...

LXXIV Nick novo, vida nova

Qualquer um pode criar uma vida inteiramente nova, e mesmo falsa, na Internet. Muitos o fazem para fugir das inconveniências implacáveis de um mundo "real". Quanto a mim, pelo menos, acho que esse não é o único motivo pra ser nerd. No meu caso particular é uma questão de gula. É um mundo a mais. Acho difícil explicar uma coisa dessas. Peço que você repare nas aspas que uso pra falar sobre o mundo "real". Eu mesmo só percebi isso agora.

Pra mim, é tudo a mesma coisa. Eu não tenho o conhecimento necessário para compreender rigorosamente essa coisa kantiana de espaço/tempo, mas entendo o suficiente para colocar a "realidade" em dúvida. Sonhos e virtualidades não me parecem fundamentalmente diferentes do resto. São lugares onde a gente pode estar. Sentir. Perceber. Agir. Ser nerd me parece a oportunidade para uma vida mais plena, desde que você não abandone os outros mundos por isso.

O que eu não acho uma comparação justa é a que Jan fez, há dois capítulos atrás, entre o computador e a televisão. Se existem semelhanças físicas nas duas atividades, mentalmente a diferença é gigantesca! Televisão são sonhos passivos embrulhados em plástico. Você senta ali e descansa um pouco. Você não pode viver aquilo de forma ativa. Não pode enfiar o dedo profundamente no cu daquilo.

Nem da ideia de noticiários eu gosto. Penso como aquele velho francês, ranzinza e comovente, que dizia ler, num jornal, apenas os anúncios e o obituário: "A gente sabe o que as pessoas querem... e sabe

que estão mortas... e basta!”

Se Jan pensa que está exercendo alguma atividade enquanto assiste passivamente àqueles oportunistas contando fofocas sobre o mundo, é porque não faz ideia, por exemplo, do trabalho que pode dar um fotolog.

LXXV Por falar em fotolog...

Como todos sabemos, este livro vendo sendo publicado em tempo real num fotolog – cada capítulo é um post. O que nem todos sabem é que minha vocação literária – feliz ou infeliz – não é um fato recente, nem dá provas de esmorecimento. O que me leva a crer que já estou irremediavelmente preso ao fardo de escrever livros até a idade indeterminada em que aquele famoso espectro mórbido e misterioso venha fazer de mim – ou de certa parte subjetiva daquilo que chamo de eu – irmão das sombras, dos ventos, dos segundos passados e de todas as outras coisas esquecidas.

Eu sei que sou um escritor fracassado, além dos outros adjetivos aí pra trás. Se tudo continuar assim, não há razões para explicar o que é um fotolog – já que todos os meus leitores possíveis estariam lendo o livro justamente aqui neste site. Mas o problema é que o destino é uma deusa que dança. Ninguém sabe o que acontecerá amanhã. A única coisa que nos segura, relaxados e confiantes sobre as cadeiras, é essa cultura estúpida e industrial da coerência. Você acha que B + A = BA, e que um + dois = três. E isso faz sentido!, dentro dessa parte específica da gente – a que o espírito mórbido e misterioso faz irmão das sombras e das... e das...

Mas no mundo físico – aquele no qual meu corpo (%Eu) permanece para se tornar chinelo ou lagartixa – ah, nesse mundo da luz nos pixels e da tinta no papel isso não faz nenhum sentido... Esse mundo é tão misterioso que ninguém sabe ainda como ele começou. Aqui, não existe coerência – apenas fatos.

E essa nossa racinha egocêntrica e pretensiosa,

de tão chocada, teve que atribuir a criação desse mundo estranho e maravilhoso a uma entidade que não podia ser um de nós. Talvez o Sol... Mais tarde, inventaram a história da imagem e semelhança, que veio junto com "escrever certo por linhas tortas". A verdade é que o Homem sempre soube que essa coisa aí fora não funciona dentro da nossa lógica interna.

Um + dois e A + B não servem pra explicar o mundo. Já o Rei dos Dançarinos, Shiva Nataraja, é um bom começo.

Como se verá em breve, esta parte do livro é para quem não sabe de certas coisas. Aproveitando o embalo, dediquemos um capítulo para tornar Nataraja acessível a todos.

LXXVI Shiva Nataraja

Nataraja é a Fortuna, e dança. Terminada a explicação sintética, para os superdotados, vamos à alternativa popular.

Para uma interpretação adequada da ilustração deste capítulo, é preciso que você, leitora mulher do sexo feminino, se imagine homem por alguns instantes.

Pense em futebol, corrida de carro, fazer a barba, mijar em pé e essas coisas todas... Mas vá com calma, leitora! Também não precisa coçar o saco! Continuemos com o exercício, que isso aqui é coisa séria...

Agora você está numa boate. Já tomou algumas e suas pernas dançam sozinhas. Se você é metaleiro, daqueles que têm vergonha quando se descobrem batendo o pé pra música de discoteca, não se preocupe. Tome mais um gole e relaxe. Machado de Assis – autoridade intelectual do mais alto quilate – era um defensor incansável da teoria que nossas pernas são entidades independentes; que possuem inteligência e identidade própria. Mas estou sempre me perdendo... Voltemos à boate.

Várias garotas te agradam. Quase todas, pra falar abertamente... (Você é homem.) Mas então chega aquela garota. AQUELA garota. E você nem pensa nisso conscientemente, mas acredita, por hábito, que ela é um ser humano e que tem pais em casa esperando por ela – e neurônios e dores de cabeça e um xampu preferido e que nasceu e vai morrer. Ninguém poderia deduzir que ela, na verdade, era uma entidade sobrenatural, sem início e sem fim. Uma deusa que, entediada, travestiu-se de

garota e foi curtir a balada. Uma força da Natureza – do Universo – materializada mulher.

AQUELA garota que te cativou, de fato, era a deusa da Sorte. Do Destino. Da Fortuna. E lhe cabiam as decisões sobre os caminhos do mundo, incluindo o rumo das vidas dos Homens.

Imagine como uma deusa seria linda na pista de dança... Meio patricinha e linda. Hipnotizado, você observa. Ela se move muito bem. Orgânica, um esnobe diria... Às vezes suave. De repente se agita frenética. Incontrolável. Imprevisível. Na boate, pisca o estroboscópio e entre flashes preto-e-brancos você a congela na mente em uma foto mental. É claro que a imagem dura apenas um instante, mas na sua concentração contemplativa você pode perceber todos os detalhes...

Em uma das mãos, ela tem uma garrafa de água mineral. Na outra mão, um cigarro aceso. Tem peitos lindos e usa uma saia curta, bem justa. Belas pernas. Um dos pés está no ar, enquanto o outro pisa impiedosamente o pé de um playboy marombado, estúpido e metido que estava por perto...

Pronto. Assim é Shiva Nataraja.

Numa das mãos, ela carrega o elemento que convida à vida. Na outra, o fogo da destruição. Carrega essas coisas como se fossem simples brinquedos para o seu deleite, usando-as indiscriminadamente.

Nataraja tem quatro braços e a garota da boate não poderia ter mais que dois, de forma que algumas adaptações foram necessárias. Tendo feito essa pequena, muito curta mesmo, mini-pocket explicação, voltamos à imagem de Nataraja – fixa em sua mente – e percebemos que os seios perfeitos transmitem:

“Calma! O mundo é lindo e tudo está bem!”, enquanto a saia curta guia seu olhar para baixo (você é homem), percorrendo pernas, em direção aos pés. Um deles está no ar, evidenciando que ela dança e se diverte. Carregando planetas e constelações de um lado para o outro enquanto pula. O outro pé esmaga as más tendências do mundo.

Essa é a verdadeira lógica do universo – a Ordem das Coisas: uma garota numa rave. Uns ela faz sorrir, outros faz chorar. Está tudo bem no mundo Real – que é imutável e sereno. No mundo das coisas relativas, a tendência é que certos comportamentos sejam desencorajados, mas a única certeza inelutável é a de que ninguém pode prever seu próximo passo, enquanto dança enlouquecida e despreocupada.

LXXVII Para os que estão em casa

Assim, voltando às questões levantadas no capítulo LXXV, mesmo um escritor fracassado e meio broxa deve considerar Nataraja – e, com ela, a possibilidade de que sua obra transcenda a primeira publicação.

Eu acredito – talvez de forma um tanto temerária – escrever um bom livro. Não um grande livro, ou obra de arte. Apenas um bom livro. O mundo está repleto de bons esforços e não vejo razão especial para que esta obra se destaque. Mas eu quero ser um grande escritor. Reconheço, com a Última humildade, que a meta está muito acima do que poderia ser chamado de apenas pretensioso para um nerd gordo, frouxo e punheteiro – mas, porra, é isso que eu quero. Isso é o meu sonho. Como eu poderia viver outra coisa? Seria inaceitável, pra mim, viver apenas pelo próximo dia. Viver para vestibular e arrumar emprego e pagar contas e casar e ir ao teatro e viajar como quem coleciona figurinhas, acomodado numa calmaria desesperada atrás do relógio e dos holofotes por pedaços coloridos de papel. Eu tenho um sonho. E se você é daquele tipo de pessoa que gosta de condenar tudo, apontando dedos – opondo, menosprezando e ridicularizando os sonhos alheios – porra.

Pensei "Porra" e desisti de terminar a frase. Acabei de perceber que estou me desculpando pra você. Estou aqui, me contorcendo em explicações para os pisadores de sonhos. Se você é como esse tipo de gente, não merece os esforços de quem tem sonhos. O justo é te provocar e irritar. Você é escória. Vá pra puta que te pariu. Enfie dedos no cu e rasgue.

Eu vou ser um grande escritor – mesmo que nunca fique famoso. Mesmo que desista de escrever, como forma de protesto, e me dedique ao malabares. Nesse caso, eu serei um grande escritor fazendo malabares e vou aprender a escrever melhor – mesmo sem escrever – fazendo malabares. Ou música. Ou origami. Ou crochê. Tanto faz. É isso, ou morrer tentando. E considerando a possibilidade de publicações exógenas e serôdias, eu queria falar sobre o fotolog – porque conheci Alice aqui, estou escrevendo meu livro aqui e esta praça pública foi minha principal praça pública por muito tempo.

Vou falar sobre o fotolog, ainda que o tema não seja fotogênico para um livro.

LXXVIII Fotolog.net

O fotolog começou em 2002, quando Adam Seifer, Scott Heiferman e um cara conhecido apenas como "Spike" (três tcholinhas) criaram essa comunidade virtual onde cada membro pode publicar, uma vez por dia, uma foto acompanhada por um texto. Convencionou-se chamar cada foto + texto de um "post". Você pode visitar as páginas dos outros membros e ter sua página visitada por eles. Há espaços para comentários, embaixo de cada post, de forma que é uma comunidade interativa. A intensidade dessa interação tem sido significativa dentro dos fenômenos sociais de rede.

Agora vou entrar num terreno delicado. Três tcholinhas. Eu não quero ofender os caras, entende? Tipo, o que me irrita não é exatamente culpa deles. Eles estão envolvidos, mas também não quero pintar a caveira de ninguém. É uma complicação ampla que eu vou jogar nas costas dos caras, porque alguém tem que carregar o peso. A imaginação humana não trabalha no vácuo. Mas quero deixar claro que vou concentrar a coisa neles só pra não me complicar demais com os dedos. É um trabalho sujo, mas alguém tem que fazê-lo – como também falam muito por aí. Farei esse trabalho com o maior respeito e seriedade. Qualquer impressão fora disso é pura ilusão das circunstâncias...

Voltando ao assunto, a ideia formadora das três bichas-deslumbradas-putas-pagas-poderosas-magnânimas-intergaláticas pra isso tudo era "trocar impressões sobre os momentos interessantes e efêmeros da vida". Não estou dizendo que eles foram bichas por causa dessa ideia específica – apesar de

ser uma proposta bem veadinha – mas pelo ataque histérico que tiveram quando a coisa tomou outro rumo.

LXXIX Pérolas para porcos

Os brazucas descobriram fotolog e entre a gente a coisa virou moda. Acho apenas natural que uma comunidade pública e interativa baseada em fotografias se tornasse um ninho de narcisismo. Mas os fundadores, indignadas, começaram a dar chilique... Insinuando que os brasileiros, enquanto povo, são fúteis. Como se "trocar impressões sobre os momentos interessantes e efêmeros da vida" fosse lá o objetivo mais construtivo do mundo!

Eu fico irritado com pessoas que oferecem presentes-exigências. Tipo, pode criar aí o seu fotolog. É de grátis! Faça o que você quiser! Mas se você não fizer o que eu quero, vou dar chilique!

Se você dá pérolas aos porcos, não pode esperar que as leitoas se tornem condessas. É ridículo. O importante é dar e esse povo deu sorte! O alegado "mau uso" do fotolog foi justamente o que o transformou num fenômeno significativo. Sem a imensa e ativa comunidade dos narcisos, sobrariam apenas alguns esquisitões (como eu) e trinta veadinhos postando fotos de passarinhos e cortinas ao vento...

A glória é uma incompreensão e talvez a pior delas – é exatamente como receitava Borges. Dar coisas para o mundo é oferecer pérolas para os porcos, porque as pessoas são estúpidas. Dar faz de você uma pessoa melhor e melhora o mundo inteiro (Bolo de Passas), mas preocupar-se com o uso que é feito das suas dádivas é vergonhoso. Proclamar-se benfeitor e exigir, daí, que as pessoas adiram aos seus preconceitos é muito mais vergonhoso do que pavonear-se com fotos. Fazer comentários racistas contra a comunidade que lhe transformou em "alguém" é

vergonhoso. É o imundo reclamando do suado!

Como fica bem claro, as pessoas não são estúpidas apenas por aqui. (Agora eu escrevo de longe, mas com o coração em casa.) Dizer que os brasileiros estão INFESTANDO a Internet? Se fossem os ingleses, ou norte-americanos, eles estariam DOMINANDO? COLONIZANDO? Pau no seu cu.

Se a nossa idiotice – essa vaidosa idiotice brasileira evidenciada pelo fotolog – é o narcisismo, os outros países que sufoquem de inveja e admiração! Pelo menos não são armas. Não somos gordos deformados jogando nem recebendo bombas! Não estamos agredindo uns aos outros por causa de um turbante, de uma barba, ou por causa da cor da nossa pele. Estamos EXIBINDO a cor da nossa pele! E ela é tão bonita que criou uma revolução na Rede.

Mas é claro que não é apenas isso que estamos fazendo.

LXXX BUM!-sucesso

Agora falando sério. Tem gente trocando "impressões sobre os momentos interessantes e efêmeros da vida". Tem gente com um talento fotográfico incrível. Tem todo tipo de artista gráfico. Tem escritores de prosa e de poesia. Tem gente simpática. Tem uma vovozinha. Tem um cara com um saco na cabeça.

Tem de tudo no fotolog. Se o maior destaque e movimento se concentra em volta de uma idiotice, o que mais aqueles socadores de janta poderiam esperar? Sem idiotice não existe BUM!-sucesso. Um punhado de poderosos influentes ou admiradores interessados poderia impor a reprodução e a manutenção de qualquer coisa complexa e inteligente, mas – mesmo no melhor dos cenários, pelo menos pelos próximos anos – se uma coisa não tem chances de pelo menos ser INTERPRETADA de forma idiota, não existe BUM!-sucesso.

Merda. Pensar nesses caras do fotolog e nessas coisas todas me deixa tão irritado que vou adiar o relato da minha relação pessoal com o fotolog – que pretendia registrar neste capítulo – e continuar xingando.

Quer dizer, eles não gostaram do BUM!-sucesso? Eles são contra isso também? Então por que eu encontrei o nome e o fotolog de cada um deles com menos de dez cliques? Por que o fotolog ainda está aqui, "infestado" de brasileiros e abrigando um novo capítulo do meu livro por dia?

Eles são tão narcisistas, aqueles cretinos, que, no primeiro brilho dos holofotes, fizeram questão de impor à mídia um comentário sobre si mesmos, em

detrimento da comunidade que os destacou. Se eles tivessem um pingo do desprendimento que mendigam, a discussão sequer teria começado.

Porra. Estou com pressa e não consigo pensar claramente. É complicado ofender alguém quando falta certeza. Alguém merece uma bolacha, nessa história toda, mas eu vou deixar pra lá.

LXXXI Fotogênico

Esta é uma pequena, uma muito curta mesma, mini-pocket interrupção, pra dizer que estou achando isto aqui um saco. O que vivi com Alice foi muito divertido e, mesmo quando triste, intenso. O que tenho vivido é divertido e/ou intenso. Já faz um bom tempo que não atravesso os dias em considerações pontuais sobre o que faço. Eu vivo e pronto. É divertido e/ou intenso. Queria que meu livro fosse assim – mas não posso trazer você imediatamente pro meu mundo, sem passar pelas considerações pontuais às quais dediquei vários anos de juventude.

Se você pegou a novela no meio, vai desligar a televisão. Eu, pelo menos, desligaria. E mesmo que você esteja acompanhando a coisa desde o começo, corre sempre o risco de você não ter entendido o que eu disse de significativo aí pra trás... A gente fala, todo mundo concorda com a cabeça, mas ninguém entendeu porra nenhuma. A gente só se explicou pra si mesmo. Tenho certeza que você já passou por isso.

Digamos que você quer uma foto do seu cachorro, pra postar no fotolog. Ele é parte importante da sua vida e você gostaria que ele estivesse ali. Mas o problema é que ele não é fotogênico. Ele faz parte da raça dos caninos que não nasceu pra gold-cam. O que você faz? Esconde o amigo?

Certas coisas são literárias, certas coisas não são. Tanto faz.

Não sei se teria sucesso, mas eu poderia TENTAR escrever coisas bem certinhas, convenientes e adequadas. Talvez transformar o argumento do livro em algo claro, cronológico, novelesco e esotérico-

mela-cueca-auto-ajuda-dramalhaço – sem nenhuma ponta fora do lugar. Eu poderia TENTAR a "mesma história" e simplesmente VESTIR o texto de revolucionário, ou matar a espontaneidade que acho tão enriquecedora no esforço de construção do edifício estético exagerado e chamativo que se destaca para convencer os estudantes de arte que aquilo ali é realmente Arte.

A moda hoje, enquanto estou vivo, é chamar atenção. Todo mundo é blogueiro e "fotógrafo" e publicitário e relações públicas e cineasta e músico e gerente de MacDonald's... Se você é um artista de verdade e quer se destacar, você precisa exagerar na estética. Muito lirismo, hermetismo, ou sintaxe rebuscada. Um obsessivo e acrobático esmero da construção narrativa. Algo que os modistas não poderiam recriar e que possa destacar sua obra na corrida sobre a rua de tijolinhos dourados do sucesso.

Vou repetir que sou fracassado. Uso a mesma palavra que todo mundo, mas não com a mesma significância. Não há um sentido pejorativo aqui. Eu sou avesso ao sucesso. Ser famoso, para mim, seria um fardo. Eu gosto de viver espontaneamente. Sou um subversivo, considerando a sociedade vigente e a ideologia dominante – sou improvável – mas eu sou uma realidade. Eu sou uma voz.

E, justamente nos tempos em que todo mundo tenta chamar atenção e fazer sucesso, acho que é mais importante cantar a minha voz. Acho mais original e ousado. Mais desafiador e atraente. Mais necessário!

A espontaneidade é enriquecedora. O planejamento e o esforço também são – mas à nossa volta

já estão cantando muito sobre eles. E como eu disse lá pra trás, talvez a sua inquietação e sentimento de vazio – que todos sentimos nesse mundo moderno-técnico-publicitário-industrial-consumista-burocrático-elitista-satânico-devorador-de-criancinhas – venha dessa overdose de histórias bem contadas, sem que você sequer desconfie disso (assim como o desempenho de qualquer carro pode estar sendo prejudicado pela deficiência de uma bomba injetora, sem que o proprietário se dê por isso, ou seja capaz de acertar no diagnóstico).

Porque os produtos culturais não se limitam a refletir mudanças sociais. Os produtos culturais oferecem, à sua audiência, modelos de interpretação da realidade que vão influenciar as percepções e comportamentos dos espectadores, de forma que esses produtos culturais também ajudam a moldar as mudanças sociais que às vezes refletem. Em outras palavras, é assistindo a filmes, novelas e desenhos, ou lendo livros; é conhecendo histórias e estéticas significativas que formamos nossa visão de mundo e nosso sistema de interpretação das relações interpessoais e da própria realidade.

Nossas impressões e comportamentos são influenciados pelos produtos culturais que consumimos – assim como nossos músculos e gordura corporal são influenciados pelos alimentos que ingerimos.

Ajustando meu monóculo enquanto escrevo, ressalto que estudos sobre o tema [Bella (1985) et al.] demonstram que, entre membros de uma amostra predominantemente de classe média, muitos, se não a maioria, eram incapazes de interpretar suas próprias vidas através de algum sistema coerente de sentido. Isso acontece porque os produtos culturais

amplamente consumidos pela classe média não dão fundamento necessário à sua percepção de mundo.

Da mesma forma que a dieta oferecida à classe média não é saudável – e se você pretende ser saudável, precisa evitar muito do que há nos supermercados e restaurantes, enquanto ao mesmo tempo busca coisas nutritivas fora desse circuito – a "dieta cultural" servida em nossos espaços públicos não está melhor que o MacDonnald's.

Para alimentar sua percepção com coisas saudáveis e profundas – para desenvolver a interpretação da própria vida através de algum sistema coerente de sentido – você precisa escutar várias vozes. Inclusive a voz que canta um mundo sem sentido – porque viver sem sentido algum e compreender a falta de sentido como uma espécie de sentido são duas coisas completamente diferentes.

Num mundo obsessivamente planejado é urgente que alguém cante a espontaneidade, porque a Música transforma a parte do seu corpo que percebe e interpreta tudo que chega – de forma que transforma o mundo inteiro, de onde você o enxerga.

A chuva é uma expressão da verdade. A ordem em que caem os flocos de neve e o caminho que percorrem as trilhas de ferrugem. Espontâneos. Sem cálculo, sem esforço e sem necessidade de se destacar em roxo para sentirem-se únicos, independentes e fundamentais. As nuvens. As ondas. Os ramos das árvores não crescem apenas para os lados convenientes.

Certas coisas precisam passar. Certas coisas precisam quebrar. Não porque seria agradável, ou belo, ou justo. Mas simplesmente porque elas existem e estão ali. Certas coisas precisam ser ditas.

Quando eu conseguir escrever desse jeito, talvez seja mais fácil viver. E tenho consciência do meu papel social, como artista, mas pra ser absolutamente sincero é preciso reconhecer que não me importo muito com isso. Sou fracassado e não me importa que ninguém, nunca, leia este livro – fora vocês que têm me acompanhado aqui no fotolog, miguxos sem os quais eu não conseguiria viver!

Espero aprender de mim mesmo. Espero imitar, com a vida, a arte. Sendo útil, verdadeiro, ou belo, não importa se é clichê.

E, se eu conseguir viver como a água que cai das cachoeiras, não temerei mal algum, porque tu e tudo estão comigo, etc... etc... etc...

LXXXII Pérolas para poucos

O fotolog tem muita coisa interessante. Claro que isso não pode ser creditado aos seus criadores – no plano deles, o rico fotolog de hoje nunca teria acontecido e a comunidade, aparentemente, estaria exclusivamente dedicada à publicação de fotos hipster-pretensiosas. São os usuários que fazem a mágica. É a comunidade que torna a coisa interessante. Essa praça pública que se formou inesperadamente. Essa coisa que falta na cidade moderna. Falta pra mim, pelo menos.

Eu gosto de fotografias. E não apenas esteticamente. Eu sou curioso. No começo, por exemplo – quando fiquei viciado – havia pouco conteúdo estético no fotolog. Pouca gente tinha câmera digital e a maior parte ainda nem sabia mesmo como tirar uma boa foto. Rolava muita coisa de escâner. Aquelas fotos que as pessoas te mostravam impressas quando você ia à casa delas. Não tinha esse luxo atual de tirar 9849085309840923 fotos pra escolher a melhor. A maioria dos posts trazia aquelas fotos preferidas dos álbuns de família, formatura, churrasco e viagem... Fotos que não foram tiradas para a Internet. Era como entrar nas gavetas das casas.

E os comentários, porra. A praça pública que eu estava falando. Ainda ontem me aconteceu algo relacionado. Eu vi essa garota no bar, sentada à minha frente. Ela tinha cabelo curto e liso. Cabelos castanhos. Um mini-rabo-de-cavalo-modernoide saindo do lado da cabeça. Um rosto cheio, apesar do corpo magro. Olhos lindos. Uma camisa vermelha, mangas compridas, listras brancas. Jeans encimado por cinto grosso, preto, meio punk. Ela foi ao banheiro e não

tinha bunda, como as mulheres daqui. Aqui realmente você pode dizer nádegas. No Brasil, as mulheres têm túdegas. De qualquer forma, ela tinha uma não-bunda bonita. Contida, mas redondinha e desejável. Eu não fui conversar com ela. Sei que é uma coisa idiota, mas eu sou assim.

Eu sou da roça. Conversar com pessoas é uma coisa complicada pra mim. Você fala algo com um estranho e cria uma relação com ele.

Não gosto de conhecer pessoas aleatoriamente. Talvez seja medo, eu não sei. A gente precisa, sempre, considerar a possibilidade de estar sendo estúpido. Todo mundo o é, em uma coisa ou outra. Eu só faço amigos entre as pessoas que já conheço.

No fotolog eu conheço pessoas. Sem obrigações. Sem pensar em consequências. Sem ter que encontrar com aquela pessoa ao comprar pão, ou na próxima festa. Posso falar o que me der na telha. Então, no fotolog, eu – normalmente tão reservado – sou cara-de-pau. Sou o que seria normalmente, se não fosse da roça.

Eu gostava de visitar essa gente com a qual eu nunca teria contato na vida e dizer exatamente o que vinha à minha cabeça. Principalmente insultos, no começo. Era inofensivo e divertido. Eu e alguns amigos passávamos horas chorando de rir, cunhando ultrajantes ofensas idiotas. Então pensei que seria muito mais proveitoso (embora nem de longe tão engraçado) se eu perdesse o mesmo tempo elogiando quem me agradasse. Sem bajulação. Apenas dizendo as coisas boas que os posts realmente me inspiravam. Hoje, eu faço amigos no fotolog.

Esse afastamento é proveitoso a uma conversa. Você diz pra uma garota: “Como você é linda!”, ou

“Seu sorriso é incrível!” e será imediatamente inserido no mesmo grupo de todos os idiotas que dizem essas coisas por não terem coragem de dizer “Oi, eu quero te comer!”. Ela pensa que você está dando uma cantada, e pronto. Eu não tenho paciência pra isso. Eu me recuso a pertencer ao grupo dos mamelucos-pistoleiros-cegos. Vi uma foto, num flog, tirada com o infravermelho da câmera. Era uma foto bem bonita – obviamente tirada com uma câmera digital, que era novidade naquele tempo. Escrevi pra ela:

a noite é fria e as manhãs pequenas
numa esperança o tédio come as tardes
e o que observo entre o piscar dos cílios
é um lugar desconhecido povoado
por carruagens de entidades improváveis
que correm ágeis sobre um chão de estrelas
e vêm do céu para brincar nos átomos

buscando êxtase encarando o infinito
eu me encantei com um sorriso verde
entre cabelos de amazona marciana
de chamas claras no infravermelho

fotografias que dispensam negativos
olhos que brilham como blocos de esmeralda
uma surpresa ainda fresca na lembrança
que traz delírios e perguntas no espelho

um rosto meigo pra arrancar o véu das musas
que nome doce sopra o mel de vossos lábios?

funciona assim:

“peque o que quer
e depois
pague por isso”
é o que me diz um tal ditado árabe

quero me lambuzar de tudo que fascina
e o azul-anil do que é a minha sina
propõe barganhas mil
pra debitar na pena

o mundo traz beleza
e eu escrevo
um poema

Ou seja, no fotolog eu posso dar vazão às coisas que pipocam na minha cabeça, sem me preocupar com a pertinência social disso. Se eu olho pra uma garota na rua e falo aquilo, é problema. Que reação ela vai ter? Mesmo que a reação seja favorável. Talvez PIOR se for favorável – eu posso criar uma relação com alguém e mais tarde descobrir que fiz merda. Não acho que devemos cair em alguém só porque a achamos linda, da mesma forma que também acho bobagem fazer o mesmo só porque dissemos algo bonito. Eu sou frouxo por opção e tomo meu tempo pra tudo.

Atirei na vaca e acertei o corvo, como dizem os russos. Eu queria explicar porque adoro tanto o fotolog. Parte disso é porque sou brasileiro, fútil e também adoro mulheres bonitas. Acho que essa parte já estava explicada. É isso. Pra mim, o fotolog é um prato cheio.

LXXXIII Perdido

O dia amanheceu lá no mar alto da paixão e estou perdido. Começo escrevendo com algo em mente, mas vou descobrindo bichinhos nas goiabas e – entretido com elas – esqueço aonde ia.

O pessoal aqui no fotolog não costuma ter paciência pra ler muito. Acho que, no futuro, nenhum ser humano será capaz de ler qualquer coisa com mais de dois mil caracteres.

Então um brinde à preguiça! Este será meu capítulo de hoje.

LXXXIV É tcholinha, mas é massa

Não aguento mais falar de fotolog, mas foi através dele que conheci Alice. Eu comecei centenas de conversas no fotolog e fiz dezenas de amigos. Gente que nunca vou encontrar pessoalmente. Um monte de gente da minha própria cidade, que eu encontrava regularmente pelas ruas e festas. Gente com quem tinha afinidades e que dificilmente teria conhecido sem a mediação do fotolog.

Era como um colégio, ou coisa do tipo. Uma estranha comunidade de recreio. Ninguém sabia seu nome de verdade – a não ser que seu login fosse o seu nome. Várias pessoas me cumprimentavam na rua pelo login do fotolog. E eu fazia o mesmo com N% dessas pessoas. Ana Aranha. Leones Bê. Lulu da Lua. Dogmadhino. Quilombo. Nara X. Fê Jardim. Samurai Gonzales. Reizel Perdida. Dêssa Necro. Frutta. Tchela. Largada...

Foi uma época muito marcante para a minha geração – a que viu o nascer da Internet. Rolava aquela conversa caipira de "Mas será que dá pra arrumar namorado nisso?". Os campônios ainda não entendiam que a Internet era como qualquer outro lugar. E ainda que eu acreditasse na possibilidade, ainda me espanta que minha história com Alice tenha começado com um comentário de fotolog.

E não há mais o que dizer sobre fotologs. Tem uma galera que empina o nariz e trata como "coisa de povão". Tem a galera que se fecha e atira posts como se fossem pedras num lago. Tem uma comunidade interessantíssima, mas é de fato meio patético.

Resumindo: fotolog é tcholinha, mas é massa (<-- exatamente como a última frase).

LXXXV Petito

Já fiz listas comentadas com vários amigos – a gente só conhece doido. Fazemos listas comentadas, enumerando os integrantes dos nossos círculos de amizade. e as ilustramos ociosamente com pequenos episódios demonstrativos. Nosso círculo de relações é inteiramente constituído por figuras extraordinárias.

Mas alguns desses doidos não se limitam a revelar-se indivíduos extraordinários só quando paramos pra pensar nisso. Alguns são reconhecidos e renomados como doidos.

Petito, por exemplo, tem esse apelido por causa de uma ração de cachorro homônima. É que numa festinha de apartamento ele comeu algumas unidades dessa pitoresca iguaria canina, sob a afirmação de que seriam, na verdade, alucinógenas pastilhas de LSD, e as pastilhas fizeram efeito.

Aconselhado a ingerir a "droga" com BASTANTE vodka – para aumentar o efeito – Petito tornou-se o astro principal de um excelente vídeo amador. A festinha rolando. Vários cortes secos. Tomadas confusas. Cenas desconexas. Entre elas, uma rodinha gritando: "Vai! Vai! Vai! Vai! Vai!..." Petito surge no centro da coisa, contagiado pelos gritos. Levantando os braços. "Você consegue!" Ele tira a camisa e pula no chão. Começa a nadar na tábua corrida. Gritando:

– Eu sou o Gustavo Borges! Eu sou o Gustavo Borges!

LXXXVI Me contaram que...

– Me contaram que eu fiquei pelado e pulei na piscina. E que, quando a festa inteira parou pra ver, e o dono da casa me pediu pra sair, todo mundo em silêncio, naquele maior momento Professor Linguiça, eu pedi pra esperar só um pouquinho, que eu estava mijando...

Toda vez que Petito conta sobre a última festa, ele começa com: "Me contaram que..." Estou dizendo isso pra dar uma ligeira ideia do estado alcoólico dele quando nos encontramos em cima da Ibituruna.

Por sorte, ele não estava elétrico. Estava numa onda morgada de encostar num canto com uma latinha e pensar na vida.

Nessa noite, num arroubo de confusa inspiração, Petito falaria uma frase clássica, que seria eternizada – entre nosso amigos – como a fórmula perfeita para resolver problemas insolúveis.

LXXXVII O lance é pular alguma coisa...

– E aí, Petito.

Ganhei um leve aceno de cabeça. Sobrancelhas arqueadas, combinadas com um espremer de lábios, comunicavam desânimo. Houve ainda um ligeiro levantar da latinha.

Disse que tinha brigado com a namorada, há pouco. Pra piorar, já eram duas da manhã e ele tinha perdido as chaves de casa.

Discutimos algumas alternativas; esperar amanhecer, ou assumir a manguaça e tocar a campainha. Como nenhuma opção parecia satisfatória, chegamos num silêncio meditativo. Goles. De repente, o rosto de Petito se iluminou. Do que eu achei que seria um sorriso, veio uma cara Sherlock Holmes que, balançando sutilmente a cabeça, disse:

– O lance é pular alguma coisa...

O "lance" é que não tinha nada pra pular. Petito mora no meio de uma série de casas com fachada ininterrupta. Um quarteirão inteiro de muro contínuo, salpicado por portas e janelas.

Tentei dizer isso pra ele, que respondeu displicentemente com um gesto superior de "xá-comigo". Então tive que explicar para Petito, com grande calma e apuro descritivo, as particularidades do imóvel em que sua família residia. Finalmente, ele reconheceu que não dava pra pular nada, mas eu fiquei até arrependido. Isso parece tê-lo abatido ainda mais. Ficou olhando pra baixo. Triste.

Não sei exatamente como ele resolveu o caso, mas quando contei essa conversa para alguns ami-

gos – que também conheciam Petito e sabiam onde ele morava – acabamos adotando a frase.

Chegamos à conclusão de que essa solução contém um profundo ensinamento metafórico. Como aquela coisa de pensar fora do quadrado. Quando todos os caminhos parecem fechados e a mente falha em conceber um plano razoável, "O lance é pular alguma coisa...".

LXXXVIII Você quer namorar comigo?

Como um caçador de ostras que volta à superfície para respirar, de mãos vazias, ou como o astronauta que despenca em chamas sobre os cabelos espumantes do mar, voltemos à nossa história.

Na verdade, voltemos com menos empolgação.

Depois daquele dia com a ex-namorada, eu deixei Alice um pouco pra lá. Parecia ser o melhor a fazer. Quando a gente alimenta um sentimento por alguém que não parece sentir o mesmo, é subir uma escada que não existe. Só o tombo é certo.

Parei de telefonar. Saí com meus amigos. Li um livro. Escrevi. Essas coisas... Ela também não demonstrou grandes interesses, por um tempo. Então, acho que depois de uma semana, ela me ligou. Pediu pra me encontrar no shopping.

Foi bom. Entramos nas lojas. Tomamos sorvete. Demos várias Voltas Olímpicas – que era como chamávamos nossas caminhadas á toa, circulando a praça de alimentação. Andávamos de mãos ou braços dados. Abraçados. Fizemos todo tipo de inutilidades e nos sentamos para tomar uma cerveja.

Ela veio cheia de dedos. Tentando começar um assunto. Contou casos ilustrativos. Fez certas explicações elaboradas.

– Estou entendendo tudo que você disse, Alice. Mas o que você está querendo dizer?

– Você quer namorar comigo?

LXXXIX Seleção natural

– Antes eu achei que não daria conta, mas fiquei pensando, esses dias. Acho que eu poderia dar uma boa namorada.

Como viu que eu ainda não me preparava pra responder, Alice acrescentou rapidamente:

– Eu fiquei preocupada, pensando que você poderia querer descontar a vez que me pediu a mesma coisa... Que podia aproveitar a oportunidade pra me humilhar. Mas eu pedi assim mesmo, porque queria namorar com você.

– Estou muito longe de pensar em humilhar você, Alice. Se esse fosse o caso, eu nem viria ao shopping. Não estou guardando nenhum rancor pra descontar. Eu guardo carinho por você, mas isso é parte do problema... Também andei pensando muito. Eu sofri estupidamente, naquele dia. Andei pensando justamente em não namorar ninguém por um tempo. Não ficar me colocando naquele tipo de situação, todo inseguro... Eu não quero depender de ninguém. Quero compartilhar coisas. Quero um namoro que acrescente algo na minha vida, não só uma muleta pra me apoiar em cima... Eu sempre evitei os relacionamentos confusos que observo à minha volta e percebi que estava prestes a cair num deles. Acho que ainda não estou pronto...

– Isso é um não? Ela perguntou em cima.

– Desculpe. Parece que aquele dia fez cada um de nós enxergar pelos olhos do outro. Estou meio noiado de assumir um compromisso agora. Acho melhor a gente dar um tempo pra ver qual pensamento vai sobreviver. Eles são como os bichos, os pensamentos, você sabia? Também passam pela

seleção natural.

Ela riu. Combinamos novos encontros pra semana seguinte e prometi voltar a ligar. Mas não nos beijamos nesse dia. Nos despedimos com um abraço forte. Foi isso.

XC Eu quero mudar

Dois dias depois, voltamos ao shopping. Ver um filme no cinema. Ela escolheu a comédia romântica na sala um. O lanterninha nos interrompeu numa parte ótima, resmungando: "Vamo pará com esses agarramento aê..."

Conversamos sobre outros filmes, sobre discos e pastel de queijo. Ela quis saber sobre minhas ex-namoradas.

– Eu só tive uma, oficialmente.

– Só uma? Quanto tempo vocês namoraram?

– Oficialmente, nós só namoramos um dia, mas nesse dia eu não me encontrei com ela.

Expliquei Linda, por alto, enquanto ela estava rindo. A pedido de Alice, falei sobre outras mulheres com quem fiquei a longo prazo, sem estabelecer propriamente um namoro. Eu nunca tinha tido um compromisso firmado e duradouro com ninguém. É sempre constrangedor explicar isso. Você se sente meio que sem currículo. Acho que em apenas um de seus quinze anos, ela já tinha "namorado" mais do que eu.

– Você está ficando com mais alguém? Ela perguntou.

– Não. Eu nunca fiz isso, de ficar com várias pessoas no mesmo período.

– Eu também não. Também não estou ficando com mais ninguém, quero dizer. Antes eu ficava com todo mundo que chegasse em mim. Mas agora eu quero mudar.

E nós saímos juntos várias vezes depois. Sem falar em namoro, mas se apegando ao outro e estabelecendo uma relação praticamente de namorados. Só faltava mesmo a formalização da coisa.

XCI Tinha eu dezesseis anos de idade...

Quando eu tinha dezesseis anos, quis aprender bateria.

– Pai, quero aprender bateria.

Dos cinco aos seis anos de idade, eu tive aulas de piano. Mas resolvi que não queria mais aprender aquilo. Dei mole. Com dezesseis, eu já tinha feito natação, futebol, basquete, vôlei, caratê, full-contact, lambada, comprado um skate e deixado tudo de lado. Meu pai não gostou da bateria. Barulho demais. Dinheiro demais. Provavelmente sem muito proveito. Não era como se eu fosse o cara mais dedicado do mundo...

– Se quer aprender um instrumento, pode usar meu violão.

Eu encarei aquilo como um teste. Um desafio. Aprender violão só pra mostrar pra ele que eu não sou fogo-de-palha. Posso aprender alguma coisa, quando quero de verdade!

É claro que eu ERA e provavelmente ainda sou meio fogo-de-palha. Achando que aprenderia em vinte minutos o que me garantiria o direito de insistir na bateria, fui até o quarto dele e voltei com o violão.

– Então me ensina.

Ele pegou o violão e me mostrou, com paciência, duas notas. Um dedilhado. Quando achei que viriam mais notas, ele falou:

– Agora treina isso. Quando estiver bom, eu te ensino mais.

Muito fácil, eu pensei. Fui para o meu quarto e

treinei um pouco. Voltei.

– Você está demorando demais pra trocar de nota... Ainda não dá pra te ensinar mais nada.

No outro dia:

– A segunda corda está mascando.

– Mas é duro, pai.

– Duro? Como assim? Um homem desse tamanho não consegue apertar uma cordinha de aço?

Mais tarde:

– Você está dedilhando na corda errada...

– Está sem ritmo...

– O som não está saindo como deveria...

Isso por todo o fim de semana. Ele nem olhava pro violão. Às vezes, eu nem tinha tempo de tocar as duas notas. Ele colocava um defeito e continuava o que estivesse fazendo. Chegou segunda-feira e ele viajou para trabalhar, me deixando com apenas duas notas para a semana inteira.

XCII A segunda aula

Sexta-feira ele voltou e eu já estava com o violão. Esperando. Eu ia mostrar pra ele.

– Agora sim. Até que enfim! Senta aí... Vou te ensinar uma música.

O mais irritante é que a música não tinha nada a ver com aquelas duas notas. Não tinha acordes. Era um solinho. Como tocar a melodia do Parabéns pra Você, ou do Hino Nacional.

Só que era um chorinho. Uma música que eu nunca tinha ouvido. Então o máximo que consegui fazer foi decorar a ordem das cordas a serem tocadas e os lugares que eu precisava pressionar com os dedos da mãos esquerda. O esqueleto físico da música.

Nem tentei a opinião do meu pai naquele final de semana. Voltava apenas para tirar dúvidas. Ou eu esquecia onde tocar, ou não sabia como fazê-lo. Ritmo. Melodia. Essas coisas... Quando ele foi embora, na segunda, eu já tinha o toquinho na cabeça. Já conhecia a música, mas sempre errava alguma coisa. Foi uma semana longa. Antes de sair, ele me ensinou mais duas notas.

– Se você enjoar da música, por um tempo, treine estes acordes...

XCIII Curso prático em três aulas e dedos doendo

Na terceira aula, eu já sabia a música e ele me ensinou outra. Ao invés de acordes, ele me deu dinheiro e falou pra comprar algumas revistas onde eu poderia encontrar toneladas deles. Foi fácil. Não precisei mais ficar esperando o fim de semana.

Você não precisa, necessariamente, gostar da música. Algumas que eu não gosto são gostosas pra tocar no violão. Aprendendo, então, qualquer coisa que você reconheça é uma delícia.

Depois de algumas semanas, meu pai me chamou.

– Toca.

Eu toquei.

– Toca aquela primeira música que eu te ensinei.

Àquela altura, já era fácil. Não tinha pestanas nem as outras complicações que eu estava encontrando nos acordes difíceis. Nem tinha acordes. Era só uma espécie de solinho.

Ele aprovou e disse que iria me ensinar uma coisa. Era a mesma música, mas cheia. Na terceira nota, ele tocava um acorde inteiro. Ele ia fazendo o mesmo toquinho, mas com acordes inteiros na maioria das notas, de forma que a música virou uma sequência grande de acordes salpicados de arranjos. Eu fiquei encantado com aquela possibilidade e ele precisou de muita paciência pra me ensinar a primeira parte. Ele sempre teve muita paciência.

Depois de um tempo, eu ainda queria aprender bateria – e talvez eu quisesse ainda mais – só que estava entretido demais com o violão pra pensar em gastar tanto dinheiro e fazer tanto barulho.

XCIV Death metal acústico

Então eu tinha dezenove anos e estava sempre na casa de Dimitri. Às vezes, eu levava o violão.

Nesse dia a gente não aguentava mais assistir ao jogo com o qual Luke vinha se entretendo. Tentamos vários métodos para irritá-lo, só pra interromper, mas Luke era o tipo de cara que não se perturba com nada. Aí já vira guerra.

Ele se concentra e ignora você completamente. Se ele estiver digitando, você pode batucar um sambinha na cabeça dele que o cara nem tchuns. Estou falando sério. Já aconteceu mais de uma vez, com variados ritmos e intensidades. Esse é exatamente o tipo de cara que Luke é.

E como ele era fanático por videogame, cara. Ele parece ter nascido com uma manete no colo. Agora estava ali, deslumbrado com um joguinho novo. Mas o jogo era em inglês, sem legenda e os diálogos eram fundamentais para o andamento da coisa... De forma que eu e Dimitri nos apegamos ao plano de fazer muito barulho. Nossa tentativa diária de tirar Luke do sério.

Sabe, a gente tinha essa coisa de zoar bandas podres de death metal. Aqueles caras que não sabem inglês... E death metal – parece que tem uma lei sobre isso – só pode ser em inglês, ou naquelas línguas bizarras do norte. Dos vikings.

Banda ruim de death metal é engraçado igual filme barato de ficção científica. Só de pegar no encarte você já descobre aqueles erros toscos. "Lords Off Death", "Evil's Satan", "Thank you very much of the stars I love"… Esse tipo de inglês. Só que, é claro, falando de satanás, sangue, escuridão, tumba,

vampiro, mulher morta e cruz de cabeça pra baixo...

Você ouvia as músicas, então, e nem sabe se a banda está cantando em inglês mesmo, ou se na verdade aquilo é alguma língua morta que eles aprenderam nos calabouços do inferno. É igual as logomarcas das bandas. Não dá pra entender porra nenhuma.

Preste bastante atenção no vocal. Os caras embolam tudo, achando que ninguém vai perceber, e no fim da frase falam uma palavra em inglês. Só uma. Nós estávamos convencidos de que alguns daqueles vocalistas só decoravam a última palavra de cada frase.

Então eu espancava o violão e Dimitri gritava, dentro desse espírito death metal tosco. Era um fidaputa barulhento, aquele Dimitri. Cara de pau e essas coisas todas. Ele empolgava mesmo. Fazia gestos e tudo. Maior performance...

E você acha que Luke se irritou? Qual nada... Por alguns minutos, ele nem percebeu! Quando ficou berrantemente claro que havia qualquer distúrbio ambiental impossibilitando a compreensão holística de um fundamental discurso do Mago Mestre, SÓ ENTÃO ele foi olhar pra nós. E riu, o fidaputa. Ele achou massa.

XCV Onde vamos até o computador com uma folha de papel cheia de rabiscos e palavras idiotas, um violão desafinado aparece do nada e os planos são ligeiramente alterados na última hora

Fomos nós pro computador, dispostos a gravar aquilo. Depois de alguma discussão sobre as melhores palavras, tínhamos uma letra definitiva pra música, escrita sobre uma folha de papel. Ondinhas rabiscadas com a caneta indicavam onde Dimitri apenas gritaria coisas ininteligíveis, e uma palavra no final de cada verso deveria formar todo o sentido da coisa. Era mais ou menos assim:

~~~~~~~~~~YOU!
~~~~~~~~~~MY DICK!
~~~~~~~~~~SATAN!
~~~~~~~~~~YOUR MOTHER!

~~~~~~~~~~GONNA GET YOU!
~~~~~~~~~~MICROSOFT!
~~~~~~~~~~IT'S NOT ENOUGH!
~~~~~~~~~~KILL YOU!

O plano básico era: eu tocava violão, Dimitri gritava e Luke controlava o computador – operando o programa que ele tinha descolado, na época, pra gravar com o microfone. Coisa mais tosca. Microfone de kit-multimídia. Barulho do ar-condicionado. O estúdio perfeito pra o que pretendíamos fazer.

Dimitri desaparece por alguns minutos e volta com um violão velho e empoeirado, com duas cordas a menos do que deveria ter, e resolve tocar também.

XCVI Rock Regressivo

No meio da gravação, enquanto improvisávamos um mini-pocket solo para dois violões – de forma, digamos, ousada – a perturbação atmosférica causada por nossos movimentos nada delicados derrubou a folha com a letra da música (perfeitamente dispensável), que foi parar em qualquer lugar embaixo da mesa do computador.

Luke, um rapaz sempre alerta e prestativo – o perfeito escoteiro – abaixou-se para pegar o papel e bateu a cabeça no microfone. O lance é que ele fez isso num momento tão perfeito, que o barulho da colisão combinou com a música. Quando conferimos o resultado, ouvindo a gravação, rimos tanto que ninguém considerou fazer tudo de novo pra melhorar alguma coisa. Estava horrível, aberrante e ambíguo; era exatamente o que a gente queria.

Começamos a fazer mais músicas, com ideias diferentes. Outros amigos participavam. Sempre gravando no computador, dentro de casa. Praticamente ninguém sabia tocar nada e nem tínhamos mesmo instrumentos além de violões; então usávamos qualquer sucata que encontrássemos pela casa. Panelas, um galão de água mineral, placas de ferro, máquina fotográfica, canos de plástico, caixas de fita cassete, pote de comprimidos, por aí vai...

Eu detesto essas bandas que fazem tudo certinho, tudo no lugar, mas sem significar realmente nada além de "Comprem meu disco!". A gente tentava fazer o contrário. O processo de composição e gravação levava, em média, quinze minutos. Tudo muito mal feito, com uma qualidade péssima. Mas tudo altamente significativo pra gente. Tudo cheio

de ideias que acreditávamos novas. Não queríamos vender nada pra ninguém, nem impressionar ninguém. Não estávamos suando e brigando um com o outro pra definir a melhor forma de agradar o mundo. A gente só queria se divertir. E foi divertido.

A maioria das bandas só grava pinoia. Eu não gosto de pinoia, cavalheiros. Quando me perguntam sobre o que eu escrevo, nunca sei o que responder. Era a mesma coisa com música. "Que tipo de som sua banda toca?" Sei lá... A única expressão aceitável que encontramos para descrever nossas motivações foi "Rock Regressivo".

XCVII Fabinho chega em Valadares

Então o tempo passa e as reuniões com os amigos ficam menos frequentes. Todo mundo trabalhando, ou abandonando Governador Valadares. Eu fico em casa pensando: "Porra, alguém devia fazer uma música assim..."

Comecei a fazer músicas sozinho, por falta de opção. Tudo dentro daquele mesmo espírito que tínhamos criado. Não era tão divertido, sozinho, mas eu fazia músicas pra ouvir. "Eu queria que alguém tivesse feito uma música com essa ideia...", mas ninguém fazia. Se eu quisesse ouvir aquela ideia musicada, teria que gravá-la por conta própria.

Mas era só isso que eu fazia. Perseguir ideias específicas. Eu mirava numa coisa e o resto não interessa. Eu só queria atingir aquilo. O resto é pinoia. Definição, precisão, acabamento, equilíbrio de frequências... Foda-se! Já tem gente demais fazendo música pra agradar visita, mesmo que a visita seja um metaleiro. Gravando tudo bonitinho. Eu só busco por aquilo que não consigo encontrar em outro lugar. E quando consigo isso, eu fico viciado na música. Eu ouço a coisa duzentas vezes seguidas e então fico enjoado – é quando sei que preciso fazer outra.

De qualquer forma, eu tinha acabado de gravar e mixar uma dessas músicas quando o interfone tocou. Antes que eu tivesse oportunidade de ouvir a coisa pronta, minha mãe avisou que a chamada era pra mim. Um amigo que vejo muito raramente e um cara que eu nunca tinha visto.

Fabinho também tocava violão, mas estava mais para o lado show-man da coisa. Tocar em bares,

festinhas, essas coisas... Ele era primo do vizinho do irmão da namorada do tio de um conhecido meu. Alguma coisa do tipo. Morava em outra cidade, mas me visitava sempre que passava por Valadares. Eu gostava do cara. Ele era baixinho e todo empolgado-serelepe-saltitante. Quase tcholinha. Cabelos grandes e cacheados, quase loiros. Um bronzeado eterno na pele clara, como se ele fosse um gringo morando na Bahia.

XCVIII O outro

O outro também era baixinho e magro, mas as semelhanças óbvias acabavam por aí. Era pálido. Cabelo preto. Curto. Uma nesga de tatuagem tribal saindo da camisa e escalando um pedaço do pescoço. Quieto. Quase tímido. Um aperto de mão firme, mas polido.

Ele parecia ser naturalmente meio calado, mas podia ser culpa da situação. Com Fabinho na sala, todo mundo parece meio calado.

Começamos uma conversa sobre música. Ele era tecladista. Fabinho me explicou o que Thales fazia e explicou a Thales o que eu fazia. Falamos sobre indústria cultural e sobre a insensibilidade das pessoas em relação à música como Arte.

Ouvimos uma coisa ou outra. É incrível quando você já conhece uma banda há anos, sem que ninguém à sua volta a reconheça, e então aparece alguém que também a adora. Ele ficou impressionadíssimo porque eu tinha uns discos do Canaan e me recomendou discos que ouço até hoje. Fabinho me pediu pra mostrar uma das minhas músicas. Como eu ainda não tinha ouvido a versão final da que acabara de fazer, resolvi tocar essa.

XCIX A música

Tinha a ideia da letra e a ideia instrumental. Eu já li por aí que aquilo que realmente nos move é um desejo secreto de morte. Aquele tipo de frase que você fica remoendo por vários dias. Relembrando e confirmando ao longo da vida. Eu queria falar sobre esse desejo velado de morte que as pessoas tentam camuflar em si e no mundo. Essa constante camuflada que as pessoas fingem não estar ali. E eu também estava com vontade de fumar – depois de um período prolongado sem cigarros.

Pensei uma música bonitinha, com uma base bem assimilável. Então peguei o violão antes de escrever a letra. Fiz duas faixas de violão com um teclado por cima, numa estrutura bem manjada de balada. Um violão tocando notinhas pop num ritmo la-di-da, enquanto o outro dedilhava um acompanhamento sobre as mesmas notas. O teclado fazendo um toquinho melodioso por cima, desaparecendo um pouco quando a voz entra e voltando com tudo pra fazer o solo.

Mas eu não fiz isso por acreditar que baladas são belas expressões musicais. Não sou baladeiro. Eu não tenho favoritos. Não estava tentando fazer uma grande balada, dentro do código próprio em que as baladas concorrem entre si. Eu nem tinha equipamentos, conhecimentos técnicos, ou habilidade pra fazer isso. Por mim, a balada que se foda. Eu tentei aquilo porque servia a um propósito. Uma coisa feita pra ser certinha, mas avacalhada. Violão mascando. Um dedilhado que inventei enquanto gravava, pras notas parecerem assustadas. Um teclado com embalagem bonita, mas com alma psicó-

tica. Doido. Espasmódico. Uma estética do lo-fi. Um dedo debochado, com a unha grande e suja, apontando para o mundo certinho onde tudo é colorido e o Saci não tem cachimbo, onde – por trás dos rostos sorridentes, dentro dos peitos estufados – bate um coração desesperado. Doente. Louco. Entre pulmões ávidos por fumaça.

Como não sei tocar teclado, eu era um músico altamente qualificado pra esse tipo de trabalho.

Mas é claro que não falei nada disso para Thales e Fabinho. Seria chato. Cliquei duas vezes no arquivo e esperei pra ver o que eles achavam.

C Onde o andamento da narrativa será interrompido novamente para o registro de uma pequena, muito curta mesma, mini-pocket nota de caráter histórico-comemorativo (-cacofônico)

Chegamos ao centésimo capítulo/post deste livro. Coincidentemente, hoje, 08/04/2006, Viktor Vafloff faria cem anos, se aquele envenenamento acidental com o sorvete de cogumelos não o tivesse tirado de nós. Comerei um bolo de passas e, para abrilhantar a homenagem, tentarei o empadão de manga com presunto – sua receita mais ousada e controversa.

CI O Maquinista Misterioso

Voltando a Thales e Fabinho, eles riram da música – o que já é uma das melhores reações que você pode tirar das pessoas. O riso é preferível às lágrimas.

– Tinha um latido de cachorro numa parte? Fabinho perguntou.

– Isso foi acidental. Meus cachorros fazem altas participações especiais, junto com os passarinhos, os espirros do meu pai e o Maquinista Misterioso...

– Maquinista Misterioso?

– É que a linha de trem passa aqui perto. E essa porra de maquinista, eu não acredito que seja mais de um, tem algum tipo de poder sobrenatural. Outro dia eu fui num show no estacionamento do shopping, que também é perto da linha de trem. Uma banda de jazz fazendo um jam quando o trem passou. O maquinista apitou numa parte massa da música. Ele não apita aleatoriamente. Entra sempre no tempo, com swing e essas coisas... É maquinista só por amor à profissão. Podia, fácil, fácil, estar gravando um disco com, sei lá, o Frank Zappa...

– O Frank Zappa já morreu. Você não ouve notícia?

– Você é que não conhece nada dos poderes do Maquinista Misterioso...

Eles foram embora, deixando a impressão de que eu tinha mais um amigo.

CII Onde eu decido tomar uma decisão

Algum tempo depois encontrei Thales pela segunda vez. Foi no Rock do Leite. Era uma festa na Praça de Esportes, com várias bandas. O preço da entrada era uma caixinha de leite, para obras de caridade, e daí o nome da festa. Foi uma festa interessante, que também culminou num dia marcante.

A maioria das pessoas por lá era bem mais nova do que eu. Uma festa que ainda tinha bagos e vinho barato. Roupas mal vestidas. Ainda existia isso por lá, no meio do resto padronizado. O pessoal da minha idade já tinha trocado o skate pelas camisas de botão. Todo mundo só falava de dinheiro, cheque e cartão de crédito. Contas. Não dá pra culpar ninguém. Os molequitos ainda se sentiam meio revoltados. Eu gosto disso. Mesmo sabendo que em pouco tempo todos ali estariam como a minha geração, eu sou criançãoe me senti à vontade na festa.

Encontrei muita gente que eu só conhecia pelo fotolog. Uma mini-punk me perguntou: "Você é o namorado da Alice?" Eu disse: "Espera aí um pouco..." e fui pro lado de fora do galpão, onde o som era mais baixo. Tinha tomado uma decisão.

CIII Guria responsa

Nossos telefones tinham essa coisa de se ligar de graça no domingo. Eu estava pensando em como tinham sido bons os últimos dias e em como Alice estava sempre presente no meu pensamento, por uma coisa ou por outra.

– Secretaria Superior da Faculdade de Letras de Serraria, boa tarde.

– Oi, Alice.

– O que você falou?

– OI!

– Oi... Oi? Merda de telefone...

– Você está em casa?

– Estou. E você? Na guerra?

– É um show. Alguém me perguntou se eu sou o seu namorado. Liguei pra perguntar se posso dizer que sim.

– O quê?

Eu repeti.

– Pode sim!

Voltei até a festa, encontrei a menina e disse pra ela:

– Sou eu mesmo, o namorado da Alice.

– Pods crê... Guria responsa. Tem estrutura total de jogar um psicológico de prima no galeroso. Mas se liga aí nas amarração de lei dos parangolé, tá manjando? Se rolar um pilão muito sarado, corre o risco de ficar dodói.

CIV Choro silencioso no barulho do trem

Depois da enriquecedora conversa com a mini -punk, encontrei Thales pela segunda e última vez. Ele estava de camiseta preta, mostrando um pedaço maior da tatuagem. Bêbado. Mais animado. Ele levantou o braço quando me viu e veio correndo, sorrindo. Conversamos um pouco. Ele ficou de passar lá em casa, qualquer dia que nunca chegou. Eu queria ser amigo do cara, mas pouco tempo depois ele se matou. Porra, até me abate lembrar de uma coisa dessas. Um desespero tão grande. Definitivo. Solitário.

Você poderia ter escolhido um método mais gracioso, cara. Sem cicatrizes. Morrer como Cleópatra. Eu queria ser seu amigo e queria ter dito isso pra você. Porra. Os caras mais otários permanecem. E talvez seja apenas para fugir deles que alguns dos bons escolhem um travesseiro tão duro e frio para pousar a cabeça na última noite.

Eu encontrei o cara duas vezes e senti que tinha um amigo. Esse era o tipo de pessoa que ele era. Duas vezes, e já faz algum tempo. Mas o trem deixou de ser engraçado, depois do que você fez.

CV O texto mais difícil que eu tentei escrever

Porra, hoje o Jan me perguntou há quanto tempo eu escrevo. “Desde os cinco, eu acho...”, eu ia respondendo. Ele nem me deixou terminar, prevendo o sarcasmo desanimado no ar.

– Há quanto tempo você... tem o costume de... escreve essas coisas... há quanto...

Eu entendi o que ele queria dizer, mas eu não sei. É difícil guardar essas coisas. Mas, seja como for, acabei de tentar o texto mais difícil de todos que tentei escrever nesse tempo todo. Foi assim. Eu estava aqui brincando com o teclado desse computador paleozoico que ganhei de presente. Até ontem eu sentava no chão, com o teclado no colo, porque o computador estava muito baixo, em cima de sua mesa improvisada – uma tábua em cima de uma caixa plástica pra colocar peixe na feira. Tudo achado na rua. Maior gambiarra. Então hoje de manhã nós achamos uma mesa jogada fora, na frente de casa. Ela também é baixa e curta, mas já dá pra sentar na cadeira, com o teclado no colo. Eu estava aqui me divertindo com a posição muito mais confortável, digitando coisas à toa. Qualquer coisa que viesse à cabeça. Quando parou de vir, me encontrei batendo sem propósito na tecla de espaço. Segurei o back e vi o indicador de texto voltando, apagando os espaço vazios. Comecei a achar aquilo um desperdício, sei lá. Aquela linha estava até legal, cheia de nada.

Admito que estou bêbado, mas isso não invalida minha tese. Torna sua exposição confusa, mas não

a invalida...

Como seria escrever um texto só de espaços vazios? Comecei a digitar de novo, enquanto elaborava e experimentava. Tentei apertar Enter algumas vezes, pra descer a linha, como numa poesia. Ainda não tinha graça. Então tive a ideia de que seria uma obra meritória se um artista fizesse um texto composto apenas de espaços vazios, mas realmente dando um sentido praquilo. Realmente querendo dizer cada uma daquelas unidades de nada.

A tentativa durou algum tempo, até eu começar a escrever isto aqui. É difícil pra caralho. No começo, eu estava até percebendo palavras – fragmentos separados em partes diferentes do nulo. Tudo muito bem dividido, como as palavras, pelos espaços em branco: com seu significado próprio e diferente do dos outros. Mas é só você perder a concentração total por um segundo e há algo na cabeça. Aquele vazio é falso.

Você dá mais um espaço e tenta começar de novo. Você não pode pensar nos vazios, ou você não está mais vazio. Você tem que sentir – o vazio precisa te ocupar – enquanto você digita sem pensar. Vou dizer pra você... Às vezes eu consigo chegar num estado despreocupado de transe, mas pra escrever vazios eu sou muito desajeitado. Acho que pela oitava vez neste mês deixei o quarto com cheiro de queimado.

Preferi voltar ao método covarde, das letrinhas e palavrinhas mastigadas e amaciadas por todos.

Silêncio, seu grandessíssimo filho da puta. Ainda vou te explorar um dia.

CVI Amanhã eu fico sóbrio de novo

E sozinho, tão sozinho. Conversas o dia inteiro. Sozinho com todo mundo. Como pode ser tão exaustivo? Pessoas. Letrinhas. Palavras. Sorrisos. Vírgulas. Pontos finais. "Somos como um", ele diz em inglês. É falso. "As pessoas estão tentando sobreviver...", outro alguém diz, também em inglês. Cabelos brancos e olhos azuis; olhos ávidos e superiores de quem morou seis meses no Rio sendo paparicado pelas putas. Otário. Ele é tipo bizzness. "Você leva dez mulheres pro seu apartamento e uma delas pode te roubar, mas não dá pra você julgar as pessoas só por causa disso. Você vai ali, passa a noite, paga. Elas estão tentando ganhar a vida..." Ele tenta ser simpático. Eu sorrio, é claro. Uma máscara, porque não quero estar com ele. Evito relações com pessoas de temperamento sórdido. Otário. Filho da puta. Gringo punheteiro. Tudo pra tirar onda. Dez mulheres. Parabéns, campeão.

O outro é aprendiz de gangster. "Somos um só!" Claro. Eu sorrio também. Eu sorrio pra todo mundo. Eu passaria a vida inteira trancado no quarto se houvesse Internet e alguém me jogando comida, livros e cigarros pela janela.

Porra, Jan me perguntou se eu não trocaria uma noite na farra pra fazer cafuné na nossa vizinha dinamarquesa. Eu trocaria tudo. Nem é uma questão de trocar. Pra puta que pariu. Eu só queria isso – se a vizinha dinamarquesa fosse o que poderia ser. Uma pessoa que eu amo. Paredes. Um começo. Algo pra fazer o resto do mundo parecer apenas algo banal que precisa ser aturado.

Na maior parte da minha vida, senti que estava

esperando alguma coisa. É só isso que eu queria. Mas é claro que a gente só quer merda. A gente quer agradar nossas vontadezinhas mimadinhas criadas em tubos de ensaios behavioristas, achando que elas são dádivas e inspirações divinas. Um índice. É isso que todo mundo quer. É isso que todo mundo faz e o mundo é uma merda. E ficar num bar bebendo de graça porque todo mundo quer conversar comigo e me pagar cerveja é uma coisa nojenta pra mim. Eu não quero, mas quero me expor. Forçar situações em mim. Preciso de dinheiro também, pra começar. De um empreguinho nojento que algum desses caras ainda vai me dar. É exaustivo. Pessoinhas que eu não conheço. Todo mundo sorrindo. Que maravilha! Que merda. Grandes bostas. Na verdade isso não tem nada de mais. Um dia simples de bobagens corriqueiras. O problema é algo em mim. Algo que vem como uma gripe. Mas hoje é assim que eu me sinto e se eu controlasse o fogo você veria fumaça.

Mais calma, uma parte de mim me avisa sorrindo que depois eu vou ler isto tudo sorrindo. Rindo do eu estúpido irritadinho que existe agora. Mas eu existo também, porra. Entendo as vantagens de ficar calado, mas de vez em quando eu quero falar.

Eu chego bêbado em casa e escrevo coisas que não vou lembrar amanhã. Mas eu sou fiel. Eu sou fiel nesta porra. Amanhã meu dedo vai procurar o delete e não vai achar. Eu sou fiel e confio em bêbados delirantes. Eu confio em qualquer coisa que não faça parte ou que pelo menos se sinta incomodada nessa merda toda cheia de sorrisos parafusados aí fora. Tudo por alguém que eu amo. Taí. Eu não amo ninguém. Vá você amar alguém nessa merda. Cada dia esconde uma lâmina e temos espinhos saindo

dos poros. Ninguém pode ser assim tão delicado. Vá amar alguém nessa merda. É um conselho sério, apesar do azedo. Você está esperando o quê, porra? Não é perfeito, mas nada é. É o melhorzinho que tá tendo, hueahuaehuae. Estou ficando louco, huaehuaehuae. Legal. Amar alguém nessa porra. Nessa merda. Amar. Apenas por alguns momentos e puff. E foda-se. Apenas alguns momentos. Sentir que não estou esperando mais nada e que minha vida será tudo que eu poderia pedir pra mim.

Mas hoje não. Talvez amanhã.

CVII Amanhã o caralho

Jan perguntou em que eu estava pensando. Pensando em ligar o computador de novo. Amanhã eu vou estar calmo. Vou escrever um capítulo adiantado. Porque eu encontro um lugar e me escondo lá dentro. Eu. O chato que existe agora. Eu sou o Zé, na cadeia. E tudo é bonito lá fora. Eu quero viver com meus irmãos e sentir com eles. Mas é tudo uma cambada de filho da puta. Só ficou o olho da ruindade. As pessoas deixaram vazar o olho da bondade, como uma velha disse outro dia. Eu também não posso ser grande coisa. Não importa meu estado de espírito. É pra escrever a verdade, então verdade seja dita. Vai tomar no seu cu. A vida é feita disso também. Vá pra puta que te pariu. Exatamente. Complicado. Acostumadinho a ouvir coisas bonitas, seu bosta? É. Era da propaganda. Todo mundo dizendo coisas agradáveis e todo mundo gosta de todo mundo e você vai ficar mais rica mais saudável e mais bonita comendo iogurte e comprando carro novo e fazendo qualquer coisa que gaste dinheiro. E os exploradores também não aproveitam nada. Eles pensam em ganhar mais dinheiro e comer mais alguém e cheirar mais cocaína ou fazer mais yoga ou ouvir noticiário e todo mundo morre do mesmo jeito. E você tem um iate mas a cidade quer sequestrar seu filho. Podia ser tudo muito lindo. Não podia nada. As pessoas vivem sem Arte e é tudo feio. As pessoas vivem com Arte e é tudo feio. Não faz sentido. Você vive e morre e deveria ser tudo um privilégio. Então alguém concorda com você e não muda nada. Ninguém concorda e tanto faz. Eu não me desespero mais. Você joga a vara fora e então con-

segue pescar. Nada faz sentido; o mundo é puro caos e assim fica tudo mais claro. Vazei meus olhos pra enxergar. Amanhã tudo diferente. Escreverei com mais parágrafos. Terei uma breve conversa divertida com a guria no caixa do supermercado. Hoje é apenas uma recaída, mas hoje devia durar mais tempo. Não me esquecer das raízes. Um capítulo era pouco pra hoje. Quarenta cabeças numa bandeja seriam pouco pra hoje. E hoje nem tem nada de mais. Apenas mais um dia qualquer de um cara que não tem dinheiro e não consegue aceitar essa mentira social de que as coisas que você precisa fazer para conseguir dinheiro são realmente as coisas boas e certas que a gente deveria ou poderia estar fazendo pra viver bem e ser útil. Isso é só uma pinoia. Sei lá. Sábado. Qualquer dia. Não importa quando você vai ler isso. Todo dia é assim pra alguém. Deixem que eu cante a sua voz. Morra de câncer. Esfaqueie um amigo e sorria pras câmeras. Eu vejo seu rosto. Num sonho. Num pesadelo. Pan pan nam na na nam. Eu estou ou089n54897, seu filho da puta. Isso não é estilo. Esperei anos por isso. Esse momento. Amanhã será diferente. Nunca pensei que essa noite estaria tão perto de mim. Nunca pensaria estar tão longe de tudo preso num corpo de carne. Mamífero. Cigarrinho pra dormir mais calmo. Eu sou o Zé. O reclamão. Conheço poucas coisas realmente bonitas. Vou pensar em uma pra dormir. Promessa. Smack, smack. As palavras foram embora. Finalmente. Boa noite.

CVIII Redimensionando

Mais um período sem capítulos. Atarefado com o mundo. Alice mandou uma mensagem outro dia, dizendo que está me achando diferente. Eu devo estar mesmo. Já são seis meses aqui na Zooropa. Cinco meses dormindo no chão, sem o conforto básico de uma gaveta. Achei uma cama na rua. E cadeiras e uma mesa. "Ganhando a vida", como chamam por aí a rotina do escravo. Agora mesmo, acabei de terminar mais uma porção dos pães de queijo que vendo. Apenas um dos bicos. Já trabalhei de pintor e barman. Cozinheiro. Desencapando fios de cobre. Pregando prateleiras em paredes. Ourives. Polindo antigos artefatos de prata. Estou aprendendo as leis básicas da restauração de joias. Ganho uma miséria, fazendo isso, mas estou aprendendo. Não é fácil. Você pega uma coisa detonada e tenta transformar aquilo em algo brilhante e sem defeitos. A prata é caprichosa, como uma mulher coquete. Prata tem cheiro de vagina, inclusive. Cada peça tem uma mistura única e responde de formas bem particulares aos processos de restauração. Você faz de tudo e ela se recusa a ficar como deveria. Caprichosa. Sempre te traz mais arranhões. Pequenos riscos que surgem do nada.

"The smith is always too hard on himself", meu mestre explica quando minha insatisfação contrasta com seu elogio. Ele tem razão. Eu sou apenas um aprendiz e, apesar disso, nunca estou satisfeito. Os mestres devem ter estranhos sonhos de perfeição.

Eu sou pequeno e apenas um sopro me separa do nada. Às vezes eu me perco e esqueço sobre o que exatamente estava falando.

Sei que essa conversa parece baranga. Eu quis dizer isso pra uma garota, uma vez. Não tive coragem. Mas você não sente isso? É possível que não. Mas é a verdade. Você olha pras coisas e sente de repente que tudo aquilo é frágil. Muito frágil. E você ainda mais que as pedras, que as montanhas e rios... Mas você permanece e contempla. E o mundo inteiro é uma música de piano.

Estou mudando. Isso me entristece. Estou abandonando meu livro. Sento sem palavras nas pontas dos dedos. Tentando empurrar linhas com força bruta.

Quebrando minha leveza pra pensar calculado. Eu perdi minha leveza, no momento. É triste mudar. Mas é isso mesmo que eu queria. Eu sei. Já fiquei triste assim antes. Antes de conseguir olhar o canal e as casas de cima de uma ponte e me sentir de forma que depois de alguns minutos aqui pensando não consegui encontrar palavras para descrever. É bonito.

Estou mudando e por vezes eu me perco. Desculpem-me, mas estou me redimensionando.

CIX O restaurante

Tinha um tcholinha com cabelo melado de gel + sorriso estúpido parafusado na cara. Ele recebia os clientes logo na entrada, com bastante afetação. Nós éramos obviamente muito jovens e informais pro lugar, além de estarmos consideravelmente bêbados. Com uma voz grossa e melosa, que parecia o som de uma vaca falando francês, ele disse:

– Boa noite, senhor e senhorita. O senhor teria a fineza de assinar o nosso livro de visitas?

Ele disse isso se curvando todo – foi quando eu arrotei. Foi sem-querer.

Depois desse ligeiro deslize, ele passou a nos olhar um pouco diferente. Agora estava esperando só uma confirmação indiscutível para apoiar seu agudíssimo instinto de capacho, capaz de reconhecer todas as qualidades de botas e sapatos. Apenas mais uma coisa qualquer para nos tratar abertamente como ralé indesejável no seu belíssimo e renomadíssimo restaurantíssimo.

– Os seus convites, por favor, senhor. Ele disse sem agressividade, mas também sem nenhum carinho.

Aquele lugar era tão fresco que você só podia entrar se tivesse a carteira de sócio de uma comunidade lá, ou um convite. Coisa de granfino. Coisas que eles inventam pra se separar da plebe rude. Como era evidente que eu não era membro dessa merda, eu precisava do convite para entrar naquela espelunca.

Arrotei de novo, enquanto revirava o bolso em busca dos papeizinhos. De propósito dessa vez. Olhei rindo para o capacho, procurando simpatia. Mas

sorrisos morrem como passarinhos, quando batem na pedra.

Ele conferiu atentamente os convites. Logo em seguida, adotou um sorrisinho forçado. Contrariado. Amarelo. Dentes enormes de manteiga.

– Como eu ia dizendo, senhor, por favor nos dê a honra de registrar sua ilustríssima assinatura em nosso livro de visitas...

CX O livro de visitas

Havia três colunas na página. “Data”, “Nome”, e “Dentro da caixa”.

– O que é isso? Eu perguntei, apontando para a coluna “Dentro da caixa”.

– Ah! Isso é uma modesta referência a um digníssimo poema do grande Viktor Valoff!

Ele sorriu de verdade, ao dizer isso. Dava pra ver que tinha sido ideia dele, aquela coisa cretina. Adotou uma cara satisfeita de quem elogia a si mesmo e continuou explicando:

– O poema versa sobre a incógnita da identidade... O “Conheça-te a ti mesmo”...

Dava pra ouvir ele pronunciando as aspas... Agora ele levantou a mão no ar, num gesto que deveria ser elegante, e recitou com sua voz de peido criativo:

– Caixa, caixa...
quem está aí?

eu penso filosofia
e faço sarapatéis
mas entre essa bigamia
o que adormece em seus papéis?

caixa, caixa
misteriosa caixa!

oh! minha infindável ternura!
mímica pútrida
pensamento não se encaixa

oh! minha miserável lamúria
lívida dúvida:
quem está dentro da caixa?

Terminada essa parte do showzinho, ele abaixou a mão e se virou para mim. Ele estava olhando para o nada, enquanto recitava o poema, saca? Um cara profundo. Contemplando o infinito, com certeza. Ele tinha um jeito afetado de virar a cabeça, como que dando uma leve chicotada com o pescoço.

CXI Dentro da caixa

– Depois de assinar, esperamos que nossos visitantes registrem também a descrição de suas atividades. Como o senhor deve saber, nós somos visitados apenas pela seleta plêiade social.

O sorrisinho orgulhoso estava de volta.

– Durante nossos anos de funcionamento, já fomos visitados por inúmeras celebridades e, ainda, por diversas personalidades que ainda estavam destinadas a se tornarem célebres!

Enquanto falava isso tudo, ele tinha voltado uma página do livro, para que eu pudesse conferir como as pessoas costumavam preencher a coluna "Dentro da caixa". Havia médicos, advogados, um deputado, um pintor, dois ou três termos genéricos e suspeitos de "artista", e por aí vai...

– Eu não sei o que escrever nisso aí...

Devolvi a caneta. Houve uma leve hesitação na resposta dele, como em quem enfrenta situações novas e inesperadas.

– Entendo, senhor. É difícil falar sobre si mesmo. Se o senhor tiver a bondade de relatar, por alto, a linha geral das suas atividades, eu mesmo posso providenciar uma palavra adequada, como "comerciante", "artista", ou "estudante", por exemplo. Ou talvez...

– Aquela loirinha que tá ali dentro, conversando com aquela múmia careca... – Eu interrompi. Ela colocou o que aí? "Putinha"? Ela colocou aí: "Puta paga"? Colocou, aquela vagabunda?

– Senhor... A senhorita me desculpe, mas como servimos a uma comunidade de cavalheiros, apenas a eles é pedido para assinar o livro...

– Ah é? É assim? Então põe aí que eu sou feminista!

– Senhor, isso dificilmente seria suficiente para descrevê-lo "Dentro da caixa"...

Eu ficava irritado com essa coisa de ouvir as aspas, quando esse filho da puta falava com elas.

– Hum... Então coloca aí: feminista, punheteiro, safado, frouxo, gordo, nerd, fumante, cozinheiro, piloto de fórmula um, alquimista...

– Senhor...

– Pode colocar aí que eu sou bicha, porra! Escreve aí: "Veado!" Caralho!

Eu estava bêbado e com fome.

– Senhor...

– Coloca aí que eu sou escritor. Pronto. Posso comer agora?

CXII Eu sou escritor

– Ah! Nobre ocupação, se me permite um comentário, senhor! E explica a excentricidade de sua conduta, ho, ho, ho... Posso perguntar se vossa pena também rabisca o belo canto das musas? É que sou um apaixonado por poesia...

– Meu chapa, minha pena se ocupa com todo tipo de bobagens que não são da sua conta. Mas já que você perguntou, minha pena, ou melhor, meu teclado, agora cobre o mundo e até você é apenas um punhado de palavras sobre uma folha suja de caderno.

– Ho, ho, ho... Bela metáfora, senhor...

– Metáfora de cu é rola, meu irmão. É sério. Você é um personagem de um livro meu. É isso e pronto...

– Senhor...

– Fala aí, que eu tô mandando: Eu sou uma bicha!

– Senhor, eu sou uma bicha!

– Enfu! Tomou moral! Hahahaha...

Houve um silêncio, porque eu não sabia mais o que escrever.

– Agora fica calado aí, que você é chatinho bagarai... Vai desaparecer agora e só vai existir de novo quando alguém ler toda essa troça!

Na saída do restaurante, Alice me perguntou:

– Eu sou uma invenção sua também, tchotchoquinho?

– Claro que sim, meu amor. Hoje você é.

– Então vamos voar?

Nos abraçamos e saímos voando pela cidade. Cada vez mais alto, até desaparecer entre as estrelas lá longe...

CXIII Onde voltamos a mais explicações

As pessoas sempre me perguntavam o que queria dizer "tchotchoquinho". Qual é? O mundo é assim mesmo tão difícil? Tcholinha, por exemplo. Também vivem me perguntando o que é. Vocês precisam mesmo que a gente explique absolutamente tudo? Impossível. A sorte é que você é desatento, talvez. Só pensa nas perguntas que te esfregam na cara. Eu sou seu irmão e estou bem disposto, tentando explicar. Mas a vida e a verdade e o mistério e a evidência não vão ficar assim, te tratando na boquinha!

Tcholinha, pra começar as explicações. Um amigo jogando futebol no videogame. Semanas viciado naquilo. Quando a bola saía do campo, pela lateral, o narrador falava "Throw in!" e chegava um jogador correndo, de um jeito bem babaca, pra atirar a bola de volta ao campo. E a bola saía toda hora na porra desse joguinho. Já era motivo pro meu amigo repetir "Throw in!", irritado, toda vez que isso acontecia. Ele respirava fundo e "Throw in!" de novo. Impaciente. E o jogador com sua corridinha ridícula na beirada do campo. Toda hora. "Throw in!", "Throw in!", "Throw in!"... Acabou virando "Merda! Tcholinha de novo!".

Então, numa festa, alguém perguntou para esse amigo: "Onde está Fulano?" Depois de percorrer o lugar com os olhos, ele respondeu: "Tá ali, oh. Perto do... Ali do lado daquele tcholinha ali..." E é isso.

Ou seja, tcholinha, rigorosamente, é o jogador que sai correndo como um arrombado para bater o

lateral num videogame. É o protagonista patético de uma situação irritante. Mas não é uma questão de decorar conceitos. Pare de perguntar o que é. Você sabe o que é um tcholinha quando vê um. Você pensa: "Porra, que cara mais..." e não acha nada. Então sua mente brilha e sua boca fala sozinha: "Que cara mais tcholinha!"

Agora vou explicar o tchotchoquinho.

CXIV Para explicar thotchoquinho, cachorros

Cadela é a senhora sua mãe. Vamos parar com a frescura nessa merda! Eu tenho uma CACHORRA chamada Atla. Quer dizer, eu tinha. Mas não vamos ficar nos preocupando com quando aconteceu o quê, com quem, onde, como, e por quê... Isso é tudo bobagem, numa história. Atla é preta, grande e gorda. Linda. Fora os ataques ocasionais de vigilante, quando fica brava bagarai, ela também é um docinho.

A maioria dos meus cachorros pensa que é gente. Atla não é diferente. Ela é uma criancinha. Vive brincando com minhas sobrinhas, por exemplo. Se as duas me abraçam, Atla fica rodeando nossas pernas, tentando participar do chão, ou se empolga toda e pula com as patas na minha cintura. Tudo com a cara mais feliz do mundo. Se as meninas sentam no meu colo, ela tenta entrar também. Como ela é enorme, normalmente se contenta em achar um espacinho pra apoiar a cabeça, ou uma das patas.

Mas depois eu volto a Atla. Quero aproveitar a oportunidade pra falar dos cachorros em geral.

CXV Cachorros em geral

Cachorros têm personalidade. As pessoas dizem isso como se fosse a coisa mais surpreendente do mundo. Reagem como se estivessem presenciando um fenômeno sobrenatural. Essas pessoas não sabem, por exemplo, que pombos têm preferências artísticas individuais. Todo mundo preso nessa fantasia bobinha de que somos especiais.

O Homem é um bicho. O mais interessante, talvez, mas não o mais inteligente. Eu sou um animal urbano. Não acho surpreendente que os bichos se comportem como pessoas. Somos farinha do mesmo saco. Se as pessoas não fossem tão alienadas por essa conversa toda de Papai Noel e de Papai do Céu – essas velharias que hoje só servem mesmo pra dar dinheiro – talvez percebessem as semelhanças entre os bichos com mais caridade e menos estupefação.

Mas elas tratam os bichos como mongoloides. Não foram abençoados com a Graça Divina de serem Homens, coitadinhos. Até parece... É como diz uma música: Se você fizer tudo certinho, com um pouco de sorte, na próxima encarnação você será um golfinho.

CXVI Au, au, au, auuuu... Eis a questão

Se a gente acha engraçadinho e cativante quando um cachorro tenta nos mostrar alguma coisa, imagine o quanto, pare ele, nós somos engraçadinhos, cativantes e surpreendentes! Eu já reparei em como meus cachorros ficam de cara, com um olhar super curioso, observando coisas do meu comportamento – como conversar com outras pessoas, usar roupas, abrir e fechar portas, subir em árvores e entender grande parte do que eles tentam me dizer. Eles são inteligentes e gostam da gente. É um bom contexto para comunicação.

Um cachorro fica completamente fascinado quando estabelece relações com seres humanos. E eles são criaturas aplicadas. Eles querem se comunicar. Eles querem entender e aprender. Sentem prazer quando nos agradam. Quer aluno melhor do que esse?

Mas o que a maioria das pessoas faz? Não ensina porra nenhuma. Deixa o bicho aprender o que puder, sozinho. Ou então ensina apenas idiotices. "Dá a patinha, Totó!" Puta que pariu! Por que diabos, fora exibicionismo e perda de tempo, você vai querer que seu cachorro te dê a patinha?

Eu miro em coisas mais úteis, ou mais "humanas". É claro que cada bicho aprende coisas diferentes, mas estou acostumado a esperar que um cachorro aprenda algo em torno de: "Isso é meu", "Isso é seu", "Não entre aqui", "Saia daqui", "Pode entrar", Sai da cozinha", "Vai pra garagem", "Chame a minha mãe", "Vai com a Sâmia", "Late!", "Silêncio!", etc...

Dá a patinha pra puta da sua avó!

CXVII Gaia

Eu converso com meus cachorros. É claro que eles não entendem tudo, mas também não é como se eles não entendessem nada. A primeira vez que tive problemas com isso foi quando eu tinha uns dezesseis anos. Festa do pessoal da sala de aula na minha casa. Eu fazendo uma tour pela chácara com todo mundo.

– Amiguinho, Gaia... Todo mundo aqui é amiguinho...

Gaia, provavelmente, foi a cachorra mais espetacular que eu já tive. O demônio cria dobermanns, é verdade. Gaia já traumatizou mais de um moleque com pretensões de roubar frutas. A gente ouvia os latidos característicos e entrava no mato, pra descobri-la embaixo de uma árvore. Rosnando apenas, depois que a gente chegava. Em qualquer galho, um moleque que poderia estar tremendo, embaraçado, ou com restos de mijo e/ou bosta na bermuda.

Com visitas, era diferente.

– Amiguinho, Gaia...

Essa fórmula resolvia a possibilidade dela tratar os convidados como se fossem ladrões de fruta. Uma criança amiguinha podia apertar as orelhas ou enfiar o dedo no cu dela, que a cachorra nem tchuns. Continuava cordial. Principalmente com crianças, inclusive. Ela era mãezona.

CXVIII Tô fraco...

Então... Eu fazendo o tour com a galera e Gaia seguindo ao meu lado. Eu conversava com ela, é claro. Nunca imaginara que isso pudesse chocar as pessoas.

– Ha, ha, ha! Ele conversa com o cachorro...

Começamos uma discussão sobre o assunto – eu e meus colegas de sala. Gaia ficou de fora, apenas observando. Todos contra mim. Enquanto isso, passa por perto um bando de galinhas d'angola.

– Tô fraco... Tô fraco...

Angolas são o fraco de Gaia, que saiu correndo em perseguição das bichinhas. A discussão comendo. Quando eu percebi, ignorei argumentos e gritei:

– Gaia, vem aqui!

Ela veio, meio a contragosto.

– Gaia, que coisa feia é essa? Você já não sabe que as angolas são da casa? Elas não são como aqueles calangos que você caça...

Enquanto eu dava o sermão, ela sentou e abaixou a cabeça, envergonhada. Depois, levantou os olhinhos, numa expressão de pedido de clemência.

– Você gosta mesmo de correr atrás delas, né, Gaia?

Ela sorriu.

– Então vai lá. Mas só um pouquinho. E não machuque ninguém!

CXIX A evidência

Depois que Gaia saiu correndo, lembrei que estava no meio de uma discussão com o povo da minha sala. Eu os encontrei hipnotizados. Chocados pelo diálogo presenciado. Entendi a oportunidade e resolvi matar a coisa de vez.

– Gaia, para!

Como muitos dizem que os cachorros só entendem entonações, e não o som das palavras, eu disse brigando:

– A Gaia é linda! Vem brincar!

Ela veio toda serelepe saltitante. Depois de recompensar sua festinha com carinhos, eu disse:

– Pedro, anda dois passos pra esquerda, por favor. Não, Pedro, pra sua outra esquerda... Agora você voltou pro mesmo lugar! Mais dois passos, por favor, hueauheauae. Obrigado.

Agora Pedro tinha se destacado do grupo.

– Gaia, aquele é o Pedro. Entra no meio do povo, Pedro.. Isso... Gaia, brinca com o Pedro... Chega. Vai pra garagem e fica lá.

As pessoas criam fantasias, mas com a demonstração adequada, com um pouco de boa vontade e desde que aquilo não entre em conflito com sua religião, elas costumam se render à evidência.

CXX Meu! (Ensine ao seu cachorro o prático comportamento de respeitar seu egoísmo)

Dimitri era um amigo que também riu, no começo, dessas conversas caninas. Mas só no começo. Até comprar um cachorro. Em menos de uma semana me ligou, dizendo que estava tendo problemas com o bicho – que mastigava tudo na casa e roubava comida de dentro dos pratos da família.

Eu comecei brincando com ele. Venom. Algo pra ficarmos amigos. Filhotes serão sempre filhotes. Depois de ganhar o respeito dele, e quando ele também já estava cansado – por tanto, mais quieto – eu disse:

– Vou te ensinar uma coisa importante, Venom. Shhh... Presta atenção!

Peguei alguns biscoitinhos de ração, previamente preparados. Dois de cada vez. Um em cada mão. Eu destacava a direita e falava:

– Meu! Isso é meu!

Ele observava e chegava mais perto. Quando tentava abocanhar o biscoito, ganhava um safanão, enquanto eu retirava o braço com o petisco.

– É meu! Não!

Ele recuava, assustado. Recebia um carinho rápido. Ríspido. Reconciliador. O processo era repetido até que ele parasse de tentar comer o biscoito. Então, eu destacava a outra mão e dizia:

– Do Venom! É do Venom!

Com medo dos últimos tapas, ele hesitava. Era preciso encorajá-lo com a voz:

– É seu, Venom! É do Venom...

Depois de algumas aulas, eu podia dizer qual biscoito era de quem e colocar os dois no chão. Ele só comia o dele. Dimitri, que apesar de cético não era burro, adaptou a coisa pra várias situações, aplicando o mesmo método pra ensinar outras lições.

Mesmo assim, eu fiquei impressionado quando, anos mais tarde, visitando sua casa em São Paulo, ele me apresentou para Iggy.

CXXI Iggy, o cachorro que sabia filosofia

Eu não sei a raça da porra daquele cachorro. Dimitri gostava de coisas exclusivas e Iggy era um desses cachorros magrelos e raros que eu sempre confundo. Um cachorro ao qual são atribuídas até habilidades mediúnicas e telepáticas.

O cachorro conversava. A gente se sentava na sala, pra mastigar qualquer assunto, e o cachorro sentava também. Como os cachorros se sentam, é claro, mas em cima de uma cadeira, como todo mundo. Ou no sofá, ao lado de alguém. Prestava uma atenção do caralho. E, no mesmo ritmo em que as pessoas se revezavam, ele também interrompia.

Não dá pra chamar aqueles barulhos que ele fazia de latidos. Nem gemidos. Era um meio-termo elaborado. A maior variedade de sons que eu já vi um cachorro fazer. Você podia perguntar. Quando você dizia "Iggy", ele entendia que estava sendo interrogado. Esperava o fim da frase e respondia com sua língua canina.

Um dia, numa discussão ferrenha sobre filosofia, para zoar o argumento de Dimitri, eu disse:

– E você concorda com uma bobagem dessas, Iggy?

Ele deu um gemido desanimado. Algo como: "Pra ser sincero, não... Achei meio besteira isso aí..."

– Então como você acha que é, Iggy?, perguntou Vanessa, a namorada de Dimitri, rindo.

Mas Iggy estava muito sério e falou por um bom minuto e meio – o que, para um cachorro, e até para algumas pessoas que eu conheço, é um exagero.

É claro que éramos ignorantes demais e insensíveis demais para entender sua retórica canina, mas não consigo parar de pensar que se ele fosse o cachorro do Umberto Eco, por exemplo, encontraríamos pelas bibliotecas, atualmente, um ponto de vista bastante inusitado sobre o Mito da Caverna.

CXXII Voltando a Atla e chegando aos tchotchoquinhos

De qualquer forma, Atla era muito carinhosa e sempre vinha me receber quando eu chegava. Eu costumava chamá-la por nomes engraçadinhos aleatórios que eu ia inventando na hora:

– Amiguinha, Atla... Essa é a Alice. Ela é amiguinha... Isso, meu trocinho lindo chamuscado! Isso, meu torresminho... Isso mesmo, tchotchoquinha... Quem é a tchotchoquinha mais linda? Quem? É a Atla!...

No quarto, depois de algumas palavras e beijos, Alice pediu:

– Me chama de tchotchoquinha?

Ainda não éramos namorados, mas, dentro de poucos dias, eu também era tchotchoquinho.

Saudade.

CXXIII Frase fatal

– Então vem aqui, tchotchoquinha! Vem aqui pro meu pertinho...

Começamos a nos beijar mais uma vez. Aconteceu uma versão do que sempre acontece nessas situações. Algo que todo mundo conhece e que eu até já descrevi aí pra trás, em outros capítulos.

Mas agora não vou descrever de novo. De punheteiro, aqui, já basto eu. Só escrevo putaria quando isso é necessário para a manutenção dos bons costumes – como também já devo ter explicado antes. Se quiser bater punheta, clique em outro lugar. Isto aqui é literatura séria! Ajeite o monóculo, beberique – de leve – o seu chá importado, aproveite mais uma baforada do charuto e continuemos...

Quando a coisa atingiu um patamar elevado, e a roupa toda já tinha caído no chão, Alice – que parecia sempre ter uma frase fatal nessas horas – disse:

– Eu sou virgem.

CXXIV Virgem

Sentei na cama, coçando a cabeça.

– E então?

– E então o quê?

– Uai, Alice. Você disse que é virgem. E então? O que você quer fazer sobre isso?

– Como assim? Disse por dizer, ora...

– É que você disse isso acompanhado de um fechar significativo das pernas... Você quer continuar virgem? Você quer dar mas tá com medo? Você disse isso pra me excitar? Você disse isso pra me broxar? Você...

– Eu quero dar, mas tô com medo.

Nesse ponto, como momentaneamente a coisa tinha morrido, eu já estava acendendo um cigarro.

– Mas você está com medo de quê? De não ser mais virgem? De não ser a hora ou a pessoa certa? De...

– Estou com medo de doer.

Pronto. "Problema resolvido!", pensa o homem idiota! Ele acredita que em tudo é prático, sem saber que ainda teria alguns meses de problemas com aquela coisa, aparentemente tão simples.

– Vai doer um pouco, Alice. Eu não tenho como saber o quanto, mas é isso que todo mundo fala. Também falam que é rápido e só da primeira vez. Além disso, eu garanto que vou fazer o possível para que, apesar da dor, você sinta um prazer maior do que ela. Mas é claro que agora as coisas não são mais tão simples assim...

CXXV Teoria e prática

Estou sempre complicando demais a teoria das coisas. É claro que, em minha defesa, acho que as pessoas é que simplificam demais. De qualquer forma, a prática, pra mim, é fácil. A gente decide o que quer fazer, descobre como fazer e faz – na medida das nossas capacidades. Também não adianta se aporrinhar com o que não é possível ser feito. O negócio é dar os passos que você consegue – na direção que você escolheu como sendo a melhor, enquanto pensava antes de caminhar.

É claro que, na prática, não é tão simples assim. Mas essa fórmula é a que funciona pra mim.

O difícil é decidir e descobrir como fazer. Imaginando que, depois de decidido, não haveria complicações – já que, se estamos aqui, o Homem sempre soube como resolver esse problema específico de virgindade – aproveitei a pausa para conversar com Alice sobre o assunto. Não queria partir pro ataque sem fazer isso.

Eu queria comer Alice, mas eu não quero as coisas de qualquer jeito. Os fins são derivados dos meios. Existem mil formas de fazer a mesma coisa e todas elas são diferentes. Até entendo, hoje, que o jeito certo de resolver aquilo é comendo e pronto. Mas a verdade é que eu também era e sou muito inexperiente. Estou aprendendo. E, para aprender, é preciso investigar.

Eu não queria agredir Alice. Há um número imenso de questões envolvendo a virgindade de uma mulher e não achei justo que ela só tivesse oportunidade de pensar nisso depois de ter dado adeus ao cabaço.

Foi uma conversa inútil. Ela já tinha aquilo tudo resolvido. Alice parecia funcionar num sistema oposto ao meu. A teoria era muito simples: “Eu quero dar pra você.” A prática é que se mostrou complicada...

CXXVI Agora não

– Deixa eu adivinhar... Você quer me dar, mas agora não...

– Agora perdeu o clima...

Nós já estávamos rindo. Conversamos um pouco e voltamos a nos beijar. Mas agora sou EU quem não está mais no clima. Você tem que estar no clima pra falar dessas coisas.

CXXVII Deflorando uma página em branco (noite sem janelas)

isto não é um poema
apenas não quero chegar ao final da linha
eu já disse isso antes, tenho certeza
a gente sente vontade de se explicar
e se explicar
explicar, explicar e se picar e furar
e cortar e colocar pedacinhos vermelhos
de carne
numa lupa
com uma máquina fotográfica
e fios elétricos por toda parte
registrando
e gente rindo em algum lugar
de mãos dadas
traindo e mentindo
ou amando de verdade
ou roncando
ou correndo
ou palitando os dentes
ou esperando a gente se explicar
e se explicar e picar e cortar e chorar
e usar roupas estranhas, ou beber
e trocar de carro ou dobrar a roupa de cama
e sair na rua pra fazer compras
e ver a vida passando
e as linhas caindo
e esperando algo
pra se explicar e se explicar
até não sobrar mais porra nenhuma
como se fizesse realmente sentido

CXXVIII Aproveitando o impacto do choque

eu tenho regras pra cuspir pelo cu
eu tenho tédio
zero ideias
e uma página em branco

o caderno é o melhor amigo do homem

pelo menos ele não me interrompe
ele não pede explicações
e nunca disse não

ele não acha as frases ridículas
ele não estranha o método
não pede explicações

o caderno é perfeito
eu sou um bosta

página
deusa cadela
se você não fosse uma puta
eu tentaria te fazer gozar

você tem amigas que me interessam e ainda um rosto bonito

então vou te coçar, dengar, apalpar e tentar
mas você não merece que eu me entregue por inteiro
em frases explicadas como elogios para que todos

te amem
    você é uma puta, página em branco
    e nunca terá meu pau inteiro entre suas pernas
brilhantes de lixo

CXXIX Terceira página pra acabar a noite

hoje eu canto um hino ao início do medo e à morte da alegria
no próximo sol já serei outro
na próxima música que tocar no seu radinho
na sua dial
filho da puta

ódio generalizado
como shows de heavy metal
ou como deveriam ser os shows de heavy metal
se não fosse tudo uma disneylândia cabeluda vestida de preto
e se o mundo não fosse um palco
e as pessoas apenas fantoches
e as linhas apenas linhas
e os dias menos que nada

uma terceira página pra fechar a noite
as linhas são menos que nada
você não pode experimentar alfa centauro

você já olhou para o céu à noite
fora da porra de todas as cidades
onde ainda se pode ver estrelas
eu não sei mais onde colocar o ponto de interrogação
foda-se
você já olhou para o céu à noite
e tentou se sentir tão pequeno
entre um borrifo de purpurina?

é impossível
uma terceira página e pronto

CXXX Mais um personagem importante do livro

Ele sabe moldávio antigo. Sabe caçar baleias em rústicas embarcações. Pode hackear os mais complexos sistemas eletrônicos de segurança. Tudo que o Homem desenvolveu, ele fez questão de aprender. Desde o começo. Desde sempre. Quando o fogo, idolatrado, oferecia à tribo guardiã de sua mágica a liderança sobre as outras tribos, ele estava lá, observando as chamas com um misto de pavor e fascínio. Ele assistiu com triunfo à detonação da primeira Grande Bomba e a inúmeros outros desastres.

Há uma rede vastíssima que ele controla sem que ninguém saiba. Milênios de experiência em camuflar sua influência. As pessoas não sabem que estão trabalhando para ele. Como são formadas, realmente, as reviravoltas da História? As pessoas não sabem de muita coisa, elas morrem rápido demais.

CXXXI Fam

O seu nome é Fam. Ele foi o primeiro Homem, antes de nós. A solução de Deus para um mundo vazio, sem ninguém para dominá-lo. Mas o poder corrompe o Homem e Fam esnobou de Deus, que, furioso, chamou trovões para arrasar a Terra. Tudo queimou, inclusive Fam. Mas Deus fez o primeiro Homem imortal – e o que Deus dá, Deus não tira.

Como não podia matá-lo, Ele atirou o filho ingrato num buraco e cobriu a saída com uma pedra enorme. Depois, por cima da camada queimada de terra, reconstruiu as águas e florestas e tudo. A vida.

Deus planejou um Homem mais próximo da modéstia. Um Homem que morre. Um Homem que não surgiu assim, do nada. Que deve sua existência a um número tão grande de fatores que fica difícil negligenciar todos ao mesmo tempo.

Fam não sabe quanto tempo passou no escuro, sentindo apenas impotência e as deformidades de sua pele queimada. Ele não sabe quanto tempo passou arranhando pedras e toneladas de terra com os dedos. Ele não sabe por que só pensou na punição divina que receberia pela fuga quando finalmente conseguiu sair do buraco.

Ainda cego pela luz da qual ele tinha sido privado por tanto tempo, Fam concluiu que sua fuga era vã. Sentou-se na relva e esperou que Deus viesse colocá-lo de volta no buraco. Mas Deus não veio. Furioso, Fam compreendeu que Deus não estava sequer zangado com ele. Deus tinha se esquecido dele.

Fam percebeu que tinha sido substituído e se escondeu na floresta, onde planejava a destruição

dos novos Homens. Ele atirou pedras sobre suas cabeças e nadou sob seus botes para derrubá-los na água. Enquanto seu poder crescia, ele promoveu matanças e desencadeou guerras. As pessoas não sabem quando estão trabalhando para Fam. Ele é engenhoso. Sorrateiro. Maligno. Ele quer a destruição do Homem e quer que isso aconteça numa explosão tão grande que Deus seja obrigado a olhar pra cá; apenas para vê-lo dançando, debochado, entre as ruínas.

CXXXII Nosso primeiro rompimento

Tínhamos poucas semanas de namoro e fiquei feliz quando ela telefonou:

– Tem uma festinha de um pessoal que eu conheço. Eu quero ir, mas só se for com você.

– Hoje?

– Eu estava pensando em chegar lá daqui a umas duas horas, Alice completou.

Era quarta-feira, dia em que eu não tinha nenhum carro disponível. Então, além da meia hora necessária para tomar banho e me aprumar, eu precisava considerar uns quarenta minutos para o ônibus. Do ponto de descida no ônibus até o ponto de encontro, ainda faltava caminhar cerca de um quilômetro e meio. Era preciso que eu começasse o processo imediatamente, para estar lá em duas horas...

Enquanto eu fazia essa pequena, muito curta mesmo, mini-pocket consideração, ela cortou o silêncio:

– Mas se você não quiser ir, tudo bem. Não precisa ficar inventando desculpa pra...

– Eu quero. Quero te ver, mas é que em duas horas seria complicado. Eu não queria era sair de casa. Espera aí... Hum... Tudo bem. Te encontro logo depois da ponte da Ilha. Tá bom?

Combinamos os detalhes. Na hora marcada, o carro da mãe dela estacionou na minha frente. Alice estava linda, como sempre. Enquanto caminhávamos, no entanto, senti que alguma coisa estava errada.

CXXXIII Por causa de uma latinha

Encontramos a casa, mas Alice não me deixou tocar a campainha.

– Eu ainda não quero entrar. Queria sentar um pouco.

Como eu conhecia um barzinho ali por perto, rumamos pra lá.

– O que você quer beber, Alice?

– Nada. E você?

– Acho mais educado pedir alguma coisa, se vamos ficar sentados aqui.

Ela concordou. O garçom chegou.

– Você tem latinha de cerveja? Então vou querer uma, obrigado.

– Cerveja não! Alice falou.

O garçom voltou, indeciso. Eu estava surpreso.

– Uma latinha de cerveja, por favor.

Quando o garçom foi embora, perguntei pra Alice:

– O que foi, fofinha?

– Por que você pediu uma cerveja? Eu não quero ficar aqui com você tomando cerveja!

– Mas você disse que não quer nada, uai. Que diferença faz o que eu vou tomar?

– Pra mim faz diferença! Manda a cerveja voltar, quando ela chegar. Se você tomar essa latinha, vou te deixar sozinho e ir te esperar lá na festa.

Aquela não era, absolutamente, a Alice que eu conhecia. Mas eu conhecia outras pessoas que se comportavam assim, é claro. Já tinha um método muito bem estabelecido de lidar com elas.

– Você faz o que você quiser, docinho. Eu vou tomar a cerveja que pedi e gostaria que você ficasse

comigo. Mas eu vou fazer o que me parece melhor e você vai fazer o que lhe parecer melhor. Se as duas coisas encontrarem, muito bom! Se elas se afastarem, que pena...

Abri a latinha e ela saiu sem falar nada. Tomei os goles sem pressa. Meditativo. Considerando ir embora pra casa. Depois, paguei no balcão e fui até a festa. Considerei a situação por mais alguns segundos e então toquei a campainha.

CXXXIV A festa

Uma festa tcholinha. Cadeiras na sala, ao lado do sofá. Rodinha de gente sentada em volta da mesinha com refrigerante, suco e aperitivos. Nada de mé. É foda. E Alice fazendo morrinha. Ela dizia que não era muito de ficar colada em ninguém, então fui cumprimentar os gatos pingados que estavam de pé. Terminado esse trabalho, me sentei ao lado de Alice, no sofá.

Era uma atitude completamente alienígena. Má vontade dirigida e premeditada. E ela nem estava nervosa, nem nada. Era só comigo. Chegaram dois caras que supostamente eram amigos dela. Esses molekids que sabem de tudo e têm opiniões ousadas sobre música, engenharia de turbinas, briga de rua, canais de televisão e marcas de pasta de dente.

Eles ouvem te olhando nos olhos. Qualquer bobagem. Como se fosse importantíssimo. Falam sempre entortando os cantos da boca pra baixo. Movimentando amplamente as mãos. É que eles estão "manjando", saca? Nossa, como eles são legais! E tão sábios e experientes! É claro que eles pensam que oito é oitenta, e oitenta eles não sabem o que é. Mas, achando que o pouco é muito, eles atingem uma ilusão de controle. Isso transborda uma visão de segurança que parece agradar à maioria das pessoas.

CXXXV Vem comigo

Como os dois amigos tinham a imperiosa necessidade de se sentarem juntos, ficamos espremidos, os quatro, num sofá para três. Alice, numa tocante demonstração de atenção e carinho, ficou de costas pra mim, me espremendo ainda mais no canto.

Estou de saco cheio só de lembrar. Sem exemplos e nhem, nhem, nhem... Não vou ficar contando coisas pra te convencer, como se estivéssemos num júri. Como se eu fosse um cafajeste tentando te comer. O livro é meu, você precisa confiar em mim. Aguentei tudo por duas horas, mais ou menos, em tentativas de tirar Alice daquele ânimo. Então eu disse:

– Vem comigo, por favor.

CXXXVI Lá fora

Lá fora, eu disse:

– Alice, eu nem vou discutir o que está acontecendo. Pela sua cara, já dá pra perceber que é perda de tempo. Esta noite precisa de um control-alt-del. Eu vou embora. Você vem comigo?

– Como assim?

– Alice, você me pediu pra vir e tem me tratado a noite toda como se não me quisesse aqui.

– Não tem nada a ver com isso. Eu queria vir com você. Você é que está cheio de frescura. Relacionamento é assim. A gente é diferente. Alguém tem que ceder. Sou sempre eu que cedo...

– O quê? Você não aceitou nem que eu tomasse uma cerveja, sem motivo algum...

– Isso não tem nada a ver. Se você quiser ir, pode ir. Eu vou voltar pra festa. Não vou nem discutir isso.

E voltou, de fato, sem dizer mais nada.

Na caminhada de volta, parei por uns minutos sobre a ponte da Ilha, observando o Rio Doce. Pensando. Vi meu namoro indo embora com o vento. Cheguei em casa triste. Ainda meio assustado, mas decidido. No dia seguinte, Alice apareceu lá em casa, com a mãe.

CXXXVII Se é assim, eu não quero mais ser seu namorado

Alice nem quis falar comigo. A mãe tinha insistido na visita. Foi ela quem falou. Eu ouvi tudo com paciência, mas já tinha me decidido na noite passada. A mãe dizia que alguém precisava ceder. Dava pra ver que era algo que elas vinham mastigando. Tecendo coleiras comportamentais pra colocar no meu pescoço. Nunca vi um bando de mulheres juntas dizendo que num relacionamento a gente precisa ter bondade, ou amar com boa vontade. São sempre as regras de dominação que elas compartilham. E não são apenas as mulheres que fazem isso. É triste. Esperei até a oportunidade de falar e disse que tudo bem, que conversaria com Alice. Ela ainda não queria e me seguiu emburrada até o quarto.

Logo que sentamos, Alice começou a despejar todas as coisas que tinha se preparado pra dizer. Eu não concordava com quase nada, mas já fui sentindo saudade dela. Me despedindo, em pensamento. Agora não era mais uma questão de entender os detalhes do que ela dizia. Eu já entendera a situação geral e não queria entrar naquele caminho. Por que ela precisava abraçar com tanta força aquelas ideias autoritárias? Como se estivéssemos no exército e não empenhados em nossa felicidade mútua. Ela falava como um ditador, mas tinha vindo com a mãe. Aquela auréola de autoridade não tinha nada a ver com ela, que estava forçando a barra.

As reclamações não paravam. Parecia o manifesto de algum grupo terrorista. Sem fim. As exigências. Passaram a se repetir, formando um redemoi-

nho. Alice começou a chorar, enquanto falava gaguejando. Eu disse:

– Tudo bem. Não precisa mais se preocupar com todas essas coisas, fofinha. Pode ficar calma. Se é assim, eu não quero mais ser seu namorado. Eu quero terminar, Alice. Tá bom?

Dava pra ver, nos olhos dela, que isso não era, absolutamente, algo que elas tivessem previsto.

CXXXVIII O armário

Dois dias sem notícias de Alice. No terceiro dia, quando cheguei do bar – onde estive com alguns amigos – encontrei a casa vazia. Minha família tinha viajado. Senti algo estranho ao entrar no quarto, o que atribuí à estranheza da casa em silêncio.

Preparei um cigarro enquanto o computador ligava. Tentei imitar o barulho do modem se conectando, incluindo a discagem, como sempre fazia. Quando loguei no fotolog, bati de frente com aquela página te lembrando que você só pode fazer um post por dia e que você já fez o de hoje.

Porra, eu não postei nada. Estava bebendo e pretendia postar AGORA! Lembrei que Alice sabia a minha senha. Cliquei em "My fotolog" esperando algum tipo de agressão.

Mas não.

Alice tinha postado uma foto minha, que ela tirara alguns dias antes. Embaixo, ela escreveu apenas:

"Por que você me abandonou?"

Só isso. Eu achei aquilo tão triste. Fiquei meio deprimido com aquilo, o que piorou a impressão que tive com as risadas abafadas, saindo de trás de uma das portas do armário.

Antes que ele saísse lá de dentro, eu já sabia que era ele.

CXXXIX Onde Fam volta pra história

Fam saiu do esconderijo gargalhando:

– Fui eu! Ha, he, hu, hi, hi...

– Foi você o que, caralho? Vê se pelo menos ri igual homem, porra.

– Fica quieto aí, barrigudo.

– Fica na sua aí, melequinha.

– Babaca!

– Cuzão!

– Otário!

– Tcholinha...

– O quê?

– O quê que o quê?

– Hãm...

– Hãããmmm...

Depois desse assombroso e elevado confronto verbal, ele se sentou no chão, num canto do quarto. Tirou um maço de cigarros de algum lugar em sua tanguinha.

– Você fuma, asqueroso?

– Eu não, ele respondeu. Mas você fuma. Vou fumar só pra você ficar com vontade de fumar mais!

– Então pelo menos me dá um dos seus aí...

– Com prazer! Você não tem ideia do tanto de coisas envolvidas na produção desse maço... Quem compra, tanto faz... Quanto mais, melhor! E o que você acha da ideia de ter essa conversa numa lanchonete de fast-food?

– Num empolga não, melequinha. Agora fala. Foi você o quê?

– Alice. Eu fiz com que ela se comportasse daquele jeito, ha, ho, hei...

– Como assim?

CXL O truque

Pra soltar fumaça, Fam abria demais os beiços, o que evidenciava aqueles dentes nojentos com cor de manteiga.

– Você é burro demais pra entender meus métodos!, ele começou. Por exemplo, outro dia, num horário em que eu sabia que Alice assistiria tv, fiz passar certo filme que eu conheço. Na verdade, eu fui um dos produtores executivos, hi, ho, haha... Era com um ator que ela gosta e eu sabia que ela não ia perder. A moral do filme é que se você não pisar, será pisado. Uns dias depois, num restaurante que ela frequenta, coloquei um vaso de flores exatamente igual ao vaso de flores de uma cena do filme. Eu sabia que essa coisa tão insignificante faria o subconsciente de Alice ligar a moral do filme ao comportamento do casal que dirige o restaurante... O homem sempre dominando e maltratando a mulher. Inúmeras coisas do tipo. Fiz ela pensar que todas aquelas gentilezas que você fazia eram sinais de fraqueza. Ensinei que ela precisava explorar essa fraqueza. E fiz isso com ela e com a mãe dela e com as amigas delas. Todas repetiam a mesma coisa. E as propagandas... A vontade de ter mais e de dominar e subjugar... O mundo inteiro conspirou contra você, porque eu quis assim. Eu criei toda uma estrada que ela seguiu sem perceber. Meros mortais não podem...

– Hum... Que cheirinho de pizza!, eu disse, fazendo cara boa.

Fam respirou fundo, automático e esperançoso, sem perceber que eu tinha soltado um peido ninja – mortal e silencioso – enquanto ele se gabava. Ele

parece ter sugado o peido inteiro com essa manobra idiota, porque até tossiu. Aproveitei pra zoar:

– Muito boa sua técnica de manipular, mas eu também tenho aqui meus truques, cabaço!

CXLI Por amor

– E afinal de contas, por que você ainda usa essa tanguinha africana ridícula, mostrando sua bunda queimada? Você devia usar era uma daquelas roupas pretas de latex colado, que além de cobrir essa coisa feia toda que é você, ainda te dava uma desculpa pra sentar no quiabo... Quer dizer, porra, você não acabou de sair do armário?

– Ha, hi, hou... Você pode até se divertir agora, mas você vai morrer. E você quer uma coisa que você não vai ter. Com Alice, você não vai ter. Você vai ter é que se abaixar pra pegar! E se tentar pegar, ela vai pisar no seu pescoço. Ela vai te atropelar. Eu me assegurei disso. E você não pode ter o que quer com um pé te sufocando. Se você voltar atrás agora, ela nunca vai te respeitar de novo. Vai te pisar pra sempre!

– Pra sempre não, pelancudo. Eu vou embora.

– Se você vai embora, de uma forma ou de outra, então por que ser pisado?

– Por amor.

– E o que você vai aproveitar desse amor, com um pé na sua garganta?

– Você ensinou uma coisa pra Alice. Eu posso ensinar outra.

– He, ha, hi! Você não pode competir comigo, gordinho. Você é só um merdinha que morre.

– Mas com um pouco de sorte eu vou voltar. E eu serei milhões.

– Eu já ouvi isso antes. Você será comida pros vermes. Eu vou dançar sobre sua tumba fria e triste, no final da sua vida fracassada e sem amor. Você vai trabalhar pra mim, um dia. Nós dois sabemos

disso. Não adianta lutar...

– Olha quem fala!... O Senhor Faz Milênios Que Tento Sem Chegar Lá! É só você virar as costas que a beleza nasce por todos os cantos, até nos lugares mais remotos e solitários. Sei lá. Não preciso de um discurso pomposo pra te falar sobre a beleza. Sobre a maravilhosa brecha de vida que insiste e permanece até hoje, desde sempre. Você sabe do que estou falando. E então? Adiantou lutar, pra você?

– Argh! Eu sou um só!

– E já é um demais da conta, melequinha. Chega. Desaparece, agora, que eu preciso telefonar. Mas deixa um cigarro aí, que os meus estão acabando...

CXLII O telefonema

Liguei para Alice e perguntei como ela estava. Ela chorou, quando percebeu que era eu. Disse que gostava muito de mim. Eu disse que acreditava, mas que não ia ser capacho de ninguém só porque alguém gostava de mim. Que se ela abrisse mão de se comportar como um imperador maníaco, a gente podia se encontrar no dia seguinte.

CXLIII O dia seguinte

Fomos para o banco de uma pracinha, perto do rio, onde gostávamos de sentar pra conversar. Ela não deu muito o braço a torcer, mas pediu desculpas e assumiu que não era sensato aquilo que estava esperando de mim.

Eu nem sei dizer ao certo como as coisas aconteceram. De repente, estávamos nos beijando e dizendo coisas de carinho um para o outro. Minha mente não está clara, porque meu espírito não está puro. Como manter o equilíbrio pra falar de amor quando o mundo está te empurrando? Porra, eles conseguem mesmo te sugar pra dentro da coisa. Dessa máquina. E se você tenta apenas ficar de fora, descobre que está numa esteira. Eles colocaram esteiras ali, à margem, pra quem tenta fugir. De repente você descobre isso. E ela te leva para grandes dentes trituradores de gente. E você precisa correr e não pode mais pensar na porra do amor pela sua ex-namorada, ou naquele seu sonho cretino de ser artista. Sua vida vira uma obrigação de correr sem motivo algum além de fugir dos dentes e é assim que você se torna parte da Máquina do mesmo jeito.

Não quero ser santo, nem porra nenhuma. Monge. Hiponga. Eu não quero me colocar numa redoma pra me proteger do mundo, isolado, e lá dentro viver livremente. Eu não sou bicho de estufa. Eu quero aproveitar minha vida. Quero usá-la como uma tentativa de ter uma vida boa, mas eu quero fazer isso tudo com o prazer de ter vivido entre meus irmãos. Entre a minha raça. Homens e mulheres que respiram e pensam diferente e são esses bichos incríveis que já disseram “nada do que é humano

me é estranho". Não acima deles, na Montanha Fria.

Talvez não exista um caminho, mas minha vida é um puf que vale a pena perder na tentativa. Eu queria ter ex-namoradas e ir ao shopping e assistir cinema e fazer as coisas que as pessoas fazem. Eu queria sentir as coisas que meus irmãos também sentem. Você percebe – no infinito de possibilidades das coisas que poderiam ter sido – como é lindo estar vivo e ter milhares de vidas que provavelmente são tão estranhas de serem vividas quanto a sua, toda essa vida à sua volta, você percebe como isso tudo é intenso? É provável que não. Não o tempo todo, pelo menos. Só os santos. Os monges... Só percebem depois de morrer pra esse mundo. Depois de terem se matado em certa parte.

Eu queria viver entre meus irmãos e fazer as coisas que eles fazem, mas eu não queria desenvolver esses mecanismos internos de desespero velado ou anunciado que embrulham a gente em sacolas de plástico frias, por mais coloridas que sejam, bem etiquetadas e postas à venda. Mas não adianta. É muito difícil transformar-se em buda nesse mundo onde você é obrigado a subverter as coisas mais básicas. Não é necessário afundar-se em complexidades. Você nem pode comer quando está com fome, ou dormir quando está com sono. Para viver em sociedade e trabalhar como meus irmãos eu preciso me conformar com a redução do tempo à sucessão de momentos cronometricamente idênticos do relógio mecânico. Preciso comer sem fome, porque aquela é a hora de comer. Preciso ficar com fome, sem comer, porque não está na hora. Preciso dormir e acordar forçado. Não é necessário ir além disso para perceber o problema – ainda que nossa sociedade

nos leve muito além da mera constrição temporal. A água continua subindo e todas as escadas estão sujas de merda. Se você é rico, pode mandar as criancinhas escravas esfomeadas sofridas apaziguadas limparem a merda pra você. Mas se você não é rico, precisa sujar as mãos. Caso resolva mantê-las limpas, então seus trapos é que estarão sujos e meus irmãos dão mais importância para os trapos. Com trapos sujos e rasgados é impossível ser aceito e encontrar a felicidade entre meus irmãos.

Sujar as mãos ou fugir do convívio social – como os monges e os suicidas. Espero estar errado, porque ainda sou jovem. Quero descobrir amanhã que tudo isto é apenas um aprendizado e que sendo um pouco mais hábil eu posso conseguir, mas hoje tá foda.

O mundo está empurrando e a esteira está correndo. Eu não quero me adaptar, não quero fugir e também não quero ser engolido. Isso está me quebrando. E você pensa: "Que diferença faz?" Faz a diferença de perder meu tesouro. Algo tão valioso pra mim que talvez a vida não valha a pena depois de ter perdido.

Mas guardar tesouros pra afundar comigo? Guardar tesouros enquanto estou me sujando de merda? Fugir numa cápsula onde guardarei todo o brilho só pra mim? Quantas pessoas podem ser santas, ou monges? Santo é uma coisa que nenhum amigo ou parente conheceu. Se você vê um, você não acredita. Não reconhece. Não é uma coisa que acontece assim... Mais fácil tomar um escroque por santo do que reconhecer um verdadeiro santo ao seu lado.

Mostrar o caminho pra umas, sei lá, trinta e oito pessoas? Não quero tentar isso. Esses trinta e oito já tiveram outros tantos antes deles, iluminando o

caminho da fuga. Não precisam de mim. Será que é impossível ser normal e namorar e trabalhar e pegar ônibus e ser feliz de verdade, sem fugir do mundo com mantras ou com fortuna? Será impossível? É claro que não. Eu é que não consigo. Desculpe, Alice. Eu não consigo e estou me despedaçando todo. Eu vou morrer – provavelmente torto e deformado e doloroso, como são as experiências que não dão certo – mas eu queria me sentir puro ao menos por quantas vezes escrevesse seu nome.

CXLIV Bem-vindo, meu filho. Bem-vindo à máquina

– Aparece, melequinha.

– Ho, he, ha, ha...

– O que você quer que eu escreva? Tô me vendendo. Você fala sobre o quê e eu escrevo. Do meu jeito, mas sobre o que você quiser.

– Ho, he, hi... Não me interessa sobre o que você vai escrever. Qualquer assunto me satisfaz. Uma história de criança pode ser útil para os meus planos. O importante é que você faça do MEU jeito!

– Aí complicou, da pelanca. O meu jeito é minha voz. Afasta de mim esse cale-se.

– Argh! Não use essas referências! Eles acabam colocando uma daquelas notas da editora, geralmente enormes, completamente inúteis, que só servem mesmo pra tirar onda e espantar os leitores...*

---

* [N.E.]: Gostaríamos de registrar, aqui, nossa profunda discordância em relação às preconceituosas declarações do personagem. Repudiamos, inclusive, com repúdio, esse tipo de postura. Inserimos, com calculada parcimônia, apenas algumas parcas, modestas e pálidas palavras aqui e acolá... Apenas o essencialmente fundamental para uma compreensão holística e atualizada da obra. Tudo escrito de forma clara, acessível e despretensiosa, muito longe desse hermetismo jactante de jactância – desse desatino goliardo – do qual estamos locupletamente destituídos enquanto acusados! Através da nota, descortina-se uma flor do saber. O leitor pode, aqui, perceber a solenidade de um momento único. As diversas marcas díspares e sobrepostas estampadas, translúcidas, nesse palimpsesto semiótico que pode ser um livro. As nenúfares farfalhando na relva, piançando, quiçá, amplexos sempiternos sob o influxo do plenilúnio... A brisa suave que atravessa os rochedos em assobios mil... Ah! Os tempos de outrora que não voltam mais... Jorge, que segurava minha mão...

Fabiano, que segurava minha outra mão... Rogério, que segurava com as duas mãos na minha cintura, enquanto eu me debatia inutilmente... A gente fica tão irritado, apenas para sentir o dobro de saudades depois... E você envelhece e os sonhos morrem. E as pessoas não te telefonam mais. E você só consegue esse emprego de escrever notas nos livros desses cretinos que ainda ficam fazendo pouco do seu trabalho! Merda.

CXLV Escrevendo

– Argh! O quê que você tá fazendo?

– Tô escrevendo, uai.

– Assim não! O quê que os outros vão pensar? Leia seu texto com os olhos deles!

– Eu também sou um só, melequinha.

– Não! Isso funciona pra mim! Você tem que ser o Legião! O quê que você tá fazendo? Eu disse dois quês juntos, três vezes! Eu venho reparando no que você faz, há algum tempo. Deixe de ser porco! Ninguém vai entender isso! Você conhece o jogo, por que não joga direito? Nem dá pra traduzir essa merda! E essa mistureba que você faz com as palavras? Palavras também precisam combinar, sabia? É claro que você sabe, porra! Pelo menos pare de rir! Afinal, você quer se divertir irresponsavelmente com o teclado, ou quer escrever uma Grande Obra? Você precisa decidir... Você... Você está escrevendo isso? Assim não vamos chegar num acordo! Para de escrever essas coisas! Para! Agora! Solta o teclado, seu imbecil... Não! Não era pra você digitar isso! PARA! Seu... Você é doido?

– Um pouco. Acho que é culpa sua.

– É. Pode ser... Tem um cigarro aí?

– O quê? Você quer fumar só pra me fazer fissura, e ainda quer FILAR UM DOS MEUS?

– Nem... Fazer fissura de cu é rola. Viciei nessa porra. De novo.

– É foda...

– Putz...

– ...

– ...

– Porra, melequinha! Também não precisa pei-

dar!

– Mas eu não peidei!

– Claro que peidou!

– O quê? Que absurdo! Você é que não tem assunto e fica inventando essas bobagens. Isso é ridículo!

– É a sua palavra contra a minha. E você peidou. E pronto. Coisa feita.

– Argh!

CXLVI História de criança

– Tio, você conta uma história hoje?

Na verdade, era exatamente isso que eu já estava fazendo, no computador. Tentando amarrar as pontas do meu primeiro livro – que escrevi, como este, sem saber direito o que estava fazendo. É chato perder o embalo quando você está concentrado, mas eu sempre preferi as histórias de criança.

A gente combinava assim: elas arrumavam tudo e, quando estivessem prontas pra dormir – deitadas, debaixo dos lençóis – eu chegaria para contar uma história.

Sâmia e Lara eram, ao mesmo tempo, ótimas e péssimas ouvintes. Tudo depende de como você julga essas coisas. Às vezes demorava muito até que eu pudesse realmente começar a contar alguma coisa. A mais nova estava empolgada com os últimos acontecimentos do dia, ou a mais velha insistia em comentar algum acontecido repetidamente, sob vários ângulos e com diversas conclusões diferentes. Mesmo quando não tinha nada disso, elas te interromperiam a toda hora. Faziam milhares daquelas perguntas de criança.

Eu achava tudo isso uma maravilha. Quando elas criavam algum problema que impedia o início da história, era uma oportunidade de averiguar o momento pelo qual elas estavam passando e inventar uma historinha relacionada com aquilo.

Como no dia em que Lara estava chorando porque minha mãe não queria lhe dar mais balas. É comovente ver uma criança chorando porque deseja, em sua inocência, um mal que lhe parece inofensivo. Então eu contei a história do garotinho cego.

CXLVII A história do garotinho cego

– O quê que é cego, tio?

– Se você fechar os olhos, você não para de enxergar as coisas?

– É sim...

– Isso é porque a gente precisa dos olhos pra enxergar. E se você tapar os olhos, não vê mais as coisas. Um cego é uma pessoa que tem os olhos estragados e que, mesmo com eles abertos, não consegue ver nada.

– Entendi... Obrigada, tio!

– Eu também entendi, tio. Obrigada!

– Esse garotinho tinha nascido com os olhos estragados e não conseguia enxergar nada. E era muito difícil pra ele saber onde estava cada coisa dentro de casa. Então o pai dele sempre ajudava...

– Todo mundo devia ajudar quem é cego, né, tio? Mesmo que a pessoa nem for cega nem nada, porque quando uma pessoa ajuda a outra é bonitinho, né?

– É sim, Sâmia. E é muito bom, porque as pessoas são muuuuito diferentes umas das outras, e cada uma faz uma coisa melhor que a outra. Aí, se um ajuda o outro, todo mundo aproveita o que tem de melhor nas pessoas. Como o pai do garotinho podia ver tudo que o garotinho não podia, ele ajudava muito; falando as coisas que o garotinho podia pegar e as que ele não podia...

Lara levantou o dedinho:

– Esse garotinho cego tinha um cachorrinho, tio?

– Tinha sim, pacotinho. O nome dele era Bumburum.

As duas riram. Lara explicou a pergunta inusi-

tada:

– É que um dia eu brinquei com a Atla e eu tava de olhos fechados, e foi muito legal!

CXLVIII Onde as interrupções das crianças exigem dois capítulos para contar uma história que caberia em apenas um

– O garotinho também gostava de brincar com o Bumburum, tio?

– Gostava sim, docinho. Eles eram muito amigos.

Sâmia disse:

– Amanhã eu também vou brincar com a Atla e vou ficar com os olhos fechados...

Breve silêncio, que eu aproveitei. Falei com voz de suspense:

– Mas um dia, o pai do garotinho comprou um fogão... E o garotinho cego não podia ver o fogo, mas achava muito gostoso e quentinho ficar ali perto...

– Mas criança não pode ficar perto do fogão, né, tio?

– Isso mesmo, fofinha.

– Meu papai me explicou.

– E o seu papai está certo, porque...

– Porque senão pode ficar dodói. Aí tem que ir no hospital, e até tomar injeção!

– É mesmo!, Lara completou. Mas por que, tio?

– Porque o fogo é perigoso, Lara.

– Tio, por que o fogo queima a gente? Ele é mau?

– Não, Sâmia. O fogo não queima a gente por maldade...

– Então ele é bonzinho?

– Também não, uai. É que...

– Então tá tudo doido, tio!

– O tio tá confundindo tudo!

Elas se levantaram e começaram a jogar os tra-

vesseiros pra cima, fazendo a maior bagunça. Nós rimos.

– O fogo não é bonzinho nem mau. Mas ele é muito quente e qualquer coisa muito quente que encostar na gente vai queimar. É igual a água...

– Água é igual fogo, tio? Então é que tá tudo doido mesmo!

Mais risadas e travesseiros voando.

– A água é igual ao fogo em uma coisa, fofinhas. Nenhum dos dois é bom nem mau. Eles são apenas aquilo que eles são. Bom e mau não são uma coisa deles. Bom e mau é o jeito que a gente pensa sobre eles, e a gente pode pensar diferente da mesma coisa, dependendo do que acontecer. Quando a gente quer tomar banho, a água não é boa? Mas quando a gente se arruma pra sair e chove na nossa roupa é ruim. As coisas não são boas nem más o tempo todo. Elas são aquilo que elas são e pronto. Às vezes é bom e às vezes é ruim... O fogo também é nosso amiguinho, pra cozinhar nossa comida, por exemplo.

Elas prestavam atenção. Lara levantou o dedinho outra vez:

– Tio, você é muito enrolado. O quê que aconteceu com o garotinho cego?

CXLIX Onde o resto da história é contado de uma vez

– O garotinho cego queria encostar no fogo, mesmo depois que o pai dele disse que não podia. Ele não podia ver o fogo e queria encostar nele pra saber como era. E um dia ele encostou, quando o pai dele não estava olhando, e machucou a mão, e doeu, e ele chorou muito.

– Coitado do menininho, né, tio? Por que ele não fez o que o pai dele falou?

Aí eu expliquei pra elas que da mesma forma que um cego não pode ver as coisas, tem coisas que a gente também não vê, porque elas não são como uma panela, ou como uma mesa. E que quanto mais sábio a gente fica, mais dessas coisas a gente percebe.

Falei que elas eram duas garotinhas muito inteligentes, mas que elas ainda eram crianças e que ainda não tinham tido tempo de aprender sobre muitas coisas que a gente só aprende quando vai juntando muita sabedoria. E que era importante confiar nas pessoas que tinham mais sabedoria do que a gente, como a vovó. A vovó, eu disse, era uma mulher muito sábia, que podia transformar um tanto de pós numa comida gostosa, e que sabia tratar de machucados, e fazer remédios com as plantas, e que conhecia todas as plantas da chácara e todos os passarinhos e bichinhos.

Disse que a vovó sabia uma fórmula secreta para que garotinhas crescessem bonitas e com muita saúde. Que elas precisavam confiar na vovó. Que quando ela não dava uma bala, era porque aquela

bala a mais ia estragar a fórmula secreta. Eu disse:

– O tio não seguiu a fórmula da vovó, e olha o tamanho da barriga dele! Quem quer ficar barrigote?

– EU NÃO! Elas gritaram rindo.

– Agora vão dormir, que já está tarde...

– NÃÃÃÃÃOOOOO!

– O tio tem que ficar mais tempo com a gente!

Elas se penduravam em mim e me derrubavam de novo na cama. Mais risadas e travesseiros voando. Finalmente, depois de muita bagunça, elas me deixavam sair, com a promessa de que eu chamaria o papai, a vovó e o vovô pra dar boa noite pra elas.

CL É difícil

Meu sonho era escrever histórias pra crianças, mas é muito difícil. Os livros infantis que minha mãe compra são horríveis. A gente precisa recontar tudo. Reinventar. Frases ridículas. Sem naturalidade. Escritos para os pais e para as editoras, não para as crianças. Eu queria escrever algo que, mesmo lido pelo pai ou mãe menos habilidoso, fosse divertido pras crianças.

Mas é difícil. Crianças não sabem um tanto de coisas. Você tem que inserir explicações pra tudo. Fazer isso enquanto tenta contar uma história interessante – sem virar um chato. A gente tem um repertório muito limitado de coisas pra usar livremente numa história de crianças.

Pra um adulto, tanto faz. A gente pode escrever qualquer coisa. Pode falar sem confirmar se aquilo está absolutamente certo, desde que faça as pessoas pensarem. Se a pessoa se empenha em pensar, eventualmente ela ultrapassa aquilo que você falou.

Crianças têm um gosto tão grande por aprender e pensar – e fazem isso com tanta intensidade – que as coisas que aprendemos e pensamos na infância nos influenciarão pela vida inteira.

É preciso ter certeza que estamos falando sobre coisas boas e, principalmente, demonstrando coisas boas. Cuidado pra não cair na estupidez do discurso falso, que fala de paz enquanto ensina a guerra. Que atua humildade em prol da vaidade. Que fala de caridade, mas ensina a cobiçar o mais vantajoso. Como os músicos revoltados que gritam e pulam e quebram coisas comportadamente, atrás das cordas de contenção. Falando de ousadia enquanto escalam,

meticulosamente, os degraus maciços do lugar-comum; em busca daquela mesmice que não desagrada ninguém, com a qual eles pretendem alcançar o sucesso. Com olhos vermelhos de raiva, brilhando vaidosos para as câmeras. Não. É preciso escrever sem oportunismo ou resquícios do nosso egoísmo e dos nossos medos. É difícil.

Você mesmo sabe. De tudo que você falou até hoje, quantas vezes teve a certeza atenta de abrir a boca sem qualquer maldade?

CLI À sombra da Ibituruna, eu lembro

Eu poderia dizer mais coisas sobre histórias de crianças e, de fato, pretendo dizê-las mais tarde. Em algum outro lugar.

Agora não.

Agora me bateu uma saudade grande de Alice e quero ficar com ela um pouquinho. Segurá-la no pensamento. Remoer lembranças. Abraçá-la e beijá-la e penetrar seu fantasma com os longos dedos da memória. Queria retê-la, agora, como um trago do cigarro. É uma alegria triste, apesar de tudo. Apenas fantasias de fumaça.

Nada tão doce como ter a beleza sorrindo, deitada no seu colo. Mulheres costumam gostar do meu colo. Ser gordo tem lá suas vantagens...

Eu não queria vulgarizar a coisa e pensei muito antes de escrever o fim do último parágrafo. Mas é como uma onda que passou por mim e não vou escondê-la pra criar um discurso todo certinho. A vontade de ressaltar isso – ao invés de deixar a piadinha fora de lugar e pronto – é outra onda. Às vezes elas parecem ser a mesma que se repete, mas é claro que duas ondas nunca foram iguais.

É o mundo.

Tudo que nasce, morre. Uma verdade tão simples e absoluta quanto difícil de aprender. De aceitar. Tudo, por mais que queime, tudo desaparece sem fazer sentido. Um arroto de mostarda minúsculo e perdido no infinito do universo. Não adianta agora exigir apenas pureza das coisas – como se isso fizesse alguma diferença – um brilho matemático que desconhece imperfeitos. A perfeição é um sonho, ou uma confusão. Esse não é o mundo. Esse não foi o

meu amor.

Ir embora e ver o amor morrer. Uma decisão. Como as frases. Os pontos. Através dessas letrinhas não acho que alguém possa entender. Eu posso dizer como é difícil e como dói, mas você nunca vai saber por uma folha de papel. E nunca fará sentido de verdade.

O mundo não faz sentido, além da morte. Caminhamos pra ela, com nossos sentimentos e vontades e glórias e... e... e... Isso é triste pra mim também, Alice. Esqueceremos de tudo, com a parte que realmente faz diferença. "Eu amei você" será uma verdade tão vazia quanto o conhecimento da morte. "Iremos, todos, morrer." Na maior parte do tempo, isso não quer dizer realmente nada.

Eu vou morrer, Alice. Eu já caguei sangue, minhas costas doem e tenho alguns cabelos brancos. Ainda hoje tive cólica renal. Eu fumo. Eu como demais. Não me exercito. As coisas têm passado rápido. Não posso perder meu tempo insatisfazendo você. É uma decisão. Às vezes, a gente u9paet490yugawoeyrap898923yur8.

Mas teve pureza também. Eu tive sonhos, nos seus cabelos. Você sabe. E meu amor por você está aqui. Agora. Teimando.

Quero mais linhas sempre assim, com você perto de mim. Até o apagar da velha chama.

Eu te amo. Te amo. Que saudade de sentir, dizer isso e ter alguém pra ouvir.

CLII Pulando alguma coisa... Continuando

– Vamos fazer o quê, tchotchotchô?

O bar estava vazio. Deserto. Ridículo. Dentro do carro, matutávamos o próximo passo para nossa noite.

– É fofinha... Pergunta difícil. Vamos lá pra casa?

Ela ficou emburrada. Tinha criado aversão ao meu quarto.

"Hoje eu acabo com essa merda", pensei.

Ela ficou emburrada mas, como não havia mais alternativas, não disse nada.

Inúmeras noites de punheta. No começo, apenas pensando em andar devagar. Um pouco de cada vez. "Segura aqui..." "Faz assim..." Familiaridade. Mas toda vez que eu fazia uma aproximação mais direta, ela ficava dura de pedra. Eu encostava e:

– Ai, ai, tá doendo...

Eu fingia que ia encostar e ela gritava ai! De sangue frio, ela me pedia pra ignorar os ai's e descer a vara, mas como ignorar as mãos e os joelhos dela empurrando meu peito? Porra, eu também não ia violentar a menina. Ela podia falar que queria dar o tanto que quisesse, Alice tinha dezesseis anos recentes. Eu já me sentia forçando muito mesmo sem usar força. Ela me pediu isso, umas vezes, mas eu não quis acreditar que só funcionaria desse jeito. Uma hora ela precisava relaxar. Mas essa hora não chegava e foi-se criando uma situação chata. Eu falava em irmos pra minha casa e ela se arrepiava como um gato assustado.

Eu faria tudo de novo, apesar disso. As mesmas

perguntas, observações, confirmações e todas as tentativas. Mas num espaço de tempo menor, é claro. Agora eu já sei separar o inútil do proveitoso. Uma noite. Uma semana. Não meses, criando aquele mal -estar entre a gente.

CLIII Por que você sempre tem que estragar tudo?

– Por que você sempre tem que estragar tudo?

Isso me magoou. Ouvir esse tipo de coisa e toda a atitude circulando em volta... Foi mais de uma vez. A gente discutia tudo numa boa. Antes. Teoria. Mas quando começávamos a nos beijar e acariciar – a prática da coisa – eu encostava e ela: "Ai!" Eu insistia e ela me magoava.

– Fofinha, eu sou seu namorado. Você disse que quer me dar, então eu vou tentar te comer, uai. Qual o problema?

– Agora não. Para de insistir. Eu tenho que relaxar.

Mas não importa o quanto ela relaxasse, eu encostava e ela se endurecia toda. Ficava amarga e acabávamos discutindo. Claro que foi muita inexperiência minha, mas Alice realmente tinha um problema sério com aquele medo e um temperamento bem difícil. Mais tarde, ela pediria desculpas e elaboraria planos mirabolantes:

– Na próxima vez, você fica deitado, só isso, que eu vou sentar com tudo...

– Na próxima vez, vamos passar um tubo inteiro de lubrificante no seu pau...

– Na próxima vez, me segura de um jeito que não dê pra eu fugir e mete à vontade...

Mas, na próxima vez, ela não tinha coragem. Continuava reclamando de agudas dores fantasmagóricas, que começavam quando meu pau encostava nela, mesmo que estivéssemos – dos pés à cabeça – lambuzados pelos mais mirabolantes produtos.

Segurá-la e meter à vontade? Se eu colocava a cabecinha, ela começava a chorar desesperadamente. “Ai, ai, tá doendo muito...” Ela chorava mesmo. Como é que você faz isso com alguém que você ama?

CLIV Back door man (O Senhor dos Anéis)

A boceta de Alice estava magicamente lacrada pelo feitiço de milhares de repetições, ao longo da vida, referentes à dor pecaminosa do sexo. Eu podia dizer que ela estava sentindo apenas medo, e não dor, mas não adiantava nada. Do jeito dela, por confusões, ela estava realmente sentindo aquela dor toda. É difícil separar essas coisas. Explicar não adianta, nesses casos. Adotei uma tentativa de demonstração.

Quando atingem a excelência, todas as artes são iguais. Assim, é fácil deduzir que uma arte ensina lições sobre as outras. Se você transporta conhecimentos de uma área para outra, e tem um pouco de sorte, qualquer aprendizado aparentemente inútil pode ajudar nos problemas. Até coisas de nerd, tipo "um anel para governar todos os anéis"...

Depois das preliminares, eu disse:

– Fofinha, deita assim, com a barriga pra baixo...

Coloquei um dos meus travesseiros sob seu colo, pra empinar sua bundinha. Passei um pouco de lubrificante no pau e me deitei sobre Alice, beijando seu pescoço e suas costas. Pouco depois, ela perguntou:

– O que você está fazendo aí?

– Estou comendo seu cu, tchotchoquinha.

CLV Devagarinho

Alice rolou de lado. Ficou me olhando de um jeito esquisito.

– Estava doendo muito? Eu perguntei.

– O problema não é esse...

– Olha, tchotchoquinha, eu sei o que você vai falar. A gente pode discutir por horas, e nada. Já chega de discutir...

– É... Você só quer colocar seu pau dentro de alguma coisa e pronto...

– Não é isso, meu tomatinho. Eu tenho um plano, mas ele é melhor demonstrado do que discutido. Você confia em mim, Alice?

– Você sabe que eu confio, tchotchotchô.

– Então, mesmo pensando que é só pra me satisfazer, fica deitadinha aqui, fica? Eu não vou te machucar.

– Mas eu não estou com medo de doer! É que...

– Eu sei. Mas você faz isso por mim?

Muito a contragosto, ela deixou. Aqui, eu dei aqui apenas uma rápida amostra do que foi nossa discussão. Passei um pouco de lubrificante nela também e fiquei me raspando ali, com carinho. Massageando sua bundinha, dizendo: "Relaxa, fofinha. Abre seu cuzinho pra mim..." Até que entrou um pouquinho. E cabeça de pau não tem ombro, né? Um pouquinho de cada vez...

CLVI Truco

– Ai, tchotchoquinho... Isso é esquisito demais...

– Tá doendo, fofinha?

– Um pouquinho. É mais incômodo do que dor. Mas é esquisito demais...

– Claro que é esquisito, Alice. Estou com meu pau inteiro dentro do seu cu. Além do mais, é a primeira vez.

– Eu não estou gostando.

– Então vou acelerar o processo...

Passamos alguns dias assim. Ela reclamava, é verdade, mas muito menos do que antes – quando tentávamos do jeito convencional. Agora eram apenas reclamações morais; já não era medo desesperado. Depois de algumas, ela começou a empinar a bunda pra trás. Respirar fundo. Rebolar. Não me pedia, mas também já não parecia nada insatisfeita quando eu começava a me roçar nela. Achei que estava na hora. Quando estávamos conversando bobagens, fazendo carinhos um no outro, eu disse:

– Você já está acostumada, Alice, a dar seu cuzinho pra mim?

– Acho que nunca vou me acostumar com isso, ela disse rindo.

– Mas dói?

– Só um pouquinho. Seu safado! Onde você aprendeu a fazer essas coisas assim? Quando você vai com calma, nem incomoda muito...

– Alice, você sabe que a maioria das mulheres não gosta de dar o cu porque elas reclamam que dói?

– Isso deve ser frescura, ou então homem apressado. Não é nada de insuportável...

– Então, considerando isso que estamos falando,

você não acha que aquela coisa toda com a sua xoxotinha é paranoia? Não tem como ser pior! Se no cu não dói tanto, você está com medo de quê?

Ela já estava deitada de costas, com o travesseiro por baixo, e eu passei a falar baixinho, sussurrando em seu ouvido. Subindo sua saia e abaixando sua calcinha.

CLVII Sangue

Alice abaixou a guarda, por alguns minutos. Nem reclamou de dor quando entrou um pouquinho. Apenas tremeu ligeiramente. Mas assim que eu fui mais fundo algumas vezes, e a dor real apareceu, tudo voltou com força máxima. Pressenti o que estava chegando. Ela ainda aguentou umas duas ou três estocadas fundas antes de começar a se debater debaixo de mim. Eu saí de cima e ela se sentou na beirada da cama.

– Desculpa, eu fiquei com medo de novo. Eu...

– Ei...

Mostrei meu pinto sujo de sangue. Ela continuou no mesmo desânimo.

– Você acha que é só isso? Aposto que meu cabaço só perdeu um braço. Você sabe como é: lá em casa cobra dois...

CLVIII "Lá em casa cobra dois" e todas as coisas que eu não quis dizer

De vez em quando, como agora, sou acertado por tudo que omiti. Meses. O aniversário de Alice. Inúmeras conversas e pessoas significativas. Mas você já sabe como é: o lance é pular alguma coisa...

A mãe de Alice, por exemplo. Ela teve um papel importante no nosso namoro. Estava sempre presente. Eu não concordo com a maioria das coisas que ela fez e pensou. Seria fácil, e muito útil para o livro, descrevê-la como um antagonista. Alguns retratos simplesmente ficam bem com bigode e chifrinhos. Seria fácil, mas seria mentira.

A verdade é que ela estava, como todo mundo, procurando pelo melhor, da melhor forma que conhecia. Ela era simpática, atenciosa e preocupada com a filha. Se ela transformava tudo isso numa emboleira de ações que eu não posso apreciar, ela também não concordava com minha forma de pensar. Não seria saudável que todos fossem iguais. Mesmo que fosse saudável, não é assim que acontece.

A pedra, por mais forte que seja, pode quebrar, ou ser barrada. Temos que nos adaptar. Ser como as nuvens. Como a água, que contornando e mudando de forma sempre encontra seu caminho para o mar.

Além do mais, quero dedicar parte da minha vida à escrita e não pretendo usar isso pra falar mal das pessoas. Meus objetivos passam longe desse tipo de mesquinharia pessoal, eu acho. Pelo menos eu tento.

Repito: o lance é pular alguma coisa. Só vou

explicar a história do “Lá em casa cobra dois”, porque Alice vivia dizendo isso.

CLIX Dois impulsos

Pra falar como o velho que estou me tornando, essa garotada de hoje em dia nem conhece o som inesquecível e inconfundível de um modem negociando a conexão com a Internet. O mundo está mudando muito rápido... Alguns modens faziam sons ligeiramente diferentes, mas a essência estava sempre lá. O meu último modem de conexão discada fazia mais ou menos assim: "Tuuuuuuuu.... tu, ti tu, ta, ti, tu tu... Pip. Niii-niii-niii... Blululup... Peneum, peneum, tchem! Shhhhhh... Shhhoooo... Toum... Toum... Pip. Shhhhh..."

Com a ajuda de alguns amigos – matemáticos e sociólogos – calculamos que, aproximadamente uma semana após este post, a Humanidade não se lembrará mais que os computadores precisam se conectar pra ter acesso à rede. Parecerá uma coisa óbvia e necessária. Algo que sempre esteve lá, como os canais de televisão.

Mas nós vivemos, Alice e eu, num mundo diferente: o da conexão discada. Como você tinha que pagar impulsos telefônicos e ocupar sua linha de telefone pra usar a Internet, navegávamos com moderação.

Havia várias lendas sobre o sistema de cobrança das companhias telefônicas. As pessoas inventam uma lógica que parece fazer sentido e passam a confiar nela, sem observar se é assim mesmo que acontece. Eu não. Já tenho muitas razões pra acreditar que um raciocínio sensato não reflete, necessariamente, a realidade. Se eu tenho um telefone gratuito pra me dar informações, eu ligo. E foi isso que eu fiz quando quis descobrir o preço de navegar na

Internet.

Eles me explicaram tudo direitinho. Repassei a informação para Alice, que vivia se complicando com isso:

– A cada quatro minutos, numa chamada local, a companhia cobra um impulso que custa X centavos. Mas todo dia, da meia-noite às seis da manhã – também nos finais da semana, à partir das duas da tarde do sábado, até às onze e cinquenta e nove da noite no domingo – não importa a duração da sua ligação. Eles só cobram o primeiro impulso.

– Mas lá em casa eu não posso conectar no sábado à tarde...

– Mas eles só cobram um impulso!

– Com a minha sorte? Lá em casa cobra dois...

CLX Mais considerações perdidas

Num dá praiscrevê exatamenti comu eu falu. Seria ridículo. Nos diálogos, eu tomo algumas liberdades além da conta, mas só algumas. Em compensação, também sou obrigado a colocar muitas falsidades. É fanatismo inútil, tentar transcrever a coisa com naturalidade brutal. Sempre sobra certa rigidez. Uma conversa, e mesmo um monólogo, é a manifestação de uma coisa viva, que não segue o caminho único e linear das frases. Muito mais do que meras palavras.

Tem gente que considera a língua uma ciência. Ela é um código, certamente, mas eu não concordo com essa definição. Pra mim, a língua é uma arte. Há ciência na pintura, por exemplo, e você pode pintar apenas cientificamente; mas Rembrandt não era um cientista.

Assim como mulheres são mulheres, e o quadro de uma mulher é apenas um quadro, uma conversa – ou mesmo um monólogo – é uma coisa viva. Um livro é apenas Arte. Eu não posso reproduzir (mesmo que tentasse) essa coisa viva no papel, da mesma forma que a figura de um trem não solta fumaça. Isso seria estúpido, como tentar molhar a folha escrevendo |água|.

CLXI Nerd gordo, feio e corno; bêbado, frouxo e fracassado; punheteiro, songo-mongo, medíocre e meio-broxa

Além do mais, tem a questão do conteúdo. Uma conversa é viva e não poderia ser Arte.

(É claro que |arte| tem muitos significados diferentes, mas exigir rigor sóbrio de linguagem, de um bêbado, é pedir demais. Cara, eu não sou o Mestre Erudito. Não sou MONARCHA MEDICORUM nem porra nenhuma. Como é que eu vou te explicar? Eu sou impressionista, não sou William Bouguereau. Sem quaisquer pretensões de ser como Michelangelo e Rodin, quero esculpir pra demonstrar que o mármore não trabalhado está cheio de grandes esculturas. Eu não sou música erudita – sou rock alternativo. Eu sou Guided By Voices. Sonic Youth. Pink Floyd. Legendary Pink Dots. The Doors. Sou música de doidão. Não quero fazer música clássica. Não sou erudito. Não sou o Philip Glass. Eu queria ser o John Cage, mas eu sou o Ariel Pink.

Conheço um moleque que não entende um solo de rock e sempre coloca jazz pra tocar. É uma pose. Ele não pode apreciar o que é significativo naquilo. Mesmo que eu passasse dias aqui, pensando – talvez mesmo a minha vida inteira! – isso não seria suficiente pra colocar em palavras precisas a impressão que tenho sobre essas coisas todas, ou sequer para que eu pare de classificar como "coisa" cada fenômeno complexo. Principalmente Arte. Espero que você entenda o que estou tentando dizer. Se você se interessa pela discussão, não seja preguiçoso. Centenas

de gênios deixaram os alunos mal acostumados – habituados a pegar tudo pronto e mastigado. Pense por conta própria, porra. Complete o que eu deixar em branco. Se você é daqueles que não estão interessados nessas discussões "profundas" e só queriam mesmo passar o tempo com um livro, espero que você aprecie minha decisão de deixar a coisa solta, sem escrever um capítulo inteiro – altamente confuso – só pra definir a exata parte de |arte| sobre a qual estou falando).

Conversar com pretensões artísticas – além de oferecer um número considerável de dificuldades – sangraria a vida da conversa, que se aproximaria da artificialidade e falsidade de um diálogo escrito.

A gente cria esse mito de que conversar com o escritor preferido seria qualquer coisa de altamente compensador. Eu não acredito nisso.

Pra começar, é como música de estúdio e música ao vivo – lembrando que o escritor é uma banda de um homem só. Sucesso em uma coisa não significa, necessariamente, habilidade na outra.

O que estou tentando fazer aqui é atacar algumas confusões semióticas que as pessoas geralmente fazem. Isso é necessário pro meu plano, como explicarei mais tarde. Além do mais, eu sempre quero conversar sobre essas coisas, mas não funciona. Algo que eu queria dizer, mas que uma conversa viva não suporta.

Escrever e conversar são atividades separadas. Não se pode recriar uma conversa na página, como ela realmente é, e não dá pra conversar como se você estivesse escrevendo.

Eu, por exemplo, sento com o caderno e tenho todo tipo de ideias que me agradam, mas que também

só servem para literatura. Numa festinha, ou dentro do elevador, conversando, eu sou um cara medíocre. Meu laboratório linguístico – seja ele realmente útil, ou apenas um despropósito do meu ócio – não deixa grandes vestígios. Fica tudo pra trás, no jaleco, ou na caneta, ou na pena, ou no teclado. Você pode estranhar um tanto de coisas aqui. Pode pensar que eu sou doido. Nem é assim que funciona. Na maior parte do tempo, principalmente quando lembro de tomar meu remédio:), eu sou um cara normal.

CLXII Primeira página de uma folha encontrada no bolso (super normal)

Eu sou um cara normal, saca? Tipo, ganhar na loteria é só receber um tanto de dinheiro. Pessoalmente, é só isso. Pras outras pessoas, no entanto, a velocidade e o imprevisto desse fenômeno parece criar uma certa miragem. Pensei muito tempo sobre essa última frase. Acho que é isso mesmo. A velocidade, o imprevisto e o fascínio desse fenômeno. Eu só ganhei na loteria. Foi só dinheiro. Não virei Papai Noel, nem recebi os magníficos e misteriosos poderes do Gênio da Lâmpada.

Estou tentando escrever direito, mas já faz muito tempo que não me concentro em nada. Pior ainda: tenho certa pressa. Começou com Marcelo. Nas últimas semanas, todos os meus amigos, parentes, vizinhos e conhecidos estavam me deixando maluco. Foi quando eu percebi que não era uma coisa específica do jeito de Marcelo. Nenhuma falha especial de caráter. Mas começou com ele – talvez apenas porque ele era o meu melhor amigo. Talvez porque eu não seja um cara de muitos amigos. Um cara que há cinco anos, desde que saiu da casa dos pais, mantém uma relação fria com a própria família. Antes disso, uma relação complicada.

A cidade é bonita, daqui de cima. O vento me abraça com braços fortes, mas suaves. Eu nunca tinha percebido isso. Cada trago no cigarro parece trazer a noite inteira pra dentro de mim.

Pensando retrospectivamente, parece apenas natural que tudo tenha começado com Marcelo. Sim, é natural que fosse assim, mas o rancor ficou. O

impacto diferenciado do primeiro tapa. Eu ainda nem tinha assimilado o que significava ganhar todo aquele dinheiro – nem o tanto de dinheiro que aquela fila de algarismos realmente representava – e ele já estava ali, insinuando o que eu deveria dar pra ele. Em poucos dias, ele estava realmente pedindo.

Eu teria pensado numa sala equipada com os melhores aparelhos, como a que tenho ali, atrás da porta de vidro desta varanda. Tudo só pra gente assistir filmes e jogar videogame. Ouvir música. Eu teria pensado em coisas só pra ele também, é claro. Até aquele carro com o qual ele é apaixonado. Na minha situação, seria como comprar um skate para um amigo. Eu teria pensado em presentes grandiosos para a minha mãe, mesmo para o meu pai e até para a minha irmã. E encontraria prazer nisso. Verdadeiro deleite em agradar todo mundo com a abundância daquilo que já não importava pra mim, mas que ainda era tão importante para todos eles.

As pessoas não dão tempo para a boa-vontade gerar seus frutos. Elas têm tanta fome que se atiram, na pressa, e devoram a semente. Dentes ávidos de pedidos. Se eu posso deixar um último conselho, baseado não nos bens que fiz, mas no mal que vi os outros fazendo, meu conselho seria este: calma. Quando quiser alguma coisa, não tenha essa pressa gananciosa. Tome um tempo para ver como as coisas caminham. Ou você pode acabar ganhando um pouco e perdendo muito.

Mas agora é tarde demais. Eu também não consegui manter a calma. Fui me isolando cada vez mais. E Marcelo ali. Sempre ali. Para-raios potencial para todas as conclusões amargas que eu tirava do mundo.

CLXIII O outro lado da folha

Virei a página sobre meu colo e tudo mudou. Como é linda uma página em branco. Pena que preciso deflorá-la. É inevitável. Acendi meu terceiro cigarro. O vento continua. Exatamente. O inevitável continua. Desculpem se pareço falar apenas para mim mesmo, nesta folha que deixo para os outros. Acho que me perdi e nem sabia mais o que escrever na nova página em branco, mas voltei à realidade e agora sei como continuar. Num piscar de olhos, os nossos humores e os mundos que eles criam podem mudar o quanto quiserem. Em certas coisas, não dá pra voltar atrás. Não dá para consertar, ou se redimir.

Fui carregado, impotente, por um redemoinho de capricho e loucura. Na hora, a gente pensa que não, mas agora eu percebo que sim. Estou pronto para assumir isso. Eu poderia falar de mil coisas, mas não quero outra página em branco. Uma folha parece mais adequado. Parece a coisa certa. Uma folha só, dentro do meu bolso. Basta falar sobre o principal. Há o desejo de explicar tudo progressivamente, mas isso é apenas vontade de me justificar. Uma vontade, por si, injusta. Além do mais, tenho certeza que a imprensa dará conta dos detalhes.

Basta dizer que eu estava usando um quimono. Um especial. Desenhado por algum mestre samurai sobrenatural e costurado sobre as coxas de gueixas virgens – todas essas merdas. Eu estava com uma faixa na cabeça, completamente bêbado. Garrafas vazias espalhadas pela sala. Andando em cima da mesa de pedra que mandei instalar logo que me mudei pra esta cobertura. Brincando com minha

espada relíquia meitou japonesa sei lá o quê... Isso é o bastante para mostrar onde eu tinha chegado.

Marcelo estava bêbado também. Nós estávamos tendo mais uma das nossas frequentes discussões. Cada um acusava com justiça – eu percebo agora – e se defendia com indignação.

Eu sou apenas um cara normal, saca? Dinheiro não traz felicidade. Eu ganhei todo o dinheiro do mundo, só pra ficar louco com ele. A única coisa pura que eu senti com mais intensidade depois do prêmio foi sofrimento. Perdi meu melhor amigo. Sei que deveria explicar tudo, nem que seja pela catarse, mas não quero falar mais sobre isso.

Último cigarro.

Apesar do sabonete custar o preço de uma garrafa de uísque, minhas mãos ainda estão um pouco manchadas de sangue. Eu vou pular aqui de cima com esse papel no bolso e a única coisa que me preocupa é que alguma das pessoas mais próximas de mim – meu pai, minha mãe, ou até mesmo a minha irmã – vai herdar minha maldição.

CLXIV Eu sou um cara normal, e agora é sério

Eu não posso fazer isso numa conversa, por exemplo. Isso que fiz nos últimos capítulos. Quer dizer, eu posso até tentar... Mas onde encontrar um interlocutor com a paciência rara necessária para ouvir sem interromper – considerando que a "paciência" não seja apenas desinteresse? Seria pedir demais de alguma coisa viva que se mantivesse suspensa por tanto tempo. Simplesmente não daria certo.

Uma conversa precisa queimar. A habilidade de construir castelos de cinzas não tem nada a ver com colocar fogo. Ser escritor é estranho. Eu percebi aqui na gringa, onde as pessoas não me conhecem e não têm referências sobre mim. Elas têm questionamentos naturais sobre minhas motivações para estar aqui, fazendo o que eu faço e vivendo como vivo. Mas não há onde buscar por respostas, além de Jan, porque eu mesmo raramente me explico. Jan disse: "Ele é escritor." E desde então parecem esperar algo de mim. Algo além de livros.

E que diabos de escritor eu sou? Ao invés de contar a história de forma atrativa e teatral, eu fico explicando o que eu penso sobre um milhão de bobagens. Eu não quero escrever bem, gramaticalmente. Nem dramaturgia. Em suma, sou um escritor fracassado que não pensa em te vender um doce. Eu quero malhar, criar músculos invejáveis – daqueles que motivam outros atletas – e tirar retratos.

Dois dias que o caderno não vê caneta. O livro estacionado no último parágrafo. Que conversa ca-

sual eu poderia imobilizar por dois dias sem ter concluído nada? Pior ainda, que conversa eu poderia manter imóvel por tanto tempo pra fazer o que vou fazer agora?

Vou falar de música pop.

CLXV Música pop, por exemplo...

Não penso em pop como derivado da palavra "popular". Penso na expressão como uma onomatopeia para o fenômeno dos grandes hits. Como bolhas de sabão estourando: Pop, pop... (Aliás, como bolhas de sabão FARIAM ao pipocar, talvez, se pudéssemos ouvir o grito de uma borboleta, mas isso também já virou pop – no sentido de popular.)

Sonhos descartáveis. Êxtase industrializado. Pop.

Não importa se fez sucesso, ou se faz sucesso. Se foi feito pra eliciar reações preestabelecidas – geralmente euforia – através da manipulação e repetição de fórmulas previamente aceitas, eu chamo de pop. É o que estou chamando de pop neste capítulo, pelo menos.

E pode-se concluir que a música pop não tem sentimento. Mas é claro que tem! Sentimento de ganância, por exemplo. E vaidade. Exibicionismo. Calculismo. Frieza. Falsidade. Oportunismo. Prepotência. Carência. Modismo. Fanatismo... Enfim: ignorância.

Dizem que se a gente observa um barco com remadores, por exemplo, nosso corpo reproduz algumas das reações que o exercício provoca neles. Em algum nível, nós também remamos. Células reflexivas, eles dizem, dentro das nossas cabeças; funcionando como crianças que remedam tudo aquilo que veem. As crianças são puras – pra afundar na metáfora sem explicações tediosas... As crianças ainda não aprenderam os passos da valsa que a gente dança no teatrinho do mundo, por isso elas são puras. Eu presto atenção nelas.

Quando preciso julgar alguém, geralmente, confio muito mais na voz dessas crianças interiores do que em silogismos dialéticos – sempre tão prejudicados pela disparidade entre nossa ignorância necessária e as vastas possibilidades do Todo. Eu procuro pela criança reflexiva automática. Eu a encontro e entrego um microfone pra ela. Observo com atenção firme e despreocupada, enquanto a criança tagarela. Toma conta de mim.

Os resultados dessa prática são ricos, ainda que meio depressivos. Você descobre as pessoas mentindo nas situações mais decepcionantes, por exemplo. Alimenta aquele sentimento de que, na maior parte do tempo, as pessoas só estendem as mãos durante a primavera – quando a alma derrama frutos espontâneos sobre tudo e todos para se sentir bem – ou quando querem tomar alguma coisa de volta.

Ah – e é claro! – quando a gente aprende a ouvir essa criança, em detrimento do gordo careca que se acha inteligente e canta sobre perda e ganho – ouvir música pop também perde a graça. Eu não coloco um disco pra me sentir, por reflexão, um gerente de MacDonalds. É como trabalhar num restaurante sofisticado e ir lanchar no MacDonnalds – você cozinha aquele bife só de olhar pra ele. Você observa o hambúrguer e remonta todo o processo odioso dentro do qual ele foi construído. Não dá pra comer no McDonnalds se você enxerga além dos palhaços e das fotos bonitas... Hora de voltar ao ponto...

Eu gosto muito de música pop: em festas, bares e outros lugares onde você não precisa prestar atenção na música. Algo pra bater o pé. Balançar um pouquinho a cabeça. As pessoas se divertem e o ambiente fica confortável. Gosto de música pop como

uma máquina de massagem. Como televisão. Você é carregado, contagiado e "emocionado" ociosamente. Mas não dá pra se empenhar num exercício contemplativo de sentir o que o músico sentia durante a gravação. Não dá pra ouvir com o coração.

Somos muito ingênuos. Julgamos produtos pela embalagem. Um cara parece rebelde e a gente acredita. Um cara parece romântico e a gente acredita. Quer dizer, se ele está falando aquilo, deve ser verdade...

Muitas letras, por exemplo, se você lê, são lindas. Mas a fornalha... Essa indústria cultural...

Hoje mesmo, na rádio, ouvi uma que o cara fez para um amigo morto. Acidente de moto. Um dos clássicos do rock. Versos sentidos. Gritos contagiantes... Mas, assim que você para de pensar na empresa apenas pela logomarca e começa a prestar mais atenção – colocando as células reflexivas pra funcionar – você sente que o cara está muito mais preocupado em cantar de forma impressionante do que com o amigo que morreu. Ele tinha tantas pretensões praquela música, e treinou tanto, antes de gravar, e pensou tanto, e testou tanto, e calculou tanto, e mudou tanto e repetiu tanto – procurando o mais "perfeito" – que a morte do amigo virou apenas o longa-metragem que deu origem à série. Sem sentido. Error 404. Vazio.

Imagem é tudo. A intimidade será banida do mundo. Música pop, por exemplo, é uma casa com tudo pregado na fachada, feita pra ser vista da rua – talvez passando de carro. Se você entra lá dentro pra viver, não tem mesa onde comer, nem cadeira pra sentar.

CLXVI Fornalha

A fornalha é embriagante. Fornalha é álcool. Os primeiros copos não são gostosos. Você toma porque está todo mundo tomando. Então você fica bêbado, começa a tomar uma depois da outra e esquece que foi ao bar para encontrar uma garota.

E a eficácia da fornalha, muitas vezes, é falsa. É como esse cara que eu conheci outro dia. Ele treina uma certa luta com espadas, como hobby. Espadas de madeira. Não lembro o nome da luta e não vou chutar, nem pesquisar. Aqui é literatura pau-dentro. Não sou escravo da fornalha. O importante é que ele treina isso. E ele gosta tanto, e aprendeu tanto, e repetiu tanto que também é instrutor da academia. Treina os novatos. Ele me dizia:

– Já tomei VÁRIAS pauladas de principiante na cabeça, nos bagos, no joelho... Principiantes são os mais difíceis. Só perdem praquela praga de japinha nanica, mulher do meu professor, que me atira a três metros de distância, não importa como eu chegue perto dela... De qualquer forma, esses moleques não têm técnica nenhuma! Eles ainda não conhecem o padrão dos movimentos que seria sensato fazer com uma espada. Eles a usam das formas mais inusitadas... E além disso, às vezes eles hesitam no meio do golpe. Essa fração de segundo fode com o meu tempo de resposta. Direto eu acabo dando um golpe no ar e tomando uma paulada na cabeça. Ou então eles vêm correndo e, no desespero, esquecem da espada... Do nada!, eles te dão um chute na canela. Você fica surpreso e, na sequência, ainda costuma levar é mais paulada na cabeça...

CLXVII Sobre escrever um livro

Pra que aprender tanto sobre luta, se numa situação real – além do laboratório da academia – você está em desvantagem numa luta com um novato? Pra que uma música se você não sente nada? Você é o rock star-estrelinha já ganhou! Mas você toca e revisa e repete e calcula até abandonar o êxtase? Pra promover as baladas de uma cambada estúpida que precisa de estímulo fisiológico pra tomar coragem de fazer todo esse teatrinho palhaço que eles chamam de curtir a vida? Pra ganhar dinheiro, apenas? Pra comer alguém? Pra se sentir querido?

Eu não sou mendigo – nem de dinheiro, nem de atenção. Eu me entrego à Arte como um caminho experimental para encontrar uma vida melhor. Porque eu me entreguei à Arte descobri que dinheiro, boceta e "Parabéns!" não são a chave para uma vida melhor. Gente muito rica já se matou deprimida em meio aos aplausos e com todas as xoxotas e/ou caralhos do mundo esfregando na cara. Muita gente. Muita gente assim se matou de uma forma ou de outra, ou fodeu (metaforicamente) todos à sua volta. Eu não acho admirável, ou tentador.

Este é um livro sobre escrever um livro. Este é um livro sobre escrever um livro fora da fornalha. Escrever um livro como um náufrago precisa construir sua cabana sem recorrer às ferramentas nas prateleiras das lojas de departamento; sem recorrer às escavadeiras e equipes de produção e marketing e eficiência e eficácia e brainstorm e feedbacks por enquetes com piriguetes trazendo cafezinho. Um livro que não quer virar cinema.

Este é um livro sobre escrever um livro inspira-

do por um sentimento interno – a busca de uma experiência, como quem tenta sintonizar uma rádio. Escrever um livro como a busca de certa frequência mental que surge em forma de transe. É desprezar os cálculos e se jogar irresponsavelmente num abismo, confiando numa espécie de instinto. Um livro sobre o discípulo zen budista pós-moderno. Um livro que foi sorrindo pra apresentação, sem ter participado do ensaio.

Este é um livro sobre o amor. É um origami que eu monto de presente para Alice. Para mim. Para o amor que houve entre nós e para o amor que existe como potencialidade para qualquer casal. Um livro que pretende se distanciar da fornalha e cantar sobre o amor que existe fora dela. Sem fios elétricos e slogans e holofotes coloridos. Este é um livro de amor acústico, tocado por um bêbado de barba mal feita, num violão faltando cordas, ao lado da fogueira. O amor que a gente sente como o calor do fogo e sobre o qual nenhuma palavra poderia realmente se pregar. O amor que não é o "coração" rosinha das embalagens de chocolate nos dias dos namorados.

Eu reconheço a utilidade da indústria, mas não vou atirar meu sangue numa fornalha. Não vou transformar meu canto em máquina. E sem internas secretárias e estagiários e sem planejamentos e sem organogramas às vezes eu me perco. Gostaria de escrever um bom livro, mas este livro quer ser uma flor – ele não é um produto industrializado. Eu postei tudo de graça. E se por algum acaso você comprou o livro, eu agradeço – mas saiba que este aleijado que você agasalhou e alimentou não estava com fome nem com frio.

Eu não tenho mapas e fico perdido. Encontro

becos sem saída. Planejo túneis e arrombo paredes. Não dá pra ficar pensando em te entreter. Acho que é possível escrever uma história bem contada que seja algo além de produção. Uma história bem contada que seja uma boa história de verdade. Acho que é possível, mas pra mim ainda não é. Não vou tentar jazz quando só entendo rock. Sou um moleque sonso batendo a cabeça na parede. Esperneando. Insistindo.

Eu sinto que se mergulhar na fornalha vou esquecer o que realmente foi um amigo morto e a dor de um espinho e o calor do Sol. Que seria arquitetar uma catedral em nome do amor sem tempo pra parar na rua e cheirar uma flor, sei lá... Virar um doceiro que produz pastilhas pra adoçar sua boca. Vender emoções e conclusões prontas e etiquetadas, pra você guardar como camisetas.

Por aí, tem mais gente cretina sendo chamada de artista do que tem devaneios na cabeça de um poeta. Os formadores de opinião são maquinais e estúpidos. Os sistemas de recompensa são viciados e cegos. E se você quer convencer essa massa estúpida de que você é incrível, você tem que se tornar meio que incrivelmente estúpido. Pra convencer um daltônico de que você é vermelho, às vezes, você precisa se pintar de verde. A gente nunca sabe se vai conseguir uma coisa dessas, mas pode escolher se vai tentar ou não. Eu não quero, escrevendo, me comportar como o malicioso que está sendo SUPER GENTE BOA só porque pretende te convencer de alguma coisa – nem que seja apenas de como ele é SUPER GENTE BOA...

Eu mesmo me acho um chato. Sei que não posso concluir no estado atual de verborragia. Estou san-

grando palavras e sei que não vai parar tão de repente – mas prometo que o próximo capítulo será o último sobre Arte.

Eu não queria pensar profundamente sobre esse assunto pra finalmente manufaturar uma miniatura-lembrancinha da minha conclusão num slogan perfeitinho. Uma conclusão perfeitinha e fácil de acompanhar intelectualmente pra descartar depois da montanha russa verbal. Eu queria demonstrar o processo e a insistência dele no meu pensamento e no meu transe de criação. Esses questionamentos e hipóteses e experimentos e a repetitiva insistência deles são fenômenos inseparáveis da minha arte e do meu pensamento e – depois de se transformarem na minha visão de mundo, que eu sinto afetar até meus movimentos involuntários – da minha vida inteira. Eu queria te mostrar o processo que me atravessa, ao invés de usá-lo pra criar uma equação linguística descrevendo uma conclusão. A conclusão seria falsa sem a demonstração honesta da fragilidade, mutabilidade e transitoriedade do fluxo constante de conclusões provisórias que antecedeu essa última conclusão, meramente ATUAL. Eu queria sugerir que as conclusões não são importantes – que o importante é o processo contínuo de contemplação, avaliação e experiência que gera boas conclusões. Eu quis fazer essa sugestão porque eu acredito nisso. Você mesma. Quantas putas filósofas você conhece em suas redes sociais? Gente obviamente escrava da vaidade e mutilada num mundo fútil que passa os dias postando Grandes citações de autores diversos? Elas não leram os livros que formam o contexto daquelas citações. Não experimentaram – na própria vida – o que tornaria aqueles livros signifi-

cativos. Elas viram a foto do pão e concordam que é uma delícia.

Eu queria demonstrar e evidenciar o processo, mas estou me achando um chato. Eu queria escrever um bom livro. É lógico que eu queria. Sei que é chato, mas eu não queria ser bom porque agradei um monte de gente. É estranho e improvável, mas quero escrever bem porque senti alguma coisa – ou descobri alguma coisa – sem me importar com o resultado final do próprio texto. Mas é difícil chegar lá. Fico orbitando em volta do planeta Já-Foram-Feitos, tentando criar ferramentas que possam me jogar pra longe. Desculpe pelo óbvio efeito negativo, mas preciso abandonar a fornalha.

Quero escrever o que me der vontade, como fechar os olhos e dançar sozinho dentro do quarto. Jogando os braços pra cima. Rebolando. Sem me preocupar a cada dez minutos se estou fazendo os melhores passos.

Acho que é isso. Eu quero dançar.

Mas agora eu quero parar e continuar amanhã.

CLXVIII Último capítulo sobre Arte

Já não posso voltar atrás. É verdade que isto aqui não quer ser historinha. É como uma pintura. E se eu quero pintar doze apóstolos, com cangurus, por que não? Um quadro sequer precisa representar objetos, ou o mundo natural. Se eu quero rezar para o Automatismo e cuspir tinta aleatoriamente sobre a tela, para revelar algum aspecto do mundo interior inacessível aos meus esforços conscientes, por que não? Se eu quero evidenciar a bidimensionalidade da tela, desmembrando objetos em formas geométricas e representando suas partes por vários pontos de vista diferentes, por que não? Se eu quero abandonar as técnicas tradicionais de perspectiva, chiaroscuro e tudo mais para pintar composições deliberadamente informais com cores não-moduladas, mantendo a espontaneidade mesmo nas obras mais trabalhadas, por que não? Eu sou um artista. Não sou um vendedor, nem um publicitário. A maioria nunca soube o que é um artista, mas foda-se a maioria – inclusive esse lado em mim que NESTE EXATO MOMENTO está me achando um chato. Vou continuar escrevendo. E nem precisaria descrever porra nenhuma, embora fique difícil levar a coisa sem qualquer descrição. Também não quero ser TÃO abstrato. Quero pintar um cachimbo para dizer que ele não é um cachimbo. Letrinhas como pingos de tinta. Apenas traços e rabiscos pra fazer sua mente dar chicote. Não precisamos juntar os pontinhos.

Você não pode me prever. Nem eu posso. Lá, lá lá, lá lááá, lá... Xi-zeg-ni-beg-ni-bug-xi-beique-salada. Babalaô.

As pessoas à minha volta não têm dito nada de

verdade. O que elas falam tem mais relação com oportunismo e com a construção da própria identidade social do que com algo que elas realmente queriam dizer. É mais um discurso persuasivo do que uma expressão de sentimento. Meramente uma questão de atitude. Hoje eu saí de casa e todo mundo tinha atitude. É tudo sobre a atitude e eu já enchi o saco de atitude. É tipo uma camisa que a gente usa. E eu também já enchi o saco de camisa.

Seja subversivo.

Faça coisas sem sentido.

E compre mais azeite, porra. O segredo está no azeite! O segredo DA VIDA! No azeite! E nas orquídeas... Futurutchim! Ni!

Então. Como (eu) ia dizendo sobre os últimos capítulos: É preciso que nós dois possamos identificar e ignorar a fornalha. Nós podemos aproveitar os benefícios da indústria, em outra parte, mas devemos lembrar que há vida fora dela. Reconhecer que a fornalha não fornece tudo que é preciso para uma vida plena.

Vamos nos aproveitar da indústria sem deixar que ela nos transforme em engrenagens. Usá-la como um caixote sobre o qual pisamos para pular um muro. Algo intermediário e descartável. Saber jogar fora. Se precisarmos subir novamente, construímos outro caixote. Temos sido moldados à forma de engrenagem e é preciso aprender a jogar fora. Desprezar a fornalha e procurar o nosso rosto original – o que existia antes que nossos pais tivessem nascido e antes que a fornalha estampasse emoticons em nossas caras e em tudo que sai de nós.

Sou demasiadamente marcado pelas estruturas repetitivas da Máquina. Não consigo escapar disso

apenas com boa vontade. Preciso me forçar pra fora do caminho. Eu olho para as beldades nas capas das revistas literárias e sinto que meu livro é feio. Sinto vontade de ir às academias e fazer dieta e usar o Photoshop, como eles. Meu livro não escova os cabelos. Ele senta de perna aberta. Você pergunta "Qual o seu nome?" e ele responde "Pra você também!".

Um livro que não sabe se comportar nas festinhas... Um livro que rouba docinhos antes do parabéns e que conta piada nos velórios.

CLXIX Satori

Eu sou contemplativo e muito sensível à estética, mas como sacrifício eu gosto de ser feio. O desprendimento dos bens materiais – incluindo a nossa própria aparência – é necessário pra atingir um maior estado de não-ser:) É bem idiota; por isso coloquei o sorrisinho. Não faz sentido pras formigas e abelhas trabalhando orgulhosas na fornalha. Mas fora a preocupação com as contas e obrigações e vaidades e caprichos há uma rádio escondida. E pra sintonizá-la você precisa desse estado de não-ser.

Um exemplo de gente que tentava sintonizar essa rádio: samurais. E não estou usando essa palavra com olhinhos-brilhando, falando de figuras mitológicas. Estou falando de artistas. Gente que se dedicava a uma arte cuja habilidade determinava sua sobrevivência. Eles acreditavam que esse estado de não-ser os levaria a uma espontaneidade sem rival.

É claro que eu não consigo esse estado de não-ser. Não sou nenhum mestre, só um moleque sonso e desempregado. Sou um discípulo zen budista pós-moderno. O mestre ilumina o aluno como uma vela que acende outra vela. Mas eu nunca vi um mestre e tento me incendiar enquanto tudo que tenho são descrições do fogo. É claro que sou confuso e incapaz. Mas eu estou tentando. Quando posso, dou mais um passo no meu caminho. Talvez um dia...

Um dos mestres escreveu algo, tipo: "Aquilo que parece impossível pode se tornar possível. Depois, torna-se natural." Ele também disse que hoje pode ser a sua vitória sobre seu eu de ontem. E que amanhã será a sua vitória sobre homens inferiores. Isso

poderia ser bem autoajuda, é claro, se ele não estivesse falando sobre rasgar pessoas com uma espada. Mesmo que fosse o lance mais autoajuda-exotérico-mela-cueca do mundo, eu não me importaria de me apoiar nisso pra subir. Repito: Pra mim, questões estéticas e modistas são secundárias. Um mestre da espada também deixou palavras sobre os alunos que colhem as flores e ignoram os frutos.

Se você busca um show impressionante, deve estar se decepcionando. No meu peito bate um coração, mas eu desafino. Se quer uma caixa bonita pra pendurar na parede, procure outras. Eu quero uma caixa firme. Consistente. Útil. Eu uso restos. Uso coisas que não combinam. Existem coisas fundamentais na vida e pretendo procurar por elas. Pretendo deixar setas apressadamente pintadas pelo caminho. É um trabalho praticamente impossível e não pretendo executá-lo sozinho. Quero apenas ajudar um pouco. Ir um pouco mais fundo.

Não quero enganar ninguém pra tirar onda de artista. Também não quero ser escritor quando não estou escrevendo. É um peso inútil, mesmo que muitos achem bonito. Eu escrevo, subo em cima e abandono. Volto depois, por curiosidade. Saber como eu pensava. Lembrar. Mas meu caminho é pra frente. A gente começa a escrever e fica pensando em voltar mil vezes pra corrigir e melhorar. Aff... O que eu escrevo sinceramente é isso daí. Não vou trapacear. Se não está bom, espero melhorar. Se eu não chegar a lugar nenhum, foda-se. Não quero é viver aquela merda de vidinha vulgar e covarde e burra – essa mesmice em desespero que plantaram pra gente colher. Estou de malas prontas. Há uma vida que eu posso apenas entrever; algo que homens admi-

ráveis conseguiram. É pra lá que eu quero caminhar, escrevendo. Queria também, é claro, que você entendesse isso, se caminha comigo. Quero ser subversivo. Quero me divertir. E não quero, de forma alguma, esgotar, aqui, todas as coisas que quero. Eu nem quero saber tudo aquilo que quero. Só o suficiente pra experimentar algo novo a cada dia. É isso que eu quero. O resto é pinoia.

CLXX Primeira parte de um mail que escrevi pra ela

oi, alice
eu nem sei como começar isso aqui
dizendo pela milésima vez que você já devia saber como eu gosto de você?
eu já nem tenho mais vontade de dizer essas coisas
eu sinto essas coisas, mas, toda vez que eu falo, percebo que você não quer aceitar

você diz "eu não acredito", ou "é mentira"
como alguém que se desvia de tapas concretos demais pra simplesmente ignorar
você nem consegue apenas sorrir educadamente, em silêncio
precisa dizer que é mentira
eu não sei

eu digo que se fizesse um lista das dez coisas mais importantes e mais felizes da minha vida, você estaria lá
você aceita
mas se eu digo "eu sinto sua falta", ou "você sabe que eu gosto de você"
é mentira
"eu não acredito"

você não quer acreditar
e eu fico com medo de imaginar uma lista das coisas mais importantes da minha vida
e ter você na parte das coisas mais tristes

por que você não me aceita, alice?
hoje eu chorei
eu acordei e chorei
e tinha trinta litros de veneno dentro da minha garganta
e eu levantei e comecei a escrever e estou chorando de novo
porra
você partiu meu coração
você partiu meu coração e a única coisa que eu consegui salvar foi o seu nome lá dentro
e eu estou chorando e porra eu gosto tanto de você
e eu sei que você gosta o mesmo tanto de mim
e ainda assim você não me aceita
quando você está distraída, porra, você é minha quenga, alice
minha QUENGA
e eu sou sua quenga também e é lindo, porra
distraídos
mas então você "acorda" (ironicamente) e começa a calcular e planejar e, porra, me desculpe, fofinha
me desculpe, mas você começa a planejar e calcular e você é burra
você não teve ainda tempo de acumular a sabedoria necessária pra calcular um relacionamento
você é maliciosa e medrosa
fica pensando em perda e ganho e cagando nas calças de medo
então você calcula e fode com tudo
e você começa a ME TRATAR como quenga
e apesar de gostar de mim tanto quanto eu gosto de você, continua tentando fugir
cagando de medo

você vai aceitando um pouquinho de cada vez, mas sempre cagando de medo

você não quer me aceitar de jeito nenhum

e você já descobriu um namoro dentro de você, isso é bom

antes você não tinha namoro nenhum

agora eu sinto que você já se sente namorando, mas você não tem namorado, porque você não me aceita

antes você nem namorava

é isso que você disse, não é?

eu li

eu nunca tinha entrado no seu e-mail

ontem eu entrei

você falou sobre nossos primeiros e-mails, antes de ontem, lembra?

hoje é sábado

hoje é quando eu escrevo, e não quando você lê

eu não tenho nossos primeiros mails aqui, ou os tenho perdidos entre zilhões de coisas onde é impossível procurar

então entrei no seu e-mail, pra ler os nossos

mas cliquei em alguma bobagem que chamou minha atenção e nem consegui chegar aos nossos

algum subject chamativo daquela sua amiga que mora longe

é isso que você disse, não é?

você disse "eu não estou namorando ninguém, é ele que está namorando comigo"

"estou namorando uma gatinha de 17 anos"

tudo bem, eu já sabia

não é esse o caso

esse mail era velho

foi no começo e não estávamos realmente namorando
mas você sabia que eu queria, mesmo naquele tempo
eu não sabia que você falava as coisas daquele jeito
e agora você diz “não acredito”
diz que a culpa é minha
sei lá
esse acúmulo de problemas entre a gente
agora você diz que, naquele tempo, eu não te dava atenção
mas desde o começo eu quis amar você
e desde o começo eu tento
você diz:
mentira

eu só queria você pra me bater uma punhetinha de vez em quando
não é?
é bastante lógico
você diz
você diz que eu não te encontrava, que eu não fazia esforço por você, que não fazia isso e aquilo...
você tem uma lista enorme das coisas que eu não fazia
antes de continuar, preciso te falar sobre um programa que vi na televisão

eram entrevistas com gente que, supostamente, teve encontros com extraterrestres
entrevistas com esse povo e com especialistas no assunto, a favor e contra os depoimentos dos abduzidos

uma mina relatava seu encontro imediato
ela dizia que os aliens não tinham emoções
que eles não sentiam medo, ou raiva, ou qualquer coisa

beleza

apareceu um velhinho careca
e a legenda na tela dizia que ele era professor de literatura
e, porra, eu ri
porque é engraçado e bastante impertinente que um professor de literatura tenha alguma coisa a ver com aquilo
mas eu estava errado
o cara era massa
e pertinente
ele disse que descrever objetos pelas qualidades que eles não têm é um artifício próprio da ficção
que quando descrevemos algo que conhecemos, falamos sobre as qualidades que as coisas TÊM, não sobre as qualidades que essas coisas NÃO TÊM
ninguém diz que seu cachorro não tem pelos curtos
você diz que ele tem pelos longos
você diz que alguém ficou nervoso, ou magoado
você não tem como constatar pela experiência que alguém é incapaz de sentir essas coisas
apenas pela imaginação

você está sempre pensando coisas ruins de mim
tudo bem
às vezes, penso de você também
a mente é como um campo fértil

o vento traz sementes e elas brotam por toda parte
mas eu nunca concretizo e apoio um pensamento ruim na minha cabeça só porque a ideia surgiu
porque as pessoas mentem muito, inclusive pra si mesmas
e só a evidência não mente

a gente se engana muito
e eu pensei muitas coisas ruins sobre você
mas nunca quis acreditar nelas
como você até hoje insiste em não acreditar nos beijos que eu te ofereço
ontem eu passei um bom tempo navegando seu mail
e já não é mais uma questão de suspeita
vou te falar o que penso

CLXXI Segunda parte do mail

você diz que eu não fazia isso e aquilo, alice
você diz isso o tempo inteiro
eu não fazia

você fez, não é?

e se alguém te dá um tapa, você não chora?
e você não me encheu de bolacha?
e, porra, eu NÃO FIZ NADA

e a culpa foi minha, você diz
você fez porque eu não fiz
a culpa é minha, que, no máximo, caí no chão quando não aguentava mais ficar de pé
e quando você diz "não acredito", "mentira", o que você está fazendo é manter as mãos levantadas
inocente
porque você inventou um namorado fictício, alice
você inventou um outro eu, que não fazia nada e que você podia chutar
quando você vai aceitar isso?
você diz que eu te usava pra vir aqui e bater uma punheta
porra, alice, desde que eu te propus namoro, eu queria um dia como antes de ontem
eu queria alguém pra amar
e eu sabia que você era esse alguém, você entende?
eu não queria um passatempo
passatempo é meu livro
eu queria alguém pra amar
e eu tentei tanto

eu estou sempre tentando
até agora
e escrevo isso gostando de você e segurando seu nome no peito enquanto os pedacinhos caem
e mais lágrimas idiotas que eu não consigo segurar
eu seguro seu nome lá
mas foi você que me usou, alice
foi você que me usou
por egoísmo
porque não queria abrir mão de nada
foi você que me usou, enquanto fazia o que queria
enquanto tentava ter tudo
você escrevia "é ele que me namora"
sua amiga disse "você vai partir o coração desse menino, isso dói pra caramba"
alice, é difícil digitar
você entende?
dói muito
e você não fica com ninguém desde que estamos realmente namorando
desde que você me aceitou
você diz
mas você também não me namora
você inventou um namorado que te usa
e que não faz isso, nem aquilo
porque com esse namorado você pode fazer o que quiser
e esse namorado não faz isso e não fez aquilo, mas você nunca aceita o que esse namorado faz
todas as coisas que eu fiz

o que você fez, alice?

você inventou alguém em quem você pudesse bater
mas eu sou de verdade
eu estou aqui
e dói de verdade em mim
você não bate num fantasma
e você não me trai desde o ano passado
porque se não estávamos namorando, estávamos ficando
e você dizia que não tinha mais ninguém
isso continua traição, pra mim
você fez um plano paralelo e me deixou à parte
e se você já tinha me contado sobre isso, antes que eu lesse o mail, e se já tínhamos conversado sobre tudo isso, a evidência não machuca menos, misturada com tantos outros mails e problemas

e você chorou quando eu disse que você criava barreiras
disse que já fazia um ano
que eu jogava as coisas na sua cara
e eu fiquei calado, porque podia estar inventando uma alice também
e não ia fazer nada na conta de fantasmas
eu não ia falar que você há pouco só se importava em ficar coçando pra uma mina do seu msn
e não ia falar que há muito menos tempo ainda era empolgação com uma professora do seu colégio
sem me trair, mas sem me aceitar
sempre procurando um plano de fuga
e não ia falar daquela japonesinha
não
eu só perguntei se você tinha ficado com ela
como eu te disse, só a evidência não mente

e eu não tinha nada pra falar, porque podia estar inventando coisas na minha cabeça

mas olha lá o seu e-mail, alice

você nunca me aceitou

você só aceita esse namorado da sua cabeça, em quem você pode bater

um cara que você pode namorar e pra quem pedir conselhos sobre os relacionamentos das suas amigas virtuais, enquanto, no fundo da cabeça – na sua caixa de e-mails – pensa e fala realmente numa lolita de quatorze anos

em todo esse povo que você gostaria de pegar

numa professora de trinta e seis

num amigo meu

num amigo meu, alice?

você tem alguma ideia ligeiramente vaga de quanto isso machuca?

você não só me traiu

você esteve esse tempo todo muito mais interessada em impressionar a rodrie do que em me namorar

a rodrie te faz sentir como nos sentimos antes de ontem?

eu não entendo

eu não consigo mesmo entender o que você quer, não é uma frase baranga de desespero

como assim é mentira que eu gosto de você, alice?

como assim, mesmo depois dessas coisas todas, você ainda não me aceita?

você mudou sim, alice, mas você ainda não me aceita

você ainda faz questão de um namorado em quem você possa bater quando precisar

o que você quer, alice?

eu queria alguém pra amar, me parece uma coisa bem simples de se dizer, mas o que você quer?

você quer um “beijos, chris”, e depois um e-mail de troféu pra enviar à aprovação da rodrie?

você quer me machucar mais ainda, alice?

eu sei que agora você quer namorar e que você gosta do namoro, mas você ignora que não existe namoro com um namorado mutilado? será que o mundo já não tem me chutado muito, alice?

você precisa ajudar também?

logo você tem que me chutar lá de dentro, onde dói mais?

você não sabe como é, alice

se você soubesse como é passar tanto tempo procurando alguém pra amar de verdade e ser tratado desse jeito, acho que você não faria as coisas como faz

eu não acredito

você reclama de cima do seu trono, cuspindo sementes de uva

exigindo que alguém faça alguma coisa

você perde o controle e espera que eu te coloque na linha

o que você espera, eu não posso fazer

no momento, infelizmente, a única coisa que eu posso fazer é continuar escrevendo

CLXXII Penúltima parte do e-mail

então você espera um esporro, ou um murro, como você disse pra meena, num outro mail?

eu li isso também

fiquei obcecado, me desculpe

você disse

"fiquei lá esperando um esporro. um tapa na cara"

alice, eu já te disse que não sou sua mãe

você passa o tempo inteiro esperando que sua mãe apareça pela janela

pra te salvar

pra impedir que você faça as coisas erradas

e pra te obrigar a comer suas verduras

alice, eu não sou a sua mãe

e acho que você devia parar de depender tanto dela

e parar de se fazer de vítima

e dizer que o mundo é culpado pelas coisas que você faz

e que você é uma folha tão leve carregada pelo vento malvado

esperando sua mãe vir te proteger com um esporro ou com um murro

você é forte o suficiente pra me fazer chorar, quando seria tão mais fácil me fazer sorrir

você é forte o suficiente pra segurar um namorado inventado com unhas e dentes, mesmo quando você aparentemente não precisa dele no momento

mesmo depois de qualquer momento lindo

você sempre tem um "eu não acredito" na ponta da língua

eu não sei mais

eu não tenho como lutar contra sua força de vontade
eu vou perder

o que fazer, alice?
suicídio?
assim você acreditaria em mim?
você ia chorar por mim, e não pela ameaça egoísta de estar perdendo alguma coisa?
você choraria por mim, e não por um namorado que "não faz as coisas", e em quem você pretende descontar, oportunamente, esse choro?

agora estou um pouco melhor
tomei um gole de água
hoje é sábado
eu dormi, sei lá, umas quatro horas
a madrugada revirando clandestinamente sua caixa de e-mails

considerando que dormi isso de antes de ontem pra ontem também, na casa do luke, depois que a gente se separou, já prevejo uma bela semana! hahaha
você vai viajar, amanhã
e eu vou te encontrar hoje à noite, mas você não terá lido este mail
só vou mandar depois que você tiver partido, no ônibus
porque hoje a gente ainda pode ter um dia feliz, não é?

eu não sou a sua mãe e não estou procurando filho pra criar

quero alguém que me acompanhe e que, se possível, dê alguns passos à minha frente também – pra me puxar

eu vou te dizer todas essas coisas, mas hoje não

por causa de todas essas coisas que estou dizendo, eu vou embora e eventualmente vou encontrar outra pessoa pra amar

mas hoje não

hoje eu posso me encontrar com a alice que eu procuro há mais de um ano

você pode me dar uns momentos disso

como migalhas

pra depois dizer "eu não acredito" no final da noite

voltar pros seus "beijos chris"?

pra fancha amiga da sua prima, que ela disse que iria cavar sua tumba?

ou nada disso, mas apenas chegar em casa e pensar em mim com felicidade?

carinho?

felicidade e carinho e satisfação, por gostar tanto de alguém que você ainda não precisa acreditar que gosta de você, e que você ainda pode inventar que está te usando, pra não sentir remorso mais tarde quando sentir vontade de desprezá-lo?

você ainda consegue pensar que eu estou te usando? consegue, alice? que eu estou te usando, por exemplo, pra não ir à sua casa, ou pra não me encontrar com você, como antes?

ora, que uso mais maroto!

que expert eu sou em usar as pessoas!

hoje eu vou te usar
e vou ser usado também

hoje eu vou sair com você e deixar que você me use por mais um dia
eu não vou falar nada, e você vai se sentir feliz até onde você aceitar se sentir feliz

até o "eu não acredito"
até o "mentira" meio espirrado
brincadeiras com fundo de brincadeira

eu vou te usar e vou ser usado na maior inocência
vou abandonar completamente este e-mail – durante a noite – e, por já ter feito coisas do tipo mais vezes, posso garantir que não haverá rastro em mim
estarei com você e aproveitarei esse amor entre nós
vou pelado, lavado e puro e limpo e imaculado ao encontro do amor

mas amanhã este mail estará te esperando
e você precisa decidir

alice, como seria fácil te mandar pra puta que pariu

uma vez você me confidenciou que sempre quis dizer a alguém: "desapareça da minha vida!"

caralho...
você não sabe o quanto me deixou tentado naquele momento...

dizer “então vá pra puta que pariu e desapareça da MINHA vida” ia me dar uma satisfação imensa naquele momento...
reviver, convocar e reunir tudo que você me fez
todas as bolachas na cara da minha boa vontade
e o jeito que você deixa a mão levantada quando diz “não acredito”
e quebrar, como Jesus, as suas barracas comerciantes de merda dentro da porra do meu templo
e dizer vá pra puta que pariu, pivete do caralho que não sabe se comportar

eu fiquei muito tentado mesmo
porque me daria uma satisfação imensa
mas seria estúpido
seria descer na lama com você, porque você não quis subir

eu sei que você é amável
eu sei que você é linda em sentidos infinitos
e, porra, todo mundo gosta mesmo de você, não é?
você é cobiçada e desejada e tida como simpática por todos – fora algumas invejosas

eu sei quem é você
e você é linda

porque você se comporta como um bicho arisco,

como um vendedor mal caráter, como um ladrão?

estou indo embora, em alguns meses
mas até lá eu quero te convidar pra subir
não vou descer com você
também não quero desistir e ir embora antes da hora
mas, porra
é difícil, alice
você entende?
como é difícil confiar em você e terminar dizendo que eu te adoro e continuar minha espera de mais de um ano levando tapa, esperando que você possa, finalmente, me aceitar
mas, se isso vai te fazer perder os "beijos chris" e a oportunidades de conversar com japonesas gostosas no telefone, falando gracinhas sobre sua tatuagem, ou todo o encanto de enviar e-mails orgulhosos pra mestra dar aval de aprovação, ou qualquer outra coisa que você pensa perder com isso, me desculpe

me desculpe mesmo, mas não é culpa minha
a gente não ganha nada sem perder alguma coisa
o mundo é assim – e é só
desculpe, eu já perdi tanto e já me senti tão mal e estou me sentindo tão mal agora, esperando ganhar, mas até agora eu sempre perco
eu só ganho migalhas
eu te aceitei no primeiro dia que te pedi pra namorar comigo
e você entrou e cagou em cima das carteiras
e eu não te mandei embora e você assaltou o

armário

e eu sorri e conquistei algo em você que você mesma não consegue compreender e fica aí se cagando de medo e mantém sempre uma corda enorme de lençóis amarrados para a fuga

e você chora e fala de fantasmas, mas na foto eu estou sempre com o olho roxo

e seus lençóis amarrados no pé da cama

me desculpe

eu sempre perco

e você nunca nem pediu as desculpas que recebeu

CLXXIII Fim

você sempre diz que tudo passou
mas tudo sempre volta
e eu me sinto como um idiota de uma música do paralamas do sucesso
porra
é foda quando as músicas que você nem gosta trazem sentidos profundos
eu acreditei que bastava ficar ao seu lado
e continuar tentando
esse foi meu erro, alice?
esse será meu erro?

estou esgotado de tanto dizer as coisas que você não quer escutar
não consigo mais continuar assim
eu não quero desistir e ir embora sem mudar de endereço, mas tá foda

aproveite que você está aí em ipatinga, enquanto lê este mail
aproveite que você mantém seu "eu não acredito" intacto e protegido pela distância
e que ainda existe esse namorado que você inventou, além da evidência
e que ainda existe a ideia de que sua mãe vai entrar te salvando dos doces que são mais gostosos porque você não deveria comê-los

eu nunca mais vou entrar no seu e-mail

pode ficar tranquila

de uma forma ou de outra, nunca mais

eu te aceitei, desde o primeiro dia, e você pode confiar em mim
você sabe
eu amo você

e se você não quer me aceitar, não me chame
não olhe pra trás

me sinto em erro, como na música
e a sua decisão, ou mesmo a sua falta de decisão, é que vão decidir por mim

eu não posso lutar contra sua força de vontade, que é forte suficiente pra me fazer chorar tantas vezes num dia só
por favor, alice
eu acho que você também nunca me pediu nada por favor
talvez um caldo de feijão
mas eu peço
você pelo menos percebe essas coisas?
por favor
não chore duas horas, pra, finalmente, conseguir pensar em coisas bonitas e achar que está tudo bem
jogar pra baixo do tapete
é sempre isso que você faz
e por mais que as coisas tenham melhorado
e por mais que eu fique feliz com isso
você continua fazendo questão de "eu não acredito" em horas completamente absurdas
você continua agarrada a uma coisa que você não quer aceitar e continua equipando sua caixa de

ferramentas antinamorado, escondida no fundo do armário

as pontas cortantes das ferramentas nos seus bolsos ainda me machucam no escuro

temos poucos meses
para o amor
por favor, decida
você entende esse verbo?
você diz que já decidiu e eu tento acreditar nisso
mas fica mais difícil cada vez que você me nega quando digo qualquer coisa que agradaria a alguém que realmente se decidiu
você diz que se decidiu, há meses
e a cada vez que você fala isso eu acredito um pouco mais
mas o problema é que você pensa com maldade
você pensa com malícia sobre rosas
você pensa "quero ficar com ele, mas em todo caso..."
e fica juntando lama debaixo da cama
e me afasta quando eu trago uma mangueira, ou uma vassoura
e sempre sempre sempre sempre sempre
"não acredito"
"mentira"

tá com medo de ficar dodói?
vira homem, porra
não quer ser sapatão?
então vira homem, porra

como assim você acredita que eu
EU porra

EU, que sua mãe e luzimara e deisy e
sei lá
porra
TODO MUNDO reclamava que eu era melado
e que te beijava o tempo inteiro
e ficava sempre sorrindo pra você
porra é tão massa olhar você e saber que somos namorados
e eu gosto tanto de você
apesar de tudo que você fez pra me espantar
como você pode se condicionar a acreditar que esse cara estava só te usando pra bater punheta?
não pode acreditar agora que esse seu namorado, que foi pisado e enganado e escorraçado e continua lutando, gosta de você?
você acha que eu sou masoquista, caralho?
acha que eu sou capacho, ou que não conseguiria alguém dócil pra me bater uma punheta?

ah, porra
provavelmente uma coisa levou à outra
e sua vontade é forte demais
olha só as coisas que você se obriga a manter intactas na cabeça...
eu não posso lutar contra isso
então, mais uma vez, por favor, alice
decida
um de nós está mirando no lugar errado e você já ganhou o cabo de guerra
eu queria ficar com você
eu queria alguém pra amar
é isso que eu queria
é com isso que eu SONHO, você está entendendo?

você é um sonho pra mim

VOCÊ ESTÁ DEIXANDO ESSA FRASE ENTRAR, ALICE? OU SUA VISTA EMBAÇA QUANDO EU FALO ISSO? EU GOSTO DE VOCÊ! EU QUERO FICAR COM VOCÊ! SERÁ QUE VOCÊ PASSA LENDO RÁPIDO E GUARDA SÓ AS FRASES RUIMS? SEU CÉREBRO ESCREVE "EU NÃO ACREDITO" EM CIMA DE TODO O RESTO? POR FAVOR, ALICE, POR FAVOR, POR FAVOR, POR FAVOR, PARE DE ME FILTRAR COM ESSE NAMORADO QUE VOCÊ INVENTOU. POR FAVOR, PELO MENOS OUÇA O QUE ESTOU FALANDO, ANTES DE ME JULGAR

é isso que eu quero
alguém pra amar

mas fica difícil, sem coração
você acha que consegue, fofinha?
estou falando sério
não sobrou mais nada pra quebrar
agora só sobrou seu nome
e me avise se você me ajuda a construir outro coração bem brega em volta dele
ou se eu devo te ajudar
nós dois poderíamos terminar de quebrar o resto
pelo menos ainda seria
e porra, comecei a chorar de novo
pelo menos ainda seria uma coisa de verdade pra gente fazer juntos

te amo

CLXXIV Oceano

Porra... Saudade dela é como cheiro de praia e o dia amanheceu no mar alto da paixão. Os dias que Alice vinha me acordar depois da aula, com uniforme de colégio, pulando empolgadinha na minha cama com vontade de dar. Alice rindo abraçadinha no meu braço, com a testa no meu ombro e os olhinhos fechados. Alice fazendo danças trapicolinhas. Alice me dando o cuzinho de pé no banheiro. Nas escadas. Bêbada, vestida de abelhinha pra uma festa à fantasia. Alice me chamando pra ficar no seu pertinho. A gente à beira do rio, de mãos dadas. A gente sentado nos bares e nos bancos das praças. Perdidos na noite sob a chuva de beijos. Na cozinha, fazendo pastéis de queijo. Jogando Super Mario – Alice, a Rainha do Videogame. Aquele cabelinho vermelho. Ela saindo de toalha do banho e abrindo a toalha pra me mostrar, quando eu pedi. Alice me dando a melhor chupada do namoro, depois de uma reconciliação, no sofá da casa de um amigo. Nossas tantas horas com o telefone. Alice muito séria quando parava pra ouvir de verdade o que eu dizia. Alice oferecendo o peitinho pra eu beijar. A gente rindo de um bebum na mesa ao lado, teorizando sobre congelar bombas com nitrogênio líquido. Alice descendo as escadas quando eu ia buscá-la no cursinho. Alice com os olhos molhados e baba escorrendo, dizendo que me amava. Alice brincando com minhas sobrinhas. Seus copos de refrigerante com um absurdo de gelo. Tocando violão mal pra caralho e se divertindo infinito. Tomando a dianteira quando ficava insegura. Maracujá com pinga. Pacotinho. Pacotchôtcha. Tchotchoquinha. Vamos ser amigos

pra sempre, fofinha? Quando essa besteira toda passar, vamos ser amigos pra sempre?

CLXXV O drink mais repulsivo do mundo

A invenção do drink começou com uma mulher, embora nenhuma delas se relacionasse com o bêbado. Talvez justamente por isso.

Até o dia do drink, ele era figura recorrente no bar de Seu Minguinhos. Foi expulso depois disso. Um metalzinho baixo e magro, com cabelos "cacheados" (a palavra é glamorosa demais para aqueles cabelos). Olhos esbugalhados e a boca torta enquanto falava. Um cara esquisito, mas amigável. Solitário. Carente.

Voltou do banheiro com algo na mão fechada. Eu acredito que todos perceberam, porque todos reparavam mesmo quando ele passava e agora ele vinha com aquela aura de quem roubou doce antes do parabéns. Ele segurava o volume com tanta volúpia que alguém passando de carro teria notado.

Quando sentou, depositou o objeto ao lado da garrafa de cerveja. Ali, sobre a mesa de plástico na calçada, inúmeros clientes do bar – além de Seu Minguinhos – contemplaram um absorvente feminino; usado e bastante encharcado de sangue.

Ao perceber que o suvenir era alvo da reprovação dos demais, o bêbado gritou:

– O quê? Não gostam de mulher, porra? Eu gosto mulher, caralho! Eu adoro boceta!

Terminadas as explicações, partiu para a demonstração. Enrolou o absorvente pingando sangue menstruado e atochou a coisa dentro do copo de cerveja. Parte da bebida transbordou sobre a mesa. O resto ele tomou num gole único e profundo, como

se tomasse a última gotinha no fundo do copo. Até a última gotinha que caiu.

CLXXVI Pra você

Tem meu pertinho. Cantinho da Girafa. Cordefe. Não vou mentir... Impressionismo. Ana C. Amelinda. Depois dos quatorze anos... Meu pacote. Um velório. Cobra dois. Mil piadas. Tomatinho. É que eu curto uma pimenta...

Fico pensando em situações com Alice, pra contar aqui. Mas às vezes elas não vêm como deveria ser. E tudo que eu tenho são sentimentos embolados. Algo até difícil de ser descrito por si mesmo. Algo como aquele título prefeito que o velho sugou dos antigos: Vastas emoções e pensamentos imperfeitos. Apenas um sonho.

Os minutos passam na marcha lenta. Consequência do meu beat. É tic, tic. Tic, tac. São onze e doze da noite, mas meu dia já acabou faz tempo.

Ouço passos na calçada. Sob a chuva, alguém consegue sorrir. Eu ouço o sorriso enquanto ela fala palavras que agora já não soam tão estranhas.

Em algum lugar, eu sei – numa reunião secreta – eles planejam que eu aumente a população e contribua com o desenvolvimento econômico da sociedade farta-entediada-sorridente. Vejo meu reflexo no vidro da janela; minha visão pro infinito na parede inclinada deste quarto que parece um barco.

É domingo, mas mandei uma mensagem pra casa dizendo que hoje não vou ligar.

Mais cedo, num outro dia tão vazio quanto este, a vizinha de baixo me encontrou só de short e chinelos. Descabelado. A culpa é dela, que dá duas batidas na porta e já vai entrando enquanto cozinho minha janta. Ela é dinamarquesa, 29, e fala inglês.

Trocamos telefone.

Mais tarde, trocaríamos mensagens diariamente e beberíamos vinho. Eu perguntaria se ela estava tentando me embebedar e rindo ela diria que sim. Nós sairíamos e voltaríamos pra casa dela. Eu iria embora e ficaria triste. Eu mal conheço as pessoas e fico triste. Eu mal faço qualquer coisa e fico triste também. É como uma gripe que sempre volta. Uma ventania que destrói castelos de cartas que precisarei reconstruir mais tarde. Mais fortes.

Mais.

Mais perto. Agora. Se eu ligo o rádio as músicas me acertam como um tiro. Qualquer uma delas. Dessas que pipocam no radinho. Pop. Pop. Plic. Ploc. Pescadoras de sentimentos generalizados. Horóscopo dançante.

O cara canta: "Essa vai para aquela que eu amo" e chama minha atenção. Ele completa com: "Essa vai praquela que eu deixei para trás..." e as paredes me sufocam. Meu espírito se contrai ao toque fantasmagórico de dedos carregando um presságio frio; reflexo de alguma tristeza essencial que me assombra às vezes.

Eu pego o caderno sem saber ao certo o que estou fazendo. Mais um dia. Mais um tic. Mais um capítulo. Essa é pra você, Alice. Essa é pra você. Esse mundo é doido pra caralho. Talvez a gente se encontre outra vez. Talvez um meteoro surja na noite, atravessando em fogo a escuridão da janela inclinada deste quarto que parece um barco. Talvez seja uma bomba com Fam montado em cima dela. Qualquer coisa pra criar uma explosão tão grande que obrigue Deus a existir e a olhar pra baixo. Esse mundo é muito doido e tudo nasce grávido de morte.

Penso logo existo, alguém disse por aí. É verdade. Ainda existo e lembro dela. Pra você, um beijo. Agora estamos longe. Tente ter a vida linda que você merece. E cuide com carinho do nosso sapinho de pelúcia. Um dia vamos nos ver de novo e seremos amigos para sempre.

CLXXVII Como fazer uma tempestade num copo d'água

Tenho pensado muito em Alice e gostaria de continuar escrevendo sobre ela, mas pela 912548704238523469ª vez não sei como continuar.

As frases costumavam me assombrar, antes. Eu construía monumentos em volta de uma única boa frase. Era fácil – mas bastante idiota, eu percebo agora. Não quero simplesmente juntar um bocado de frases impressionantes. Por mais que o público aplauda, porra... Eles faziam o mesmo pros leões matando cristãos nas arenas. Isso não prova nada.

Agora. Agora eu quero me treinar pra não ter que pensar em frases. Pra sentar e escrever com fluidez. Desprendimento da forma. Acho que estou fazendo isso agora, com mérito discutível. Na verdade, com mérito certamente baixo. Ainda falta algo sobre o que falar. Algo sobre Alice. Alguma coisa importante. É fácil.

Um filho. Você já pensou que teria um filho? Já teve isso na cabeça, ou na barriga? Como fazer uma tempestade num copo d'água? Fácil. Junte um homem, uma mulher e nenhum anticoncepcional. Uma bobagem.

Meu aniversário. No começo, ainda na fase de adaptação, usávamos camisinha. Nesse dia ela rasgou toda. Mas eu nem cheguei a gozar nos farrapos. Troquei antes de continuar. Tudo bem. Mas então, meia hora depois, Alice fica noiada. Natural. E vá pesquisar você, na Internet. Aquela chance minúscula... Eles te deixam paranoico.

– Vamos comprar uma pílula do dia seguinte,

tchotchoquinho?

Alice, por causa da religião da mãe, nunca visitara um ginecologista. E eu não sou médico, porra. Li um pouco sobre a coisa, na net, e encontrei descrições técnicas que pareciam a de uma bomba química. Como deixar sua namorada tomar aquilo, sem orientação? Vai que ela seja alérgica... Intolerante... Eu não sei! E eu nem gozei, porra!

CLXXVIII Sentindo falta do Chico

Os dias passam e a menstruação não chega. Mas não era nada dramático. Apenas um fato que constatamos para registro. "Nesta semana desce..." Tudo bem.

Então um dia Alice diz contente que sangrou um pouquinho. Os dias passam e o sangue não passa desse pouquinho. Mais pesquisa na Internet. Grávidas podem sangrar um pouquinho, algum tempo depois da fecundação. Merda. Os peitos dela começam a doer – depois que descobrimos nisso outro sintoma de gravidez. O ventre fica mais duro. Fica mesmo? Era assim antes? Ficamos medindo e testando várias vezes. Porra, como ter certeza dessas coisas tão arbitrárias, sem prévios e rigorosos registros? E os sintomas da gravidez, no início, são praticamente idênticos aos da simples menstruação retida. Inexperiência = Medo.

Eu sou mais velho e deveria estar acostumado a isso... Caso a última frase represente o pensamento na cabeça da leitora, ela esqueceu que sou um gordo nerd, punheteiro, frouxo, fracassado e essas coisas todas. Não sou boyzinho-galinha-ted-carniceiro-player. Não é sempre que uma mulher que me interessa aceita ou tem paciência para reiteradamente me conhecer até as distâncias do sentido bíblico e acreditar-se Maria. Pra mim também foi a primeira vez.

Ela só falava em abortar, no princípio. Fui olhar a coisa. Mais pesquisa na Internet. Eu não tinha dinheiro. Se você é rico, talvez esteja tudo bem. Um dia no médico e pronto. Eu não sei. Talvez. Eu não tenho complicações morais com aborto. Não gosto

da ideia, mas acho que as pessoas precisam ter liberdade de escolher esse tipo de coisa. Primeiro, eu precisava olhar de perto. Mas era inútil. Eu nem tinha dinheiro.

É claro que existem alternativas mais baratas. Ela queria comprar comprimidos pra enfiar na boceta. Algo que alguém falou. Porra. Mais pesquisa. Impossível. Não precisei de muita informação e tempo para decidir. Com uma coisa daquelas, eu nunca vou concordar. Coisa mais triste. Desespero. Você olha pra alguém que ama e não quer que ela sofra. Sujo demais. Doloroso demais. Perigoso demais.

Um filho, no final das contas, é uma coisa alegre. A gente aprende a se virar. Por mais dificuldades que eu tenha visto à minha volta por causa disso, não conheci, até agora, ninguém que afirme ter se arrependido de ter o filho.

Eu disse que desistiria da viagem, apesar de tudo que havia dito antes. "Não importa o que acontecer, Alice. Eu vou embora. Você entende?" Era isso que eu dizia quando achava que ela estava confundindo a situação. Mas as coisas mudam. Eu estava falando sério, antes, e gosto de pensar em mim como alguém com princípios – mas é claro que eu não dizia aquilo pensando em ter um filho.

Sentávamos no banco da pracinha e discutíamos a coisa. Ela sempre falando em aborto. Não queria terminar o colégio com a barriga grande. Mil coisas. Não preciso dizer. Você, com certeza, pode pensar por si mesmo.

CLXXIX Uns tantos dias de esperança e medo no banco da pracinha

Acho que aqueles foram os dias mais próximos. Eu deitava no colo dela e vice-versa, enquanto conversávamos. Eu te amo. Eu te amo... Alice cedia um pouco. Eu cedia também. Entre abraços, ternuras e sérios debates eu perguntava se ela seria capaz de me respeitar. De não dar a louca a cada duas semanas. Ela falava em aborto, sempre. Mas eu sou insistente e, sinceramente, acho que estava defendendo a melhor saída. Ela concordou, finalmente. Poderíamos tentar. Eu venderia calcinhas pro meu irmão, enquanto estudava para um concurso. Teríamos ajuda das nossas famílias. Ela poderia continuar estudando. Depois, se quisesse, arrumaria um emprego... Todos esses planos piegas.

– Você pode me respeitar, fofinha? Teremos um microtchotcho pra cuidar, além das nossas morrinhas.

– Você sabe que eu te amo, meu pacotchôtcho. Desculpa por quando eu fico nervosa...

Hoje já parece fantasia. Impossível sentir a coisa agora como foi, tão próxima de mim. De nós. Porra, eu já nem lembro como era o amor. Eu tenho a convicção intelectual da coisa, mas meu corpo já está dormente e eu nem me sinto mais vivo. Ela chorava em recaída e falava em aborto de novo. Um abraço. "Eu amo você, fofinha." Eu não precisava que fosse para sempre. Mas não podia deixar que Alice se isolasse num momento em que eu deveria ajudar. Eu fazia planos. Eu me sentia o cara mais burro do mundo. Tantas coisas que eu precisava saber e não

sabia. A dúvida sempre presente. Mais pesquisas na Internet. O dicionário não é o pai dos burros, como se diz, porque – como também se diz – o fruto nunca cai longe do pé. A Internet é o pai dos burros.

Qual a probabilidade de engravidar alguém sem ter gozado? Alguma, eles diziam. Mais diziam meio que sem convicção. E parecia impossível estabelecer se os caras não sabem explicar os dados que possuem, ou se eles sequer têm competência pra coletar esses dados de forma isenta e objetiva. Dúvidas, d?vidas, ?úv?da?, ??????s... O problema eram os sinais que o corpo de Alice demonstrava. E o Chico não vinha.

Engoli a vergonha e telefonei para um amigo. Oberon. O cara, além de ser um grande amigo, era mais velho do que eu. Um cara sério. Preciso. Ademais, em Oberon, um cérebro altamente matemático funcionava sem as consequências negativas mais comuns dessa virtude – ou seja, ele era inteligente, mas capaz também de se relacionar com o mundo das coisas que ignoram a confortável solidez da lógica. De forma que tivera inúmeras namoradas e era bastante experimentado no campo feminino. Dizem, para buscar recordes literários de ditados populares num só capítulo, que o importante não é saber das coisas, mas ter o telefone de quem sabe. A gente, por aqui, diz que o importante não é saber das coisas, mas ter o telefone do Oberon, do Luke, ou do João.

Eu não tinha intimidade com João pra conversar sobre a possível gravidez de Alice. Considerando que Luke defuma o frikandel, era bastante improvável (salvo inovações cirúrgicas) que ele passasse pelo mesmo tipo de problemas com o namorado. De forma que, dentro da Sapientíssima Trindade,

Oberon estava na melhor posição para me dar conselhos.

CLXXX Telefonando para Oberon (Crianças, não tentem isso em casa)

– O quê? Você não gozou? Ih... Nem precisa falar mais nada. Fica tranquilo.

Ficar tranquilo? Ha, ha, ha... Até parece... Eu disse:

– Cara, já faz um tempo. Foi no meu aniversário. Até agora ela não menstruou e...

– Rapaz, eu comi minhas namoradas a vida inteira sem camisinha, sem gozar dentro. Todas tiveram a mesma noia. A Tatiana chegava a dar leite! Eu fiquei preocupado nas primeiras vezes, depois acostumei.

– Sei não...

– Cara, mulher fica preocupada e não menstrua. Mas você não precisa ficar preocupado, porra. Você não gozou mesmo? Porque tem uma galera que goza e depois não tem coragem de assumir. Se for o caso, é preocupante. Então agora é a hora de você falar sério. Você gozou ou não?

– Não, porra. Mas eles dizem que pode sair alguma coisa...

– Ih... Sabe qual a probabilidade disso? Pode sair alguma coisa sim, e essa gosminha minguada pode achar o caminho até o óvulo, e pode fecundar, e também pode vir o Espírito Santo! Meu chapa, a Tatiana dizia que estava grávida e se enfurecia porque eu não estava preocupado. Eu dizia: "Tá grávida sim. Já tem uma perninha nascendo lá dentro! Vai nascer amanhã!"

– Porra...

– Porra digo eu. Fica tranquilo. Tem um tanto

de gente tentando engravidar, sem resultados satisfatórios. Você disse que ela tinha parado de menstruar poucos dias antes do seu aniversário? As chances estão a seu favor. Não, não... É claro que você não pode simplesmente sentar e deixar ela se preocupar sozinha. Eu estava brincando. Sim, eu entendo que é problemático, mas cala a boca e me escuta. Vai fazer um teste. Já passou tempo suficiente pra saber se você fez o milagre da fecundação fantasma. Não... Não... O teste é barato e rápido. Vou te explicar como funciona...

E me explicou qual o melhor tipo de teste e o laboratório que eu deveria procurar – o mais indicado da cidade em critérios de preço e confiabilidade.

CLXXXI Microtchôtcho

Meu pai, meu herói, depois de um suspiro desanimado, aceitou a coisa de forma sensata. Conversou tranquilamente, me passou o sabão tranquilamente e deu dinheiro pro teste. Na manhã seguinte, peguei um ônibus pro centro. Encontrei Alice na porta do colégio. Ela já tinha feito o teste, mais cedo, com a mãe. Fomos pegar o resultado juntos.

Na sala de espera, a secretária nos olhava com certo desprezo. A filha da puta imprimiu e dobrou o resultado com a maior calma do mundo antes de entregar o envelope fechado. Abrimos na porta do laboratório. Merda. Um tanto de números e uma conclusão ambígua. Voltei pra perguntar o que significava aquela merda.

– Por favor, eu não entendo isso...

– Negativo, ela disse rindo, sem olhar pro papel.

Alice ouviu, da porta. Saímos abraçados. Aliviados. Andando em quase pequenos pulinhos. Um velhote passou e sorriu pra nossa alegria. "E ela nem está grávida!", eu tive vontade de dizer.

Depois de dois quarteirões a mãe de Alice estacionou numa vaga ao nosso lado com um rosto preocupado.

– Positivo, Alice falou de uma vez. A mãe ficou branca.

– Sério?

– Não, eu disse.

Nós rimos.

Ainda outro dia desses Alice telefonou e conversamos sobre como seria se tivéssemos mesmo produzido um microtchôtcho. Saudade sua, fofinha. Queria que você entrasse nessa merda de porta fria

e deitasse comigo na cama pra foder e beijar e abraçar e conversar pela madrugada adentro como fazíamos nos dias felizes.

Eu vou repetir e dizer mais coisas cafonas e é uma merda pro livro, mas ele que se foda. Estou falando com você e sei que você vai acreditar em mim. Eu amei você, tchotchoquinha. Minha Amelinda Chapoulain. Tomatinho. Cerejinha. Bafo de Serraria. Capotinho. Eu não me arrependo de ter vindo embora. Nós criávamos um ciclo vicioso. Mas eu amei você com força e sinto muito a sua falta.

A estrelinha vermelha é minha, espero que você se lembre. Eu tatuei com um beijo. Obrigado pelo telefonema. Guardo a sacolinha cheia de coisas pra você. Um dia eu volto. É provável que não seja a mesma coisa. Pra mim, ou pra você. O mundo muda muito nas voltinhas insignificantes desse planeta enquanto a gente envelhece. Mas um dia eu volto pra beijar você, nem que seja no rosto. Eu prometo. Vamos ser amigos para sempre.

CLXXXII Gripado

Acordei de madrugada com a garganta sintonizada à AM. O corpo doendo. Como se no meio da noite eu tivesse sido carregado sorrateiramente e surrado por quatro detetives da polícia secreta.

Gripe é uma merda. Parece que os índios não estão acostumados com isso. Nós, com tantos anos e milhões de moedinhas gastos em pesquisas, tratamentos e remédios, criamos vírus idiotas que suportamos como se fosse natural. Não é. Tenho uma profunda suspeita de que a indústria farmacêutica é a Mãe dessa merda toda, como as empresas de antivírus – para computadores – são também as mães dos próprios vírus. Lá perto de Valadares, numa das epidemias de dengue, lembro que a polícia prendeu dois pobres diabos, na beira do rio, com um pote de maionese cheio de larvas do mosquito que transmite a doença. Quer dizer, eles não estavam ali por diversão, certamente, nem eram ecologistas preocupados com a extinção do Aedes Aegypti. Nunca tive notícia sobre a conclusão dessa história. Sumiu dos jornais. Mas tem um remédio que eles receitam pra dengue, por outro lado, sobre o qual eu nunca tinha ouvido falar – até os meus vinte anos, mais ou menos – e que hoje é tão famoso quanto aspirina.

Já ouvi um maluco na televisão dizendo que a AIDS foi inventada em laboratórios pela Igreja (ou pelo Governo, eu não lembro) e disseminada nas saunas gays. É lógico que a ideia do cara era tratada como absurda, no programa. Não sei. Me parece muito menos absurdo do que soldados fodendo com macacos com os quais ninguém ainda havia fodido. Soldados baitolinhas, segundo a teoria – já que da

guerra eles foram direto pras saunas – mas que estranhamente não espalharam a doença dentro do exército, que (também teoricamente) é o paraíso para um homossexual – que não precisaria, em primeiro lugar, estar fodendo com macacos. Além do mais, acho que um cara precisaria ser muito macho pra conseguir comer um macaco...

Sei que quando alguém diz uma coisa dessas Eles chegam com uma caralhada de papéis "provando" alguma coisa. Acredito que no Rio de Janeiro você pode conseguir, por um preço camarada, um papel dizendo que você comprou o Corcovado.

Simplesmente não me parece normal toda essa gripe. Eu fico gripado pelo menos três vezes por ano. As pessoas à minha volta também. Voltando à teoria, você cria anticorpos que são capazes de interagir não apenas com aquele vírus específico da gripe que você venceu, mas também com outros vírus estreitamente relacionados a ele. Pelo menos três vezes por ano eu esbarro com um vírus suficientemente alterado para me deixar gripado de novo. Como assim?

Quando eu era criança, gripe era só um incômodo. Lá pra raramente alguém sentia alguma coisa séria. Hoje em dia, quase toda gripe significa cama. Febre alta. Todo ano vêm aquelas ondas de gripe que passam derrubando todo mundo. Quando eu era criança, ia até a beirada do Rio Doce e podia ver as pedrinhas coloridas lá no fundo. Hoje é tudo um espesso leite marrom. A temperatura do mundo está mudando e recordes surgem por todos os cantos. "Inverno mais frio em 70 anos..." "Verão mais quente da História..." Claro que muito disso é falta de perspectiva histórica e sensacionalismo que as pes-

soas engolem com os outros drops idiotas de informação que a televisão nos mija na cara. Mas o mundo está sendo manipulado de forma bizarra e pra maioria parece só uma curiosidadezinha quase festiva. Cambada de macacos vestidos pra festa.

Mas eu já estou saindo do plano. Sempre tem alguma corporação esfomeada tentando destruir o mundo pra fazer alguns trocados. Se você já percebeu isso, não tenho motivos pra te dizer nada de novo. Se você não percebeu isso, sinceramente, tanto melhor. Acho que você está certo. Talvez seja mesmo melhor seu mundo estúpido de ilusão. Já que o mundo vai mesmo pro buraco e não há absolutamente nada viável que se possa fazer, o melhor pra você é não perceber o que está acontecendo.

Eu queria falar sobre um remédio para garganta doendo, mas fiquei tão perdido nessa raiva toda – de sentir com cada parte do meu corpo que só estou doente agora porque algum filho da puta queria ganhar um punhado de moedas – que o assunto principal deste capítulo será transferido para o próximo.

CLXXXIII Mi Corazón

Este é um segredo milenar, envolvendo aspirinas, que aprendi com um amigo meu – que aprendeu com seu pai, que provavelmente aprendeu sabe-se lá como.

Dois dedos de água, em um copo, e duas aspirinas. Você deixa que elas se dissolvam. É rápido. Elas não se homogeneízam com a água, mas se desmancham em pequenos detritos brancos. Você balança um pouco a água no copo e coloca metade dentro da boca. Sem engolir. Tombe a cabeça pra trás e deixe o líquido no fundo da garganta. Gargareje por um instante e deixe os detritos descansarem. São eles que promovem a cura. É um pouco incômodo, mas não muito. Quando não conseguir mais, gargareje novamente e engula, ou cuspa. Depois, com o resto da água que você deixou no copo, repita o mesmo processo.

Desde que aprendi isso, ainda não precisei de antibióticos. Um método simples e barato, que resolveu todas minhas gargantas inflamadas até agora.

Pronto. Era isso que eu queria escrever. Simplesmente porque é útil.

Preciso de coisas desse tipo pra colocar no livro. Ou pelo menos de qualquer coisa que aconteça. Percebi que, daqui a pouco, estarei chegando ao capítulo 200 sem ter contado muito. Quer dizer, eu fico aqui falando infinitamente sobre mil coisas, mas quase não acontece realmente nada. Lá pelo capítulo 183 da novela Mi Corazón, por exemplo, a personagem Dolores Cristina Magnólia já tinha perdido o próprio casamento por três vezes, sido traída quatro vezes, enquanto estava em coma, e trabalha-

do como secretária, vendedora, acompanhante de luxo e neurocirurgiã. Carlos Leopoldo tinha ficado rico, empobrecido e ficado rico de novo; sofrido quatro acidentes e oito cirurgias, incluindo duas para retirar tumores raros no cérebro; sobrevivido a duas tentativas de assassinato e casado com Ana Paula, Maria Eduarda, Pedro Valentin e Dolores Cristina Magnólia.

Já eu, quase nem tenho personagens. Ninguém casou. Ninguém trocou os bebês de ninguém. A "gravidez" de Alice – uma das cenas de "ação" do livro – foi apenas uma tempestade num copo d'água. Ainda assim, pra mim, foi realmente uma tempestade. E aqui estou, num redemoinho. E minhas costas não param de doer, apesar dos exercícios que faço com menos regularidade do que deveria.

Estou fazendo dieta, por falar nisso. Parei de fumar por algumas semanas e tem um maço do meu lado. E por aí vai. Minha vida não é mesmo emocionante, nem pra mim, na maior parte do tempo. Os únicos luxos que comprei até agora, em sete meses de Europa, foram um violão novo e uma garrafa de vinho do porto que estava na promoção. Começo a me perder. Tudo bem. Hoje eu sonhei com mortos e ainda me lembro do principal. Quero ser sincero.

Estou exausto.

CLXXXIV Adriano Reis

As pessoas estão sempre dizendo que Adriano Reis era louco. Essa afirmação, para qualquer alma sensata que o conhecesse pessoalmente, é, naturalmente, absurda.

Adriano Reis era um ser humano maravilhoso, cheio de pensamentos construtivos e afetuosos. Constantemente de boa vontade em relação ao mundo. Sofreu, em cada dia de sua vida, com a incompreensão cega e agressiva dos demais. Aqueles que o diziam "esquisito". Adriano Reis sofreu com a falta de sentido das ruas duras de concreto e com os olhares friamente em brasa da intolerância alheia.

Mas, apesar de tudo, ele não era um antissocial. De forma alguma! Apenas apreciava a sutileza dos espaços pequenos. Do silêncio. Dos recintos libertos de rostos que condenam.

Adriano Reis nunca foi um louco.

É bem verdade que comia bosta, o coitado. Ele dizia que precisava comer, toda manhã, ou durante a tarde seria atacado por um tal Labumja – certo dromedário misterioso que insistiria insistentemente para que eles jogassem uma partida de gamão.

Como era de conhecimento público, Adriano Reis odiava o gamão. De forma que, por oposição, adorava bosta! Chegou mesmo a comentar, com um grupo seleto de amigos, colegas, vizinhos, conhecidos e transeuntes, que um cocô saudável e bem tratado tinha o mesmo efeito fisiológico do chocolate. Vivia trocando de dieta; procurando novos horizontes e sutis nuanças para o gosto da própria merda.

Mas daí pra dizer que ele era louco? Alto lá!, que isso era apenas uma idiossincrasia inocente, talvez

de fundo paranoico, mas perfeitamente inofensiva. Todos nós já tiramos prazer de atividades incomuns. Grande parte da população come bosta, quando criança, ou escondido. É um fato. Adriano era apenas ligeiramente infantil e indiscreto.

Além desse pequeno vício de comer merda, Adriano Reis era uma pessoa absolutamente saudável, em todos os aspectos da vida.

Nos dias das melhores cagadas, guardava o produto no armário do quarto e ia comendo aos pouquinhos. Chupando dedos.

Volto a afirmar com veemência: Adriano Reis era um ser humano fantástico, sensível e repleto de capacidade para ternura! Se atirou em todas aquelas criancinhas é porque estava muito cansado; fora de sua boa onda habitual. Além do mais, elas fizeram por merecer.

CLXXXV Visita noturna

Tadeu estava bêbado – deitado na cama, assistindo televisão – quando Deus apareceu. Umas duas e meia da manhã. Garrafas vazias e bitucas de cigarro espalhadas pelo quarto. De repente, um clarão. Do nada, um velho de pé dentro do quarto. Longa barba branca. Observando Tadeu.

– Oi... – disse o velho.

Tadeu não sabia quem era aquele homem, ou como ele entrara no quarto. Assim, é natural que tenha dito:

– PUTA QUE PARIU! QUE MERDA É ESSA AGORA, PORRA?

– Eu sou Deus. – respondeu o velho, muito sério.

– Hum... Entendi. E eu estou bêbado... (agora, falando para si mesmo) Porcaria de conhaque vagabundo. Eu ia comprar um mais caro, mas nããããããoooooo, tinha que ser pão duro e...

Deus interrompeu Tadeu com um gesto de mão. Apontou para a televisão e ela se transformou num monte de pássaros, que voaram pelo quarto por um tempo e desapareceram em pequenas explosões bonitas como fogos de artifício. Tadeu permaneceu calado por alguns segundos. Olhando desconfiado. Então Deus apontou para a cama e Tadeu percebeu que já não estava deitado, mas sentado em uma poltrona. Deus fez outra poltrona da escrivaninha e também se sentou.

– Olha, cara – começou Tadeu – eu sei que não fui lá muuuuuito de ir à igreja e tal. Sei que já cometi um ou outro pecado... Mas também não é pra tanto, pô! Vir aqui pessoalmente? Acho que se a gente conversar um pouco, o Senhor vai ver que sou

até religioso! Aquela história com o padre nem foi nada sério. Só fiquei um pouco nervoso. É humano ou não é? E ele me provocou!!! Disse que eu não podia dormir ali na porta da igreja... Eu só dei uns tapinhas nele.

– Você deixou aquele padre inconsciente, Tadeu.

– É, foi mesmo... Mas, sabe como é, foi mais no susto. E eu fiquei arrependido depois. Juro que fiquei! E quando atirei naquele outro cara, era só pra assustar. Nem sabia que aquele revólver estava carregado!

– Você deu três tiros, Tadeu.

– É verdade, mas sabe como é... nem acertei o cara.

– Chega dessa bobagem, Tadeu. Ser ruim de mira não é desculpa. VOCÊ VAI PARA O INFERNO!!! – condenou Deus com os olhos arregalados.

– Inferno, pô? Caralho! Quer dizer, desculpa! Será que não dá pra gente conversar? Aí eu me confesso e essa coisa toda...

Deus começou a rir.

– Ha he ha ho he. Não é nada disso, rapaz. Não vim aqui por causa do padre. Também não estou aqui por causa dos tiros. Eu vim aqui porque estava chato lá em cima. Cadê aquela garrafa de conhaque?

– Está ali, perto do sofá.

Deus fez um gesto e a garrafa veio voando. Um copo apareceu do nada. Ele se serviu uma boa dose e virou goela abaixo. Depois, serviu mais uma. Passou a garrafa para Tadeu. Ficaram bebendo em silêncio por algum tempo. Deus fazia um barulho irritante, batucando na poltrona com os dedos.

– Sabe, às vezes eu me canso de ficar lá em cima observando o mundo. De vez em quando até dá von-

tade de começar outro.

– Cansado de ficar "lá em cima"?

– Lá em cima é jeito de falar. Você não entenderia...

– O que eu quero dizer é: você se cansa de comandar o universo?

– Comandar? Ho he hi hi. Eu não faço nada. Deu trabalho no começo, pra programar e pensar e fazer tudo. Agora as coisas vão andando sozinhas. Você gosta de dominó? De colocar um tanto enfileirado e depois derrubar? Pois então! É mais ou menos isso... Um dominó muito grande e com peças esquisitas.

– Puta que pariu, que viagem! Quer dizer, NOSSA SENHORA DE JESUS, QUE INTERESSANTE!!!

– Pode parar com essa merda, Tadeu, porra. EU SOU DEUS, CARALHO! Já ouvi todos os palavrões inventados desde o começo dos tempos. Em todas as línguas. Eu mesmo já inventei alguns.

– É mesmo? Maaaaassa! Me ensina um dos seus favoritos.

– Você não entenderia.

– Foda-se, porra. Só repetir já está bom. Ensina aí!

– Ainistainistainistei, Tchusbreique Mamal.

– Da hora... É pra xingar o Diabo?

– Que ideia estúpida, Tadeu. Eu curto o Diabo. Senão já teria desaparecido com ele. Pena que ele não pôde estar aqui hoje. Está ocupado demais, escrevendo outro livro de publicidade.

– Pods crê. E esse lance de inferno, qualé? Fogo? Espetadas? Enxofre? Caldeirão?

– Ho he ha... o inferno está mais próximo do que você imagina, Tadeu. O paraíso ainda está em an-

damento... Tô pensando em fazer um tipo de clube pra tomar com os chegados depois do apocalipse. Mais só os chegados, porque a maioria das pessoas é muito chata pra viver de novo; ainda mais do meu lado! De qualquer forma, isso aí eu ainda tenho tempo pra arrumar...

– Que mal lhe pergunte, quanto tempo?

– Porra, deixa de ser curioso! E vamos parar com essa merda de papo de Criação e questões cósmicas... Toda vez que encontro alguém é uma carrada de "Por que coisas ruins acontecem com pessoas boas?", "De onde viemos?", "Pra onde vamos?", "Como funciona o universo?" e o escambau... Universo de cu é rola! Já cansei dessa parada. Passa aê a garrafa pra mim...

Deus se recostou na poltrona enquanto Tadeu pensava em algo pra dizer. "Porra..." – ele estava pensando – "Como é que se puxa assunto com Deus sem falar nesse tanto de merda de criação? Ahhhh... foda-se!"

– Cara, vou te perguntar numa boa... Se eu pudesse criar pessoas e fosse todo poderoso et cetera e tal, acho que ia passar todo meu tempo fazendo isso... Já desceu aqui pra comer umas vagabundas?

– Não, Tadeu. Eu não tenho pau.

– NÃO TEM PAU?!?

– É. Você tem que entender que eu existo em estado de gozo eterno. Estou sempre tendo um orgasmo. Pra mim é bom. Mas se VOCÊS tivessem isso, não iam fazer muita coisa... Meu dominó não teria graça. Até dei um jeito de vocês sentirem isso de vez em quando. Eu sou caridoso. E o melhor de tudo é que o sexo obriga vocês a se relacionarem e deixarem as coisas mais ativas. Mais interessantes...

Eu queria criar um mundo de heróis, mas parece que só tem NPC. As pessoas são muito chatas. Elas são a minha imagem e semelhança. Precisam de incentivo pra criar relações entre si... Eventualmente, eu percebi que algumas pessoas são tão asquerosas que nem com o incentivo do orgasmo conseguem se relacionar. Então eu inventei a cerveja! He hi ho ha hi...

– Você é um otário filho da puta, hehehe. E tem a risada mais bizarra que eu já ouvi. É preciso admitir que fui com a sua cara...

– É claro que foi, porra! EU SOU DEUS! Todo mundo gosta de mim. Eu sou foda!

Deus sorriu e deu uma balançadinha na cabeça enquanto se servia de mais conhaque. Tadeu também estava sorrindo.

– Sei, sei... mas não posso te culpar. Se eu tivesse inventado o mundo também ia tirar onda pra caralho.

– Mas tem coisa que não me traz orgulho... Por exemplo: não me orgulho muito de ser responsável por este lixo de apartamento onde você vive, Tadeu. Ou por este conhaque vagabundo que você bebe...

– Não é orgulhoso mas está aí, seu pilantra, sentado na minha poltrona e entornando meu mé!

– A poltrona fui eu quem fiz, seu lesado. Além do mais, vou embora daqui a pouco. E é claro que nunca mais vou voltar nesta espelunca. Na verdade, você vai se esquecer de tudo isso quando eu for embora.

– Esquecer? Cara, eu queria ter um registro dessa conversa, pra poder mostrar pra galera.

– Vai querer uma polaroide agora, porra? Nem vai rolar.

– Que merda... Nem uma lembrancinha?

– Tá achando que eu sou do ramo de artesanato? Tenho mais coisas pra fazer...

– Você mesmo disse que não tem nada pra fazer, seu sacana. E pode mandar alguém fazer a coisa... Você não inspirou uns caras pra escrever aquela bíblia?

– Tadeu, sinto muito. Acho que um novíssimo testamento, contendo esta conversa, não seria muito bem recebido. Ainda mais com essa igreja católica, que eu manjo... Se as pessoas começarem a perceber a verdade, muito do mundo perderia a graça pra mim. Mas talvez eu dê um jeito... Pode ser divertido...

Deus ficou pensativo. Passando a mão no queixo, olhando para o nada.

– Porra, deus fica indeciso? – perguntou Tadeu – Achei que você soubesse de tudo que vai acontecer.

– Cara, eu sei tudo que ESTÁ ACONTECENDO. Se eu soubesse tudo que vai acontecer, pra que esperar? Colocava tudo logo no final e começava outra coisa. Ou então dava um tiro na cabeça. Ia ser chato pra caralho.

– E você morre com tiro na cabeça?

– Se eu quiser.

– Puta que pariu! Cara, já que você está mesmo por aqui e já tomou metade da minha garrafa de conhaque, será que não podia me ajudar?

– Já tomamos mais de duas garrafas, Tadeu. Eu estou fazendo o milagre da multiplicação do conhaque. E te ajudar como?

– Sei lá... Super poderes! Eu podia voar, ou ser capaz de dar cinco sem tirar. Qualquer coisa assim... Já sei! Eu queria ser capaz de gozar igual um cavalo! Queria até empurrar a mina pra cabeceira da

cama com a força do jato!

– Vai tomar no cu, Tadeu! E se reclamar demais, vou te dar é hemorroidas!

– Hahahaha, seu filho da puta sem vergonha. Porra, EU XINGUEI DEUS, HAHAHAHAHAHA.

– He ha hi ho, se você está achando isso muito, devia ter lido Nietzsche... Grande cara! Mas dele eu me vinguei, ha hi he... Levei o cara até o deserto pra ver se eu conseguia fazer uma pedra tão pesada que nem mesmo eu pudesse levantar. Depois, deixei a pedra cair em cima dele. Por falar nisso, tenho que ir embora. Fiquei sabendo de outro filósofo que precisa da minha opinião sobre uns artigos que vem escrevendo, he ho ho.

– Vai com deus! hehehehehe.

Outro clarão. Tadeu acordou deitado na cama, sem entender o que estava acontecendo. Achou que tinha cochilado. Pegou a garrafa. Continuou bebendo.

CLXXXVI Breve nota sobre mim

Há um poema do Baudelaire, muito discutido, em que o poeta deixa sua auréola cair na lama, enquanto atravessa correndo o boulevard. Algo profundo, sentido e metafórico sobre o poeta na cidade grande...

Se resolve voltar, para resgatar sua auréola caída, ele provavelmente será esmagado pelas carruagens que se aproximam. Se optar por abandoná-la, por outro lado, tornar-se-á mundano.

Ele precisa escolher.

O poeta daquele poema decide abandonar sua auréola e atravessar a rua em segurança. A partir daí, caminha incógnito, comete malvadezas e entrega-se à devassidão e à baixaria. Mergulha na crápula.

Bem, eu decidi voltar pela minha.

E se eu morrer, por favor, atirem meu corpo de volta no mato.

CLXXXVII Um sonho que eu tive

O garoto entrou na oficina correndo como se fosse um redemoinho de vento. Um velho, trabalhando numa pintura, quase foi derrubado do banquinho. O garoto se desviou do machado de um homem cortando madeira. Ninguém teve coragem de reclamar. Era o garoto de novo. O favorito do mestre.

Na sala de estudos, finalmente, ele parou. O homem lá dentro, debruçado sobre uma pilha de papéis, não demonstrou qualquer intenção de abandonar os desenhos para receber o garoto, que, ofegante, disse:

– Mestre Leonardo, eu consegui!

Leonardo da Vinci observou o garoto por um instante, antes de retornar ao caderno sem dizer palavra.

Mais tarde, terminadas as obrigações do dia, quando seu relógio marcava duas da noite, foi até a casa do garoto – um pobre coitado que morava sozinho depois que os pais morreram num acidente. Leonardo, impressionado com a desenvoltura do pequeno cientista, bancava as contas da casa.

O garoto, que acordara de má vontade, foi logo tomado pela euforia quando percebeu que era o mestre.

– Consegui, mestre! Veja!

À luz de um lampião, Leonardo pôde ver. Perpetuum Mobile. Era verdade. O mecanismo criado pelo garoto funcionava perfeitamente.

Abraçou o pequeno com força e ficou em silêncio durante um longo minuto. Tinha a cabeça baixa. Não queria ser visto daquele jeito. Virou-se de costas

e enxugou pesadas lágrimas sobre a barba. Então, com a imparcialidade dos mestres, relaxou os braços.

Afastou-se alguns passos e tirou o revólver de dentro da roupa. Deu dois tiros no peito do garoto. Depois mais um, na cabeça. Pra ter certeza.

Seu isqueiro, ancestral do zippo, ajudou a criar um incêndio convincente. A ciência forense ainda não era destaque naquela época.

Enquanto esperava para confirmar que a casa seria completamente consumida pelo fogo, pegou seu telefone celular e ligou para Einstein.

– Já é outro que consegue fazer o Perpetuum Mobile, porra. Essa merda ainda vai avacalhar com a gente...

– Deu um jeito nele?

– É claro, caralho! Só achei que você devia saber. Agora vou desligar. Você sabe como é difícil arrumar energia pra esse aparelho no século dezesseis? Tem alguma ideia de quanto esta ligação está me custando?

– Vai tomar no cu, porra... Deixe de ser muquirana! É só você pintar mais uns desenhinhos praquelas bichas, heauhaeuhea...

– Heahueahueahuea..., riu Leonardo também, enquanto desligava o telefone e se preparava pra voltar andando pra casa.

CLXXXVIII Continuemos

Veja bem, é ridículo começar uma frase com "veja bem". Estou na Zooropa, comendo um refinado patê de atum e tomando vinho do porto. Fumando um cigarro que custa muito mais do que seria sensato gastar pra se matar. Eu nunca tive bom gosto.

Estou me divertindo e imaginando que você não está realmente preocupado com nada que eu diga. Apenas sentado para ler um pouco de qualquer coisa. Não quero falar de mim. Não sou o centro do mundo e nem sou algo que me agrada ou interessa, no momento.

O show não pode parar, eles dizem.

Continuemos.

Carlos, como todos os dias, está sentado sozinho no seu banco predileto. Usa uma das mãos para segurar um livro e a outra para proteger o lanche. Em algum lugar do pátio, um grupo se junta rapidamente sob o comando do grito de "PORRADA!". Apenas garotos se empurrando com cara feia. Bobagens. Uma luta muito mais intensa se desenrola na fila pra comprar coxinhas. Uns brincam de amarelinha, outros pavoneiam-se descrevendo beijos cedidos e roubados. Risos. Escondido no canto do pátio, alguém acende um cigarro. É recreio.

Como acontece quase todos os dias, alguém dá um tapa na nuca de Carlos. "Alguém", aqui, é um termo específico para designar UM indivíduo e é objetivamente apenas UM indivíduo que desfere o tapa. Mas esse indivíduo deve ser descrito como parte integrante de uma entidade mais complexa. São cinco garotos, que durante o intervalo e no final das aulas – atraídos por interesses comuns – se com-

portam como um corpo só. O tapa veio de Marcelo, mas poderia igualmente ter vindo de Luiz, Saulo, Paulo ou Daniel. A variação era apenas uma dessas circunstâncias acidentais das quais a vida está temperada. Cada dia, um novo alguém.

Todos tinham cordões, pulseiras e quilos de gel no cabelo. Carlos tinha óculos, espinhas e a obrigação de aceitar cordialmente os safanões. Tentou sorrir das piadas. Apenas mais um dia de nerd. Apenas alguns minutos até que pudesse voltar à leitura do livro.

Mas isso é outro capítulo.

CLXXXIX Aline

Em algum lugar não muito distante, Aline assistia à cena comovida. Não era a primeira vez. A entidade formada pelos cinco idiotas, que ela chama de "O Planeta dos Macacos", passa perto dela. Derramando sorrisos como o Sol derrama luz. Ela é bonita. É também o tipo de garota conhecida no colégio por uma certa precocidade de instintos, comportamentos e liberdades sexuais. O Planeta dos Macacos sempre tratou-a com cortesia. Com uma pseudofinura. Com esfomeada pretensão. Mas Aline, como qualquer garota que tem uma alimentação intelectual saudável, com iguarias finas, além do ketchup mental da televisão, não podia sentir nada por eles além de repulsa.

Já Carlos, tão acanhado e no seu canto, despertava nela um esquentar das coxas. Imaginava como seria estar sozinha com ele. Um quarto. Seduzi-lo. Nada daquele teatro fingido ridículo dos garotos que pretendem ser grandes amantes. Não seria como estar num palco privado, mas filmado, exibindo-se numa trama que não tinha sentido por si mesma. Apenas motivo para exibições verbais nos próximos recreios. Não. Passar a mão por debaixo da camisa de Carlos seria como segurar entre as mãos um pássaro. Algo quente que se emociona e que não pode evitar espasmos. Alguém que se comportaria como não poderia deixar de se comportar; em oposição a um robô programado para dizer, mexer-se e ocupar-se das coisas segundo o manual implícito de uma cultura caricata, esnobe e incompetente.

Ela sentia a calcinha encharcando enquanto pensava nas possíveis hesitações de Carlos. Em como

ele seria quando finalmente desistisse de lutar contra algo que só podia desejar e se entregasse despido, inocente e sincero aos prazeres tão ansiados e misteriosos para todos os nerds como ele.

Aline – que, como já foi dito, não era reprimida – não tinha as fantasias femininas mais comuns de ser explorada, violentada, ou usada por um grupo de homens dominadores. Ela sentia-se livre e não precisava da brutalidade alheia para alcançar o que desejava. Com Carlos, ela pensava que poderia conhecer um homem como ele realmente era, e não apenas como eles acreditam que ela gostaria que fosse. Pensava que era, inclusive, mais justo – sendo ela tão cobiçada – entregar-se a alguém que tentava aproveitar o tempo livre lendo um livro e refletindo sobre a própria vida, ao invés de almoçar anabolizantes e procurar causar o máximo de rebuliço na vida alheia. Se esse não era um pensamento efetivamente excitante, ao menos tornava suas intenções nobres objetos de orgulho.

Certo dia, coisa rara, Carlos apareceu numa festa. O tempo passa, as garrafas ficam vazias e as pessoas começam a ir embora. Aline, bêbada, aproxima-se de Carlos e lhe dá um beijo na boca. Ele treme um pouco, mas corresponde. Eles vão embora juntos e aquilo chama a atenção de todos. É domingo.

Na segunda-feira, por coquetismo, Aline não vai à aula. Apenas para imaginar Carlos procurando por ela. Olhando despistadamente por cima do livro. Por trás das lentes dos óculos. Tomando tapas mais tranquilo.

É terça-feira e Carlos não está no seu banco predileto. Agora é Aline quem procura timidamente

por ele. Ouve um “Ei gatinha!” e reconhece imediatamente a voz de um Capitão Macaco às suas costas. Vira-se pra descobrir que a irmandade cresceu. Agora são seis.

Carlos passou gel no cabelo e comprou uma pulseirinha brilhante.

CXC Velho mundo

À entrada da nave ela foi recebida por dois soldados bastante disciplinados. Corteses, apesar de militares. Foi um bom toque de favorabilidade para contrabalancear a preguiça que aquela viagem lhe inspirava. Era difícil, para ela, acreditar que o ministro tivesse um filho tão jovem. Mais difícil ainda seria desvendar por que logo ela, que se encontrava tão longe, fora chamada para realizar a operação e o ritual de iniciação.

Após algumas formalidades, foi finalmente apresentada a Giles, o filho do ministro. Ele estava em seu quarto, mergulhado em pesquisas. Numa idade tão prematura – apenas quarenta anos – era natural que ele se interessasse por curiosidades inúteis. Provavelmente ainda passariam mais de cinquenta anos terrestres antes que ele pudesse se dedicar exclusivamente a atividades proveitosas.

Antonieta, com quatrocentos anos, continuava linda – apesar de não se interessar mais pelos homens. Como os jovens enxergam apenas superficialidades, era natural que Giles tentasse impressioná-la com o material recolhido em seus anos de estudo. Para uma criança, que ainda aprendia os rudimentos de uma técnica, era forçoso reconhecer que ele era um aluno dedicado. Possuía todo tipo de parafernália antiquíssima sobre a primeira viagem humana para além do Sistema Solar. Gravações originais de depoimentos dos primeiros homens modificados. Uma quantidade assombrosa de itens que deveriam estar num museu governamental. Ser filho de um ministro deve ter influenciado na obtenção daquele material.

– É realmente surpreende que os antigos tenham estabelecido as bases de um mundo como o nosso, disse Giles. Eles eram tão frágeis e tão ignorantes...

– Lembre-se, advertiu Antonieta, que um jovem como você, entre os antigos, seria um homem maduro. Era uma questão de tempo. Eles não podiam gastar tantos anos se preparando. Não podiam escolher seus governantes entre senhores que já tinham abandonado todo tipo de sentimentos egoístas e infantis. Ainda assim, mesmo através dos antigos, o brilho da raça humana se fazia notar. No campo artístico, por exemplo, apesar das mudanças tão óbvias, não podemos afirmar que nossa arte seja melhor que a deles. Temos apenas um número proporcionalmente maior de artistas.

Giles ignorou a última parte do que Antonieta disse, tentando um rumo mais íntimo para a conversa:

– Meu pai diz que você estaria no Grande Conselho se eles aceitassem membros com menos de oitocentos anos. É verdade que os membros do conselho são imortais?

– Ninguém é imortal, Giles. Não seja criança. É impróprio que o filho de um ministro acredite nessas crendices.

– Muito do conhecimento que você domina e utiliza no ritual seria considerado crendice pelos antigos. Por que tanto mistério sobre o Grande Conselho, afinal de contas?

– Você ainda é jovem demais para compreender. Não pode esperar que alguém, mesmo privilegiado e dedicado como você, seja capaz de adquirir um conhecimento satisfatório sobre o Estado em vinte ou trinta anos de estudo... Seja paciente. O tempo

virá por si só, e com ele a oportunidade de obter conhecimento. Espere mais duzentos anos e verá que suas dúvidas são questões sem importância, indignas da sua preocupação. Você deveria estar mais focado no ritual. Já fez todos os preparativos?

O comunicador avisou que o jantar estava pronto.

CXCI Quando os animais falavam

Era uma vez, num reino encantado, um sapo que se apaixonou por uma princesa. Ela, princesa que era, não dava atenção pro sapo. Ele não tinha coragem de fazer nada, porque sabia da sua condição de sapo. Ficava dentro de casa, desejando ser príncipe. O sapo sofreu. Fumava muito. Foi miserável para sempre.

***

Era uma vez, num reino encantado, um sapo que se apaixonou por uma princesa. Ela, princesa que era, não dava atenção pro sapo. Então ele telefonou e se passou por príncipe. Marcaram um encontro. O sapo comprou roupas de príncipe, uma linda peruca e um boneco inflável saradão e bronzeado pra usar sob seu corpo verdadeiro. Olhando de longe, a princesa ficou encantada. Quando o examinou mais pormenorizadamente, no entanto, percebeu que seu pretendente era um sapo e foi embora chorando; irritada e decepcionada. Ambos sofreram. Foram miseráveis para sempre.

***

Era uma vez, num reino encantado, um sapo que se apaixonou por uma sapa. Saíram para tomar sorvete. Conversaram bastante e a sapa também se apaixonou. Foram felizes para sempre.

Moral da história: ele era um sapo, cara.

CXCII Mais fábulas

Uma formiga entrou numa treta com um cavalo:

– É isso aí, cara... NUM MEXE COMIGO NÃO! Eu sou muito forte. Forte PRA CARALHO! Eu posso carregar VINTE VEZES o meu próprio peso, sacou? E aí? Vai encarar? Seu fodido! Escravo de fazendeiro!

O cavalo não queria briga, mas aquilo estava enchendo o saco. Sem esforço, pisou na formiga.

Ela morreu.

Ele foi embora, sorrindo.

Moral da história: ela era uma formiga, cara.

***

Ninguém dava moral pra galinha cega. Os porcos se divertiam quando ela tentava ciscar.

Ela sofria.

Um dia, morreu.

Moral da história: antes tarde do que nunca.

CXCIII Mais fábulas ainda

O chimpanzé disse: “Eu sou um macaco!”
Desceu da árvore.
Compôs uma música pop.

Moral da história: se um chimpanzé pudesse dizer “Eu sou um macaco!”, ele seria você.

***

No tempo em que os animais falavam, Pedro disse para Maria:
“Você ficou sabendo da bomba?”

CXCIV Um almoço com crianças; um telefonema; um diálogo com Oberon, dentro do carro + um dia qualquer

[Lara]: Tio, o lobo comeu minha colher de comida!

[Sâmia]: O lobo comeu a minha também, tio!

[Tio]: Uai, esse lobo está muito esperto! Já tem mais de uma semana que ele come a comida de vocês. Eu nem posso mais ficar olhando distraído pro teto...

[Sâmia]: Eu acho que ele está embaixo da mesa, tio. Olha lá...

[Lara]: É, mas coloca uma colher pra mim antes, tio!

[Tio]: Você já não tá na idade de fazer sua colher sozinha, sua maluquete?

[Lara]: Estou sim! Eu já tenho isso, ó... (mostrando três dedinhos da mão direita). Mas a comida é mais gostosa quando o tio que faz a colher!

[Sâmia]: Êêêhhh! O tio tem que fazer a minha também! Pronto, agora olha lá se o lobo tá debaixo da mesa...

[Tio]: Não tô vendo nada, não... Acho que esse lobo já...

[Lara]: Ah, tio, ele comeu minha colher de novo!

Eu me levantei e Lara estava com os bracinhos cruzados, tentando fazer um beicinho de raiva, ainda mastigando. Sâmia ria.

[Sâmia]: Faz mais colher pra gente, tio! Êêêhhh... Agora eu acho que o lobo foi lá pra fora... Lá na janela...

[Lara]: É tio. Eu acho que eu vi uma coisa passando assim, vruuummm, muito rápido!

[Tio]: Hum... Deixa eu ver... Esse lobo tá muito esperto mesmo...

[Sâmia]: E'e omeu inha unlher de novo, tio...

[Tio]: Nossa! Eu nem virei as costas direito!

E todos riam mais uma vez. E assim por dias e dias que me deixaram tanta saudade.

***

– Alô, Joe?
– Joe?
– É. Joe?
– Não.
– Ah... Tony?
– Tony?
– Tony não, desculpe. Richard?
– Sim, Richard!
– Desculpe, foi engano.
– Tudo bem. Eu também não sou o Richard.

***

– Olha ali! Uma igreja.
– Odeio igrejas – resmungou Oberon.
– Você é ateu?
– Sou, mas não é isso. É que acontecem coisas horríveis lá dentro...
– Tipo o quê?
– Ah, tipo... casamento.

***

Entrou em casa e só ouviu silêncio. "MÃE!", gritou. Não houve resposta. Abriu a porta do quarto de

seus pais e não havia ninguém lá dentro. A janela estava fechada e não havia nada de anormal no quarto além do barulho de um trem de ferro andando sobre os trilhos. Quando fechou a porta, o barulho sumiu. “Estranho”, pensou. Abriu a porta outra vez. O mesmo barulho. Fechou a porta. Silêncio. Entrou no quarto e fechou a porta atrás de si. O barulho do trem ficou mais alto. Olhou para o lado e viu uma luz forte se aproximando. Foi atropelado. Morreu.

CXCV O velho

Um clarão no meio do dia, no meio da praça, e ele apareceu. Ninguém se assustou, ou sequer percebeu que ele se materializara instantaneamente do nada.

Vestia trapos sujos e maltratados pelos últimos dias no cárcere. O tornozelo ainda machucado pela corrente que o prendia antes do flash. Calmo, ainda que admirado, por longo tempo o velho observou o que agora existia à sua volta.

Terminado o reconhecimento passivo e insuficiente, tentou conversar com as pessoas que passavam, mas ninguém entendia o que ele dizia. Alguns o evitavam com uma insolência tão expressiva que o velho, ao invés de indignar-se, maravilhou-se; surpreso com a possibilidade, até então desconhecida, de irradiar tamanha manifestação de desaforo sem recorrer aos gestos ou à fala. Eventualmente, sua insistência e seus bons modos conquistaram um grupo de jovens solícitos que o guiou, entre incompreensíveis palavras amigáveis, até um dos edifícios na vizinhança. Lá dentro, percebeu que estava numa espécie de centro de assistência para os doentes e famintos. Riu-se daquilo.

De volta à rua, isolou-se de pé num canto para meditar um pouco. Ninguém o incomodou. Decidido, retornou à praça – onde lembrava ter visto um tanque de areia. Embora fosse pouco afeito à escrita, depois de algumas tentativas conseguiu rabiscar um Λύκειον bem legível com os dedos. Agora, quando entrevistava os transeuntes, apontava para a palavra na areia, enquanto falava e gesticulava, numa tentativa de demonstrar com aquilo que não estava

mendigando; buscava apenas por alguém que o compreendesse.

A artimanha do velho rendeu frutos. Encaminharam-no, finalmente, para uma escola de línguas. Ali, depois de atrair um grupo ruidoso de curiosos, o velho encontrou alguém com quem podia se comunicar. Os dialetos eram um pouco diferentes, mas nada que tornasse a conversa impraticável. Algumas palavras e descobriu o que queria. Sim. Havia um lugar dedicado ao arquivo e desenvolvimento do conhecimento. Rabiscaram um mapa num pequeno pedaço de papel; indicações de como chegar à universidade. Repetiram-lhe, ainda, o nome de alguém por lá que poderia compreendê-lo.

Não teve grandes dificuldades para encontrar o prédio, ou o intérprete que procurava. Depois de uma educada saudação, foi direto ao assunto: "Eu sou Sócrates, de Atenas. Sou filósofo e me encontro perdido nesta cidade estranha. Não sei como voltar, nem sei se QUERO voltar... Eu percebo que minha aparência é incomum para você. Acredite, a sua também o é para mim. Espero que possamos passar por cima dessas pequenas diferenças acidentais... Como você pode me compreender, talvez possa me ensinar a sua língua. Enquanto isso, é possível que eu seja de alguma utilidade para a sua academia."

O homem pediu que ele esperasse um pouco. Pegou o telefone. "Alô? Sim... É... Sou eu... Escute... Sócrates está aqui na universidade, pedindo asilo..." Em pouco tempo, tudo foi arranjado. Ficou muito surpreso quando descobriu que não tinha se deslocado simples e misteriosamente para uma cidade estrangeira, mas também para o futuro! Seria difícil acreditar em tudo que lhe era narrado, não fosse

a evidência constante da experiência imediata. Na primeira noite, quando finalmente lhe permitiram um pouco de privacidade – para dormir – confortavelmente solitário no quarto ele riu alto concluindo que o mesmo homem que lhe condenara à morte, quando seu vizinho, o enaltecia como herói universal quando estrangeiro do tempo e do espaço.

O mundo inteiro se mobilizou para oferecer facilidades à sua adaptação – milhares de especialistas e criativos em brainstorms ao redor das pizzas – mas ficou claro logo nos primeiros meses que Sócrates não precisava de muito. Por outro lado, ele próprio se desdobrava para ajudar no que podia; inclusive na manutenção do jardim e na arrumação de seu próprio quarto, mas principalmente nas pesquisas. Tantas perguntas... "Também não sei o que aconteceu. Uma entidade misteriosa apareceu na minha cela e disse que iria me tirar dali. Eu repeti que não queria fugir, mas a entidade avisou que aquilo não era uma oferta sujeita à minha aprovação. Pelo que vocês me disseram, eu realmente bebi aquela cicuta. Talvez não tenha sido eu. Ou talvez outro eu... Talvez tivessem razão, todos aqueles sofistas, quando afirmavam que o grande pode ser pequeno e que o novo pode ser velho. Que um pode ser muitos... Muitos podem ser um... Minha crença nas coisas está novamente abalada. Eu achava, por exemplo, que essa entidade era um deus. Depois de ler alguns livros da sua biblioteca, já não tenho tanta certeza... Esse Nietzsche, por exemplo... Grande cara!"

Depois de alguns anos de adaptação, perambulava solto pela cidade – praticamente livre do assédio popular, como qualquer celebridade acadêmica.

Mantivera o hábito de conversar com pessoas aleatórias. Acabou num bar, rodeado por jovens. Perguntava, sempre sorridente, o que eles achavam da vida. O que é a coragem? O que é bom, ou justo? Esse tipo de coisa... Como a plateia gostava dos assuntos mais emotivos, falou-se muito sobre a beleza e o amor.

Agora o velho tentava explicar para um rapaz o porquê da atração vulgar entre as pessoas. Avisou que sua exposição seria imprópria e antiquada; carente de uma revisão de estilo. Depois de compartilhar essa preocupação, afirmou que ainda acreditava no princípio do que ia dizer, mesmo reconhecendo a necessidade de trocar a imagem que ilustrava esse princípio – quando viesse a inspiração – por algo mais moderno e rigoroso.

"A alma é como uma carruagem puxada por dois cavalos. Um dos cavalos é bom e virtuoso. O outro é mau e desobediente. Antes de morar no corpo, a alma dos homens vagava no infinito e vislumbrava as coisas eternas... Tomadas pelo fascínio dos palácios divinos, as almas seguiam o caminho dos deuses. Como que na entrada desse reino, para atrair a todos, estava a Beleza. Aquelas almas que conseguiam domar o cavalo mau e chegar mais perto, podiam vislumbrar também as outras virtudes, que perseguem até hoje quando as encontram em sua forma terrestre. Mas aqueles precipitadamente arrastados para baixo por causa de seus ímpetos viciosos – os intemperantes – conseguiram vislumbrar apenas a Beleza e outras maravilhas menores à entrada do reino, como a Fartura e a Bonança... É por isso que, depois de encarnadas, essas almas não sabem procurar por valores maiores..."

Foi um discurso realmente belo, mas o encanto não durou muito. Ele falava coisas nobres sobre amores elevados, mas não tirava os olhos dos rapazinhos. Foram se irritando com aquele caduco insinuando que todos eram estúpidos. Seguiu-se uma discussão acalorada sobre justiça. Começou uma briga. Sócrates, com mais de setenta anos, continuava forte e imponente, mas eram muitos contra ele. Um punk mais esquentado apareceu com um revólver na mão. Primeira página: "Sócrates é assassinado novamente!"

Houve luto, é claro. Da mídia floresceram incansáveis e breves carpideiras oportunistas – mas não passou disso. A verdade é que Sócrates começara a incomodar. Logo ele – caído de paraquedas, exilado de uma sociedade retrógrada e ultrapassada – deveria ter mais respeito pelas coisas à sua volta... Se ele demonstrava alguma reverência pelas inovações tecnológicas, não deixava de rir das pessoas e de suas opiniões.

Há muito que nenhum programa de rádio ou televisão queria entrevistá-lo. Constrangera inúmeros apresentadores renomados. Dezenas de celebridades no auge da fama. Centenas de personalidades políticas e os homens mais ricos do mundo... Professores cobertos por montanhas de diplomas, títulos e publicações deixavam a companhia do velho literalmente espumando de raiva. O velho, sempre sorridente. E os indignados sequer podiam atacá-lo abertamente, uma vez que ninguém queria admitir-se enfurecido com o grande Sócrates.

Na universidade, alguém tivera tempo de tomar nota das principais ideias e esclarecimentos. Deram-se por satisfeitos.

No enterro, alguém disse baixinho: “Já vai tarde, velho veado.”

CXCVI Dor

Alice chicoteava o cavalo malvado e passava rindo em cima de mim. Às vezes passava chorando, mas passava.

E talvez você não faça ideia de como isso tudo dói. Só posso dizer que dói pra caralho. Eu mesmo já não consigo mais realmente sentir. Acabou. Eu tive cólica renal um dia desses, por exemplo. Eu também sonhei com Alice, ontem. É difícil lembrar de um sonho depois que a gente acorda. Eu nem queria mesmo lembrar – por isso esperei um dia para escrever. O sonho foi gigante e complexo, envolvendo uma roupa medieval, um aparelho que vi no Batman Begins e vários amigos... Uma casa e outros lugares onde nunca estive mas que conhecia perfeitamente. E o sonho também envolvia você, fofinha. Envolvia você por tempo suficiente para que eu sentisse tudo muito próximo. Não posso falar o quanto. Não teria como. Ninguém entenderia o quanto – acho que nem você. Só posso dizer que foi próximo pra caralho.

Estávamos juntos e tinha um outro cara. E ele parecia um babaca (como ele poderia parecer outra coisa?). Ele queria que você o acompanhasse e você foi, enquanto eu seguia de longe. Eu tentava apenas observar sem interferir. Era como uma perseguição de filme pipoca e terminou dentro da água. Mergulhado, vi que ele abria uma espécie de passagem secreta e eu sabia que era definitivo e ele entrou primeiro. Você entrou depois.

Eu acenei, na esperança de pelo menos demonstrar meu adeus. Por duas vezes você passou os olhos por onde eu estava. Da segunda vez, acenei com

intensidade quase desesperada, mas você não me viu. Não tenho como explicar o quanto isso foi triste. Ninguém vai entender o quão triste foi. Só posso dizer que foi triste pra caralho.

Eu tive cólica renal e poderia escrever que dói "como isso", ou "como aquilo", mas seria uma mentira. A explicação seria tanto mais falsa quanto mais você acreditasse tê-la compreendido. Você faria uma cara de quem chupou limão, no máximo, e continuaria lendo. Acreditando que entendeu. É mentira. Você não entendeu. Se você nunca teve cólica renal, não poderia entender.

Masturbe-se agora e tenha um orgasmo, por favor. Pelo bem do argumento! Pelo bem do livro! Se este livro fizer alguém se masturbar, já é um ganho. Masturbe-se bem gostoso e depois do orgasmo julgue se você poderia compreender aquela sensação – sem conhecê-la – apenas lendo palavras. Fazendo comparações...

Você não vai conhecer cólica renal numa linha de livro. Só posso dizer que dói pra caralho. E você vomita. Não é porque há algo inconveniente no seu estômago – não tem nada a ver com o estômago. Você vomita porque dói demais. E você se caga todo. É melhor ter uma privada por perto. Você se caga, por causa da dor. Eu tive cólica renal outro dia. E eu me caguei todo (na privada, felizmente). Eu vomitei. Mas eu não chorei.

Fiquei deitado na cama – quando não estava no banheiro – e é só. Deitado na cama, olhando pro teto e cogitando quanto tempo levaria praquela merda passar. Eu não tenho plano de saúde, não tenho família por aqui, não tenho dinheiro, não tenho visto, não tenho porra nenhuma e só podia ficar na cama

olhando pro teto enquanto aquela dor me rasgava ao meio. Tremendo. Tremendo enquanto esperava passar e tomando uma quantidade absurda de água. Já tomou água até que ela fique repulsiva? É ruim. Eu fiquei ali e passou e quando terminou eu não tinha chorado. Não deu vontade.

Eu chorei naquele sábado, lembra? Era sexta-feira e eu tinha planos e você queria me controlar e eu disse não e você me machucou e fugiu e bebeu e sua amiga me ligou de madrugada pra ir te buscar passando mal. Vomitando também. E você não disse nada – acho que você nem tinha mesmo como dizer nada – mas eu te busquei e levei pra casa e tomei conta de você. Coloquei você sobre a minha cama e coloquei um colchão no chão, ao lado, para mim. E quando você dormiu eu apaguei, porque estava exausto. Mas em poucas horas o dia amanheceu e eu acordei e chorei calado ali do lado, enquanto você dormia. Você acordou e eu ainda chorava. Você perguntou se eu estava chorando e começou a chorar também.

Eu iria embora no próximo sábado e eu amava você e sabia que você me amava também. Você me machucou com uma faca lá dentro e isso não é lá tanta dor – acredite, eu já tive piores – mas a gente se amava e aquele era o último sábado. Nós dois sabíamos disso e poderia ter sido um dia de tanta ternura e tanta coisa boa se a gente conseguisse simplesmente ignorar um monte de bobagem e se concentrar no melhor.

Mas a gente não fez assim e eu sabia que aquele sábado não voltaria nunca. Nunca, nunca, nunca, nunca... Um sábado de amor perdido. E eu sabia que pra sempre lembraria daquele sábado que poderia

ter sido um sábado de amor a mais e acabou sendo apenas mais um dia de merda como outros tantos que sempre precisei aturar.

Um sábado de amor trocado por um dia de merda – e se isso te parece pouco, ou idiota, ou brega, deve ser mesmo. Não estou falando com você agora, fofinha, sei que pra você não parece mais. Se te parece idiota, sei lá, deve ser mesmo – mas foi por isso que eu chorei.

Doeu pra caralho e não dá pra explicar de verdade. Já vai passando. O que tenho agora são flashes. Há muito que eu queria contar, mas eu só tenho flashes. E descobri que, apesar de ter ainda tanto carvão na caixa, o trem está chegando ao final da linha.

Pelo menos o básico já foi revelado lá no princípio: um cara que conhece uma garota e se apaixona por ela. Eles vivem uma história de amor e um dia ele vai embora. Basicamente, é isso. Se alguém te perguntar, inclusive, você pode dizer que o livro é sobre isso. É claro que eu gostaria de continuar dizendo coisas realmente significativas sobre nosso namoro, mas – apesar da abundância de fatos que ficaram pra trás – essas coisas não têm mais nenhum significado que eu já não tenha tentado mostrar, comentar ou demonstrar em alguma parte do livro.

Por mais alto que eu tenha voado, existe a distância e o tempo. Há essa impossibilidade de transmitir a vida ainda quente pro papel. Por mais alto que Alice tenha me atirado, são pulos que eu não posso manter com sinceridade por muito mais tempo. Desculpem, mas avisei (como podia) que a historinha não era o principal. Mesmo sem completá-la, o livro precisa acabar.

Fica a lembrança, é claro. A saudade. O cheiro fantasmagórico dela em futuros travesseiros que vou abraçar. Há um número incontável de partículas do amor que permanecerão em mim. Mas o livro, este sim, está acabando.

Tentando contar as coisas como eu realmente gostaria de contá-las – e não como a cultura que me envolve ensina a criar uma historinha – ou seja, abandonando o molde pra histórias bem contadas, cheguei a este lugar ainda sem fios e postes. Escuro. Cheio de mato. Sinto que esbarrei numa parede. Também estou surpreso, como você pode estar. Até um pouco decepcionado. Ligeiramente embaraçado por trazer vocês comigo.

Acreditando que seguimos para um lugar melhor, no entanto, eu caminho sem medo. Mas continuar seria falso, eu percebo. Existe uma parede e tudo que posso fazer é desenhar nela. Quem sabe uma estrada – como nos desenhos animados – dando a impressão de que, na verdade, o caminho continua? Talvez me pintar lá no fundo, numa conclusão qualquer? Acho que poderia fazer isso, mas me parece uma empreitada bastante cretina.

É hora de dar o dia por terminado e montar acampamento. Sentar à luz da fogueira para contar histórias. Dizer boa noite e colocar o corpo em stand by. Mandar a consciência praquela incoerência fantástica dos sonhos – outros afazeres. Amanhã, quando o sol do novo brilhar descortinando paisagens, poderemos tirar conclusões e (quem sabe) construir. Talvez seguir caminho. Agora, tudo que posso fazer é esperar. Concluir eu ainda não posso. O livro já vai acabando, mas ainda não acabou.

CXCVII Isso é só o fim

O que dizer no fim?

Eu não tive controle.

Não houve preto/branco.

Não há uma conclusão que eu possa escrever em uma linha que realmente represente o que passou. Incluir pequenos incidentes e explicações é perda de tempo. Distração inútil. Igual ligar a televisão.

Escrevo este capítulo desanimado. Muitas pessoas e coisas que eu ainda queria mostrar. A festa no bar do Seu Minguinhos, por exemplo, quando ele surpreendeu a todos – num momento cômico – dizendo para Petito que o lance era pular alguma coisa. Nem contei das minhas noites com Alice nesse bar. Queria ter falado sobre isso.

Queria ter explorado Fam mais um pouco, mas, porra, olhe pros lados! Ouça às suas próprias inspirações diárias e tente reconhecer quantas de suas vozes internas são um eco da influência dele. Você não precisa mais de mim para conhecê-lo.

Queria ter tomado o tempo, como aqueles caras fazem, pra você sentir que Alice é uma pessoa real; como uma conhecida. Mas a verdade é que eu não quero criar o que aqueles caras criam. Eu queria viver entre meus irmãos e parece que estou conseguindo um pouco de imersão... Estou tão confuso quanto você. No fundo, eu pensei que poderia contar minha história com Alice e perseguir o caminho ao mesmo tempo.

Mas isto aqui não é a nossa história.

Um caso é, de fato, formado pela história que conta. Mas um romance (ao menos um romance que

não seja apenas um caso muito grande) é diferente da história que o suporta. Geralmente um bom livro é mais do que a mera sucessão de fatos da história que conta. No meu caso, descobri, a história excede o livro.

Mas tudo bem. Quem se importa? Coma torta. Palavras pra te entreter e talvez te fazer pensar em alguma coisa. Palavras estranhas, eu sei. Mas todas as palavras reais – todas aquelas que não foram meramente encaixadas pra formar um bonequinho de |começo, meio e fim|, incapaz de fazer qualquer coisa além da pantomima de um desejo – todas as palavras reais não são realmente tão estranhas?

Voltando pra linha, Alice me pisou, mas era culpa dos cavalos. Os dela eram muito fortes. E os sinais do mundo não são indicações para a felicidade. São placas espalhadas por Fam.

Alice era uma princesa linda numa carruagem desgovernada, eu acho. Uma carruagem confusa, perdida em estradas enganosas onde o mapa faz sentido lógico mas não corresponde ao mundo real. Um mundo infinito onde escolhemos, infelizmente, guiar nossos irmãos e nossas próprias vidas para o inferno; em nome da liberdade, da diversão, de Deus, do dinheiro, da pátria amada, do progresso, do falso amor que nasce por medo ou vaidade e de tudo mais que eles usam pra justificar a marcha cretina da nossa História. Tudo isso que já foi tão brilhantemente denunciado e ilustrado por tantos gênios e que não merece um esforço de pensamento sério entre a grande maioria – ocupada demais com os objetos do quarto. Nascer e morrer. Exigindo apenas o gosto de doce na boca, providenciado fartamente entre tabefes e correntes pelos criadores de Homens.

Mas há uma música que eu ouço: você pode andar pelo mundo com pregos nos sapatos. Pode gritar, brigar e se desesperar. E você terá toda a razão dentro dos bolsos. Com o olho da bondade vazando. Você pode continuar cego. Você pode um tanto de coisas. O mundo – infinito – está realmente cheio de dor e de injustiça. Mas há uma vida maravilhosa, se você puder encontrá-la. Basta tunar seu aparelho de rádio e sintonizar à frequência certa.

Chega de discussão. Acampemos. Hora de contar histórias e dizer boa noite. Algo improdutivo, apenas pra cumprir cordiais e primitivas formalidades de despedida. Nada de realmente necessário, apenas um ponto final

Sei que com isso não estarei revelando o Todo, mas também não é como se eu não estivesse dizendo nada.

É um adeus – palavra que se transformou tanto pra mim, desde a primeira vez realmente significativa. Hoje, abandono todas as coisas com o orgulho de ter amado um dia. Logo chegaremos ao fim. É um adeus.

Um abraço!

CXCVIII Começou como um regime

Algo que ele vinha adiando há tempos: perder vinte e cinco quilos. Quantos meses no esquema de "Segunda-feira eu começo..."? É claro que ele já tentara algumas dietas antes disso. Você não precisa perder vinte e cinco quilos sem nunca ter feito regime. Mas, obviamente, as tentativas prévias foram tentativas fracassadas.

De todo jeito, Leopoldo era um sujeito obstinado. Intemperante, mas não acomodado. A ideia continuava queimando na cabeça, apesar do atraso.

Então, finalmente, naquela segunda-feira definitiva, ele decidiu fazer um regime heavy-metal. Até agora, nas suas excursões anteriores pelo mundo da fome, Leopoldo sempre chegava ao ponto de acreditar estar se forçando demais. Acabava comendo alguma coisa, mesmo sem estar realmente com fome. Apenas por acreditar que já estava tempo suficiente sem comer. Sabe como é, medo de estar comendo menos do que seria saudável... Ilusões que uma mente viciada e parasita causam em seu hospedeiro.

Desta vez, ele decidiu que o lado saudável da coisa sofreria. Drasticamente! Dietas pra emagrecer são, fundamentalmente, uma agressão ao corpo – ele concluía. Resolveu fazer apenas uma refeição por dia. E não podia ser AQUELA refeição. Tinha que ser uma refeição comum. Mediana. E o resto do dia sem comer. No máximo, em casos extremos, se permitiria uma maçã, ou copo de leite.

É claro que há métodos muito mais eficientes e saudáveis para perder peso, mas Leopoldo não tinha uma nutricionista.

No começo, naturalmente, passava o dia inteiro pensando em comida. Lutando contra esse pensamento e contra a decepção constante que ele trazia. Depois, acabou se acostumando. Ele se adaptou com tanta eficácia, devido à sua ferrenha obstinação, que certas vezes, no horário da única refeição diária, ele não estava com fome. A partir daí, foi mais difícil manter a convicção inicial.

Quer dizer, ele só estava fazendo uma refeição LEVE por dia. Não parecia saudável abandonar essa refeição, já tão solitária. Mas uma decisão é uma decisão. Com esforço, ele continuou.

Não foi fácil. Lutar contra uma vontade física oferece uma grande vantagem: com o tempo, ela passa. Mas lutar contra uma ideia é algo mais complicado. Ela continua se apresentando em diferentes trajes... Sempre a mesma senhorita: "Você precisa comer!" E cada vez que ela volta, vem com novos argumentos e armadilhas.

Leopoldo optara pela intransigência. Não queria mais considerar demoradamente a questão, quando ela surgia. Durante as outras dietas, ele tentou ouvir o que ela tinha a dizer. De cada cem decisões, a Senhorita Gula ganhava sempre muito mais do que deveria. E no final do processo ele continuava gordo. Desta vez, ele seria inflexível. Quando a ideia vinha bater-lhe a campainha, Leopoldo fechava a porta na cara dela. Se não sentia fome, a decisão já estava tomada. Ele deixava a comida pra mais tarde. Pra amanhã.

CXCIX A lanchonete

Agora já não interessava se eram dois dias sem comer. Ele sempre podia comer depois; quando estivesse realmente com fome.

Ele sentiria fome no dia seguinte... Deixar de comer, hoje, seria mais um dia emagrecendo. 100% do que ele poderia emagrecer num dia, considerando apenas a parte de ingestão de alimentos. E o regime estava funcionando. Leopoldo emagrecia. Transformava-se. A comida já não era mais aquela solução mágica, apetitosa e imperativa pra tudo – como o era há poucas semanas. Leopoldo estava realmente aprendendo a não se importar com ela. Adaptou-se.

Mas naquele dia... – naquele dia ele estava com fome.

Foi algo assim, de momento. Inesperado e arrebatador como uma martelada na nuca. Ele estava voltando do banco, rumo ao escritório onde trabalhava, quando sentiu um pouco de tontura – algo comum naqueles dias. Algo que ele aprendera a ignorar. Mas desta vez o argumento da comida ganhou. Merecidamente, é claro. Leopoldo não sabia ao certo há quantos dias estava sem comer. Talvez dois, ou três. Ou quatro. Antecedidos, agora, por alguns meses de uma única refeição por dia, em dias intermitentes.

Como caminhava, ao ficar tonto, justamente nas proximidades de sua lanchonete preferida, guiou seus passos até lá. Tinha vontade de comer um boi inteiro. Sentia o velho guloso de antes dando cabeçadas na boca do estômago.

CC Duas garotas

Atravessou as portas coloridas da lanchonete e, apressado, caminhou até o balcão. Olhou despistado para duas garotas que conversavam – sentadas encantadoramente em cadeiras de plástico. Típicas sereias desconhecidas. Dessas que estão por toda parte. As mulheres que a gente deseja e sonha e sempre parecem estar a apenas um passo da gente e, se você é gordo, também a um passo pra lá de longe demais. Leopoldo sorriu. Elas sorriram de volta. Sim, o regime valia a pena. A fome desapareceu.

Agora calmo – observando desinteressadamente as iguarias por trás do vidro – Leopoldo decidiu que era hora de abandonar o piloto automático da intransigência. Precisava comer alguma coisa, mesmo sem estar com fome. Algo para cobrir o estômago e espantar as vertigens ocasionais. Não queria desmaiar no escritório. O importante era não exagerar. Talvez um sanduíche pequeno e um suco...

– Esse cara no balcão meio magrinho abatido mas eu pegava fácil... – Ele escutou uma das garotas comentar com naturalidade, como se ele não estivesse ouvindo.

Olhou pra mesa das garotas, também sem afetação, mas espantado. As duas tinha interrompido a conversa e olhavam para o nada, distraídas. Talvez esperando o lanche. Então ele ouviu a mesma voz falar de novo e – uma coisa incrível – Leopoldo percebeu que nenhuma das garotas na mesa movia os lábios. E elas eram as únicas pessoas dentro da lanchonete, fora ele e o senhor atrás do balcão.

Pensou, no primeiro instante, que era algum

tipo de alucinação causada pela fome. Mas as vozes continuaram chegando. Ele ouvia os pensamentos da garota. E os da amiga dela também. Elas estavam caladas, mas ele ouvia. Ele ouvia, ou sentia, ou alguma coisa sem nome. Não podia ser uma alucinação. Ele realmente estava lendo os pensamentos delas. Teve certeza quando leu além das palavras.

CCI A lagoa

Agora Leopoldo entendia aquelas garotas como nunca entendera alguém. REALMENTE entendendo. Ele percebia o que elas sentiam. Sim, ele captava as frases em que elas organizavam seus pensamentos verbais, mas havia mais do que isso. Quase podia ver os pensamentos se formando numa lagoa. E milhares de outras formas de vida nadando e flutuando nessa lagoa. E, às vezes, um sol se pondo e a noite chegando. E verão e primavera e todo um universo mental do qual elas obviamente não tinham consciência, apesar de estar tudo lá. Leopoldo também não tinha consciência daquilo, antes. Mas assim que viu tudo acontecendo, na cabeça das garotas, sua vida mudou. Num único instante de compreensão privilegiada – por uma breve fração de segundo – pôde vislumbrar a própria essência daquelas gurias. Compreendeu, imediatamente, que era um idiota.

Durante toda a sua vida, tinha sido um idiota. Ficou chocado com o que se passava na cabeça das meninas. "Eu pegava fácil!"? Nunca pensou que uma dessas garotas bonitinhas-guti-guti-de-colégio pensaria uma coisa dessas, como um garotinho-metido-a-doidão-azarador-de-colégio. E quanto ao que elas sequer chegavam a verbalizar no pensamento, então? Fantasias reprimidas que formavam tubarões de lascívia "pecaminosa" envolvendo grupos de homens mascarados; sexo com desconhecidos em lugares públicos, com gente olhando; estupro; masoquismo; dominação; excitação pelo medo e pelo terror; pelo proibido; rituais de fertilidade; incesto; zoofilia; negões enormes com pirocas gigantescas; garotinhos;

fetiches; lesbianismo e prostituição... E não havia nada de asqueroso, ou reprovável. Eram só fantasias afogadas. Translúcidos espectros imaginários que não tinham qualquer pretensão de sair à luz do dia, em comportamentos práticos. Todos os temos. Os fantasmas daquelas garotas, adolescentes ricas numa geração de masturbação online, eram sexuais. Refletiam as confusões causadas por uma sociedade machista obcecada com sexo e ignorante demais para tratá-lo de forma razoável. Para discuti-lo e educar-se. Leopoldo entendeu o que é crescer como uma mulher bonita – frágil e fisicamente mais delicada que a maioria à sua volta. Certamente mais delicadas e indefesas que os brutamontes que passavam todos os dias, com os músculos crispados e esperma espirrando pelos olhos. Desejando. Querendo. Pedindo. Ameaçando de uma forma ou de outra. Mais delicadas que as mães e tias exigindo que elas sejam "mulheres". O que é ser mulher, afinal de contas? O que eles esperam das meninas? O que define uma mulher "de verdade"? A reação dos homens? Pois eles gostam daquelas que se desenvolvem primeiro. As outras não são mulheres? E aquelas que se oferecem um pouco e estão sempre cercadas? São elas as mulheres "de verdade"? Ele entendeu a confusa repressão do mundo feminino, que exigia delas serem "mulheres de verdade" ao mesmo tempo em que também exigia decoro e castidade... E silêncio. Aquelas duas amigas, por exemplo, nunca haviam conversado sobre masturbar-se.

Então elas eram realmente como ele? Seres humanos complexos. Elas não eram apenas como que funções do mundo. Robôs pré-programados para exigir certas coisas dele. Beleza. Dinheiro. Habilidade

de conversar articuladamente em ambientes sociais. Uma barganha. “Coloque certas moedas na máquina do mundo e retire bocetas selecionadas de prêmio!” Elas não eram apenas troféus para o ganhador. Não eram cachorrinhos pra enfeitar a casa. Elas não eram isso, por mais que pudessem se comportar de acordo com a pauta do teatro. E o mundo não era o que ele pensava. Foi uma descoberta chocante. Percebeu que desperdiçara a vida mergulhado em conflitos e preocupações estúpidas, que só existiam na sua própria cabeça e na cabeça das outras pessoas.

Leopoldo tinha a intenção de se demorar nesses pensamentos, mas, neste exato momento, o senhor atrás do balcão – que esperava em silêncio há algum tempo – disse:

–Pois não(?).

Assim mesmo, com uma interrogação implícita. Leopoldo sentiu pena daquele homem. Pôde ler os pensamentos dele também.

Depois de algumas batidas do coração, a pena desapareceu. Ele próprio já fora assim, até alguns segundos atrás. “Coitado desse homem”, pensou Leopoldo. “Mas, também, coitados de todos nós...”

CCII O avô imaginário

Escolheu o silêncio. Em silêncio observava amistosamente o homem por trás do balcão. O homem que esperava para atender o que parecia ser apenas outro cliente. No mundo daquele velho garçom, certas coisas eram necessárias. Era óbvio que, pra ele, Leopoldo queria alguma coisa. Isso era considerado INCONTESTÁVEL. Ele não podia conceber um mundo em que alguém entra numa lanchonete e fica parado à frente do balcão sem pensar em comprar nada. No mundo daquele garçom, era impossível que um garoto pudesse estar com fome num momento e perder a fome logo em seguida. Ele tinha certeza ABSOLUTA que Leopoldo queria pedir alguma coisa.

Não imaginava, por exemplo, que alguém pudesse entrar na lanchonete apenas pela temperatura mais agradável... Por ser um aficionado em design de balcões de lanchonete. Para conversar... Aquele garçom fazia certo juízo equivocado do mundo e criava expectativas confusas. Esse comportamento, naturalmente, era uma fonte constante de sofrimento. Leopoldo resolveu ajudá-lo.

Continuou em silêncio, ainda por alguns segundos. Para garantir a atenção do homem.

– O senhor é de família italiana? – Perguntou em seguida.

Tentaria mostrar para o garçom que coisas inesperadas podem acontecer. Alguém pode estar parado do outro lado do balcão sem pensar, necessariamente, em pedir comida.

Normalmente, quando confrontadas com um fato improvável que ameaça certezas estabelecidas,

as pessoas têm essa tendência chata de ficarem zangadas. O plano era explicar para o garçom que ele não queria pedir nada. Entrara na lanchonete apenas para conversar. Mas Leopoldo não queria transformar a ocasião num fenômeno aversivo para aquele senhor estúpido, mas pacato. Não queria que ele se zangasse com isso, ou conseguiria apenas aumentar no homem o gosto pela comodidade. Inventou uma desculpa:

– É que o senhor parece muito com o meu avô. Ele morreu há alguns anos e eu gostava muito dele. Venho aqui já há algum tempo e sempre notei a semelhança. Hoje estava passando e lembrei de perguntar sobre sua família. Talvez sejamos parentes...

E quem não gosta de se parecer com o avô querido de qualquer garoto? O velho até se exibiu um pouco. Tentando mostrar que também poderia ser admirado pelos netos, se ele os tivesse algum dia.

Leopoldo deixou a lanchonete sentindo uma simpatia sincera pelo sósia de seu avô imaginário. Voltou para o escritório sem comer nada e acabou pedindo ao chefe para sair mais cedo, porque estava exausto. Chegando em casa, finalmente comeu alguma coisa e, em seguida, dormiu profundamente.

CCIII Sentido perdido (a gente se engana)

– Eu sou Deus...

Leopoldo mordeu os lábios em censura. Durante um cafezinho com o chefe, sentiu tanta vontade de soltar a frase casualmente que precisou morder os lábios, literalmente, para calar.

Pensamento que ele tivera ao acordar, antes de sair da cama. Despertou um pouco antes do despertador e, naquele limbo entre sonolência e consciência desperta, tentava aproveitar ao máximo os últimos minutos de repouso. Percebia, no entanto, que ainda faltava alguma coisa para o relaxamento completo. Foi quando o criado-mudo começou a ronronar. Leopoldo, ainda de olhos fechados, encontrou o telefone pelo tato e desligou o alarme antes que o processo passasse da vibração ao irritante toque musical. Agora ele precisava se levantar com urgência, para trabalhar. O efeito desse pensamento foi bombástico. Sentiu que cada um dos seus músculos se derretia num relaxamento completo, transformando-se em fontes reluzentes de prazer. Pensar que precisava sair da cama, estranhamente, tornava o ato de ficar na cama muito mais prazeroso e recompensador.

Isso, é claro, não fazia o menor sentido. Mas ao mesmo tempo fazia – já que era precisamente o que estava acontecendo.

Um pouco de Históra: Século XIX. É normal que os médicos saiam do necrotério direto para as salas de parto, sem ao menos lavar as mãos. Milhares de parturientes mortas. Semmelweis, um médico hún-

garo, propõem que os médicos lavem as mãos entre as atividades. É ridicularizado. Considerado louco. Ninguém vê nada nos cadáveres. VER. Com o olho. Ninguém vê nada. Esse idiota está falando sobre o quê? Macumba? Vodu? Pau no cu dele, é claro. Resultado: Semmelweis estava certo. Microorganismos... Difícil mesmo de sacar essa sem os microscópios... O Caso de Leopoldo não era lá tão complicado.

Quando nos deparamos com algo que não faz sentido, mas que mesmo assim acontece, talvez o nosso "sentido" é que esteja confuso. Talvez a vida inteira seja uma ilusão, e o que pensamos sobre o mundo apenas um preconceito. Precisamos de novos direcionamentos. Leopoldo, que estava familiarizado com a história do médico, sabia que precisava de um novo ângulo, além do óbvio, para analisar o problema.

Descobriu que, apesar do cansaço físico, o que ele precisava não era de total relaxamento. O completo relaxamento era uma estimulação muito fraca. Para entrar numa zona ótima de estimulação sensorial, naquele momento, o que ele precisava era de um relaxamento um pouco mais ativo. Corpo estendido na cama, cabeça caminhando em algum lugar. A Urgência de sair da cama era algo em que ele podia se concentrar facilmente. Afinal de contas, era um assunto imediato. O fato é que ele precisava mandar a mente se mexer um pouco, dançando com algum foco de atenção, para desfrutar perfeitamente aquele momento. Mas aquela dança a respeito de um possível atraso também o deixava inquieto. Estragava um pouco o prazer do momento. Começou então a procurar alternativas para manter a esti-

mulação do ambiente num nível ótimo, sem que precisasse se inquietar com isso.

CCIV Pensar sobre o que pensar (a gente se entende)

Esse próprio pensar sobre o que pensar transformou-se em foco de atenção e o relaxamento veio. Completo. Enquanto o mecanismo intelectual de Leopoldo buscava caminhos e atalhos – esbarrando em becos sem saída, perseguindo assuntos e ideias pertinentes e correlatas – outra parte dele desfrutava o mais perfeito conforto. No equilíbrio dessas duas forças, surgiu ainda uma terceira entidade em sua consciência. Algo que apenas observava; distante e imparcial. Algo que fazia parte dele e que estava objetivamente com ele, mas que sentia pelo próprio "Leopoldo" uma impessoalidade que podemos sentir por personagens de videogame.

"Talvez Deus seja assim...", ele pensou. "Algo que está em toda parte e apenas sente, sem interferir..." Lembrou de algo da bíblia sobre olhar debaixo de uma pedra, que Deus estaria lá. Ou cortar a lenha e Deus estaria lá... "Talvez Deus esteja em mim. Talvez 'Deus' e 'Eu' se diferenciem apenas por causa do meu ponto de vista, ou da minha ignorância. Talvez..."

Talvez existam seres gigantescos que se alimentem de purpurina e o universo tenha sido criado por um peido deles. Talvez não é seguro. Os dias invadiam Leopoldo com um turbilhão de ideias inusitadas e esquisitas demais para que ele conseguisse um julgamento pacífico a respeito delas.

Durante o cafezinho com o chefe, quando sentiu vontade de dizer em voz alta que era Deus, é claro que Leopoldo não imaginava em seu interlocutor a

capacidade para relacionar a frase ao tema de suas elucubrações matinais. Sequer imaginou que o chefe fosse boa companhia para uma conversa sobre o assunto. Ele quis dizer a frase EXATAMENTE pela confusão óbvia que criaria. Pelo prazer de pronunciar as palavras em voz alta. Apenas para estar em contato com o inesperado. O caos.

Mas Leopoldo precisava daquele emprego. Uma afirmação ousada como aquela poderia facilmente levar a debates inflamados e rancores generalizados. Apesar de sua habilidade eventual de ler pensamentos, Leopoldo sabia não ter controle. Ainda havia muitos cantos escuros. Muitos. Ele avistara apenas uma fresta de luz. Apenas por um tempo reduzido. As refeições pareciam eliminar as visões, revelações e oportunidades em que conseguia ler o pensamento das pessoas, ou fazer qualquer uma das outras coisas inesperadas que vinha experimentando nos últimos dias. As refeições pareciam eliminar todos os efeitos sobrenaturais durante um certo período. Um copo de leite podia cortar tudo por algumas horas. Um almoço decente, por alguns dias. Mesmo nos períodos sem comida, a coisa não era constante. Ia e vinha imprevisível, seguindo seus próprios caprichos.

Depois de morder os lábios, ele disse:

– Gostei muito dessa marca nova de café que compraram pro escritório...

– Eu também... – comentou o chefe. E tenho gostado ainda mais do seu desempenho na empresa!

Leopoldo sorriu. Estava sinceramente contente. É preciso assegurar-se de que há qualquer tipo de base para te amparar no mundo. Mesmo que seja uma base tão falsa e vulnerável quanto a financeira.

Você começa a dar valor pra essas coisas, quando acredita que está ficando louco.

CCV O mestre

Andando despreocupado pela rua, Leopoldo se assustou com uma cobra na calçada. Na verdade, olhando com mais atenção, ele percebeu que não se tratava de uma cobra – mas de um inofensivo pedaço de corda. Esse sentimento de olhar para uma coisa e enxergar outra despertou em Leopoldo uma conclusão assustadora: o mundo inteiro era assim. Sua vida era essa confusão. Nas ruas, nas pessoas, nas casas, nas montanhas e vales e rios e estrelas e móveis e roupas e livros e dias e beijos e braços e pernas e bundas e cores e animais de estimação... Leopoldo olhava pra uma coisa e enxergava outra. A verdade estava além de suas experiências sensoriais. Era tudo uma ilusão.

A sensação de segurança que teve durante a vida inteira: apenas uma ilusão. Há pouco tempo atrás, a única coisa a separá-lo de uma imaginada vida de felicidades eram vinte e cinco quilos. Atirado num turbilhão de fenômenos e objetos subjetivos que nunca percebera antes, agora ele percebia que as coisas simplesmente não eram tão simples.

E essa coisa de ter revelações profundas a toda hora já estava incomodando. Ele sentia mais exagerada sua impotência. Sua ignorância. Apesar da visão um pouco mais abrangente que tinha do mundo e de seus problemas reais, depois de seu estranho regime, Leopoldo tinha poucas respostas sobre as perguntas que acumulava. Era como um campo vasto, infinito, que se estendia à sua frente. Antes, com viseiras, o caminho parecia um só – inegável – com ligeiras possibilidades de alterações e imprevistos. Mas se você consegue retirar as viseiras e

olhar pros lados, as possibilidades são vertiginosas. Leopoldo se sentiu pequeno. Ele precisava de um guia.

Naturalmente, foi à biblioteca: arquivo do pensamento universal. Empolgou-se com filosofia por algum tempo. Era uma experiência intensa. Ler os livros, ou ficar no espaço do vazio pensando sobre as questões que eles levantavam. Mas quando um grito, uma coceira, ou uma buzina voltava sua atenção para o mundo das coisas, ele percebia que aquilo não era tão útil assim. Aquelas palavras não carregavam a verdadeira essência do mundo. E eram apenas palavras. Leu sobre isso quando descobriu o zen. A realidade não pode ser encontrada nas palavras, mas apenas buscada através delas. Qualquer raciocínio, na verdade, serve apenas como uma vara de pescar. Não se pode comê-lo no jantar. Aquela compreensão mudou novamente sua vida. Decidiu que precisava de um mestre e começou a se preparar.

CCVI Vazio

Alguns anos depois, num quarto de hotel no Japão, Leopoldo recebeu com paciência – numa carta curta e polida – a recusa para o seu pedido de treinamento. Ele já esperava por isso. Era um estranho. Um estrangeiro. Apenas mais um entre tantos paraquedistas do conhecimento. Milhares de empolgadinhos em busca de tão mítica e refinada arte. Num pedido escrito, ele não se mostrava diferente dos demais. Leopoldo já esperava por isso. E esperou também que mestre Kato passasse por ele, durante sua caminhada matinal. Descobrira que o mestre nunca perdia o ar fresco da manhã. Apresentou-se:

– Sei que não sou digno da sua atenção, Kato-sensei. Sei que não posso oferecer o que o senhor espera de um aluno, mas também não pretendo estar aqui pelo mesmo motivo dos outros. Não busco os ensinamentos da espada por fetiche ou exibicionismo. Eu trilho um caminho diferente. Mas gostaria de ter sua arte como ferramenta nos dias de trabalho e como uma flor nos dias de contemplação.

Kato, por educação e curiosidade, pediu que ele viesse visitá-lo ao final da tarde. Tomariam um chá. Como costume dos mestres recebendo pela primeira vez alguém em busca de conhecimento, serviu o chá de Leopoldo de forma que transbordasse a xícara e continuou servindo. Leopoldo observou a cena com curiosidade. Mesmo com sua aguda sensibilidade, agora já mais treinada, não sentia nada no mestre além de serenidade. É natural que Leopoldo estivesse tentando ouvir os pensamentos do mestre, desde sua primeira conversa – mas onde quer que procurasse, não podia encontrá-los. O mestre pare-

cia existir sem deixar rastros. Apenas serenidade. Sentiu-se sereno também. Observando o encanto ameno daquele líquido que escorria pela mesa. Os padrões que formava e a luz brincando sobre ele. Sentia apenas o prazer de presenciar aquele momento, ainda sem se preocupar com as intenções do mestre.

– Ah... você já está vazio, disse Kato. Bom! Vai nos dar menos trabalho...

Leopoldo sorriu novamente, contente. Num movimento inesperado, Kato desferiu uma forte bofetada na cara de seu mais novo aluno.

– Mas não completamente vazio. Você ainda está muito cheio de si mesmo. Abandone isso também.

CCVII Seis paramitas

Com alguns meses de treinamento, Leopoldo foi convidado para um segundo chá na cabana do mestre.

– Tenho sido informado sobre seus progressos – começou Kato. Estou satisfeito. Agora, você foi verdadeiramente aceito e receberá as instruções para seguir o Caminho. Tome... Bebamos...

O chá foi servido com a precisa elegância de quem domina sua arte. A água vinha do riacho ao pé da montanha e as ervas eram cultivadas pelo próprio mestre numa horta atrás da cabana. Leopoldo mantinha um respeitoso silêncio. Ouvindo.

"Você não sabe quem você é. Sei que você já pressente isso e pretendo guiar seus passos até a compreensão final desse fato. Até a iluminação decorrente dessa compreensão. Mas eu não tenho como explicar tudo detalhadamente. Não posso beber água e matar a sua sede. Vou tentar ser o mais claro possível, por considerar que você veio de uma cultura distante e alienígena. Entretanto, não tenho tempo para alimentar caprichos. O que vou dizer soará como um apanhado de bobagens, para um ouvido desatento. Espero não me arrepender de aceitar você como aluno. Preste atenção. Através de uma coisa, saiba mil!"

"Comece pensando sobre isso: Quando as pessoas assistem a um filme, elas podem se identificar com o personagem. Sentir medo quando ele sente medo e sorrir quando ele sorri. Uma pessoa pode viver como se ela fosse o próprio personagem."

"Apesar de participar, em certa parte, das experiências desse personagem, enquanto assiste ao

filme, você sabe que ele não representa sua verdadeira essência. Você é algo antes. Isso que você pensa ser não passa do reflexo da Lua sobre um lago. É apenas o filme passando no cinema da sua vida. Não se apegue ao filme. Busque seu verdadeiro eu – alheio à carne e à roda da vida e da morte."

"A sua mente é indisciplinada e caprichosa. Os exercícios de meditação que você vem treinando têm o objetivo de ensiná-lo a controlar sua própria mente."

Neste ponto, o mestre aplicou uma sonora bofetada na cara de Leopoldo, que continuou ouvindo – inabalado.

"Concentre sua atenção na parte da carne que queima. Se você focar sua atenção ali com concentração suficiente, você passa a SER aquele pedaço de carne. Se você presta bastante atenção num personagem de filme, você É aquele personagem. Esse foco de atenção é a sua mente. O normal é que ela pule de um lado para o outro, incontrolavelmente. Para a maioria das pessoas, é virtualmente impossível controlar esse foco de atenção. Aplicá-lo onde deseja e por quanto tempo quiser. É praticamente impossível para o iniciante. Mas o que é impossível torna-se possível e mesmo natural."

"Aprenda a controlar a sua mente. Aprenda a controlá-la primeiro, para depois aprender a desaparecer com ela. A renunciá-la. Esse é um dos caminhos."

"O portão de chegada é uma fronteira sem barreiras, que pode ser atingido por todos os lados. Você pode focar-se apenas em acreditar que nada existe de verdade. Que tudo é um sonho. Quando isso transformar-se em experiência imediata você pode chegar

lá também."

"Pode pensar nas dez mil coisas como sendo reflexos num espelho. Sua própria mente e pensamentos e sensações como reflexos num espelho. Tente enxergar o próprio estanho do espelho – não as imagens refletidas nele. Esse é o seu rosto original, que existia antes do nascimento dos seus pais."

"Se você optar por um ponto de partida mais acadêmico, pode conquistar os seis paramitas do sutra Maahaparinirvaana para livrar-se da ilusão. Eles são a chave para ultrapassar os seis gatunos dos sentidos."

"O primeiro paramita é a caridade. Dominando este paramita, você ultrapassa o gatuno do mundo visual e, consequentemente, se torna espiritualmente rico. Este paramita destrói nosso desejo de se apegar às coisas visuais como o rico se apega às suas posses. Através da caridade, podemos deixar de preocupar-nos por não sermos perfeitos."

"O segundo paramita é a disciplina. Dominando este paramita, nós ultrapassamos o gatuno do mundo audível e adquirimos concentração e boas práticas espirituais. A disciplina destrói nosso apego às determinações sonoras, nos libertando de distrações. Assim, nos tornando capazes de manter quietude. Quando a mente não está perturbada, as dez mil coisas não oferecem ofensa. A dualidade resolve-se por si só."

"O terceiro paramita é a paciência. Dominando este paramita, nós ultrapassamos o gatuno do mundo olfativo e atingimos paz interior; para nós e para os outros. Este paramita destrói nosso desejo de confrontar o que é agradável com aquilo que não é agradável. O Caminho verdadeiro só se revela plena-

mente e sem disfarce quando nos recusamos a ter preferências. O julgamento é como um vendaval para o frágil castelo de cartas da percepção segura. Com a paciência, aprendemos a indiferença em relação às coisas agradáveis ou desagradáveis."

"O quarto paramita é a força. O seu domínio deste paramita permitiu que você ultrapassasse o gatuno do boca e criasse devoção. A força destrói nosso apetite e outras formas de adulação que vêm da língua. Através deste paramita, podemos desenvolver estados espiritualmente saudáveis. Se um olho nunca adormece, todos os sonhos cessarão por si mesmos."

"O quinto paramita é a meditação. Dominando este paramita, nós ultrapassamos o gatudo nas sensações táteis. A meditação elimina as distrações sensuais. Nos torna capazes de concentrar a mente num objeto sublime. Se permanecemos serenos na unicidade das coisas, o dualismo do falso mundo se desvanecerá por si mesmo."

"O sexto paramita é a sabedoria. Dominando este paramita, nós ultrapassamos o gatuno da consciência. As transformações operadas no mundo vazio que nos confronta só parecem reais por causa da ignorância. A sabedoria elimina todas as visões falsas do absoluto e nos permite discernir entre o que faz ou não faz parte da nossa verdadeira natureza."

"A quietude da não-mente e a iluminação não são fáceis de conquistar. Para um homem obstinado, o caminho está sempre aberto e nem os Três Almirantes da Marinha seriam capaz de estorvá-lo. Para um homem sem determinação, será como um cavalo que passou de relance pela janela. É apenas depois de conhecer a si mesmo que você poderá es-

piritualizar o golpe da sua espada. Nesse ponto, as palavras serão impotentes, pois isso não é do passado, do presente, nem do futuro.”

CCVIII Dois sacos de arroz

Acostumou-se à paisagem bucólica de montanhas e riachos. Levantava cedo e voltava esgotado pra cama. Leopoldo percebeu, durante o treinamento, que não devia se irritar com os próprios fracassos, ou se contagiar demais com o sucesso. Não se importar com o próprio talento é necessário para mantê-lo em equilíbrio.

Aprendeu muitas coisas que seria incapaz de aprender sozinho. Sentia que o mestre se relacionava com ele como uma vela que acende outra vela. Agora, além de ver em Kato um homem nobre e admirável, também via um bom amigo.

Transformou seu corpo completamente – ninguém poderia imaginar que, certo dia, ele precisara perder vinte e cinco quilos, ou que chegara ali pálido e raquítico poucos invernos atrás.

Num de seus costumeiros encontros para conversar e tomar chá, Kato lhe disse:

– Já chega. Não somos mais professor e aluno. Agora, somos como colegas. Você já é também um mestre. Siga seu caminho. Talvez seja desnecessário recomendar que você mantenha seu corpo e espírito dignos do que aprendeu. Não abandone o ritual do treinamento diário com a espada. Talvez seja desnecessário repetir essas coisas pra você. Talvez seja desnecessário que você as repita para si mesmo. Mas o mundo vai repetir coisas ruins que você já sabe. Aprenda a se repetir e a prestar atenção nas repetições das coisas boas e nobres. Vá.

CCIX O retorno

Rodou o mundo, como se costuma dizer. Observando a vida em vários lugares diferentes, viu com maior clareza o que havia de semelhante por toda parte. Sua jornada trouxe conhecimentos que minha modesta condição de narrador não pretende conhecer. Certo dia, apareceu mais velho à porta da cabana do mestre, procurando por ele.

– Kato-chan, seu saco de arroz! Quando saí daqui, estava ainda muito marcado pelas impressões do treinamento para ser uma companhia agradável. Mas hoje apareço para realizar um antigo desejo. Sentar com o senhor para conversar, como um amigo.

Era uma visita agradável. Kato guardava um afeto profundo em relação ao ex-aluno. Ambos vestiram-se formalmente – com leque, lenços e espadas. No carro de Leopoldo, dirigiram-se à zona boêmia da cidade mais próxima para um bom jantar e saquê esquentado na fogueira.

CCX Negociação

A certa hora da madrugada, dentro do restaurante, a paz foi quebrada por um homem que entrou gritando. Ele segurava uma arma e gritava coisas rapidamente, dando a entender que era um assalto. Todos deveriam colocar seus valores sobre a mesa. Ele estava furioso. Drogado – no mau sentido do termo. Enlouquecido. As pessoas em volta foram imediatamente contagiadas pelo desequilíbrio. Havia serenidade apenas numa mesa do canto, onde dois homens interromperam sua conversa sobre esgrima. Ainda guardavam a calma absoluta no espírito, apoiados no espaço do vazio.

Leopoldo se levantou e andou até as costas do recém-chegado, que ainda vociferava qualquer coisa para um dos garçons.

– Ei.

O homem se virou num susto. Revólver apontado. Perplexidade sobrepondo – mas sem poder aniquilar – o ódio e o medo. O apego. A ignorância. Espuma saindo de sua boca. No fundo dos olhos, lá onde Leopoldo realmente olhava, é isso que ele via.

– Desculpe por interromper o senhor, ao invés de apenas colocar minha carteira sobre a mesa. Mas, como parece óbvio que é de dinheiro que você precisa, talvez eu possa oferecer uma alternativa menos dramática. Eu sou rico. E, como você pode ver, eu também sou bushi. Você tem minha palavra de honra. Hoje à noite estou disposto a te dar mais do que você poderia ganhar desse jeito. Tudo que eu peço é que você guarde o revólver e que venha sentar-se por alguns momentos comigo e com meu mestre. Será apenas para uma breve conversa. Se você

bebe, também oferecemos algumas rodadas de saquê.

Uma casal assustado, numa mesa das proximidades, olhava atônito para Leopoldo. Não sabiam que ele era um artista. Que, arte, como nos assegura o dicionário, é "a capacidade que tem o ser humano de pôr em prática uma ideia, valendo-se da faculdade de dominar a matéria".

Leopoldo fitava amigavelmente o assaltante drogado. Este não tinha nenhuma razão especial para aceitar aquela proposta, além da confiança merecida que nutria em relação a qualquer bushi. Ele estava desesperado e drogado. Surpreendentemente, aceitou a proposta assim mesmo.

Mais tarde, considerando o incidente retrospectivamente, provavelmente diria que fez aquilo por impulso. Ou que simplesmente não sabia por quê. Era algo persuasivo naquela figura de quimono... Hipnoticamente convincente. Dinheiro, estava na cara que ele tinha mesmo. Ficava muito claro pela elegância do conjunto – incluindo as espadas.

Houve ainda certo momento de hesitação. Depois, em sua mente perturbada, um clique. Estava sentado à mesa, com um copo à sua frente. Olhando para o bushi endinheirado e para algum velho esquisito, com um rosto que lembrava algo entre uma ovelha e um assassino.

CCXI Takedo

– Este é Kato-sensei, explicou Leopoldo. Fui seu discípulo. Sei que figuras como essa não fazem parte do seu universo, mas o poder que ele sustenta não pode ser obtido apenas segurando uma arma, compreende? Então, por favor, demonstre respeito.

O homem observou mestre Kato por alguns instantes. Depois, fez uma ligeira reverência com a cabeça.

– Como você se chama?, perguntou Leopoldo.

– Takedo.

– Beba seu saquê, Takedo.

Só agora o homem sentia toda a estranheza da situação. Deu um trago no saquê. Já não havia nada mais que pudesse fazer, além de acompanhar a dança. A agressividade tinha ido embora. Escorrido como o óleo. Queria apenas receber o dinheiro logo. Precisava dele. Queria que lhe dessem logo o dinheiro, ou, pelo menos, que alguém dissesse alguma coisa. Odiava silêncios desconfortáveis.

– Bem, Takedo. Parece que você está um pouco inquieto..., observou Leopoldo. Você precisa de alguma droga específica para se sentir à vontade conosco?

– Não... obrigado, respondeu o homem. Eu já usei antes... sabe? Pra fazer o assalto.

– Se não estava desesperado para comprar mais drogas, então por que assaltar o restaurante?

– Porque eu vou ficar, amanhã. Meu estoque acabou hoje à noite. Usei o resto pra tomar coragem...

Takedo sentia uma distante vontade de mentir. Inventar. Mas algo acontecia misteriosamente. A vontade tinha os músculos dormentes. Houve uma nova pausa.

CCXII O rumo de casa

– Tudo bem, Takedo. Aqui está seu dinheiro. Tenho certeza de que é mais do que você esperava ganhar no assalto. Agora me diga uma coisa: você sentou em nossa mesa num momento de diversão entre amigos. Eu estou te dando dinheiro. Você está bebendo em nossa companhia. Não há nada de interessante que você queira falar, para nos entreter? Você apenas vai pegar o dinheiro e sair, sem cumprir seu papel de convidado? Sem dar nenhuma contribuição para o grupo?

– ...

– É o que eu imaginei. Você não sabe o que fazer, não é, Takedo?

O homem já estava com o dinheiro e, portanto, mais tranquilo. Apenas continuou de cabeça baixa.

– Takedo, me desculpe por dizer isso, eu realmente não tenho a intenção de te ofender, mas você não parece ser lá uma grande coisa como homem. O que é uma pena. Se você consegue sustentar seu vício sem ter com o que sustentá-lo, você provavelmente é capaz de mais do que isso.

Houve mais silêncio por algum tempo. O homem esperava uma oportunidade de ir embora.

– Você sabe que existem pessoas por aí que não são viciadas em drogas, não sabe, Takedo? Sabe que não precisa ser assim?

– É fácil falar...

– Você tem razão, Takedo. Falar é fácil. Difícil é viver como você vive. Assaltar restaurantes? Naquele estado que você estava quando entrou aqui? Talvez a abstinência seja mais fácil que isso. Talvez as evidências que você enxerga no sentido contrário

sejam apenas uma ilusão.

– ...

– Imagino que você tenha entrado nisso por algum motivo que parecia valer a pena. Pelo prazer que sentia com cada dose, eu me arrisco a deduzir. Uma ninharia. E parece bastante óbvio que não existe mais motivo algum. Prazer algum nessa atividade toda. Sua vida virou a busca de alimento, como a de um tubarão. O prazer que você sentia com isso parece ter ido embora. E resta apenas uma obrigação. Você é como um adulto esperando o Papai Noel, Takedo. Você percebe? Um sonho perdido de um tempo distante – uma promessa falsa de felicidade que você, no fundo, já sabe que não vai chegar. Mas você se prepara pra ela do mesmo jeito. Você não acha que já chega? Que se você estivesse observando sua vida em outra pessoa, você também chegaria à mesma conclusão? Você não precisa se render à droga, se o que ela te dá é desespero ao invés do prazer. Você não precisa se entregar. Você pode lutar contra isso. Pode procurar um hospital, ou outras instituições que trabalham ajudando pessoas como você. Talvez seja mais fácil lutar contra a droga do que lutar contra a falta de dinheiro para alimentar seu mestre. Certamente mais vantajoso que condescender com seu mestre atual. Talvez seja melhor um mestre como Kato-sensei, que, por falar nisso, já parece bastante cansado. Acho que já bebemos o suficiente por hoje. Tomemos o rumo de casa.

CCXIII Vazio absoluto

Ao atravessar a porta do restaurante, foram barrados por um grupo que esperava do lado de fora. Alguns estavam armados. Gritando. Eram clientes e funcionários do restaurante que haviam aproveitado a conversa do capítulo anterior para organizar-se ali. Queriam Takedo. Já não estavam mais assustados. Não agora que ele parecia calmo e razoável. Desarmado.

É assim mesmo que funciona. Gorila bate em chipanzé. Chipanzé chora. Reclama do mundo violento. Mais tarde, gorila dorme e chipanzé aparece com uma pedra na mão. Confiante. Inspirado por estranho senso de justiça. Cheio de dentes na boca.

Houve uma breve discussão. Os ânimos estavam por demais exaltados para que Leopoldo pudesse tomar o controle da situação antes que percebesse a eminência de um disparo. Estava claro. O homem barbudo que falava cuspindo estava prestes a apertar o gatilho. Estava também longe demais para que Leopoldo pudesse alcançá-lo ou atirar qualquer coisa nele antes que o tiro partisse. Precisava lidar com um pedaço pequeno de chumbo que atravessaria o vento com a velocidade e a força dos tiros. Um pedaço de chumbo que partiria frenético na direção de um ser humano agora calmo e indefeso.

Teve tempo de decidir pela espada curta. Menos provável que ela partisse. Precisava dar o golpe com a mão firme. Com todo o corpo e com todo o espírito. Ela tinha que bater e continuar avançando com força, como uma parede de pedra. Desviar uma bala era como defender o golpe de um gigante tão rápido que invisível.

Para todos que assistiam a cena, ouve apenas um raio prateado e um barulho metálico. Espanto. Outro homem armado pensou em intervir, mas suas intenções foram previstas por mestre Kato, que, com dois passos rápidos, atirou-se contra ele num golpe elegante, de mão aberta, que acertou-o no peito como um caminhão.

Todos saíram correndo, como era de se esperar – inclusive Takedo.

– Você não devia ficar se exibindo tanto, resmungou mestre Kato.

Leopoldo olhava para a própria espada:

– É uma pena, estragar uma lâmina tão especial...

– Venha, finalizou o mestre. Seja meu hóspede por algum tempo. Farei outra pra você.

CCXIV No aeroporto

Tomávamos café e comíamos pequenos lanches que custavam um preço abusivo. Johanes, que tinha viajado para nos acompanhar até ali, estava rindo de uma piada que o filho contara. O senso de humor de Jan era infantil e despretensioso. Sempre me agradou muito. Eu também gostei da piada, mas não estava rindo.

Chegáramos ao Rio de Janeiro pela manhã. Ainda cedo demais. Avião, só às quatro da tarde. Na hora conveniente, de um orelhão, telefonei pra Alice. Ela chorou quando percebeu que era eu. Ela disse meu nome e chorou. Eu não podia chorar. Agora eu posso. Eu nem consegui rir da piada. Todas as vezes que eu liguei, nos primeiros dias, ela chorou. Ela me sentiu frio, eu acho. Eu não podia chorar. Agora eu posso e choro. E fim.

CCXV París não foi uma festa

París é uma friaca do caralho para um valadarense que desce do avião às seis da manhã, naquela época do ano. Esperamos e andamos como baratas tontas nos corredores confusos de barulho comportado e constante em línguas esquisitas. Finalmente, entramos em outro avião e ele subiu pra longe.

A aeromoça me serviu um sanduíche com um vinho que pedi pra ela escolher por conta própria. Jan disse:

– Agora estamos sobrevoando a cidade onde vamos morar.

Olhei através da janela pela centésima vez, com ainda mais interesse. Fascinado. Então o Sol nascendo bateu de um jeito numa janela lá embaixo, que piscou pra mim. Decorei mais ou menos onde era, pra passar por lá depois. Então o Sol bateu da mesma forma em outra janela. E em outra e outra... E a cidade inteira parecia piscar pra mim. Brilhar pra mim. E eu sorri e aquele foi, pelo menos, um momento feliz.

CCXVI Isso é só o fim

Acho que poderia continuar por infinitas páginas – limitadas apenas pelas potencialidades do imprevisto e pelo inevitável da morte (aquele espectro mórbido e tão conhecido de todos que nos faz irmãos das lendas, do passado e das outras coisas que só existem no coração dos vivos).

Até pretendo continuar, mas sobre outro momento. Outro livro. Chega.

As palavras foram embora e agora restam apenas vastas emoções e pensamentos imperfeitos.

Fica aquela vontade boba de escrever um livro imenso, pra que Alice talvez o notasse qualquer dia numa prateleira e soubesse que tudo aquilo foi por causa dela. Mas acho que já foi dito o que precisava ser dito. Incluindo isso que acabei de dizer.

Talvez alguns sintam que não. Uma parte de mim certamente sente. Uma parte de mim que é irmã daqueles que gostariam de mais explicações, palavras e pedaços de carne sob a lupa ávida com dentes curiosos. Sem pinoia. Me transformar num macaco de circo não vai enobrecer em nada a nossa memória, por mais que a plateia possa aplaudir.

Pra falar do fim, os últimos dias foram difíceis. Muita tensão, essa coisa toda... Ela foi até a rodoviária, no dia da viagem, pra se despedir de mim. Mas, bem, isso é outro capítulo.

CCXVII Pra você que é meio lerdo

Ficamos ali, amigos e familiares, mastigando a gordura enquanto o ônibus não partia. Alice aguentou até o último abraço, quando tremeu encostada no meu peito. Chorando. Porra, eu fui embora, na janela, vendo ela chorar. Meu pai, minha mãe, meus irmãos, Sâmia, Lara e um tanto de gente acenando. Eu só conseguia ver Alice chorando.

No aeroporto do Rio de Janeiro, por causa de uma presepada com os documentos de Jan, não pudemos embarcar. Tivemos que remarcar as passagens e voltamos abatidos pra Valadares. Esperar duas semanas pela viagem que finalmente daria certo. Meu quarto já estava vazio, quando cheguei de volta. Já não era mais meu, que me sentia um hóspede inesperado, incômodo e derrotado.

Alice chegou poucas horas depois e nos beijamos e fomos felizes. Ela me contou que, depois da despedida, meus pais lhe deram uma carona pra casa. Ela chorava e disse que Lara também chorava, repetindo:

– Nunca mais eu vou gostar de alguém... Nunca mais eu vou gostar de alguém...

Quando percebeu o que Lara estava fazendo, Alice se controlou; com receio de estar contagiando a criança. Depois de alguns segundos de silêncio, ela disse que Lara começou a cantar uma de suas músicas inventadas, bem devagarzinho:

– Todo mundo é feliz... Só eu é que não sou...

Eu não quero falar no que essas lembranças despertam em mim, nem no tanto que pensei sobre elas. Elas estão aí, e chega. Só posso dizer que dói pra caralho.

Na verdade, nem era assim que eu queria fazer. Eu queria contar isso tudo apenas transcrevendo o que escrevi – em meu caderninho de notas – durante essa viagem que não deu certo. Este capítulo aqui é só praqueles que são meio lerdos. A viagem fracassada pro Rio, pra mim, foi assim:

CCXVIII Rio back to Rio Doce

o homem sem relógio
só sabe que ainda não está na hora

o homem sem chaves
sem planos
observando aviões na pista
grandes máquinas de partir

ele tem uma passagem
bagagem
e dor nas costas

pediu um sanduíche de 5,90
apenas por vontade de fumar

uma garota que chegou fala sobre os próprios problemas
lá fora chovia um pouco
ele pôde fumar

aeroportos são lugares de merda
cheios de gente querendo chorar

ele também tem lágrimas
contidas
lembranças de um telefonema

burocracia cria tempo para versos
cria tempo para o ódio
que ele descasca pelas beiradas
tentando ser impessoal
sabe que vai ficar no Rio

mancada alheia de quinhentinhos
mais cedo
ele torceu o pé

aeroportos são lugares de merda
e ele está retido

lê duas páginas de Woody Allen
sem plumas, ou esperanças
já sem expectativa
consegue um sorriso

aeroportos agora são apenas lugares incrivelmente chatos
onde você não pode fumar
um lugar chato do qual você não pode sair pra fumar
porque todos fazem caras muito sérias
e saem para enfrentar problemas
que eles já desistiram de resolver
saem para fumar
e não há mais ninguém para vigiar as malas
o ponto de encontro

e finalmente a desistência formal
a declaração do fracasso

o homem sem relógio
sem chaves
tem malas
e outra passagem

o aeroporto é um lugar de merda
de onde a gente volta para a rodoviária

era noite
pagou 11,10 por um hambúrguer
3,50 por um banho na rodoviária
surpresa
chuveiro estragado
como se as coisas estivessem dando certo

cansado demais para reclamar
andou pra dentro da água fria
respirou com dificuldade
por alguns minutos

quando saiu percebeu impassível que faltava um botão da camisa
procurou o cubículo fechado por dez minutos
nada

como se as coisas estivessem dando certo

voltou para o restaurante
onde os outros o esperavam
voltou de cabeça baixa
como um idiota
procurando o botão

o chão escuro e o botão claro
havia uma chance

como se as coisas estivessem dando certo

avistou à distância uma coisa redonda
da cor do botão
mesmo tamanho do botão

na iminência de ser varrido por uma dona assobiante

numa manobra ousada
que atraiu olhares curiosos
apanhou o botão
que não era o botão
mas uma pequena peça de plástico
que ele nunca soube para que servia
e que guardou no bolso
para mostrar a todos

quando chegou à mesa
numa última e minguada tentativa
encontrou o botão aos pés de sua cadeira
sorriu
talvez não fosse tão ruim

ao levantar
para trocar de camisa no banheiro
ouviu o som de outro botão caindo
apanhou o mau agouro filho da puta antes que ele quicasse três vezes

de banho tomado
e camisa limpa
novamente sozinho na mesa
sentiu a cara inchar
mas tinha vergonha de chorar na frente dos outros
tinha vergonha até de tirar o caderninho da bolsa a cada tantos minutos
mas merecia qualquer tipo de privacidade
algo além de pensar em como seria chegar em

casa
pedindo as chaves de volta

ficou brincando com a pecinha de plástico que encontrara mais cedo
ela era inerte
imparcial
e confiável

ele assistiu com sono a bandas decadentes na televisão

ele toma o ônibus
Rio back to Rio Doce
o mesmo motorista antipático
que os trouxera até ali
incrível

como se as coisas estivessem dando certo

encontra o quarto vazio
seus travesseiros já foram queimados

dorme
não sem inquietação
e grande alívio físico

acorda com um abraço
da garota do poema

as crianças do poema também entram no quarto
e ele ganha beijinhos

então duas semanas passam como se não tivesse acontecido nada

ou como se nada tivesse acontecido

ou como qualquer outra sopa de letrinhas que demonstre a falta de sentido, importância e significado das coisas

CCXIX O penúltimo dia

Nós descemos alguns degraus improvisados de cimento e nos sentamos à beira do rio, sobre o tronco de uma árvore. Era noite. Agora já sabíamos de todas as formas que estava acabado. No dia seguinte, eu partiria realmente e não voltaria mais. Alice já tinha avisado que dessa vez não queria ir à rodoviária. Eu também não queria que ela passasse por aquilo de novo. Acabado.

Como dizia um mestre (frase que levo tatuada em algum músculo do pensamento e que aparece com frequência quando fecho os olhos e me vejo no espelho): "O amor é a coisa mais triste quando se desfaz..."

No entanto, ali estávamos – ali estivemos – de mãos dadas; observando reflexos de luzes nas águas do Rio Doce que passava. Ela encostou a cabeça no meu ombro. Conversando. Apenas um cara e uma garota namorando. Um dia qualquer. Algo que as pessoas passam e olham. Um cara e uma garota que se amam e que, em poucas horas, estarão separados. Uma voltinha desse planeta onde eles vivem entre tantas outras pessoas como eles e que não passa de uma poeirinha girando em volta do fogo – como mariposas hipnotizadas em volta da lâmpada. Apenas um grãozinho de planeta flutuando no infinito, onde as vidas desse cara e dessa garota não têm realmente nenhuma importância. Algo mínimo e banal. Algo que fizemos e que lembro com carinho, porque houve amor.

CCXX O último dia, o último capítulo. Apenas mais um entre tantos fins de um mundo que constantemente morre enquanto continua

Eu não me lembro da roupa que ela usava. Eu guardei tanta coisa pra mim, mas isso se perdeu.

Ela surgiu na porta e estava linda. Eu lembro disso. Nos abraçamos e caminhamos no calçadão da Ilha. Ficamos no banco da pracinha. Andamos de carro como se não fosse a última vez. Na porta da casa dela, na despedida, nos abraçamos com força; algo que tentava dizer todas as coisas que não saberíamos falar. Coisas que vinham crescendo em mim e que certamente cresciam nela desde a consciência do fim. Coisas que tentáramos dizer de tantas formas e que só conseguimos comunicar finalmente com aquele abraço. Silenciosamente procurando um entendimento mais profundo que palavras.

Eu voltei pra casa sozinho no carro. Fumando um cigarro quase amargo. Ouvindo o rádio. Um sentimento estranho e inevitável de liberdade. Sabendo que em algumas horas estaria dentro do ônibus, atirando minha vida num abismo que esperei tanto tempo pra conhecer. Pensando em Alice. Feliz por ter estado com ela. Por ter sido seu namorado e conhecido tantos momentos felizes com ela. E sentindo uma tristeza tão fina e tão funda e tão doída que eu ainda sinto agora e já senti tanto e que qualquer coisa que eu diga ou faça nunca vai conseguir explicar.

Índice:

I Alice—7
II O plano—8
III Os fatos—9
IV Caminho-de-rato—12
V Os botões—13
VI Seios de Caju—14
VII Eu sou um frouxo—16
VIII Era uma vez um pato...—18
IX Dizendo adeus ao pato—20
X Cheiro de queimado—22
Episódio XI – O Retorno do Pato—23
XII Todo mundo não!—25
XII Piada de criança—26
XIV Mensagens—29
XV Queimação—30
XVI Comendo em silêncio—31
XVII Adesivos de bichinhos—35
XVIII Eu acho que você devia ir—37
XIX Uma flor—38
XX Dinheiro!—39
XXI Baby...—41
XXII Exótico—42
XXIII Oops...—46
XXIV Mães serão mães—47
XXV Como os seios de uma adolescente—49
XXVI Antes—51
XXVII Canindropos Lúdicus—52
XXVIII Namoro no shopping—54
XXIX Você é gay?—55
XXX Saudade dói, dói...—57
XXXI Eu não sou bruxo—58

XXXII Coisas do shopping martelando na minha cabeça—60
XXXIII Cinco punhetas—61
XXXIV Sejamos claros (com parêntesis)—62
XXXV Punheteiro—64
XXXVI Uma introdução confusa ao meu caminho—67
XXXVII O capítulo da água—71
XXXVIII O capítulo do fogo—73
XXXIX O capítulo da terra—76
XL O capítulo do céu—79
XLI O capítulo do vazio—82
XLII Um pedaço de giz—83
XLIII A outra menina—85
XLIV Amor incondicional—87
XLV Algumas considerações que prejudicam o ritmo do livro —88
XLVI As coisas mudaram—91
XLVII Mudemos nós também—96
XLVIII A polêmica e conhecidíssima "Teoria do Bolo de Passas" – obra magistral do renomado poeta, filósofo e cozinheiro, Viktor Valoff—99
XLIX A beleza do poema no capítulo anterior—102
L O outro dia—104
LI Em terra de banguela...—106
LII Quer namorar comigo?—109
LIII A leitura—111
LIV Desculpa...—112
LV Morte—115
LVI Um zumbi—121
LVII Um post (inútil) pra terminar um namoro (ou para mantê-lo terminado) (ou para me convencer de que devia terminar)—123

LVIII Então...—129
LIX Um pouco sobre a arte da pintura—131
LX Um problema de sinceridade—135
LXI —137
LXII Seu Minguinhos—139
LXIII Domingão—141
LXIV Amor verdadeiro—143
LXV Novelas...—146
LXVI Mais complicações—148
LXVII A queda—150
LXVIII Quando ela voltou—152
LXIX (dentro do carro)—154
LXX O último sonho—156
LXXI Escolhas—158
LXXII Ginástica—162
LXXIII Eu sou nerd—165
LXXIV Nick novo, vida nova—166
LXXV Por falar em fotolog...—168
LXXVI Shiva Nataraja—170
LXXVII Para os que estão em casa—173
LXXVIII Fotolog.net—175
LXXIX Pérolas para porcos—177
LXXX BUM!-sucesso—179
LXXXI Fotogênico—181
LXXXII Pérolas para poucos—186
LXXXIII Perdido—190
LXXXIV É tcholinha, mas é massa—191
LXXXV Petito—192
LXXXVI Me contaram que...—193
LXXXVII O lance é pular alguma coisa...—194
LXXXVIII Você quer namorar comigo?—196
LXXXIX Seleção natural—197
XC Eu quero mudar—199
XCI Tinha eu dezesseis anos de idade...—200

XCII A segunda aula—202
XCIII Curso prático em três aulas e dedos doendo—203
XCIV Death metal acústico—204
XCV Onde vamos até o computador com uma folha de papel cheia de rabiscos e palavras idiotas, um violão desafinado aparece do nada e os planos são ligeiramente alterados na última hora—206
XCVI Rock Regressivo —207
XCVII Fabinho chega em Valadares —209
XCVIII O outro —211
XCIX A música —212
C Onde o andamento da narrativa será interrompido novamente para o registro de uma pequena, muito curta mesma, mini-pocket nota de caráter histórico-comemorativo (-cacofônico)—214
CI O Maquinista Misterioso —215
CII Onde eu decido tomar uma decisão —216
CIII Guria responsa —217
CIV Choro silencioso no barulho do trem—218
CV O texto mais difícil que eu tentei escrever—219
CVI Amanhã eu fico sóbrio de novo —221
CVII Amanhã o caralho —224
CVIII Redimensionando—226
CIX O restaurante—228
CX O livro de visitas—230
CXI Dentro da caixa—232
CXII Eu sou escritor—234
CXIII Onde voltamos a mais explicações—235
CXIV Para explicar thotchoquinho, cachorros—237
CXV Cachorros em geral—238
CXVI Au, au, au, auuuu... Eis a questão—239

CXVII Gaia—240
CXVIII Tô fraco...—241
CXIX A evidência—242
CXX Meu! (Ensine ao seu cachorro o prático comportamento de respeitar seu egoísmo)—243
CXXI Iggy, o cachorro que sabia filosofia—245
CXXII Voltando a Atla e chegando aos tchotchoquinhos—247
CXXIII Frase fatal—248
CXXIV Virgem—249
CXXV Teoria e prática—250
CXXVI Agora não—252
CXXVII Deflorando uma página em branco (noite sem janelas)—253
CXXVIII Aproveitando o impacto do choque—254
CXXIX Terceira página pra acabar a noite—256
CXXX Mais um personagem importante do livro—258
CXXXI Fam—259
CXXXII Nosso primeiro rompimento—261
CXXXIII Por causa de uma latinha—262
CXXXIV A festa—264
CXXXV Vem comigo—265
CXXXVI Lá fora—266
CXXXVII Se é assim, eu não quero mais ser seu namorado—267
CXXXVIII O armário—269
CXXXIX Onde Fam volta pra história—270
CXL O truque—271
CXLI Por amor—273
CXLII O telefonema—275
CXLIII O dia seguinte—276
CXLIV Bem-vindo, meu filho. Bem-vindo à máquina—280

CXLV Escrevendo—282
CXLVI História de criança—284
CXLVII A história do garotinho cego—285
CXLVIII Onde as interrupções das crianças exigem dois capítulos para contar uma história que caberia em apenas um—287
CXLIX Onde o resto da história é contado de uma vez—289
CL É difícil—291
CLI À sombra da Ibituruna, eu lembro—293
CLII Pulando alguma coisa... Continuando—295
CLIII Por que você sempre tem que estragar tudo?—297
CLIV Back door man (O Senhor dos Anéis)—299
CLV Devagarinho—300
CLVI Truco—301
CLVII Sangue—303
CLVIII "Lá em casa cobra dois" e todas as coisas que eu não quis dizer—304
CLIX Dois impulsos—306
CLX Mais considerações perdidas—308
CLXI Nerd gordo, feio e corno; bêbado, frouxo e fracassado; punheteiro, songo-mongo, medíocre e meio-broxa—309
CLXII Primeira página de uma folha encontrada no bolso (super normal)—312
CLXIII O outro lado da folha—314
CLXIV Eu sou um cara normal, e agora é sério—316
CLXV Música pop, por exemplo...—318
CLXVI Fornalha—321
CLXVII Sobre escrever um livro—322
CLXVIII Último capítulo sobre Arte—327
CLXIX Satori—330

CLXX Primeira parte de um mail que escrevi pra ela—333
CLXXI Segunda parte do mail—339
CLXXII Penúltima parte do e-mail—344
CLXXIII Fim—351
CLXXIV Oceano—356
CLXXV O drink mais repulsivo do mundo—358
CLXXVI Pra você—360
CLXXVII Como fazer uma tempestade num copo d'água—363
CLXXVIII Sentindo falta do Chico—365
CLXXIX Uns tantos dias de esperança e medo no banco da pracinha—367
CLXXX Telefonando para Oberon (Crianças, não tentem isso em casa)—370
CLXXXI Microtchôtcho—372
CLXXXII Gripado—374
CLXXXIII Mi Corazón—377
CLXXXIV Adriano Reis—379
CLXXXV Visita noturna—381
CLXXXVI Breve nota sobre mim—388
CLXXXVII Um sonho que eu tive—389
CLXXXVIII Continuemos—391
CLXXXIX Aline—393
CXC Velho mundo—396
CXCI Quando os animais falavam—399
CXCII Mais fábulas—400
CXCIII Mais fábulas ainda—401
CXCIV Um almoço com crianças; um telefonema; um diálogo com Oberon, dentro do carro + um dia qualquer—402
CXCV O velho—405
CXCVI Dor—411
CXCVII Isso é só o fim—416

CXCVIII Começou como um regime—419
CXCIX A lanchonete—421
CC Duas garotas—422
CCI A lagoa—424
CCII O avô imaginário—427
CCIII Sentido perdido (a gente se engana)—429
CCIV Pensar sobre o que pensar (a gente se entende)—432
CCV O mestre—435
CCVI Vazio—437
CCVII Seis paramitas—439
CCVIII Dois sacos de arroz—444
CCIX O retorno—445
CCX Negociação—446
CCXI Takedo—448
CCXII O rumo de casa—449
CCXIII Vazio absoluto—451
CCXIV No aeroporto—453
CCXV París não foi uma festa—454
CCXVI Isso é só o fim—455
CCXVII Pra você que é meio lerdo—456
CCXVIII Rio back to Rio Doce—458
CCXIX O penúltimo dia—464
CCXX O último dia, o último capítulo. Apenas mais um entre tantos fins de um mundo que constantemente morre enquanto continua—465